

"You were supposed to keep yourself safe..."

A black and white photograph showing the back and upper arms of a person. The skin is light-toned. Overlaid on the image are four large, bold, blue capital letters: 'S', 'A', 'F', and 'E'. Each letter is positioned over one of the person's arms or shoulders. The background is dark and textured, possibly hair or fabric. The overall composition suggests a theme of safety and protection.

DISTANCE

m e g a n g r e e n



SAFE DISTANCE

An illustration of two dog tags hanging from a chain. The tags are white with black outlines and are positioned below the word 'DISTANCE'.

megan green

Capítulo Um

Haylee

— Agora, o que uma coisa bonita como você está fazendo sentada no bar sozinha?

Minha cabeça gira ao som da voz profunda, meus olhos aterrissam em um sorriso arrogante. Digitalizo rapidamente o resto do rosto. Olhos azuis cristalinos. Nariz apenas um pouco grande demais para o seu rosto. Maças do rosto definidas. Sorriso megawatt. Covinha no queixo. Ele parece estar em seus trinta anos. Não é velho em nenhum sentido, mas pelo menos sete ou oito anos mais velho do que os meus vinte e três. Ele desliza para o banco à minha direita. Mesmo que ele esteja sentado, eu ainda tenho que inclinar a cabeça para trás para encontrar seu olhar. Ele sinaliza para o bartender e se inclina para mim. — O que você está bebendo, linda?

Eu inclino o corpo para a esquerda, tentando alargar o espaço entre nós. Esse cara *claramente* não compreende o conceito de espaço pessoal. Eu olho para baixo em seu traje. Terno, gravata, sapatos perfeitamente lustrados. Tudo sobre esse cara grita confiança. Lindo, bem vestido, e se o relógio em seu pulso é qualquer indicação, rico. A fantasia de cada garota, certo?

Errado.

Eu olho atrás dele, examinando a multidão por Amanda. Seu namorado, Justin, é bartender aqui nos fins de semana. Ele é a razão de estarmos aqui hoje à noite. Ele é *também* a razão pela qual estou sentada aqui sozinha. Seu intervalo começou há alguns minutos, e ele e Amanda imediatamente decolaram em direção à pista de dança.

Sr. Perfeição estende a mão e afasta o meu cabelo do meu ombro, seus dedos demorando em minha clavícula. Obviamente alheio ao meu silêncio e numa busca atual de salvação, ele arrasta os dedos pelo lado do meu pescoço. Eu tremo.

Confundindo minha repulsa por desejo, ele se inclina para mais perto. Quando olho para enfrentá-lo, vejo seus olhos se fechando enquanto ele se aproxima. Sua boca franze

um pouco e ele para a apenas alguns centímetros do meu rosto. Eu fico olhando para a boca. Este cara é real?

Seus olhos abrem, o azul cristalino espreitando para mim através das suas pálpebras. Quando ele vê que meus olhos estão firmes, os cantos da sua boca enrolam em um sorriso irônico. Eu puxo para trás, assim que ele tenta fechar a distância entre nós.

Ele não aceita a minha rejeição. Escuridão enche os seus olhos e uma pequena carranca puxa os cantos dos seus lábios. Mas ele rapidamente recupera sua compostura, rindo de mim suavemente.

— Difícil, hein? Eu gosto disso. — ele pisca, continuando a rir como se nós dois estivéssemos em alguma piada particular. Eu olho em volta novamente. Onde no inferno está Amanda?

O bartender finalmente faz o seu caminho para nós, dando-me um alívio temporário do escrutínio do homem.

— O meu de costume, Jimmy. E qualquer um que esta moça bonita esteja bebendo.

Jimmy balança a cabeça bruscamente e vira para preparar o pedido da bebida do homem. Quando ele se move, eu vejo um pequeno revirar de olhos. Eu estou supondo que esta não é a primeira vez que meu novo amigo aqui tentou pegar alguém neste lugar.

O homem interrompe meus pensamentos. — Eu sou Bruce. Phillips. Phillips e Lambert Real Estate. Você pode ter visto nossas propagandas em torno da cidade. Os melhores no negócio, se é que eu posso dizer. Compra ou venda, somos os melhores no ramo. — ele estende o cartão para mim. Eu fico olhando para ele fixamente. Esse slogan horrível está estampado na parte superior. Quando eu não estendo a mão para pegá-lo, ele dá de ombros e enfia-o de volta no bolso do paletó.

— Então, o gato comeu sua língua? Você tem um nome, querida?

Eu decido que já tive o suficiente da sua conversa doce e aqueles olhares aquecidos. Viro-me e coloco ambos os cotovelos no bar, embalando minha bebida entre os meus dedos. Sem encontrar seu olhar, eu tomo um gole e, finalmente, o tiro do seu sofrimento.

— Não estou interessada.

— Bem, este com certeza é um nome interessante. Não posso dizer que já ouvi isso antes. — ele me dá um sorriso de lado, suas tentativas de charme falham miseravelmente

comigo. Eu resisto a vontade de revirar os olhos, em vez disso deixo escapar um suspiro exasperado.

— Olha, eu entendo. Entendo a atitude arrogante e a confiança exagerada. Tenho certeza que você tem as mulheres caindo ao seu redor. Implorando para levá-las para casa, para dar-lhes uma noite que nunca vão esquecer. E assim por diante e assim por diante. — eu digo com um aceno de desprezo na minha mão. Desta vez, eu sou incapaz de conter meu revirar de olhos. Eu viro em meu assento, olhando-o diretamente nos olhos.

— Tenho certeza que sua próxima fala será que qualquer garota neste lugar mataria para estar na minha posição agora. Então, por que você não vai em frente e salva seu tempo e esforço e vai encontrar uma delas? Porque isto... — faço um gesto entre nós dois. —... não vai acontecer. — com isso, volto-me para longe dele, colocando os cotovelos de volta no balcão na minha frente. Eu posso ver o olhar atordado em seu rosto com o canto do meu olho. Sua boca abre e fecha, dando-lhe a aparência de um peixe fora d'água. Esperando que ele aceite minha sugestão não tão sutil, tomo o resto da minha bebida e começo a me levantar.

Assim que meus pés tocam o chão, uma mão áspera fecha em volta do meu braço, parando o meu movimento. Eu tropeço de volta para o meu lugar, olhando para o homem. Que porra ele pensa que está fazendo?

Ele paira sobre mim. Ele tem pelo menos quinze centímetros a mais que os meus um metro e setenta e cinco. A raiva que eu vi nos olhos dele voltou. Só que desta vez ela se aprofundou. Ele parece furioso.

— Olha aqui, sua vadia estúpida. Eu não sei quem você pensa que é, mas ninguém fala assim comigo. — ele rosna. Seus dedos apertam meu braço, unhas cavando na minha pele. Eu me contorço, tentando me libertar do seu domínio. Isso só resulta em mais pressão. Eu posso sentir as contusões já começando a se formar.

— Agora. Você vai se sentar aqui e aproveitar essa bebida que eu tão generosamente comprei para você. E você vai me dizer o seu nome e rir das minhas piadas. E quando eu disser que é hora, você vai deixar este lugar comigo. Você entendeu?

Minhas palavras afiadas e a personagem de garota durona desaparecem em questão de segundos. Eu sinto o pânico crescendo no meu peito, o suor sair ao longo do meu couro cabeludo. Eu já tive que lidar com avanços indesejáveis antes. Mas não assim. Geralmente os homens apenas dão o fora, me chamando de cadela e encontram alguém para lambar

suas feridas e levantar seus egos. Mas não este homem. Isso é completamente diferente e eu sei disso. Meus olhos procuram desesperadamente Amanda ou Justin. *Alguém* que eu conheça que poder me ajudar. E estou de mãos vazias.

— P-por favor. Apenas deixe-me ir. — minha voz é quase inaudível através da música alta ecoando nas paredes do clube. Eu odeio o som escasso das minhas palavras. Eu odeio que esse desgraçado me reduziu a isso. Indefesa - algo que eu não sentia há anos. Algumas palavras feias e um braço forte e eu estou de volta para onde eu estava. Onde eu tentei tão arduamente nunca mais voltar.

Meu tom dócil o faz sorrir. Um sorriso diabólico se espalha por seu rosto e ele afrouxa seu aperto no meu braço. Ele retorna os dedos para o meu pescoço, traçando a pele delicada lá. Desta vez o meu tremor é interpretado corretamente. Ele vê o medo em meus olhos. E isso faz com que um brilho quase predatório surja nos seus.

— Assim é melhor. Você é muito mais doce quando você não fala. Sua mãe não te ensinou boas maneiras? Essa é a maneira de tratar um novo amigo? — ele se inclina para mim novamente, pressionando os lábios na minha garganta. As lágrimas brotam em meus olhos, ameaçando transbordar para as minhas bochechas. Eu espremo-os firmemente e cerro os dentes. Eu não vou dar a esse bastardo a satisfação de me ver chorar.

Ele começa arrastando beijos pelo meu pescoço. Quando ele atinge minha orelha, ele morde bruscamente. Eu sou incapaz de conter o grito que escapa da minha garganta. Sua risada ecoa levemente no meu ouvido. — Você gosta de áspero, não é?

Ele passa a mão por dentro da minha coxa. Tento desesperadamente que a minha voz coopere com os gritos tocando na minha cabeça quando eu o sinto se afastando de mim. Fico aliviada ao sentir nada diante de mim. A respiração que prendi por muito tempo finalmente escapa dos meus lábios, e uma lágrima escorre pelo meu rosto. Rapidamente limpo antes de virar para ver o que aconteceu com Bruce.

Espero ver Amanda e Justin. Em vez disso, outro homem está lá. Ele tem cabelo escuro e aparado curto e uma expressão seriamente chateada. Ele é alguns centímetros mais baixo do que Bruce, mas ele se move rapidamente e é obviamente forte. Bruce gira para cima dele, mas o homem evita o golpe habilmente, fazendo Bruce tropeçar. Quando ele tenta recuperar o equilíbrio, o homem descarrega um golpe em sua bochecha. Bruce cai de joelhos, com um olhar confuso em seu rosto.

Um homem grande aparece em seguida. Eu o reconheço da porta quando entramos. O segurança. Ele puxa Bruce em pé e grita com o homem de cabelos escuros para sair. Um homem loiro aparece ao seu lado e os dois começam a fazer o seu caminho através da multidão. Enquanto o loiro dá empurrões através do enxame de pessoas que se reuniram para assistir a briga, meu campeão olha para trás, sobre o ombro, seus olhos encontrando os meus. Ele me dá um pequeno sorriso antes de virar e seguir seu amigo até a porta.

De repente, Amanda está na minha frente. Ela me puxa para seus braços, me dizendo que não deveria ter me deixado. Não percebo que estou tremendo até que ela coloca o casaco em torno de mim. Justin anda entre nós, levantando-me em seus braços. Todo mundo está nos olhando quando ele começa a me carregar pelo clube lotado. Eu empurro contra seu peito e tento escapar dos seus braços. Eu serei amaldiçoada se vou dar a essas pessoas algo a mais para falar. Justin me coloca para baixo e eu planto meus pés firmemente no chão. Arrumo meus ombros, levanto meu queixo e faço o meu caminho através da multidão.

Uma vez que estamos do lado de fora, Amanda começa com suas desculpas novamente. — Eu sinto muito, Hay. Eu nunca deveria ter deixado você sozinha ali. Justin tinha me avisado sobre esse cara antes. Ele é um idiota com certificado.

— Eu deveria saber. — Justin acrescenta. — Vi-o chegar um pouco antes de iniciar meu intervalo. Eu vi as mulheres que ele vai atrás. Eu deveria saber que você seria o seu alvo número um.

Os dois parecem tão arrependidos que não suporto.

— Não foi culpa de vocês. — eu digo antes que qualquer um continue trocando olhares desapontados. — De nenhum de vocês. Então, parem com isso. Eu falei mais do que devia, como de costume, e eu o irritei. Nada aconteceu. Sem danos causados. Exceto, talvez, para aquele idiota. Que provavelmente vai ter um belo olho roxo amanhã. — eu rio levemente, na esperança de aliviar os seus humores sombrios. Eu odeio pensar que eu arruinei a noite deles.

— Bom. Espero que a surra coloque algum sentido naquele babaca. Talvez agora ele vá pensar duas vezes antes de atacar pobres mulheres indefesas. — diz Amanda, a raiva ainda muito evidente em sua voz.

Eu balanço a cabeça para ela, rindo do protecionismo dela. — Eu não estava sendo atacada exatamente, Mandy. Apenas fui pega desprevenida. Dia ruim hoje, eu acho. Não foi nada. Realmente. Podemos ir?

Eu posso dizer que ela está convencida, mas ela balança a cabeça. Enquanto vamos para o carro dela, vejo uma forma familiar perto de uma caminhonete.

Agora que ele está parado, eu posso ver que ele é apenas alguns centímetros mais alto que eu. Provavelmente apenas um pouco mais de um metro e oitenta. O cabelo curto está ligeiramente despenteado, como se ele estivesse passando as mãos por ele. Ele cruza os braços sobre a borda da caçamba da caminhonete e deixa cair a cabeça neles. Os músculos em seus ombros são evidentes através do fino tecido da sua camiseta. Seus braços fortes definidos com músculos. Ele se afasta da caminhonete, mergulhando a cabeça ainda mais baixo o que o deixa pendurado na borda com as duas mãos. A parte de trás de sua camisa levanta, revelando uma cintura esbelta. Ele claramente mantém-se em grande forma.

O homem loiro do clube abaixa a janela da cabine e se inclina para fora. — Você ainda não esfriou, cara? — ele diz-lhe. Ele se endireita, rolando seus ombros ao se virar. Seus olhos caem sobre mim e meus amigos.

— Aguarde um segundo, Chris. — ele fala para o loiro enquanto vem na minha direção.

Eu não tenho certeza se quero fazer isso. Eu aprecio sua ajuda. Mas estou envergonhada. Eu estava completamente paralisada lá dentro. Este homem provavelmente pensa que eu sou uma covarde completa. Mole demais para sequer me cuidar diante dos avanços indesejados de um idiota em um clube. Ele provavelmente vem me dizer para ficar em casa se eu não posso me cuidar.

Ele para poucos metros na minha frente. Ele olha para o chão, como se não tivesse certeza sobre o que dizer agora que está aqui. Eu respiro fundo e falo.

— Obrigada por sua ajuda lá dentro. Você não precisava fazer aquilo. Eu não sei o que deu em mim. Eu só... congelei, eu acho. Normalmente sou mais autossuficiente quando se trata de caras como aquele. — Amanda chega perto de mim e coloca um braço em volta dos meus ombros, me puxando para o seu lado. Sempre tentando me proteger. Mesmo diante de alguém que acabou de me salvar.

O homem olha entre nós duas e depois de volta para Justin. Ele sorri para mim. — Eu não consegui ficar lá e ver aquilo nem mais por um segundo. Eu nem pensei que você não poderia cuidar de si mesma. Caras como aquele simplesmente me irritam. Você não deveria ter que defender-se de idiotas como ele. Eu podia ver que não estava interessada a um quilômetro de distância. Ele só precisava de uma ajudinha, para entender a mensagem.

Eu sorrio de volta. Tenho certeza que ele viu a angústia no meu rosto lá. E eu tenho certeza que ele pôde ouvir o embaraço na minha voz agora. Ele é muito gentil para mencionar isso. Em vez disso, ele tenta tranquilizar-me que aquilo foi tudo culpa dele. Que eu não estava sentada lá apavorada e à beira das lágrimas. Que ele só me fez um favor ao se livrar do idiota para mim.

Eu fecho a distância entre nós e ofereço a minha mão. — Eu sou Haylee. E eu realmente aprecio você ter passado a mensagem por mim.

Ele pega a minha mão e dá um aperto forte. — É um prazer conhecê-la, Haylee. Eu sou Ryan. E acredite em mim, o prazer foi todo meu. — ele pisca.

Desta vez a minha risada é real, vem de dentro da minha barriga. Seus dedos estão vermelhos e sua mão deve estar doendo por causa do golpe no rosto de Bruce, mas ele conseguiu me fazer sentir mil vezes melhor em apenas alguns breves momentos.

Faço um gesto para sua mão. — É melhor você começar a pôr um pouco de gelo nisso. Você pode precisar dela novamente amanhã à noite quando a próxima donzela estiver em perigo.

Ele sorri para mim. — Eu acho que meus dias de salvar donzelas em perigo acabaram. Pelo menos por um tempo. Já vou ouvir amanhã, quando Chris abrir a boca. O Sargento vai me matar.

Como se sentisse que estamos falando sobre ele, Chris toca a buzina. — Vamos lá, cara. Temos que ir. Eu disse a Roberts que ia buscá-lo.

Ryan levanta um dedo, deixando-o saber que ele vai demorar apenas mais um minuto. Ele se vira para mim. — Ainda bem que pude ajudar esta noite, Haylee. Fique longe de problemas. Cuide-se, está bem? — ele pisca para mim novamente, virando para correr na direção da camionete. Quando ele está no meio do caminho, olha por cima do ombro. Vendo-me ainda observá-lo, ele se vira e corre de costas. O sorriso insolente se espalhando pelo rosto é evidente, mesmo do outro lado do estacionamento. Ele acena para mim mais uma vez antes de virar de novo.

Ele não vê a garrafa no chão até que seja tarde demais. Em um instante ele está na posição vertical, movendo-se com um passo fácil e no próximo ele está de costas no chão.

Um riso histérico explode da cabine da caminhonete. Ryan está deitado no chão, sem mover um músculo. Eu começo a ir na direção dele para me certificar de que ele está bem, mas não ando mais do que três passos antes que ele salte em pé. Chris começa a rir ainda mais alto. Ryan me dá um olhar tímido e encolhe os ombros. Ele levanta sua mão para outro pequeno aceno, em seguida, lentamente percorre o resto do caminho para a caminhonete. Quando ele sobe para a cabine, eu vejo uma mancha no braço de Chris antes de gesticular para a estrada na frente deles. Chris desmorona contra o volante, o riso ainda é ouvido pela janela aberta. Ryan está claramente repreendendo-o, mas isso só parece fazer Chris rir ainda mais alto. Com um sorriso e um aceno da minha cabeça, eu viro e caminho de volta para Amanda e Justin. Eu tive emoção suficiente para uma noite.

Capítulo Dois

Ryan

— Acorde, imbecil.

Chris abre a porta do meu quarto e entra. Sua camisa amarrotada e cabelo bagunçado indicam que ele acabou de rolar para fora da cama. Obviamente esperando me encontrar em um estado similar, ele parece aturdido quando me vê completamente vestido e esparramado na minha cama. A TV está tocando suavemente no fundo. Eu aperto o botão de pausa e volto minha atenção para ele.

— Acordei horas atrás, imbecil. Já fiz a minha corrida, banho e café da manhã. — eu sorrio para ele, voltando para o programa que estou vendo no Netflix.

— Deus, você é humano? Estamos de férias, cara. Dá um tempo. Durma até passar das seis. Seja preguiçoso. Seja normal. Você sabe, como eu. — ele sorri para mim com esse último comentário, sua expressão idiota habitual cruzando seu rosto. Eu conheço Chris desde sempre. Ele é meu melhor amigo. Ele é também o maior espertinho que eu já conheci.

— Você. Normal. Mesma frase. Não faz sentido, não combina. — eu digo na minha melhor voz robótica. Ele pega uma bola de futebol da minha cômoda e atira para mim. Pego facilmente, sorrindo para ele. — Bem, o Sargento vai ficar feliz em saber que você não está *completamente* fora de forma. Mas ele não vai ficar feliz com essa barriga de cerveja. — ele me dá as costas e puxa a cadeira atrás da minha mesa. Virando-a ao contrário, ele se senta e olha para a TV.

— Cara. Você não pode assistir a isso sem mim. Este é o *nosso programa*.

— Você já viu todos eles. Que importa se eu vir alguns sem você?

— Porque. Eu preciso ver sua reação. Este programa fica desagradável. Eu quero estar aqui para testemunhar se você ficar enjoado.

Eu levanto uma sobrancelha. — Você se lembra que fomos em duas missões juntos, certo? Certeza que vimos muito mais coisas retorcidas do que um bando de zumbis falsos.

— Com certeza nunca vi alguém arrancando intestinos de outra pessoa e comendo em cima deles. Isso é o quanto fica nojento.

Eu reviro os meus olhos. Começo a apertar o play quando me lembro do jeito que ele entrou no meu quarto. — O que diabos você está fazendo aqui, afinal?

— Oh, sim. Bem, eu ia dizer-lhe para arrumar esse traseiro para que você possa vir comigo. Mas vendo como você já está pronto, acho que você me salvou algum tempo. — ele se levanta e se dirige para a porta. — Vamos sair em vinte minutos.

É apenas depois das dez da manhã. Quando estamos de férias, Chris nunca quer sair de casa até pelo menos meio-dia. E isso está incomodando-o.

— Para onde estamos indo? — eu grito enquanto ele caminha pelo corredor.

Eu ouço o jato do chuveiro ligar. — Sair. — ele grita de volta antes de fechar a porta do banheiro.

Eu balanço minha cabeça. Que diabos ele está fazendo agora? Eu nunca consigo acompanhar as ideias imaturas do Chris.

Desisto do programa, desligo a TV e vou para meu banheiro. Quando nos mudamos, eu enxotei Chris do quarto principal, então tenho o meu próprio banheiro privado. É minha coisa favorita sobre esse lugar. Depois de viver no quartel, é sempre bom vir para casa e ter um pouco de privacidade. Eu faço uso rápido das instalações e vou para a sala de estar.

Poucos minutos depois, Chris emerge do banheiro do corredor. Ele se veste rapidamente e pega uma barra de proteína da cozinha. — Está pronto?

Dou-lhe um olhar vazio. Eu não vou responder até ele me dizer para onde vamos.

Ele suspira. — Bem. Nós vamos encontrar Emma. Aquela garota que lhe falei no outro dia. Ela ia encontrar uma amiga para o café esta manhã. Eu queria vê-la, por isso me ofereci para levá-lo de modo que a amiga não se sinta deslocada.

Eu olho para ele. Ele sabe que eu não namoro. E com certeza sabe que eu não tenho *encontro às cegas*. — Não. Não vai acontecer. — eu digo, balançando a cabeça com veemência.

— Vamos lá. — ele implora. — Não é um encontro. Você não tem que vê-la novamente. Inferno, você não precisa nem falar com ela. Emma só não queria que ela ficasse desconfortável. E ela achou que seria estranho se fôssemos só nós dois e essa

garota. Então você vem junto, apenas para quebrar o gelo. *Por favor*, cara. Se eu disser que você não vai, ela não vai querer que eu vá também. E eu preciso vê-la. Ela é diferente, sabe?

Não, eu não sei. Mas eu sei que, quando Chris fica desta forma, não há nenhuma discussão com ele. Ele não vai ceder até que consiga o que quer. Eu sopro uma respiração profunda. — Tudo bem. — digo laconicamente. — Eu irei. *Mas* não vou levar essa garota a qualquer lugar para que você dois possam ficar sozinhos. Tomaremos café. Voltamos para casa. Entendeu?

Ele sorri para mim. Tenho certeza que ele parou de ouvir qualquer coisa que eu disse depois de tudo bem. Resignado, eu o sigo para fora, para sua caminhonete. Isso será horrível.

Vinte minutos depois, estamos sentados no café ao lado da livraria local. Emma apareceu cinco minutos atrás, sozinha, explicando que sua amiga tinha algo planejado e não pôde comparecer. Ela desliza ao lado do Chris. Estou aliviado que não vou ter que tentar entreter a *amiga*, mas agora *eu estou* deslocado em seu pequeno encontro. Perfeito.

Então, estou aqui sentado, em um silêncio desconfortável, enquanto os dois estão completamente embrulhados em si. Eu olho ao redor do café, tentando olhar para qualquer lugar, exceto para o Chris e seu encontro, quando um rosto familiar atravessa a porta. Uma sacola da livraria vizinha balança no seu braço conforme passa pela nossa mesa.

Chris deve vê-la também, porque ele dá uma segunda olhada. — Ei. Essa não é a garota? Do clube na noite passada? Que você estatelou completamente na frente dela? — eu aceno. Ele ri e conta a história de como eu me estatelei de costas na noite passada, embelezando-a, fazendo de tudo, a fim de conseguir o máximo de risos. Emma absorve tudo.

Por mais embaraçado tenha ficado por cair de bunda na frente dela, tudo é preferível do que ficar sentado aqui ouvindo Chris tentar ser Casanova. Eu deslizo para fora da cabine e entro na fila atrás de Haylee. Ela não vira para olhar para mim, então limpo a minha garganta. Quando mesmo assim ela não olha para mim, faço novamente, em voz alta, deixando óbvio que eu estou tentando chamar sua atenção.

Ela se vira e me dá um olhar irritado. Quando ela avista meu rosto, sua expressão suaviza. — Oh. Oi. — ela diz, confusão clara em sua voz. — O que você está fazendo aqui?

Eu ergo meu copo. — Café. Eu estou supondo que é pelo que você está aqui também?

— Hum, sim. Acho que foi uma pergunta estúpida.

Eu sorrio para ela. — Acho que você chegou bem em casa na noite passada?

Ela balança a cabeça. — Sim. Obrigada mais uma vez. — ela fala timidamente.

— Não se preocupe. Fico feliz que pude ajudar. Eu odiaria pensar no que poderia ter acontecido se eu não estivesse lá.

Ela empalidece. Antes que eu possa perguntar se ela está bem, sua cor retorna e ela sorri. — Ainda bem que você estava. Então, você mora aqui perto? — ela pergunta rapidamente, mudando de assunto.

Eu não a culpo por não querer falar sobre ontem à noite, então mudo de assunto. — Mais ou menos. Cerca de quinze minutos de distância, na verdade. Chris, o cara que estava comigo ontem à noite, ia encontrar a namorada e amiga dela aqui esta manhã. Eu fui arrastado - contra a minha vontade, devo acrescentar. Para a minha sorte, a amiga fugiu. Infelizmente, isso significa que eu estou de vela agora. — eu gesticulo sobre o meu ombro para Chris e Emma. Chris acena quando Haylee olha para eles. Ambos estão olhando para nós. Aparentemente somos mais interessantes do que o que estavam falando.

Haylee parece desconfortável sob os olhos vigilantes. Ela se vira e enfrenta a frente da fila novamente. Só há uma pessoa entre ela e o caixa. Logo ela pegar seu café e vai deixar a loja. Sem querer voltar para o encontro do Chris e Emma, deixo escapar o meu próximo pensamento. — Você quer dar uma volta?

Ela olha para mim com cautela. Eu percebo que ela vai dizer não, então me apresso para fazê-la mudar de ideia antes que ela possa objetar. — Vamos lá. Você estaria me fazendo um grande favor. Eu não quero voltar para lá. — eu viro a minha cabeça na direção do Chris. — Salve-me. Por favor.

Ela considera por um momento antes de pedir seu café. Depois que pede, volta sua atenção para mim. — Eu só tenho cerca de meia hora. Eu tenho que voltar e terminar um trabalho.

Concordo rapidamente. — Meia hora está perfeito. Qualquer coisa é melhor do que ficar sentado lá assistindo as tentativas do Chris em conquistar uma garota.

Ela ri. Quando o café está pronto, dirigimo-nos para a porta. — Volto em poucos minutos. — digo a Chris. Ele me dá um olhar confuso, mas eu escolho ignorá-lo e abrir a porta para Haylee.

— O que tem na sacola? — pergunto, apontando para a sacola pendurada no seu braço quando começamos a descer a calçada.

— Um livro. — ela responde breve.

— Meio que percebi isso. Que tipo de livro?

— Um bom livro.

— Como você sabe se não leu ainda?

— Porque é o mais novo lançamento da minha autora favorita. Com certeza é excelente.

Eu rio da sua resposta. — Com certeza, né? Nem mesmo um pouco de dúvida de que este pode não ser tão bom como o último? Você sabe que todo autor perde a mão de vez em quando.

— Não a Colleen Hoover. Cada palavra que ela escreve é ouro puro.

O caráter definitivo do seu tom de voz me diz que a discussão está encerrada. Eu rio novamente e faço uma nota mental para procurar essa Colleen Hoover quando eu chegar em casa.

— Então, trabalhar em um sábado? Isso não é divertido. Especialmente quando você tem um novo livro esperando para ser lido. — eu provoco.

Ela encolhe os ombros. — Não. Prefiro passar o dia lendo. Mas ainda sou nova, então eu ainda estou tentando provar que sou boa. Ridículo, porque eu sou melhor no meu trabalho do que metade dos caras de lá, mas ninguém me leva a sério ainda, além de Sue.

— Quem é Sue?

— Minha chefe. Mas é o chefe dela que faz todas as grandes decisões sobre contas. Então, até que eu possa impressioná-lo, estou presa em todos os projetos ruins.

Eu posso ouvir a frustração na sua voz. — Então, o que você faz?

— Marketing. Formada em Inglês, porque eu amo ler e escrever, mas não quero ensinar. Esta parecia ser a próxima melhor opção. Empresas de marketing amam formados em Inglês.

Eu concordo. Posso entender isso. Bem, não a graduação em Inglês. Quem quer desperdiçar quatro anos da sua vida aprendendo a importância de discernir a diferença entre lá, eles são e deles¹? Mas eu posso entender o apelo de graduados em Inglês para empresas de marketing.

— Acho que isso não é tudo que você sempre sonhou? — eu aposto.

Ela suspira alto. — Não é o meu trabalho dos sonhos, isso é certo. Mas eu acho que poderia ser, se eu for capaz de conseguir o tipo de clientes que eu quero. Só tenho que trabalhar duro até eu chegar lá.

Eu concordo. Sei tudo sobre trabalhar duro. Depois de alguns passos de silêncio, ela pergunta: — O que você faz?

— Exército. — eu digo simplesmente.

Seus olhos se arregalam momentaneamente, mas então ela assente. — Eu posso ver isso. Você já esteve em combate?

Concordo. — Duas vezes. Outro chegando em breve.

— Uau. Eu não posso sequer imaginar como é isso.

— E você não terá, se eu fizer o meu trabalho direito. — ela sorri para isso. Este é um tópico que nunca fico desconfortável em falar. Amo o meu trabalho. Para mim, não há nada mais honroso e importante do que servir o seu país. É um aspecto da minha vida que tenho orgulho.

— Bem, eu agradeço pelo seu serviço. — ela me dá um sorriso tímido. Eu inclino minha cabeça, acenando em aceitação da sua gratidão. Isso, no entanto, é um dos aspectos do trabalho que sempre me pega desprevenido. Ser agradecido por algo que é tão natural para mim sempre parece estranho. Nunca sei o que dizer em troca. Então, aperfeiçoei o assentimento silencioso.

Nós cortamos pelo parque e seguimos para o campus da universidade nas proximidades. Haylee passa os próximos dez minutos dando-me um passeio pela universidade que cursou. Seu rosto fica animado enquanto ela aponta para os edifícios diferentes. Há uma vivacidade com ela agora que não estava lá há alguns minutos.

¹ No original: there, they're and their, a expressão é usada porque são palavras com significados diferentes, porém similares na soletração, trata-se de uma crítica ao estudo gramatical.

Eu rio quando passamos pelo prédio de Inglês e ela praticamente vibra com emoção. — Acho que seus anos aqui foram bons?

Ela hesita por um momento, mas se recupera rapidamente. — Eu amei isso aqui. — ela diz, com um sorriso largo se espalhando por todo o rosto.

Começamos a voltar para a cafeteria. Enquanto andamos, ela me conta sobre alguns dos projetos que está trabalhando atualmente para a empresa. Ela está certa, são todas contas de merda. Folhetos para um pet shop. Correspondências para uma pequena garagem de carros usados. Folhetos para um motel decadente na periferia da cidade. Quando ela me diz o tipo de contas que ela poderia estar trabalhando, se seu chefe ignorante pudesse apenas dar-lhe uma chance, fico indignado por ela.

— Você vai mostrar a ele. Ele vai ficar triste quando alguma outra empresa arrancá-la de debaixo das suas asas. Você vai ser o próximo talento, e ele vai se xingar por ter sido um idiota machista.

Ela ri. — Ah, como eu espero que você esteja certo.

Nós chegamos ao café, logo vejo Chris e Emma através da janela. Eles ainda estão sentados na mesma cabine. Ainda completamente envolvidos em toda a conversa. Haylee se move desajeitadamente enquanto ficamos parados lá.

— Bem, eu devo ir. — ela diz.

— Obrigado por me salvar hoje. Agora eu só tenho que tentar roubar a caminhonete do Chris para que eu possa sair daqui. Esperemos que Emma possa levá-lo para casa.

Ela balança a cabeça. — Boa sorte. — ela fala com um sorriso, virando-se para ir embora.

— Espere. — eu chamo.

Ela para e olha para mim por cima do ombro.

— Posso ter o seu número? Eu gostaria de fazer isso de novo algum dia. — eu digo, sem saber de onde as palavras estão saindo.

Ela endurece, e eu posso praticamente ver as paredes subindo em torno dela. Sua expressão fica reservada e ela dá um passo atrás.

— Eu não acho que é uma boa ideia, Ryan.

Sabendo que eu a assustei completamente, rapidamente tento recuperar a situação. — Eu não quero dizer assim. Vou embora em breve. Não estou querendo me envolver com ninguém. Eu só quero dizer como amigos. Eu gostaria de conhecê-la melhor como um amigo.

Ela ainda parece incerta. — Amigos? — ela pergunta com cautela.

— Sim, amigos. Você tem amigos, né?

Ela ri secamente. — Não muitos, na verdade.

— Bem, eu gostaria de ser contado entre os poucos escolhidos. Se você quiser.

Ela morde o lábio inferior, incerteza irradiando dela. Eu tento ler algo da expressão em seus olhos, mas ela está completamente fechada. — Tudo bem. — ela finalmente diz humildemente.

Ela me dá seu telefone e rapidamente programo o meu número nele. Eu pressiono o botão de chamada para que o número dela apareça no meu celular também.

— Aí está. Não foi tão difícil, foi? — eu digo de brincadeira.

Ela balança a cabeça, dando-me outro ligeiro sorriso. — Eu te vejo mais tarde, Ryan.

— Tchau, Haylee. — eu viro e vou para o café. Agora, para falar com Chris para me entregar suas chaves.

Mais tarde naquela noite eu estou sentado no sofá ao lado de Chris e Emma. Surpreendentemente, ele concordou em me dar as chaves para que pudesse passar o dia com Emma. Ambos apareceram em casa algumas horas atrás, e agora estamos todos amontoados no sofá assistindo *The Walking Dead*.

Emma guincha quando mais um crânio é esmagado. Chris a puxa para seu lado, rindo dela enquanto ela esconde o rosto em seu ombro. Se esta era a reação que ele estava esperando, é bom que ele tenha trazido Emma. De jeito nenhum eu vou enrolar-me nele e gemer.

Eu rio baixinho da minha própria piada. Uma vez que Emma nunca viu o seriado, Chris insistiu em começar do início. Assim, não só eu tenho que aguentar os dois pombinhos, como sequer tenho o benefício do seriado para me distrair, porque eu já vi esse episódio. Eu puxo o meu telefone, decidindo que jogar Candy Crush é melhor do que suportar estes dois aconchegados ao meu lado.

Eu vejo a chamada não atendida do telefone de Haylee ainda no meu display. Meus pensamentos voltam para a nossa conversa esta manhã. Eu penso em como ela estava relutante para me dar o número dela. Eu sou a última pessoa no mundo que quer um relacionamento, mas nem eu sou tão reservado. Ela parecia completamente doente com o pensamento de dá-lo a mim.

Eu adiciono o número dela nos meus contatos e abro minhas mensagens de texto. Encontro o nome dela, clico sobre ele e digito:

EU: *Hey. O que está fazendo hoje à noite?*

Poucos minutos se passam antes dela responder.

Haylee: *Assistindo um filme com a minha companheira de quarto e o namorado dela.*

EU: *Ugh, o mesmo aqui. Estes dois estão me deixando doente.*

Haylee: *Idem.*

Eu rio. É bom saber que eu não sou o único que está sendo submetido à tortura.

EU: *Quer me encontrar ainda esta semana? Bebidas? Almoço? Café de novo?*

Mais alguns minutos passam.

Haylee: *Estou muito ocupada esta semana. Não tenho certeza se vou ter tempo.*

EU: *Você tem que comer em algum momento, certo? E não é possível que trabalhe o tempo TODO.*

Eu sei que ela está tentando encontrar desculpas. Por alguma razão, o pensamento de uma amizade comigo a assusta. Isso só me deixa muito mais determinado a descobrir o porquê.

Dez minutos se passam sem uma resposta. Preocupado que ela não vá responder, digito outra mensagem.

EU: *Bebidas na sexta à noite? Traga sua amiga e o namorado dela. Vou levar Chris. Apenas um grupo de amigos saindo. Promessa.*

Eu adiciono uma daquelas caras sorridentes no final. Garotas gostam disso, certo?

Provavelmente ela gosta, pois, poucos minutos depois eu recebo outro texto.

Haylee: *Quando e onde?*

Faço mentalmente um high five. Ponto para Porter.

EU: *Gordon. Na 36th. 19:00?*

Haylee: *Eu conheço. Estaremos lá.*

Enfio meu telefone de volta no bolso. Estive tão absorto em minha conversa com Haylee que nem percebi o que Chris e Emma começaram a se pegar no sofá ao meu lado. Obviamente esqueceram da minha presença. Considero momentaneamente dizer alguma coisa para constrangê-los, mas decido contra. Em vez disso, eu desligo a TV e vou para o meu quarto. Chris me deve uma.

Capítulo Três

Haylee

— Bem, olha quem apareceu! Earl! Traga seu traseiro aqui e veja quem decidiu nos agradecer com sua presença.

Earl sai da parte de trás, limpando as mãos em um pano. — O quê? Estou lavando os pratos porra, velho... — ele para quando vê Amanda e eu em pé atrás do bar. Nós somos as únicas aqui, além deles dois. Ele joga o pano sobre o ombro e um sorriso se espalha pelo seu rosto. — Uhul! Olha só quem temos aqui. Onde diabos vocês estiveram, meninas? Não tem sido o mesmo por aqui sem vocês. Vocês me deixaram aqui com ninguém, apenas esse bastardo velho indigesto para me fazer companhia. — ele sacode a cabeça para Gordon, nos lançando um sorriso malicioso.

Earl não é mais jovem do que Gordon, mas não diga isso a ele. Ambos os homens estão entre meados para o fim dos cinquenta anos - nunca lhes pergunte as idades, não termina bem - com a queda de cabelo e barrigas em expansão. Gordon é dono do lugar, mas Earl manda aqui tanto quanto ele. Ele nem está na folha de pagamento. Ele ajuda Gordon ao redor do bar, e, em troca, Gordon permite-lhe beber de graça. Os dois se conhecem desde sempre. E embora ajam como se eles se odiassem o tempo todo, eu sei de fato que ambos ficariam perdidos sem o outro.

Eu sorrio para os dois. — Desculpe, pessoal. O maldito trabalho corrido me deixa em farrapos. E essa aqui passa todo seu tempo livre com *Justin*. — eu aceno para Amanda. Isso vai tirar a atenção deles do fato de que faz meses que não viemos aqui.

— Justin. Agora, quem diabos é Justin? — Earl pergunta, incrédulo. — Vocês meninas são extremamente jovens para gastar todo o seu tempo com os meninos.

— Oh, por favor. — Gordon rebate. — Você tinha dezenove anos quando conheceu Penny. E ela tinha apenas dezessete anos. E eu me lembro de você se casar com ela nem mesmo um ano mais tarde.

— Sim, e fomos estúpidos. Não sejam estúpidas como nós, meninas.

— Estúpido, né? Tenho certeza de que Penny teria gostado de ouvir isso. Ela provavelmente está rolando no túmulo no momento.

— Não disse que nós não fomos felizes. E que eu não tive sorte pra caramba. Apenas disse que fomos estúpidos por nos casar tão jovens. Ela, especialmente. Ela poderia ter feito muito melhor.

— Não vou discordar de você nisso. Nunca vi o que ela viu em você.

— Você gostaria de ver? Eu posso de bom grado deixá-lo dar uma olhada. — Earl responde, suas mãos indo para a fivela do cinto.

— Merda, Earl! Você que estava falando agora mesmo como essas meninas são jovens. Tem certeza de que quer mesmo marcá-las pelo resto da vida em uma idade tão jovem?

Earl mostra o dedo do meio para Gordon e se volta para nós. Amanda e eu olhamos uma para a outra, balançando nossas cabeças com as suas palhaçadas.

— Você vai responder a minha pergunta, garota? Quem diabos é *Justin*?

Justin entra pela porta no momento em que a pergunta é feita. — Humm, eu?

Alívio inunda o rosto da Amanda. — Hey, baby. — ela se vira e dá-lhe um abraço rápido antes de se virar para seu olhar inquisidor. — *Este* é Justin. Justin, este é Earl e este é Gordon. Estes dois são responsáveis por muitas noites bêbadas e ficadas de uma noite. — ela pisca para Justin. Gordon, no entanto, não vê.

— Mentira. Nós nunca deixamos vocês, meninas, tomarem mais de duas cervejas. E nós com certeza não as deixamos sair com quaisquer idiotas.

Amanda ri da indignação de Gordon. Ela gosta de pressioná-lo de todas as formas. Ela sorri para mim, e eu dou-lhe um pequeno sorriso. Eu sei que ela está só provocando-o, mas às vezes eu desejo que ela não fizesse isso. Nestes últimos anos, Gordon tem sido uma espécie de pai que eu nunca tive. Ele é o único, além da Amanda que sabe tudo sobre mim. Ele passou longas horas ouvindo e falando comigo. Muitas noites deixando-me chorar em seu ombro. Amanda sabe um pouco disso, mas não de tudo, e me mata quando ela o perturba. Mesmo que seja por causa de uma piada.

— Ela está apenas brincando, Gordon. Ela gosta de deixar todos vocês irritados. Você sabe disso. Não ligue para ela. — eu digo, colocando minha mão sobre a sua e dando-lhe um aperto suave.

— Essa merda não é engraçada. Especialmente na frente dele. Eu não conheço esse cara. Eu não quero que ele tenha todas as ideias erradas que vou deixar esta menina se embriagar e sair daqui tropeçando com ele. — sua atenção se volta para Justin. O sorriso de escárnio em seu rosto é inconfundível. Gordon não gosta que Amanda o tenha trazido aqui.

O rosto de Justin está branco como um lençol. — Não, senhor. Eu não pensaria que você deixaria - errr, ou seja, eu não tentaria... — Justin gagueja e olha para Amanda, pânico evidente em seus olhos. — Eu, hum, eu me importo com a Amanda, Senhor. Eu nunca tentaria algo assim, com ela, ou com ninguém. Nunca.

Gordon avalia Justin com o olhar. — Humf. — ele resmunga. — Veremos. — ele dá-lhes um aceno de desprezo, e Amanda puxa Justin em direção a uma das mesas de bilhar.

Earl sai para se juntar a eles e eu fico com Gordon. Eu puxo um dos bancos do bar e me sento. — O meu de costume, Gord.

— Eu deveria saber o que é isso? Há meses você não vem aqui, querida. Nós velhos, não lembramos das coisas por muito tempo. — ele repreende enquanto derrama a minha bebida.

Eu rio. Gordon parece ser o líder de uma gangue de motoqueiros. Barba espessa grande, cabelo comprido - embora seja escasso no topo, jaqueta de couro remendada, jeans desgastados, grandes anéis de prata em quase todos os dedos. E ele até monta uma Harley. Mas, pelo que sei, ele não é de uma gangue. O que é uma pena, realmente. Ele seria um presidente de clube fodão.

Tirando meus pensamentos de *Sons of Anarchy*², eu respondo a sua repreensão. — Eu sei. Eu sei. Sinto muito, Gord, de verdade. Eu chego em casa daquele trabalho maldito e só quero dormir. Meus fins de semana são todos gastos no sofá e assistindo Netflix ultimamente. E Amanda está realmente muito com Justin. Pega leve com ele, a propósito. Ele é bom. Ela é diferente com ele. Mais feliz. Mais feliz do que já a vi em muito tempo, na verdade. E ele a trata como uma rainha. Você vai gostar dele, uma vez que você começar a conhecê-lo.

Ele dá de ombros. — Eu não gosto de ninguém. E eu não confio em ninguém com minhas meninas até que eles provem a *mim*. Então veremos sobre este *Justin*.

² Série dramática de televisão estadunidense criada por Kurt Sutter sobre a vida de um clube de Motociclistas ou Motoclube que se passa em Charming, uma cidade fictícia no norte da Califórnia.

Eu rio novamente com o tom que ele e Earl continuam usando quando falam o nome de Justin. Como se fosse a palavra mais suja já proferida. Como se doesse fisicamente dizer isso.

— OK. Mas mantenha uma mente aberta com ele. Eu prometo que você vai gostar dele. E você confia em mim, certo? — eu lhe dou meu maior sorriso e olhos de cachorrinho, os que eu sei que ele não consegue resistir.

Ele balança a cabeça. — Tudo bem, tudo bem. Eu vou dar um tiro para a criança. Um pé fora da linha, porém, e eu vou dar-lhe um tipo de tiro totalmente diferente. — ele esfrega as mãos e sorri.

Agora é a minha vez de balançar a cabeça. — Você é incorrigível.

Ele joga a cabeça para trás e ri. — Os graduados da faculdade vem aqui falando todos espertinhos. Você devia saber que ratos velhos de bar não conhecem grandes palavras.

— Oh, por favor. *Você* ensinou-me a palavra maldita. Não me venha com merda.

Ele ri de mim de novo. Olhando para a mesa de sinuca e vendo Amanda, Justin, e Earl ainda fortemente envolvidos em um jogo, ele vem ao redor do bar e puxa um banquinho ao meu lado. Seu rosto é sério quando ele se senta.

— O que foi, menina?

Eu me inclino para ele e seu braço aparece ao redor dos meus ombros. Eu descanso minha cabeça em seu ombro e suspiro.

— Nada. Estou bem. Realmente. Apenas estressada com este trabalho. Eles me dão todos os trabalhos de merda. E eu sei que posso fazer melhor do que isso, se eles simplesmente me dessem uma chance. Em vez disso, eu tenho que sentar e assistir um bando de idiotas incompetentes assumirem os grandes clientes, enquanto eu produzo anúncios publicitários para pedicures de cãozinho em envelopes. Não é justo, sabe?

Ele me beija no topo da cabeça. — Então, demita-se.

Eu gostaria que fosse assim tão simples. Demissão significaria admitir que eu passei quatro anos da minha vida atrás um diploma inútil. Porque todos na faculdade, quando perguntavam o que eu estava planejando fazer com um diploma de Inglês, eu dizia Marketing. Empresas de Marketing são conhecidas por contratar graduados em Inglês

porque eles são bons com as palavras. Eles podem tornar o som mundano algo mais emocionante. Mais atraente. Então eu disse a mim mesma que é o que eu faria.

Mas eu odeio isso. Se eu for honesta comigo mesma, mesmo que for me dado grandes projetos, eu ainda odeio. Inventar slogans estúpidos e encontrar formas de levar as pessoas a gastar o dinheiro que não têm em merdas que não precisam, nunca foi como eu imaginei passar o resto da minha vida.

Incapaz de dizer as palavras em voz alta, em vez disso eu levanto a cabeça do ombro de Gordon e o olho nos olhos. — Eu só preciso aguentar por um tempo. Todo mundo começa onde estou. Especialmente as mulheres. Em um campo predominantemente masculino, eu preciso provar ainda mais o meu valor. Então, vou me esfolar, trabalhando nessas contas minúsculas, mas incrivelmente demoradas. Mas um dia, eu vou estar onde Sue está. Eu vou estar no topo. — eu digo, esperando que o tom certo que estou tentando retratar esteja convencendo.

Interiormente, eu me encolho. Eu não quero estar no lugar da Sue. Ela é incrivelmente bem respeitada por nossos colegas, mas eu sei que ela ainda tem que se provar para os clientes. Eu não consigo imaginar ter que passar o resto da minha vida tentando me provar. Eu já fiz isso demais.

Gordon me puxa de volta para o seu lado e me dá um aperto. — Você vai conseguir, querida. Você sempre consegue. Você é inteligente demais para não fazer isso. — meu falso entusiasmo, obviamente, não o engana.

Eu suspiro. — Eu espero que sim, Gordon.

Ele se levanta e volta ao redor do bar. — Você quer algo para comer?

— Na verdade, nós vamos encontrar algumas pessoas aqui. Devem chegar aqui em breve. Provavelmente vou esperar e comer com eles.

Ele balança a cabeça, e nós dois voltamos a assistir ao jogo de sinuca acontecendo atrás de nós. Do jeito que ela está agindo, Amanda está ganhando. E Earl não está muito feliz com isso.

Eu rio das suas palhaçadas, ocasionalmente fazendo minha própria observação. Dez minutos depois, a porta finalmente se abre e Ryan entra. Chris e Emma seguem atrás dele.

Eu aceno para Ryan e ele vem na minha direção, puxando o banquinho de Gordon recentemente desocupado.

Dizer que fiquei surpresa quando ele me mandou uma mensagem na outra noite é um eufemismo. Honestamente, não achei que ouviria algo dele novamente. Depois do tanto que agi estranhamente quando ele pediu meu número, pensei que tivesse decidido que não valia a pena o drama e excluiria assim que ele sáísse. Ou talvez eu só tivesse esperança disso.

Então, quando seu nome apareceu na minha tela, eu fui pega de surpresa. Sua pergunta de quando poderia sair novamente veio como um choque ainda maior. Meu desconforto habitual retornou. Então eu lhe disse que estava ocupada, esperando que ele entendesse a dica e me deixasse em paz. Não tive essa sorte.

Sentar ao lado de Amanda e Justin era estranho. Eles sempre fazem o melhor para que eu me sinta bem-vinda e incluída, mas eu sei que eles querem mais tempo sozinhos. Que casal não quer? Então, quando Ryan *prometeu* ser apenas amizade, eu joguei o cuidado para o vento, e disse *seja o que Deus quiser*. Provavelmente me faria algum bem fazer novos amigos. Mesmo da variedade masculina.

Agora, ele desliza para o banco ao meu lado, um sorriso fácil no rosto.

— Ei. Desculpe, estamos poucos minutos atrasados. Chris é impossível de levar a qualquer lugar. Paramos para pegar Emma no caminho e ele passou os próximos vinte minutos fazendo palhaçadas para os dois companheiros de quarto dela.

Gordon sai da parte de trás em seguida e vê Ryan lá. Eu nem pensei em contar que eu encontraria um cara aqui. Eu não quero que ele tenha a ideia errada. Abro a boca para apresentá-los quando ele me corta.

— Ryan? O que você está fazendo aqui? Não é sábado, garoto. Trocou os dias?

— Encontro com alguns amigos. Talvez se você tiver sorte, você vai me ver duas vezes esta semana. Chris não pode perder as noites de sábado no karaokê.

Minha boca está aberta. Ryan conhece Gordon? Gordon conhece Ryan? Sábados? Aqueles costumavam ser nossas noites aqui. E karaokê? Quando no inferno que isso aconteceu?

Gordon olha para minha cara e ri.

— Karaokê? — eu pergunto incrédula.

O Gordon que conheço nunca teria permitido karaokê no seu bar. O Gordon que conheço preferiria arrancar seus olhos do que ouvir as pessoas cantando canções terríveis em vozes desafinadas.

— Não é *meu*, eu lhe garanto. Chris traz a sua própria máquina de karaokê maldita. Estes dois começaram a vir aqui logo depois que vocês pararam. Depois de algumas semanas, Chris disse que este lugar precisava de alguma animação e desapareceu. Trinta minutos depois, ele entrou correndo pela maldita porta com uma máquina de karaokê da porra dos braços, me perguntando onde colocar. Eu tentei me livrar deles, mas Earl não quis me ouvir. Então, agora, todos os sábados, eu posso ouvir Chris e Earl uivando um para o outro.

Eu rio. Oh, meu Deus. *Isso* eu tenho que ver.

— O que estamos fazendo aqui em uma sexta-feira, então? — eu pergunto, voltando-me para Ryan. — Eu preciso *tanto* testemunhar Earl cantando ‘I Will Survive’.

Ryan, aparentemente, acabando de fazer a conexão que eu conheço Earl e Gordon mais do que casualmente, parece confuso. — Você já esteve aqui antes?

— Sim. Nós costumávamos ser regulares no sábado à noite. Mas, aparentemente, fomos destronadas. Ei, Amanda. — eu chamo. — Gordon e Earl aqui encontraram alguns novos talentos. Fomos substituídas.

Amanda olha para mim. Ela não tem absolutamente nenhuma ideia do que estou falando, mas imediatamente entra no jogo. — Earl! Como você se atreve? — olhando para Ryan ao meu lado, ela continua. — Entendo. Apaixonando pelo próximo rosto bonito que chega. Eu pensei que tínhamos algo especial.

Earl persegue-a em torno da mesa de sinuca, finalmente, agarrando-a pela cintura e levantando-a do chão. Ele a carrega. — É isso aí, mocinha. Você está de castigo. — ele coloca-a para baixo em um banquinho e vê Chris em pé ao seu lado.

— Chris! Não é sábado, não é? Merda, eu perdi um dia? Droga, Gordon, me deixou dormir por toda a sexta-feira?

Gordon revira os olhos e o ignora.

Chris arrasta sua namorada para o bar. — Jesus, meu velho. Você está tendo a doença de Alzheimer? Você pode querer averiguar isso. E meu nome nem é Chris também. Na verdade, eu sequer o conheço. Quem diabos é você?

Earl estende a mão e bate-lhe na cabeça. — Quem é essa pobre garota? Suponho que ela seja surda e cega para estar aqui com vocês. Desculpe, querida.

Emma olha para ele fixamente. Depois de um momento, ela aponta para o seu ouvido e balança a cabeça.

— Merda! Eu sinto muito. Eu não quis dizer isso. Eu realmente não pensei, eu estava apenas lhe enchendo, garoto. Eu não achava que ela era realmente surda.

Emma e Chris começam a rir. Earl olha de um lado a outro entre eles. — Que porra é essa?

Chris pega Emma e gira. — Deus, eu amo essa garota. Você deveria ter visto seu rosto, Earl. Impagável.

Ele finalmente coloca-a para baixo e a apresenta para os outros. Earl começa imediatamente a questioná-la, atormentando-a sobre o que ela poderia ter visto no Chris.

Chris revira os olhos para Earl e puxa o banquinho do meu outro lado. — Então, Haylee. — ele diz, deslizando para o banco. — Meu amigo aqui acha que você é muito legal. Diz que você pode até mesmo ser mais impressionante do que eu. — ele revira os olhos exageradamente, com o pensamento de que é completamente ridículo. — Então, você sabe o que isso significa? Você vai ter que provar isso. Porque, pelo que vejo, você não está nem perto deste nível de grandiosidade.

Eu rio. Eu não disse mais de dez palavras para esse cara nas duas outras vezes que o vi. E aqui está ele, me dizendo que eu tenho que me provar para ele. Normalmente, eu ficaria indignada. Mas há algo sobre esse cara que eu gosto. Ele é como o tio louco que vem na sua casa e age como se ele vivesse lá. Você fica um pouco desconfortável, mas é impossível não amá-lo.

— Sério? E como é que eu vou provar isso, Chris? Porque até onde eu posso ver, eu tenho mais grandiosidade no meu dedo mindinho do que você em todo o seu maldito corpo.

Ryan ri atrás de mim. Chris atira-lhe um olhar malvado e me diz: — Eu já volto.

Ouçõ Gordon xingar sob sua respiração. Eu olho para ele e ele está balançando a cabeça. Chris já está abrindo a porta da frente novamente, e uma grande caixa preta em seus braços. Ele caminha e coloca-a sobre uma mesa, correndo com o cabo para uma tomada próxima. Percebo muito tarde o que é.

— Não. Não, não, não, não, não. Eu *não* vou cantar, Chris. Você pode simplesmente tirar essa ideia da sua cabeça, agora.

Ele liga a máquina e coloca o microfone aos lábios. — Bem. Você está simplesmente reconhecendo a minha grandiosidade. Provavelmente é melhor assim, de qualquer maneira. Eu não gostaria de envergonhá-la. Ninguém pode bater isso. — ele aponta para si mesmo, balançando as sobrancelhas para Emma.

Eu reviro os meus olhos. Ele pode me incitar o tanto que quiser. Eu não vou cantar.

A música começa a tocar e imediatamente reconheço a canção. Sêrio?

Ele canta o primeiro verso normalmente, de pé sobre máquina. Eu acho que talvez ele só goste da música. Talvez esta é sua escolha normalmente. A que ele canta todas as semanas.

No entanto, quando a música chega no refrão, eu sei que estou errada. Ele caminha ao meu lado. Quando atinge o refrão, ele canta bem na minha cara.

— *IIIIII am the champion, my friends, and I'll keep on fighting to the end.*

Eu curvo no meu banquinho, abaixando a minha cabeça no bar. Tapo os ouvidos e balanço a cabeça. Eu deveria saber.

— *I am the champion. I am the champion. No time for LOSERS because I am the champion OF THE WORLD!* — ele grita a palavra perdedores no meu ouvido e, em seguida, grita as três últimas palavras a plenos pulmões. O microfone lamenta, mas isso só faz com que ele grite mais alto.

Eu salto do banco e pego o microfone da sua mão antes que ele possa continuar. Desligo a sua canção, e percorro as outras, tentando encontrar a perfeita. Eu não posso acreditar que estou fazendo isso.

Meus olhos pousam na canção perfeita. Eu a seleciono e ando imediatamente de volta para Chris. Ele está sentado em meu assento desocupado.

— *You walked into the party like you were walking onto a yacht.*

Ele explode instantaneamente em gargalhada. Ryan está sorrindo para mim como se eu fosse a melhor coisa na Terra. E Amanda está olhando para mim com lágrimas nos olhos. Esta é a coisa mais espontânea que eu faço há um *longo* tempo. Eu sei que significa muito para ela.

Tirando os pensamentos de Amanda da minha mente, eu volto para Chris quando o refrão começa.

— *You're so vain, you probably think this song is about you. You're so vain, I'll bet you think this song is about you. Don't you? DON'T YOU?*³

Eu grito as duas últimas palavras em seu ouvido, assim como ele fez comigo. Ele me deixa terminar a canção, e eu canto cada palavra diretamente para ele, brincando e despenteando seu cabelo e cutucando-o enquanto canto. Quando acabo, ele se levanta e joga seus braços ao meu redor.

— Você ganhou. Você é impressionante. A impressionante mais impressionante que já impressionou. Eu me curvo a você. E se Ryan aqui acabar por ser um fracasso, você tem que prometer que ainda seremos amigos. Porque eu preciso da sua grandiosidade na minha vida.

Eu rio. Eu nunca ouvi alguém usar a palavra impressionante tantas vezes em uma frase. E criar tantos novos derivados dela ao mesmo tempo. Eu decido que Chris é muito impressionante também e digo isso a ele.

— Certo, tudo bem. Nós dois somos impressionantes. É um empate. Coloque-nos juntos e somos perigosamente incríveis. Precisamos fazer algumas advertências. “Prossiga com cuidado. Grandiosidade extrema à frente. Pode causar cegueira e um ciúme incrível”.

Falando de ciúme, eu olho para Emma para ver sua reação aos braços dele em volta de mim. Ela está segurando a barriga, dobrada de tanto rir. Chris me solta e puxa-a em seus braços. — Pelo menos eu sou grandioso em seus olhos, certo, baby?

Ela balança a cabeça e ele dá um beijo em seus lábios. Viro-me para Ryan, envergonhada de testemunhar a demonstração de carinho.

— Isso foi impressionante. Errr, quero dizer, realmente excelente. Você teve impressionantes suficientes jogados em cima de você por uma noite. Mas, realmente. A maioria das pessoas não sabe como lidar com o Chris quando o conhece. Mas você devolveu com a mesma moeda. Surpreendeu-o pra caramba. — ele ri.

Eu sorrio. Amanda e Earl estão ao lado com seus elogios. Justin ainda joga fora algumas palavras de encorajamento. Eu olho para Gordon. Ele pisca para mim. Ele sabe o que foi exigido. De mim, para me expor assim.

³ You're So Vain - Carly Simon.

Ainda animados, Ryan e eu seguimos para uma cabine para conversar enquanto Chris e Earl batalham na máquina de karaokê.

Gordon traz mais uma caneca de cerveja, dois copos e uma pizza de pepperoni média. É o que Amanda e eu sempre costumávamos pedir. Olho para Ryan e faço um gesto para a pizza. — Nós podemos pedir outra coisa, se você quiser.

— Não, está ótimo. Por que estragar uma boa pizza com todas as outras porcarias?

Balançando a cabeça, eu tento pegar um pedaço enquanto ele serve dois copos de cerveja.

— Então, Haylee. Conte-me mais sobre o seu trabalho.

Sem querer estragar a noite, eu balanço minha cabeça. — Não essa noite. Eu estou me divertindo muito. Eu não quero matar isso com uma conversa chata sobre o trabalho.

— Ok, então. O que devemos falar? Sua vez.

Aponto para Chris. — Daquilo. Como na Terra você se tornou amigo daquilo?

Ele gargalha. — Eu me pergunto isso quase diariamente. Ele é meio como um fungo. Uma vez que você o pega, é difícil pra caramba de se livrar.

Eu rio, mas posso ouvir carinho na sua voz. Eu espero ele continuar.

— Mas na verdade, eu conheço-o desde sempre. Nós crescemos juntos. Ele e sua família estavam lá para mim durante uma merda desagradável. Ele é como um irmão para mim. E quando eu disse que queria me juntar às forças armadas após o colegial, ele deixou todos os outros planos que tinha e decidiu se alistar comigo. Ele é um pé no saco e eu quero estrangulá-lo algumas vezes, mas ele é realmente o melhor cara que você já conheceu. Você não vai encontrar ninguém mais leal.

Eu aceno, porque sinto o mesmo por Amanda. Bem, não a parte do pé no saco e estrangular. Mas o resto. Ela esteve lá para mim por alguns momentos escuros nestes últimos anos, mas sua lealdade nunca foi questionada. Ela é a minha Chris.

O clima na mesa mudou. Eu vejo as rodas girando atrás dos olhos de Ryan, e eu me pergunto que ‘merda desagradável’ ele passou. Eu quero perguntar a ele, mas eu sei que só vai levar a mais perguntas. Perguntas que eu não posso responder.

Vendo-me olhando para ele, seu sorriso ilumina e o olhar perturbado deixa seus olhos. — E quanto a você? Há quanto tempo você conhece Amanda?

Não querendo abafar a conversa, eu decido que é seguro dizer-lhe o básico. — Nós nos conhecemos no colégio. Viemos para a faculdade juntas. Eu me formei na primavera passada, como eu disse. E ela continuou para conseguir seu mestrado. Ainda estamos morando juntas, mas pelo jeito que as coisas estão indo com Justin, não tenho certeza por quanto tempo. — eu sorrio levemente, tentando fazer parecer que o pensamento de sua saída não causa um aperto no meu peito.

— Onde você cresceu?

Estamos entrando em território pessoal. Eu preciso colocar um fim ao rumo que essa conversa tomou. — Apenas uma pequena cidade algumas horas ao norte daqui. Você não teria ouvido falar dela.

Ele dá de ombros e dá uma mordida em sua pizza. Eu quero perguntar a ele de onde ele é. Eu quero perguntar a ele onde esteve. O que ele viu. Eu nunca conheci ninguém nas forças armadas. É um estilo de vida que sempre achei fascinante. Eu quero entrar em seu cérebro e descobrir tudo o que puder.

Mas isso só abriria a conversa. Ele ia querer respostas para as mesmas perguntas. E eu não posso fazer isso. Eu preciso manter uma distância segura entre nós. Decido que é hora de mudar de assunto, eu pergunto: — Então, qual é o seu filme favorito?

Ele fica surpreso temporariamente, mas se recupera rapidamente. — Você vai rir. *De Volta para o Futuro*.

Ele está certo, eu rio. — *De volta para o futuro?* Por quê? Você nem era nascido quando esse filme foi feito.

Ele sorri para mim. — Era o favorito do meu pai. Lembro-me de vê-lo com ele e meu irmão quando eu era pequeno. Meu pai amava Doc Brown. — seu rosto esmorece ligeiramente. — Ele morreu quando eu tinha onze anos. Ele e meu irmão.

Meu queixo cai em estado de choque. Eu não estava esperando isso. Eu quero estender a mão e pegar a dele. Oferecer-lhe algum pequeno conforto. Mas não me atrevo.

— Eu sinto muito, Ryan. — consigo com uma voz insuficiente.

Ele ergue os olhos para mim. — Foi há muito tempo. Mas, obrigado. — ele sorri para mim fracamente.

Obviamente querendo tirar o foco de cima dele, ele pergunta: — Onde estão os seus pais? Eles estão por perto?

Eu recuo. Foi precisamente por isso que eu queria manter a conversa leve. Filmes, livros, coisas que eu posso lidar. Excluindo estas perguntas.

Eu levanto. Puxo uma nota de dez do meu bolso e solto-a sobre a mesa.

— Eu sinto muito, Ryan. Acabei de me lembrar que tem algo que preciso fazer para o trabalho. Era para eu, hum, enviar e-mail para um cliente antes. E eu esqueci totalmente. Eu tenho que ir. Obrigada pela companhia. Eu me diverti. Até logo.

Viro-me e saio correndo pela porta antes que ele possa objetar. Eu estava com Amanda e não quero voltar e pegar as chaves, então eu decido voltar a pé para o nosso apartamento. É menos de um quilômetro e meio, e vai me dar algum tempo para limpar a cabeça. O que eu estava pensando?

Conhecendo Amanda, não demorará muito para ela vir atrás de mim quando perceber que eu saí, mudo para uma corrida lenta. Eu quero chegar em casa antes e estar na cama. Não estou a fim de conversa esta noite.

Capítulo Quatro

Haylee

Eu caminho para o trabalho na segunda-feira com um sorriso no meu rosto. Depois da minha saída inábil na sexta-feira, eu estava certa de que eu não iria ver ou ouvir sobre Ryan novamente. Então, imagine minha surpresa quando vi seu nome no meu telefone na noite passada. Eu respondi timidamente e decidi então acabar com seja lá e o que estivesse acontecendo entre nós.

— Alô?

— Qual seu filme favorito?

— Hein? — a pergunta dele me pega de surpresa.

— Seu filme favorito. Eu falei o meu. Agora me diga o seu.

— Uhh... — eu paro. Ele está agindo como se nada tivesse acontecido. Como se eu não tivesse me levantado no meio da conversa e praticamente corrido para fora do edifício. Querendo saber onde ele está indo com isso, decido responder. — Bem, agora você vai rir de mim. Na verdade, eu não tenho certeza se eu deveria dizer-lhe depois de rir da sua resposta.

— Ah, vamos lá. Não pode ser tão ruim assim. Eu prometo que não vou rir. A menos que seja Crepúsculo ou alguma merda deprimente assim. Se for, todas as apostas estão fora.

Eu tusso, esperando um momento antes de falar. Ele começa a rir.

— Você está falando sério? É Crepúsculo? Jesus. Eu nunca teria atrelado você a alguém que chamaria aquele pedaço de merda como o seu favorito de todos os tempos.

— Ei, agora. Eu vou ter que discordar com você sobre a série de filmes Crepúsculo, por pior que seja, inspirou toda uma geração a pegar livros e ler. Qualquer coisa que leve

as pessoas a ler é bom no meu julgamento. Mas não, Sr. Julgador McJulgador, Crepúsculo não é o meu filme favorito. É Clube dos Cinco.

Ele faz uma pausa. — E por que você estava com vergonha de me dizer isso? Esse filme é foda.

— Porque eu ri de você por amar um filme mais velho do que nós. Eu verifiquei mais tarde naquela noite. De Volta para o Futuro e Clube dos Cinco foram feitos no mesmo ano. Então, agora eu estou humilhada.

Ele ri. — Pare com isso. É errado. E nunca tenha vergonha de amar os clássicos. Eles não fazem filmes como antigamente. John Bender era foda.

— Ele era totalmente. — eu rio. — Eu tinha a maior queda por ele enquanto crescia. Há apenas algo, sobre um bad boy reformado.

— Bad boys, hein? Bem, fui um, sabe, eu roubei um pacote de chicletes uma vez. Fiz meio caminho para casa com ele também, antes da minha culpa levar a melhor vantagem e eu me entregar. Achava que iria para a prisão, com certeza. Eu me preparei totalmente para a prisão no meu caminho de volta para a loja. Fiquei um pouco decepcionado quando o funcionário só pegou o pacote de chicletes de volta e me disse para ir para casa. Eu estava levemente ansioso para fazer uma tatuagem de lágrima.

Sua história é tão boba que eu não posso deixar de rir. — Você é um criminoso endurecido. Embora eu não ache que ter os dedos pegajosos garanta uma tatuagem de lágrima. Tenho certeza que aquelas são guardadas para os assassinos e tal. Não para os pequenos furtos.

— Droga. Você provavelmente está certa. Ah, bem. Provavelmente foi melhor, de qualquer maneira. Eu não tenho certeza se teria sobrevivido preso.

— Provavelmente não. Especialmente não com, o quê, quatro anos?

— Hum, dez. Eu fui um pouco protegido até aquele ponto. Não entendia como o mundo funcionava ainda. — o tom da sua voz implica que não demorou muito até ele descobrisse o quão ferrado o mundo pode ser. Eu me lembro dele dizendo que seu pai morreu quando ele tinha onze anos. Eu me pergunto o que aconteceu.

Eu me paro antes que eu possa perguntar. Olhando para o relógio, finjo um bocejo.

— Eu deveria deixar você ir? — ele pergunta.

— Estou muito cansada. E eu tenho um longo dia amanhã. Provavelmente deveria dormir um pouco.

— OK. Falo com você em breve. Bons sonhos, Haylee.

Lembrando minha determinação para acabar com tudo o que isso era, eu o cortei antes que ele pudesse desligar.

— Na verdade, Ryan. Eu não acho que seja uma boa ideia. Eu realmente estou ocupada com o trabalho. — eu mordo meu lábio. Que se dane. Eu vou ser simplesmente honesta com ele. — Na verdade, isso não é verdade. Bem é, mas não que isso não seja uma boa ideia. Eu não posso ser uma boa amiga para você agora. Ou nunca, realmente. Só não está em mim. E eu não quero dar-lhe falsas impressões de que isso poderia, você sabe, ser algo mais. Porque não pode. Simplesmente não está nas cartas para mim. Nunca.

Ele fica silencioso. O silêncio se estende por tanto tempo que eu acho que talvez ele tenha desligado. Eu olho para o telefone, a conexão ainda está aparecendo na minha tela. Eu coloco o meu telefone de volta ao meu ouvido, esperando que a sua voz ou um clique quebre o silêncio.

Finalmente, após o que parece uma eternidade, ele limpa a garganta.

— Haylee, eu gosto de você. E não me diga que você não pode ser uma boa amiga, porque eu sei que não é verdade. Você já é. Você é uma boa amiga para a Amanda. E até agora, você tem sido uma boa amiga para mim. Tudo o que você acha que está errado com você, posso te garantir que não é verdade.

— Quanto ao resto, não tenho impressões sobre qualquer coisa. Você é absolutamente linda e qualquer cara se consideraria de muita sorte de ter você. Mas eu lhe disse antes que relacionamentos são inacessíveis para mim agora. Eu realmente deveria ter dito que eles são um “não” para mim, sempre. Lembra quando eu disse que meu pai morreu? Minha mãe passou uma fase muito difícil depois. Eu não posso imaginar deixar alguém assim. Portanto, algo mais não está nas cartas para mim também.

Eu exalo. Minhas mãos estão tremendo tanto que mal consigo manter o telefone na minha orelha. — Ryan. Realmente. Você não quer alguém como eu na sua vida. Sou uma bagunça. Alguns dias eu sinto que tudo o que posso fazer é me arrastar para fora da cama. Eu sou azarada. Tudo o que eu entro em contato acaba em merda. Eu sou como

uma âncora. Eu arrasto para baixo tudo e todos. Eu não posso fazer isso com outra pessoa.

Ele deixa escapar uma respiração lenta. — Algum dia, você vai me dizer o que aconteceu com você. O que fez você pensar tão mal de si. Porque eu posso assegurá-la, Haylee, você não é uma âncora. Quando você deixou cair sua guarda na sexta-feira e cantou aquela música para Chris, você brilhou tanto. A luz em seus olhos era ofuscante. Seu sorriso era impossível de resistir. Sua energia era contagiante. Você iluminou todo aquele lugar. Eu nunca tinha visto alguém parecer tão vivo. Você simplesmente tem que deixar-se sentir.

As lágrimas estão se formando atrás dos meus olhos, porque eu sei que ele está certo. Soltando-me naquela noite foi o melhor que eu me senti em anos. O mais feliz. Mas também sei que é como você se machuca. Quando você não tem o controle total de uma situação, você fica completamente vulnerável a todo mundo. Aprendi essa lição mais e mais, enquanto crescia. Não é algo que eu possa me permitir, ser vulnerável novamente. Eu não aguentaria isso outra vez.

Ryan rompe o silêncio novamente. — Olha, Haylee. Entendi. De verdade. E eu não vou pressionar você para me dizer qualquer coisa. Comprometo-me a manter uma distância segura. Mas, por favor, deixe-me ser seu amigo. Eu sou um muito bom, se me permite dizer.

Um riso rompe as minhas lágrimas. — Ok, Ryan. Mas não diga que não avisei. Você lembrará dessa conversa mais tarde, quando você estiver repensando em se misturar com alguém como eu.

— Anotado. Mas Haylee... não vai acontecer. Pare de esperar o pior. Quem ou o que a tenha ferido, bem, basta lembrar. Nem todo mundo é assim. Há pessoas boas no mundo. E você é uma delas. Agora vá para a cama. Bons sonhos, Haylee.

Eu sorrio, permitindo-me por apenas um minuto, acreditar nele. — Boa noite, Ryan. Obrigada pela conversa. Durma bem.

— Você também, menina bonita.

Eu ouço um clique vir da linha e coloco o meu telefone na mesa de cabeceira. Naquela noite, eu realmente caio no sono. Sem pensamentos da minha mãe ou Campbell ou nada disso. Foi o melhor sono que tive em anos.

Agora é segunda de manhã, e como eu disse, um sorriso gigante está estampado no meu rosto quando entro no escritório.

Sue me dá um olhar curioso enquanto passo por seu escritório. Dou-lhe um pequeno aceno e caminho até o meu. Acabei de tirar meu casaco quando a cabeça dela espreita na minha porta.

— Quem é você, e o que você fez com Haylee? — ela pergunta, me dando um olhar de lado.

Eu rio, batendo o mouse do meu computador para despertá-lo. — Bom dia para você também, Sue. — há uma razão para ela estar tão chocada ao me ver aqui na segunda-feira com um sorriso. Porque eu tenho certeza que esta é a primeira vez que isso acontece.

— Sério, Hay. Você ficou com alguém neste fim de semana? Ou acertou na loteria? Algo grande tem que ter acontecido. Ou isso, ou você realmente foi substituída por outra pessoa.

Ela ainda está me dando um olhar dubio. Eu reviro meus olhos para ela e volto para o meu computador. Não podemos relaxar na frente da chefe. Mesmo que *seja* ela me distraindo.

— Primeiro de tudo, se eu tivesse ganhado na loteria, você não estaria me vendo aqui esta manhã. Você teria sorte de ao menos receber um telefonema do iate em que me encontraria, dizendo-lhe que eu não apareceria no futuro, porque eu estaria muito ocupada sendo abanada por cabana boys⁴. E segundo, você de todas as pessoas sabe que eu não “fico” nos fins de semana. — eu digo, fazendo aspas no ar com os dedos e imitando seu tom. Ela pode estar em seus quarenta e tantos anos, mas não diga isso a ela. Ela acha que ainda tem vinte e é uma selvagem. Mas eu acho que quando você tem a aparência dela, pode muito bem aproveitar. — Você está sempre tentando me convencer a sair com você. Mas sabe que eu não estou interessada em encontros de uma noite. E você também sabe que estou muito ocupada tentando começar a minha carreira e correndo para tentar algo sério agora.

Sue se tornou uma grande amiga para mim no ano passado. Ela realmente me ajudou a construir o meu portfólio e ensinou-me uma tonelada de coisas sobre o mundo do marketing. Mas ela não sabe do meu passado. Eu sempre lhe dei o discurso “Eu estou

⁴ Atendentes masculinos.

focada na minha carreira” quando ela me pressiona sobre o meu status de relacionamento. Não posso entrar nesse assunto com ela. Não posso deixá-la saber o quanto sou danificada. Eu não quero sua piedade. Ou sua simpatia.

— Pffft. — ela diz, tirando o cabelo do ombro. — Você tem vinte e três anos de idade, minha querida menina. Você precisa sair lá e *viver* um pouco. Ninguém está dizendo nada sobre ficadas de uma noite ou tentando encontrar seu futuro marido. Mas você nunca vai encontrar *qualquer coisa* se você não se abrir um pouco.

— Eu sei, eu sei. E eu vou. Algum dia. Mas não agora. Você sabe que eu preciso me concentrar no trabalho agora. Você fez a mesma coisa quando você era mais jovem.

— Sim, e olhe para mim agora. Quarenta e sete anos de idade, sem marido, sem filhos. Nada além de uma conta bancária gorda e mais sapatos do que uma mulher poderia possivelmente precisar. Deixe-me dizer-lhe, querida, não é tudo glamoroso. Eu vou para casa todos os dias, para um apartamento vazio. Eu faço o meu jantar e me enrolo no sofá para assistir reality shows horríveis. Alguns dias, eu desejo muito que eu tivesse alguém para se enroscar comigo. Alguém para compartilhar o jantar comigo. Mas isso já passou. As únicas coisas que posso encontrar agora estão divorciadas, velhas, com ex-esposas loucas. Ou coisas quentes jovens que estão apenas interessadas no meu dinheiro. Se eu tivesse que fazer tudo de novo, eu teria focado mais em mim quando eu era mais jovem. Não apenas na minha carreira.

Ela se estica e coloca a mão sobre a minha, dando-lhe um aperto suave. Minha boca pende um pouco aberta. Eu não sei como responder a isso. Eu nunca a ouvi reclamar sobre sua vida pessoal. Na verdade, ela sempre se gabou de ser solteira e não ter nada para amarrá-la. Mas a expressão em seus olhos me permite saber como ela está sendo sincera neste momento. Ela deixou cair sua guarda. Eu começo a perguntar-lhe o que causou isso, quando ela me interrompe.

— Agora. Já que você insiste que não houve nenhuma ação, e você, obviamente, *não está* em um iate cercada por cabana boys, você quer me dizer o que é esse sorriso, então?

Deixo escapar um suspiro e dou-lhe um olhar hesitante. Ela, obviamente, não quer mais falar sobre sua vida. E, como curiosa que sou, eu a deixo mudar de assunto. Porque quem sou eu para julgar alguém por não querer falar sobre si? Eu sou a rainha da deflexão quando se trata de questões pessoais.

Eu levanto os cantos da minha boca um pouco. — Apenas tive um bom fim de semana. Fui a um encontro com amigos de escola com a minha companheira e encontramos com alguns velhos amigos.

Ela me olha com ceticismo. — Eu não estou convencida. Algo lhe causou esse ótimo humor. E com certeza não é um velho bar fedido com velhos amigos fedidos. A menos que... oh, Deus. Quando você diz companheira... você quer dizer uma companheira, ou que você quer dizer *companheira*?

Eu arremesso meu Post-it nela. — Não! Amanda é minha amiga mais antiga. Eu estou sendo muito sincera, Sue. Eu só tive uma noite boa com alguns bons amigos. Meu Deus, isso é tão difícil de acreditar?

— Ei, eu não quis ofender. Eu não me importaria se fosse. Amor é amor, e tudo isso. Eu apenas achei que talvez fosse por isso que você não fica interessada em conhecer rapazes. Provavelmente poderia ter abordado de uma maneira melhor. Você sabe que eu não tenho nenhum filtro na maior parte do tempo. Eu falo antes de pensar. Desculpe.

Eu sorrio de verdade para ela desta vez. — Está tudo bem, Sue. Ainda te amo. E em um sentido estritamente e platônico, de um jeito você-é-como-uma-mãe-para-mim.

Eu sei que o comentário mãe vai incomodá-la. E bem na hora, ela bufa e se levanta do canto da mesa em que estava sentada. — Mãe? *Sério*? Eu pareço poder ser mãe de *alguém*?

Não, ela não parece. Como eu disse, Sue é sexy. E não apenas sexy para quarenta anos de idade. Ela é sexy, por qualquer definição da palavra. Ela tem o cabelo escuro longo que sempre consegue cair em cachos em cascata perfeitas em suas costas. Não há um pinga de gordura sobre ela, graças a seu *personal trainer*. E ela tem um rosto que faz com que Jennifer Aniston pareça simples. Eu sempre me perguntei por que ela desperdiçou toda a beleza que lhe foi dada por Deus no *marketing*, em vez de algo mais atraente como modelagem ou atuação. Mas ela insiste que é onde seu coração sempre esteve. Eu não entendo como *alguém* pode dizer isso sobre esta profissão, mas ela é obstinada sobre isso.

Ainda assim, tenho que provocá-la um pouco. — Isso é um cabelo grisalho, Sue? E, oh, meu Deus, eu acho que eu vejo uma ruga! — eu suspiro com falso horror. Ela pega o Post-its que eu joguei nela mais cedo e arremessa-o na minha cabeça.

— Sua cadela. Eu deveria demiti-la por isso. — ela ri, tentando esconder o fato de que está olhando para si na janela atrás de mim. Eu rio sob a minha respiração, levanto-me e ando em direção a ela.

— Pare de olhar para si na janela. Você sabe que é perfeita. Na verdade, seria um grande favor para o resto do sexo feminino, se você tivesse uma maldita ruga ou cabelos grisalhos. Ninguém deveria ser tão lindo como você. Compartilhe um pouco disso com o resto de nós, pode ser?

Ela ri de mim de novo e revira os olhos. Mas posso dizer que a fiz se sentir melhor. Nunca percebi o tanto que ela é insegura. Como é possível que alguém tão bonito seja tão inseguro? Eu supunha que ela sempre soube o tanto que era incrível.

Ela me dá um abraço e sussurra no meu ouvido. — Você é muito bonita, Haylee. Você tem que saber isso. Então me prometa, saia e se divirta. Você não vai ter vinte e três anos para sempre, sabe? — ela dá um aperto firme no meu braço e vira-se para sair da sala.

— Agora ponha essa bunda para trabalhar antes que eu conte para o seu chefe que você é uma preguiçosa. — ela grita por cima do ombro.

Eu sorrio quando ela fecha a porta. — Sim, senhora! — eu grito quando ouço um clique.

Eu abro meu e-mail e encontro minha caixa de entrada cheia. Ótimo. Exatamente assim, qualquer bom humor que eu estava sentindo se foi. Fodam-se as segundas-feiras.

Três horas mais tarde, eu mal registro a batida na minha porta. Estou profundamente concentrada em uma das nossas possíveis novas contas de clientes. É para uma pequena editora de imprensa, em ascensão. Quando o arquivo chegou à minha mesa, foi a primeira vez que eu realmente fiquei animada para começar a montar uma apresentação. Eu quero essa conta. Eles só tiveram alguns pequenos autores *indie* antes, mas há uma tonelada de talento lá. Eu só sei que com o marketing certo, poderíamos torná-los enormes.

Eu estou tão absorta nos detalhes que estou lendo que não reconheço a batida até que a ouço novamente. E desta vez é muito mais forte. A contragosto pouso os papéis que estão nas minhas mãos e grito: — Entre.

Brody, o idiota arrogante que trabalha apenas a um corredor de distância de mim, espreita a cabeça pela minha porta.

— Ei, Haylee. Fiquei sabendo que Sue quer que nós tentemos trabalhar neste contrato de edição juntos. Pensei que talvez pudéssemos almoçar e passar por cima de todas as ideias que você possa ter. Ela diz que você é a especialista sobre isso e me aconselhou um bocado a seguir a sua liderança. — ele sorri para mim, mostrando um conjunto completo de dentes na mais perfeita linha reta que já vi.

Silenciosamente me comprometo a matar a Sue na próxima vez que vê-la. A primeira conta que estou realmente animada e fico sobrecarregada com esse cara. Eu sei exatamente por que ela quer que eu trabalhe com Brody. Eu não sou cega. Ele é lindo. Mas ele também é o epítome absoluto de tudo que eu nunca iria querer em um cara. Mas, apesar do fato de que ele é um idiota completo, Brody é um dos melhores no escritório. Se eu tiver que trabalhar com alguém nisso, provavelmente é a melhor opção para aterrar este negócio. Decidindo que um almoço não seria tão ruim, sorrio para ele.

— Ah. Ela esteve aqui esta manhã e não me disse nada. Pensei que eu estava fazendo esta sozinha. Mas sim, com certeza. O almoço seria ótimo. E isso vai retirar algum estresse dos meus ombros, ter outro par de olhos olhando por cima de tudo isso. Deixe-me pegar meu casaco. — eu me viro para pegar o meu casaco, e Brody está logo ali.

— Permita-me. — ele diz, puxando-o das minhas mãos e estendendo-o para mim. Eu me impeço de revirar os olhos e viro. Aparentemente, Brody pensa que só porque nós não falamos muito, eu, de alguma forma, não sei sobre a sua notória reputação ao redor do escritório. Seu “cavalheirismo” não vai me impressionar. Eu não sou idiota. Não mais.

— Obrigada. — eu digo, amarrando o cinto à volta da minha cintura. — Vamos lá.

Nós vamos, na mesma rua, a um pequeno café. Nós dois pedimos cafés e sanduíches, e depois de uma tentativa muito estranha da sua parte para comprar o meu almoço, que eu recusei, é claro, nos sentamos em uma mesa de canto. Eu pego minha bolsa para retirar meu caderno para tomar notas do que discutirmos.

— Então, como você acha que devemos abordar isso? Eu estava pensando apenas em desenhos simples. Realmente ressaltar os autores que já assinaram. Eu li alguns deles. Eles têm uma tonelada de potencial, nas mãos certas. Talvez tentar conseguir alguns nomes grandes para fazer alguns anúncios. Eles realmente não precisam de nada

chamativo. Nós apenas precisamos mostrar seus nomes lá fora, e eu acho que o resto se desenrola.

— Sim, claro. Tudo o que você pensar. — ele olha ao redor da cafeteria, na verdade não parece muito interessado no que eu estou dizendo. — Quer dizer, Sue disse que você é a especialista. Eu falei para ela que eu acho que isso é um grande desperdício de tempo e dinheiro. Ninguém lê mais. Nós deveríamos estar focados em conseguir alguns bons contratos esportivos e talvez um refrigerante. É onde todo o dinheiro está. Mas Sue insistiu que isso seria bom para a empresa. Então, eu só estou aqui para garantir que a nova garota não estrague tudo. — ele ri quando diz esta última parte, como se eu devesse achar o que ele acabou de dizer hilário.

Eu não acho. A última coisa que este mundo precisa é de outra loja de artigos esportivos ou bebida com cafeína para viciar. O que ele acabou de dizer é um excelente exemplo de por que precisamos de mais editoras e livros lá fora. O mundo está ficando estúpido.

Estou prestes a dizer-lhe exatamente o que ele pode fazer com seus artigos esportivos, quando ele se inclina mais perto de mim. — Como é que nós não saímos ainda, Haylee? Você está na empresa por quase um ano agora, e sinto que eu mal a conheço. Devemos corrigir isso. Quer jantar neste fim de semana? — ele põe a mão no meu joelho, esfregando suavemente para frente e para trás.

Eu coloco as minhas mãos sobre a mesa, preparando-me para empurrá-lo e me levantar, quando ouço o sino na porta. Com o canto do meu olho eu pego um vislumbre de cabelos loiros e um perfil que eu nunca pensei que veria novamente. E assim, estou congelada. Eu não consigo respirar. Não consigo me mover. Eu não consigo fazer nada exceto olhar na sua direção.

— Ei. Se importa se eu sentar aqui? — eu olho para o garoto quando ele coloca seus livros em cima da mesa perto de mim. Fico momentaneamente atordoada. A escola começou há alguns meses e ninguém jamais tentou se sentar lá. Sempre tenho a mesa para mim.

Ele sorri para mim quando puxa a cadeira. Eu já o vi algumas vezes este ano. Ele se transferiu para cá há cerca de um mês. Campbell, eu acho que é esse o nome dele. Mas ele não é desta classe. O que ele está fazendo aqui?

Eu decido não responder, apenas empurro o meu livro e bloco de notas um pouco para a esquerda para dar-lhe mais espaço. Imediatamente olho para baixo, para as minhas notas. Nós temos um teste neste período. Eu preciso me sair bem. Minha média precisa ficar perfeita. É meu último ano e eu tenho trabalhado pra caramba para manter minhas notas estelares. Minha bolsa de estudos depende disso. E eu preciso da bolsa de estudos. Eu preciso sair deste lugar.

A campainha toca, e um grupo de estudantes passa pela porta, sem querer chegar tarde. Mas não importa. Sr. Quintana está atrasado. Os outros alunos parecem perceber isso tudo ao mesmo tempo e a conversa começa de novo.

— Então, essa classe é tão difícil como as pessoas dizem que é? — Campbell está olhando para mim quando pergunta isso. Eu olho em volta, esperando encontrar alguém está perto de mim, quem ele está realmente falando. Mas não. Ninguém está lá. Ele sorri para mim de novo, obviamente divertindo-se com a minha confusão.

— Sim, eu estou falando com você. Ouvi que esta classe é muito difícil. Quintana realmente espera que você fale espanhol o tempo todo. Não é permitido Inglês.

Eu limpo minha garganta. — Humm, sim. Sim, é verdade. Ele apenas permite que você fale espanhol em sala de aula. Ele acha que é a melhor maneira de aprender a língua. Então é melhor você aprender a pedir para usar o banheiro rápido. Caso contrário, você vai ter que esperar até depois da aula. Ele não vai deixar você ir se você perguntar em Inglês. Aqui. Deixe-me escrever para você. — eu puxo uma folha de papel do meu caderno.

— Puedo ir al bano? Entendi, na verdade. Eu fiz espanhol na minha última escola. Meu professor agia da mesma maneira. Sr. Q. está certo. Você aprende muito mais assim. É realmente por isso que eu decidi mudar para esta classe. Sabia que seria muito mais fácil de obter um A aqui do que em cerâmica. Essa merda é impossível.

Ele ri do seu último comentário. Quero rir também. Peguei essa classe no último semestre e odiei. Eu tive que escrever alguns artigos sobre artistas famosos para compensar meus menos-que-estelares projetos de cerâmica. Sou inteligente, mas definitivamente não sou artista. Não me atrevo a rir com o seu comentário. Eu não tenho certeza de como ler esse cara. Ele parece legal. Mas eu sei que ele fez amizade com os populares. Pelo que sei, ele pode estar falando comigo como uma espécie de piada em que

ele foi colocado. Então, em vez disso, eu apenas aceno para ele e volto para as minhas notas.

Ele suspira. — Não fala muito, né? Bem, uma vez que este era o único lugar vazio, você está presa comigo pelo resto do semestre. Posso pelo menos saber seu nome?

Eu olho para ele com o canto do meu olho. Por que ele quer saber o meu nome? Ninguém se importa com quem eu sou. Eu sou colega de alguns dos seus amigos toda a minha vida e eu posso contar em uma mão o número de vezes que falaram comigo. O que ele vai fazer?

Ele parece bastante genuíno. Mesmo que não seja, que mal pode fazer ele saber meu nome? Eu me viro para ele. Assim que me viro, o Sr. Quintana entra na sala. Fecho o meu caderno e inclino-me para colocá-lo na minha mochila.

— Haylee. Meu nome é Haylee.

Ele sorri, aquele sorriso ridículo para mim novamente. Sério. Como seus dentes são tão perfeitos? Eu decido odiá-lo tudo de novo quando ele estende a mão.

— Oi, Haylee. Prazer em conhecê-la. Eu sou Campbell.

Eu olho para a mão e de volta até seu rosto. Ele realmente está oferecendo-se para apertar a minha mão? Quem faz isso? Eu olho para baixo, provisoriamente estendendo a mão para pegar a dele. Seus dedos grandes fecham ao redor da minha e espremem delicadamente. Ele se detém por alguns segundos, então eu olho de volta até o seu rosto. Seu olhar está fixo no meu rosto. Quando eu olho nos olhos dele, ele aperta minha mão um pouco mais forte. Eu sinto meu coração batendo no meu peito. Eu quero me afastar, mas seu olhar me paralisa. Eu não consigo desviar o olhar.

De repente há um estrondo da frente da sala. Eu pulo, puxando minha mão da dele e virando para frente. Sr. Quintana está de pé lá, o livro que ele segurava agora caído em sua mesa. — Ok, pessoal, eu sei que eu estou poucos minutos atrasado, mas isso não significa que a aula está cancelada. Fechem seus livros. É hora do teste. — ele esfrega as mãos, como um vilão e dá uma risada maléfica. Merda. Eu não repassei a última página de notas. Como eu pude me deixar distrair? Eu tiro todos os pensamentos do meu novo vizinho da minha cabeça quando o Sr. Q. coloca o teste na minha mesa.

— Haylee. Haylee. HAYLEE! — eu volto da minha memória, vendo Brody inclinando-se sobre a mesa, sacudindo meu ombro, um olhar de preocupação em seu

rosto. Eu olho para a porta de novo, procurando por *ele*. Mas ele está longe de ser visto. Ele estava realmente aqui? Ou era apenas alguém que se parecia com ele? Eu coloco meu rosto em minhas mãos e esfrego minha testa. Já faz um tempo que isso aconteceu. Desde que vi alguém que me lembrou dele e enviou-me profundamente para dentro das minhas memórias. Memórias que eu gostaria de poder esquecer. Pensei que eu tivesse superado tudo isso. Acho que não.

Eu olho de volta para Brody. — Huh, desculpe. Eu, hum, pensei ter visto alguém que eu costumava, uh, conhecer. Acho que fiquei um pouco distraída, tentando ver se era ele. Mas, foi embora. — eu sorrio, tentando ganhar a compostura.

— Você parecia apavorada pra cacete. Eu pensei que você estava tendo algum tipo de ataque ou algo assim. Você não parava de olhar para a porta. Não respondeu a qualquer coisa que eu disse. Assustou-me. — ele diz, olhando para mim em dúvida.

— Desculpe. Eu estava apenas concentrada. Fico assim às vezes quando estou pensando. Totalmente fora do ar. — eu rio, tentando aliviar o clima. Ele não está caindo nessa.

— Sim claro. Olha, vamos voltar para o escritório. Acabei de me lembrar que eu tenho uma reunião em cerca de dez minutos que não posso perder. É para um novo cliente. Na verdade, tenho certeza que Sue esqueceu que me designou para isso também. Eu não sei se vou conseguir assumir mais a editora. Pode ser que me consuma muito. Você precisa de alguém que possa dar-lhe a sua total atenção. — ele se levanta, sem encontrar os meus olhos.

Eu sei que não há nenhuma reunião. E nenhum outro cliente que ele *de repente* se lembrou. Ele acha que eu sou uma lunática. Ou, pelo menos, um pouco desequilibrada. Não posso culpá-lo. Eu sou. E isso significa que posso voltar a trabalhar neste projeto sozinha.

Levanto-me do assento e solto alguns dólares sobre a mesa para o barista. Dou um passo em direção ao Brody e ele imediatamente dá um passo atrás. Eu escondo o meu sorriso. Uau. Meu rosto deve ter realmente o assustado. Pelo menos eu não tenho que me preocupar com ele me chamando para sair de novo. Eu passo por ele. Sobre meu ombro, eu digo: — Vejo você no escritório, Brody. — e sigo em direção à porta. Eu o ouço murmurar algo em resposta. Tenho certeza de que é menos do que lisonjeiro, então eu escolho continuar caminhando, deixando-o de pé perto da mesa.

Não é até que eu saio para a rua que eu me pergunto se talvez *ele* está lá fora esperando por mim. Talvez ele me viu sentada lá, saiu e escolheu esperar que eu saísse. Esperando para me emboscar com perguntas e lembranças dolorosas. Meu coração começa a acelerar conforme considero a ideia. Eu mantenho meus olhos fixos na calçada, apressando meus passos em direção ao escritório.

— Desculpe-me. — eu ouço um homem dizer atrás de mim. Eu nem ao menos viro para olhar. Simplesmente saio, correndo o mais rápido que posso.

Capítulo Cinco

Haylee

Eu mal posso ver através da camada de chuva atualmente escorrendo pelo meu para-brisa. Meus limpadores estão a toda a velocidade, mas ainda não é rápido o suficiente para competir com a chuva torrencial. Eu retardo o meu carro ainda mais. A este ritmo, vai levar a noite toda para chegar ao Ryan.

Quando ele mandou uma mensagem mais cedo, me convidando para vir jogar cartas com ele, Chris e Emma hoje à noite em sua casa, um mal-estar familiar imediatamente começou a afundar. Meu primeiro pensamento era dar uma desculpa. Nós nos encontramos algumas vezes ao longo das últimas semanas: almoço, bebidas, ele ainda fez a excursão comigo à livraria uma vez - algo que eu tenho certeza que ele lamenta agora, percebendo quanto tempo que eu posso gastar em um lugar quando eu estou cercada por livros. Ele sempre me faz rir, e encontro-me desfrutando de sua presença mais e mais. Mas nós sempre nos encontramos em território neutro. Eu não tenho certeza de como me sinto sobre ir à sua casa. Isso parece mais... íntimo.

Então eu sentei ali, olhando para o meu telefone, tentando chegar a uma desculpa plausível que ele realmente acreditasse. Após dez minutos de uma mente em branco, eu joguei meu telefone no sofá ao meu lado e esfreguei as mãos pelo meu rosto.

— Basta ir. — repreendi-me. — Ele sabe das suas intenções. Você deixou isso perfeitamente claro. E você precisa fazer mais amigos. ‘Isso seria um enorme salto em frente na sua recuperação, Haylee’. — eu disse, imitando o meu antigo terapeuta.

Com a mente no lugar, eu rapidamente mandei uma mensagem de volta para Ryan, dizendo que eu estaria lá dentro de uma hora e fui para o meu quarto para me arrumar.

Agora, nem mesmo estou no meio do caminho e pega no meio do furacão louco, eu estou me chutando. Isto é o que eu recebo por tentar ser normal. Eu provavelmente serei arrastada em uma enchente. Eles vão encontrar o meu corpo trinta e dois quilômetros rio

abaixo, provavelmente sendo comido por corvos. Eu rio com o pensamento sombrio. Tanto para esta noite ser um salto para frente. Rá.

Depois de mais dez minutos, a chuva parece estar caindo ainda mais forte. Eu decido que eu não posso ir mais longe, encosto e ligo para Ryan.

Ele responde no primeiro toque. — Ei. Onde você está? Está chovendo demais lá fora.

— Conte-me mais sobre isso. — eu zombo.

— Você está quase aqui?

— Eu não faço ideia. Eu estou parada na sarjeta em alguma maldita rua que eu sequer conheço. Eu não consigo ver através do para-brisas. Achei que seria mais seguro.

— Bem, você não pode ficar aí. Isto deve durar a noite inteira. Diga-me o que está ao seu redor.

— Por quê? Você vai vir me salvar de novo? Você toma essa merda de cavaleiro-de-armadura-brilhante a sério, não é?

— Cale a boca, Haylee. Diga-me onde você está.

Eu suspiro. — Eu te disse. Eu não sei. Acho que vejo um posto de gasolina a poucos quilômetros na estrada. Não posso dizer o que é apesar de tudo.

— Bem, por que você não dirige até lá e me diz? Lentamente, é claro.

— Eu já liguei o carro. Nossa. Eu não sou idiota.

— Não disse que você era. Nossa para você.

Eu rolo meus olhos. Eu sei que ele está apenas brincando. Mas eu odeio estar em lugares estranhos sozinha. Eu posso sentir a ansiedade se construindo no meu peito. Eu nunca deveria ter deixado minha casa esta noite.

Como se sentindo minha inquietação, Ryan interrompe meus pensamentos. — Vá devagar, Haylee. Mantenha o trajeto. Você pode simplesmente encostar no posto de gasolina. Respire fundo.

É só então, que percebo como estou respirando com dificuldade. Um estrondo do trovão soa em torno de mim e eu grito.

Ele dá uma risada suave. — Você está bem. Quanto falta? Fale comigo.

Eu limpo minha garganta. Percebendo que ele provavelmente pensa que eu sou ridícula por ter medo de uma tempestade, eu tento falar com uma voz firme. — Eu estou estacionando agora. É um Chevron. E há um Burger King no interior.

— Ok. Eu sei onde você está. Você não está longe, na verdade. Vá e tome uma xícara de café. Basta ficar lá. Eu estarei aí em dez minutos.

Agora que eu estou cercada por luz, minha respiração fica mais lenta e minha cabeça limpa. Eu não acredito que eu estava à beira de um ataque de pânico por causa de uma tempestade.

— Isso é bobagem, Ryan. Eu estacionei porque era perigoso. A chuva está vindo com tanta força que você não pode enxergar para dirigir. Não há nenhuma razão para que você se ponha em perigo para me vir buscar. Eu vou ficar bem aqui até ela passar.

— Eu não vou te deixar em um posto de gasolina a noite toda. E acredite em mim, eu dirigi através de coisa pior. Agora vá para dentro. Eu já estou indo.

Ele deve ter aberto a porta, porque eu posso ouvir o som da chuva que vem através do telefone agora. Percebendo que eu não vou ser capaz de convencê-lo, eu cedo.

— Bem. Vejo você em alguns minutos. Dirija devagar! — eu exijo. Eu nunca me perdoaria se ele fosse ferido tentando me vir buscar.

— Não se preocupe. Agora vá para dentro.

Ambos desligamos e eu pego minha bolsa. Olhando pela janela para a chuva caindo sobre o asfalto, eu tento julgar quanto molhada eu vou ficar no caminho do meu carro até a porta. Penso apenas esperar no carro por Ryan, mas eu preciso fazer xixi.

Tomo algumas respirações profundas, eu tenazmente escancaro a porta do carro. Corro para a porta da frente, abrindo-a com um barulho de sinos e sapatos rangendo.

O caixa chicoteia a cabeça com a minha entrada. — Cara.

Ignorando-o, eu ando em direção ao banheiro. Eu faço uma rápida avaliação de mim no espelho. Nada mal. O cabelo está um pouco crespo, mas manejável. Corro os dedos por ele e depois entro em uma cabine.

Poucos minutos depois, eu saio do banheiro, enxugando as mãos em uma toalha de papel. Ryan está de pé no balcão, entregando ao caixa uma conta. Ele se vira e me entrega um dos copos de café em suas mãos.

— Obrigada. Você chegou aqui rápido.

Ele acena uma mão. — Está mal chovendo lá fora.

Apoiando-me em torno dele, eu olho para fora da porta e vejo a chuva caindo tão forte como estava antes.

— Verdade. Garoando.

Ele ri. — Você está pronta para ir?

Eu aceno, e ele abre a porta para mim. — Eu trouxe a caminhonete do Chris. — diz ele, apontando para a caminhonete vermelha da noite que nos conhecemos.

Eu corro para a porta do passageiro e me jogo na cabine. Ryan não está sequer na metade do caminho para o carro no momento em que eu me viro para olhar para ele.

Ele está encharcado quando ele entra. Eu balanço a cabeça para ele.

— O quê? É apenas chuva. Um pouco de água não faz mal a ninguém. — diz ele, e, em seguida, ele balança a cabeça molhada respingando em mim.

A água espirra em toda a cabine da caminhonete. De brincadeira lhe dou um tapa no ombro. — Idiota.

— Você já estava molhada. Você vai secar. — ele responde com indiferença.

Cruzo os braços e viro para frente no meu assento. Eu transformo meu lábio inferior em um beicinho.

— Ahh, coitadinha. Eu vou dar-lhe uma camiseta para trocar quando chegarmos na minha casa. Isso faz você se sentir melhor?

— Não. — eu digo teimosamente, mas eu sou incapaz de evitar o sorriso que levanta os cantos da minha boca.

— Eu vi isso. — ele ri, colocando a marcha ré na caminhonete.

Demora menos de cinco minutos para chegar na casa dele. Agora me sinto ainda mais estúpida por fazê-lo vir me buscar. Eu poderia ter continuado. Decidindo que não vale a pena o argumento, eu apenas o sigo para dentro, ficando ainda mais encharcada no processo.

Chris e Emma estão aconchegados no sofá, assistindo *Clube dos Cinco*. Eu olho para Ryan.

— Sério? Você tinha que dizer a eles?

— Eu não lhes disse nada. Eles colocaram isso depois que eu saí.

Emma fala. — O Clube dos Cinco? É o meu favorito. John Bender é um sonho.

Chris zomba ofendido com isso e ela ri. — Desculpe, querido. Há apenas algo sobre um bad boy reformado.

Eu ri. — Eu literalmente disse essas palavras exatas para Ryan na outra noite.

Ela olha para mim e depois para Chris. — Viu, ela sabe. As mulheres não podem resistir a eles. Afaste mais para que ela possa se sentar. — ela diz a ele, empurrando-lhe as pernas.

— Eu estou toda encharcada. Eu não quero deixar o sofá molhado. — eu digo, balançando a cabeça.

Ryan interfere. — Venha comigo. Eu vou conseguir para você algumas roupas secas.

Eu o sigo. Quando ele empurra para abrir uma porta e entra no que deve ser seu quarto, eu paro no batente da porta. Eu não vou segui-lo lá dentro.

Ele volta para o corredor com uma camiseta branca e alguns shorts de ginástica. — Estes serão muito grandes, mas o short tem um cordão que você pode apertar o suficiente. A secadora está atrás da porta do armário no banheiro. Você pode jogar suas roupas lá dentro.

Eu não tenho certeza se estou confortável vestindo as roupas dele. Há algo incrivelmente íntimo sobre isso. Namoradas usam roupas de um homem. Mas eu também não quero me sentar com estas roupas molhadas o resto da noite. Eu já estou congelando. Decidindo não pensar muito sobre isso, eu vou para o banheiro e rapidamente me dispo.

Há uma toalha de mão pendurada em um armário que parece limpa. Eu a agarro, e me seco o melhor que posso com a pequena toalha. Agarrando o short, eu percebo que eu não tenho nada para colocar por baixo dele.

Eu olho para a minha calcinha no chão. Ela não está tão encharcada como o resto das minhas roupas, mas ela ainda está úmida. E incrivelmente desconfortável. Mas eu realmente não quero ficar na frente de três estranhos sem ela.

Eu mordo meu lábio. Ah, dane-se. Eu coloco o short e jogo a camisa sobre a minha cabeça. Agradeço a Deus pelos meus pequenos peitos. Eles provavelmente não vão perceber a minha falta de um sutiã.

Eu lanço minhas roupas na secadora e coloco na configuração mais alta. Eu quero voltar para minha própria roupa, logo que possível.

Eu vou para o corredor e Ryan está voltando do seu quarto, esfregando uma toalha sobre seu cabelo. Ele realmente tomou banho durante esse tempo?

Ele deve ler a pergunta em minha expressão chocada, porque ele dá de ombros e diz: — Você aprende a fazer as coisas rápidas nas forças armadas. Agora vamos lá, antes que Chris se esqueça que estamos aqui e comece a tentar seduzir Emma. Não é bonito, confie em mim.

— Ouvi isso. — Chris grita da sala de estar.

— Bom. Era para você ouvir.

Eu rio e o sigo de volta para a sala de estar. Ryan puxa uma cadeira da mesa de jogo no centro da sala, gesticulando para eu sentar. Chris e Emma se deslocam para se juntar a nós.

— Então. — diz Chris, esfregando as mãos maliciosamente. — O que devemos jogar primeiro?

— Nuh uh. — diz Ryan. — Nós não jogaremos qualquer coisa que você queira jogar. Você trapaceia.

— Eu não! Como se atreve a manchar minha reputação ilibada?

— Você faz. E você é um terrível trapaceiro. Você é sempre pego.

— Uma ova. Ele está mentindo, baby. Eu nunca faria isso. — ele murmura para Emma, dando-lhe um beijo na bochecha. Ela sorri para ele.

Ugh. Estes dois são piores do que Amanda e Justin. Mas é difícil ressentir da felicidade deles. Eles são tão bonitinhos.

Mas quando seus lábios viajam acima de sua mandíbula até a boca, eu decido que é fofura suficiente por agora. Eu tusso alto. — Que tal mentira?

— Eu não trapaceio. Não é mentira. — diz Chris, jogando os braços no ar.

— Não. — eu rio. — Mentira é um jogo de cartas. Vocês nunca jogaram? — eu olho em volta para os três, e todos eles negam com a cabeça.

— Oh meu Deus. Dá o baralho. — eu digo, apontando para as cartas.

— Tudo bem. — eu digo, enquanto embaralho. — O objetivo do jogo é se livrar de todas as cartas na mão. Começamos com os ases. Você baixa todos os ases na sua mão. Se você não tem nenhum, você ainda tenta se livrar de uma carta. Você só espera que alguém não esteja segurando cartas que pode pegar seu blefe. Se eles fizerem isso, você tem que pegar todas as cartas na pilha. — eu olho para os rostos confusos. — Nós vamos fazer uma rodada prática.

Depois de algumas voltas ao redor da mesa, eles parecem pegar o jeito. Chris especialmente. Sua teatralidade, cada vez que um de nós põe as cartas, quebra todos nós.

— Dois seis. — diz Ryan quando ele coloca duas cartas de face para baixo sobre a mesa.

Chris olha para as suas cartas e sorri para Ryan. — Mentiirrrrrrrraaaaaa. — ele canta em um tom dramático. Ele se levanta de sua cadeira e se move por trás de Ryan. — Mentira, mentira, mentira. — ele canta, bem no ouvido de Ryan. — Mentira, Cabo. Você é tão. Cheio. De. Merda.

Ryan apenas revira os olhos e pega as cartas no meio da mesa. Chris ri como uma menina e bate palmas enquanto ele volta ao seu lugar. — Sua vez, baby. — diz ele, virando-se para Emma.

O jogo continua por mais uma hora ou assim, Chris, proporcionando o alívio cômico o tempo todo. Após algumas vezes de ser vítima de Chris, Ryan começa a dar o troco nele. Quando o jogo acaba, meus lados doem de tanto rir. Emma se mudou para o outro lado de Chris, nós duas estamos debruçadas sobre os nossos lugares, segurando uma a outra para não cair de nossas cadeiras.

Chris perde o combate, porque tão bom quanto ele é em pegar na mentira, ele é ainda pior mentindo. Ele joga suas cartas sobre a mesa.

— Eu só quero que todos vocês saibam que eu deixei vocês ganharem. Minha mãe sempre disse que cavalheiros sempre deixam as damas ganharem. — diz ele, dando a Ryan um olhar aguçado. Ryan mostra o dedo médio em resposta.

— Não, obrigado. Eu tenho melhores opções. — diz Chris, puxando Emma de sua cadeira até o sofá. Eles caem lá, Emma no colo de Chris.

Ryan e eu limpamos o jogo e dobramos a mesa e cadeiras. Depois que tudo é posto de lado, vamos nos juntar a eles no sofá. Eu despenco no sofá do lado do Chris, e Ryan se senta no outro. Emma imediatamente se move do colo de Chris para se espremer entre nós dois. — Vamos recomeçar o filme. — ela bate palmas.

Ela e eu passamos o filme inteiro discutindo o brilhantismo do John Hughes. Ela é tão obcecada com os filmes dele quanto eu. No meio da discussão do nosso sonho de infância mútuo de John Cusack aparecendo fora da janela do nosso quarto com um aparelho de som, Chris cutuca Ryan.

— Mulheres, cara. Jogue uma cantada brega e elas são suas para sempre. É muito fácil.

Emma olha irritada para Chris. — Com licença? Diz o cara que pensa que romance é acariciar a minha bunda e me chamar de baby. Só uma vez, eu gostaria de ver um cara que estivesse disposto a ir ao extremo para me mostrar o quanto eu significo para ele. Em vez disso, estou presa com este idiota misógino.

Chris parece genuinamente chocado. — Baby - quer dizer, Emma - eu estava apenas brincando. Você sabe como me sinto sobre você. — ele tenta puxá-la de volta para o seu colo, mas ela resiste.

— Eu sei. Ainda seria bom saber que eu valho a pena o esforço extra.

Todo o humor drena do rosto de Chris e eu posso praticamente ver os pensamentos que voam ao redor da sua cabeça. Ele puxa o braço de Emma de novo, e desta vez ela aquiesce. Ela enfia-se ao seu lado enquanto ele joga um braço em volta dos seus ombros. Os dois estão estranhamente silenciosos.

Eu olho por cima das suas cabeças, para o Ryan. Bem, isso foi estranho. Eu tenho certeza que nós acabamos de testemunhar a primeira discussão deles, por menor que ele tenha sido. Nós compartilhamos um olhar perplexo, sem saber o que fazer a seguir. O silêncio constrangedor paira no ar por vários minutos. Finalmente, Ryan dá de ombros e estica os braços sobre a cabeça.

— É depois da meia-noite, cara. — ele diz para Chris. — Nós precisamos ir para a cama. Tenho que acordar cedo amanhã. O Sargento nos quer lá para a formação às oito.

Levanto imediatamente para pegar a minha bolsa, então lembro que meu carro não está aqui. Fiquei tão distraída hoje à noite, que esqueci completamente da tempestade. Agora que está quieto, eu posso ouvir a chuva ainda batendo no telhado. Eu olho para Ryan, me perguntando se ele vai me dar uma carona de volta para o meu carro ou se ele espera que eu ande.

— Vocês, meninas, dormem aqui hoje à noite. — ele diz, apontando para o sofá. — Ele abre. Vou te dar uma carona de volta para o seu carro na parte da manhã, Haylee. Eu não quero que você dirija com esse tempo.

Eu abro a minha boca para protestar quando o rosto de Emma se ilumina. — Festa do pijama! — ela grita. — Nenhum menino permitido! — ela empurra Chris, o forçando a levantar do sofá. Quando ele se levanta, ela vira a atenção para Ryan. — Você também. Vámonos!

Ryan dá um sorriso divertido para ela e levanta. — Chris, sua mulher pensa que é dona do lugar. Faça algo sobre isso, está bom?

Chris sorri fracamente. O olhar distraído ainda está presente em seus olhos. — O que é meu é dela. — ele diz a Ryan.

Ryan geme. Jogando os braços em volta do pescoço do Chris, e arrasta-o da sala. — Boa noite, senhoras. — ele diz por cima do ombro.

Emma passa os próximos poucos minutos me mostrando onde estão as escovas de dente extras e outras necessidades. Ela, obviamente, ficou aqui antes. E Ryan e Chris esperam ter um grande número de visitantes, ou eles têm um sério problema de acumulação. Há mais ou menos uma centena de escovas de dentes no armário. Eu digo isso para Emma e ela ri.

— Eles se tornaram recentemente membros da Costco⁵. Não - eu repito, não - seja enganada em ir lá com eles. Você pode não conseguir sair viva. Eu acho que eles já compraram metade da maldita loja. E sempre que eu pergunto por que eles precisam de um zilhão de garrafas de água e cinco mil escovas de dentes, eles simplesmente dizem: 'Você nunca sabe o que pode acontecer, Emma. Algum dia você ficará feliz que comprou cinco mil escovas de dentes'. — ela diz com uma voz profunda, as mãos nos quadris.

⁵ Loja de varejo americana.

Eu rio da sua imitação dos caras. Ela se inclina e me bate com o ombro e nós compartilhamos um sorriso. Voltando para a sala de estar, desdobramos o sofá e nos acomodamos. Realmente parece uma festa do pijama de quando éramos crianças. Pelo menos, o que eu imagino de uma festa do pijama, você sabe, se eu tivesse sido convidada para uma.

— Verdade ou Consequência? — Emma pergunta na escuridão.

— O quê? — eu pergunto, incrédula.

— Oh, vamos lá. Você conhece essa. Verdade ou Consequência?

Eu reflito sobre a questão. Quão triste é que esta seja a primeira vez que eu realmente jogo este jogo? Eu não tenho certeza do que esperar. Timidamente, eu respondo: — Hum, verdade.

Emma fica em silêncio por alguns instantes. Eu começo a entrar em pânico. E se ela perguntar algo que eu não quero responder? Eu mal conheço essa garota. Quão pessoal é este jogo? Eu começo a dizer a ela que eu quero mudar para consequência quando ela fala.

— Qual é a sua cor favorita?

Alívio inunda meu peito e eu exalo audivelmente. — Azul.

— Ok, minha vez. Pergunte.

— Verdade ou Consequência?

— Consequência.

Eu tenho um branco. O que diabos eu deveria desafiar esta menina a fazer depois da meia-noite em uma casa desconhecida? — Uhh...

— Desafie-me a ir para o quarto do Chris. Desafie-me ir lá e dar-lhe um beijo de boa noite. — sua voz é quase suplicante.

— Hum, está bem. Eu desafio você a ir dar um beijo de boa noite no Chris.

Ela pula para fora do sofá e marcha para o quarto dele. Eu ouço sua voz confusa quando ela entra no quarto dele.

— Emma? Você está bem?

— Sim. Eu tenho que fazer isso. Haylee me desafiou. — eles ficam em silêncio por um longo momento. Então, muito abafado, ouço Emma dizer: — Boa noite, Chris.

— Noite, Em. Eu te amo.

Ela está de volta na sala de estar neste momento, rastejando de volta para o sofá ao meu lado. — Eu também te amo. — ela diz baixinho. Mas eu sei que ele ouve porque eu ouço o suspiro de alívio que escapa dos seus lábios quando ele se levanta e fecha a porta do quarto.

— Obrigada. Eu sabia que nunca conseguiria dormir sabendo que ele estava chateado. Mas eu sou teimosa. — eu a sinto dar de ombros ao meu lado. Eu rio baixinho.

— Verdade ou Consequência? — ela pergunta novamente.

Eu pensei que ela ia querer dormir depois disso, mas acho que não. — Verdade.

— Covarde.

Eu gargalho alto e imediatamente coloco as mãos sobre a minha boca. Merda. Espero que não tenha acordado o Ryan.

— Não se preocupe. Esse cara pode dormir com um trem de carga atravessando seu quarto. Ele literalmente dormiu durante um terremoto, de acordo com Chris.

Refletindo sobre como os detalhes dessa história aconteceram, meus pensamentos são interrompidos quando Emma pergunta: — Alguma vez você já se apaixonou?

Meu coração cai e meu sangue corre frio. Depois da sua primeira pergunta, eu não estava esperando isso. — Não. — eu respondo rápido.

Emma suspira. — Alguns dias eu queria poder dizer o mesmo. Não me interprete mal. Eu amo o Chris. Mais do que eu alguma vez imaginei ser possível. Mas é difícil, sabe?

Eu fico em silêncio. Ela não tem ideia das atrocidades que ‘amar’ pode trazer.

— Eu sei que nós só estamos namorando por pouco tempo, mas ele é diferente. Ele me faz sentir coisas que eu nunca senti antes. E quando eu não estou com ele, ele é tudo que consigo pensar. Ele é tudo para mim. Eu sei disso. Nunca tive tanta certeza de nada na minha vida.

Ela parece tão feliz quando fala sobre ele, e eu tenho que perguntar: — Então qual é o problema? Não soa difícil para mim. Você não está realmente chateada com aquela briguinha de mais cedo, não é?

— Pfft, não. — ela acena com a mão. — Eu estava apenas pegando no pé dele. Chris não é um tipo de cara de grandes-gestos-românticos. Mas eu sei que ele me ama. Eu não tinha ideia que ele levaria para o lado pessoal.

— Então o que é?

— O que eu vou fazer quando ele se for, Haylee? — ela pergunta, o desespero evidente na sua voz.

— For? Emma, você tem um longo tempo antes que você tenha que começar a se preocupar com isso. Ele não tem nem mesmo vinte e cinco.

— Oh, Deus. Eu não quero dizer quando ele estiver morto. Jesus, nem sequer fale sobre isso. — ela diz com uma voz em pânico. — Quero dizer, como vou sobreviver quando ele estiver em combate? Eles saem em duas semanas.

Meu coração afunda novamente. Ryan vai embora em duas semanas? Eu sei que ele disse que tinha outra missão chegando em breve, mas eu não tinha ideia do que era *esse* em breve. Um milhão de perguntas começam a correr pela minha cabeça, mas eu me obrigo a me concentrar em Emma.

— Ele tem sido meu mundo inteiro nestes últimos meses. Eu não sei o que vou fazer. Como posso dormir, sabendo que ele está do outro lado do mundo? Sem saber o que ele está fazendo. Sem saber se ele está bem.

Ela fica em silêncio por alguns momentos. Quando ela fala novamente, há um novo tom em sua voz. Determinado. Esperançoso.

— Mas então, eu me digo como estou sendo estúpida. Egoísta. Quão sortuda eu sou? Eu tenho esse cara incrível que me ama. E que ama o seu país. Eu sei o quanto seu trabalho é importante para ele. Ele ama o que faz. E aqui estou eu, me preocupando com o que eu vou fazer com o meu tempo enquanto ele está lá fora.

Eu a interrompo. — Suas preocupações são válidas, Emma. Tenho certeza de que todos os casais militares passam pelo mesmo. Nem imagino ter que me perguntar se quem eu amo vai voltar para casa, para mim. O pensamento é aterrorizante.

Ela se aconchega mais perto de mim. — Eu já não consigo dormir por pensar sobre isso. Eu vou ser um caso perdido quando ele realmente se for.

Eu sou a última pessoa que deveria estar oferecendo conselhos sobre relacionamentos, mas eu quero tranquilizá-la. Eu não gosto de ver essa garota

normalmente feliz, otimista, assim... tão para baixo. Eu tento pensar no que Amanda diria a ela se estivesse aqui.

— Você vai ficar bem. E ele também. Ele te ama. É óbvio pela maneira como ele olha para você. Ele estará de volta antes que você perceba, e vocês viverão felizes para sempre. Eu só sei isso. E nesse meio tempo, você pode sair comigo. E Amanda. Nós duas, devemos ser capazes de tirar a sua mente da ida temporária do Chris. — eu bato levemente no seu braço, tranquilizando.

Ela joga o braço sobre mim e me abraça. — Obrigada, Haylee. Eu já posso dizer que vamos ser grandes amigas.

E por todas as nossas diferenças e sua estranheza, eu não posso deixar de concordar. Algo sobre essa garota simplesmente atrai você. É impossível não amá-la. Assim como Chris. Eles realmente são perfeitos um para o outro. — Eu também, Em. Agora vamos dormir um pouco.

— Levantem, senhoras!

Eu rolo o mais longe possível da voz. Quando topo com outro corpo, eu me lembro onde estou. Emma enrola em uma bola, uma carranca no rosto. — Vá embora.

— Agora. Não há necessidade de ser rude. Não é nossa culpa que vocês duas não sabem como ir dormir quando vocês deveriam. — diz a voz com um tsc.

Viro em direção a ela, a necessidade de saber quem é o nosso algoz. Chris. Claro. Ele caminha para do lado de Emma do sofá dobrável, puxando-a em seus braços.

— Acorde, linda. — ele beija seu rosto. — Por mais que eu odeie deixá-la, temos que chegar à base. E eu preciso levá-la para casa. Agora vista o seu bumbum lindo para que possamos ir. Eu vou ter o seu café pronto quando você voltar. — ele coloca-a no chão e ela foge em direção ao banheiro. Na verdade, corre.

Puxo o cobertor por cima da minha cabeça. É cedo pra caramba para essas pessoas. Ouço os passos do Chris se movendo no chão, e eu acho que, apenas talvez, ele vai me deixar em paz. Eu fecho os meus olhos, pensando que se eu conseguir apenas dez minutos a mais, eu vou estar pronta.

Eu posso me sentir cochilar. No meu torpor meio adormecido, posso ouvir vagamente os sons de armários sendo abertos e fechados na cozinha. Chris deve estar fazendo o café. Ótimo. Ele estará pronto depois que eu cochilar.

Sem aviso, saio violentamente da minha neblina. Pulando do sofá, meus olhos passam em torno da sala, tentando dar sentido à situação. Chris está encostado no batente da porta da cozinha, uma lata na mão.

— O que diabos foi isso? — eu ofego.

Ele levanta a lata. — Você, obviamente, precisava de um pouco de motivação. — ele aperta novamente o botão na parte dianteira. O ruído mais atroz soa dele.

— Uma buzina de ar comprimido? Você está falando sério?

— Funcionou, não é?

— Eu te odeio.

Ele só sorri em resposta.

Ryan entra na sala em seguida. — Não seja um babaca, Chris. Guarde isso.

Minhas mãos voam para o meu cabelo, tentando alisá-lo da melhor forma possível. Eu sou um desastre quando acordo. Eu abaixo a minha cabeça e corro em direção ao banheiro, pronta para derrubar a porta até que Emma me deixe entrar.

Ela abre a porta na hora que eu a alcanço. Eu passo por ela. Pego minhas roupas da secadora e troco rapidamente. Só então arrisco olhar no espelho.

Jesus. Está ainda pior do que o normal. Meu cabelo castanho espesso está quase espetado para cima na parte de trás, e cada camada está lançando em uma direção diferente. Perfeito.

Eu encontro uma escova de cabelo em uma das gavetas e passo pelo meu cabelo. Ainda está uma bagunça, mas pelo menos ele não está mais apontando para cima. Colocando-o atrás das minhas orelhas, rapidamente escovo meus dentes com a escova que eu usei ontem à noite. Volto para a sala de estar para encontrar os três sentados no sofá, agora fechado.

Ryan aponta para a cozinha. — O café está no balcão. Emma deixou o creme e açúcar fora para você. Espero que seja algo que você goste. Nós só temos por causa da Emma. Chris e eu somos caras negros.

Eu balanço a minha cabeça para ele. Percebendo o que ele disse, ele ri. — Bem, obviamente não somos caras *negros*. Com certeza, Chris é a pessoa mais branca do planeta. Ele praticamente brilha no escuro. NASA relatou vê-lo do espaço na sua última missão.

Chris não diz nada a esse respeito. Com seus cabelos loiros e pele pálida, eu estou supondo que ele está acostumado a essas pequenas provocações. Eu me pergunto como ele sobrevive ao calor e ao sol no Oriente Médio.

Nós bebemos nosso café em silêncio. Os caras parecem alertas e prontos para enfrentar o dia, mas Emma parece tão desanimada quanto eu. Eu sou grata pelos poucos minutos de silêncio para tentar acordar.

Chris é o primeiro a quebrar o silêncio. — Pronto, baby? É melhor ir andando. — ele dá um tapinha no joelho dela. Com a sua concordância, ele leva as duas canecas para a pia. — Vejo você lá, Porter. — ele acena para Ryan.

A porta se fecha atrás deles e eu pergunto: — Vocês não vão juntos?

— Normalmente. Mas ele vai levar a Emma para casa, e eu tenho que levá-la de volta para o seu carro. Nós concordamos que seria melhor apenas nos encontrarmos na base hoje.

— Ah. — eu me sinto culpada por tirá-lo da sua rotina. Eu já fui inconveniente o suficiente. — Não é realmente muito longe do posto de gasolina. Eu posso chegar lá. Vá com eles.

— Ainda está chovendo lá fora. E mesmo se não estivesse, eu não vou deixar você caminhar de volta para o seu carro tão cedo. Não é nada demais. Realmente. — ele sorri para mim. Gah, aquele sorriso.

— Tudo bem. Bem, vamos lá então. Eu não quero atrasá-lo.

Ele rapidamente verifica a casa, certificando-se que a cafeteira está desligada e tudo está pronto para o dia. Não é até que estamos saindo pela porta da frente que eu quero saber como vamos a qualquer lugar. Pelo que sei, eles só têm a caminhonete de Chris.

Ele caminha de volta para uma garagem individual e levanta a porta. Um carro velho está dentro. Eu não tenho ideia de que tipo é, mas posso dizer que ele é muito amado.

— Isso é seu? — eu pergunto estupidamente.

Ele balança a cabeça. — Chris e eu passamos anos restaurando. Começamos durante o ensino médio e trabalhávamos nele sempre que estávamos em casa de licença. Finalmente, conseguimos concluir no ano passado.

É impressionante. O exterior é pintado de um azul metálico. Listras pretas partem dos lados do capô. A capota, atualmente fechada, permite deduzir que é um conversível, e fico instantaneamente pesarosa pela chuva. O pensamento do vento soprando no meu cabelo enquanto ando neste carro é emocionante.

Eu sento no banco do passageiro e olho para o interior. É tão bonito como o exterior. Possui apenas dois lugares, nenhum banco de trás para mencionar. Couro preto cobre os assentos. O traço brilha sob a luz do teto. Um par de dados de pelúcia pendurado no espelho retrovisor. Eu os balanço. — Realmente? Isso não é um pouco... clichê? — eu rio.

Ele dá aquele sorriso ridículo para mim novamente. — Este carro é um clássico. Carros clássicos *precisam* de dados de pelúcia. Todo mundo sabe disso.

Eu reviro os meus olhos quando ele liga o carro. Eu não me considero uma fanática por carros, mas até eu fico animada com o som do motor. — Está bem. Você *tem* que me levar para um passeio neste. Quando não estiver chovendo. E por mais tempo do que para o posto de gasolina.

Ele ri. — Combinado. Vamos fazer isso algum dia.

Lembrando as palavras de Emma ontem à noite, eu pergunto: — Antes de você ir? — minha voz soa mais triste do que eu pretendia.

O sorriso dele cai. — Ah. Eu ia te dizer. Devia saber que Emma mencionaria. Desculpe.

— Está tudo bem. Não se preocupe. — eu tento dizer indiferente.

— Eu não estava tentando esconder nada de você. Só não tinha certeza de como incluir na conversa.

— Realmente, está tudo bem. Não é como se estivéssemos namorando ou nada. Quem se importa como eu descobri? Nós somos apenas amigos.

— Certo. — ele diz, com um olhar triste no rosto.

Viro-me e olho diretamente para o para-brisas. Eu não tenho certeza de como interpretar seu tom de voz, mas o restante dele parece tenso.

Poucos minutos depois, ele para ao lado do meu carro. Eu remexo por um minuto, sem saber o que devo dizer. Ele me poupa o trabalho.

— Obrigado por vir na noite passada. Foi muito divertido. — o tom tenso ainda é evidente em sua voz.

Eu assinto. — Obrigada por me salvar. Mais uma vez. E... boa sorte. Lá.

Confusão nubla sua expressão. — Eu só vou daqui duas semanas, Haylee. Eu vou te ver antes disso.

Alívio me inunda. Eu não tinha percebido como estava preocupada até aquele momento, que tivesse dito ou feito algo errado. Que ele iria embora e eu nunca o veria novamente.

— Na verdade, provavelmente vamos ficar na base apenas por algumas horas hoje. Apenas algumas coisas de treinamento. Quer me encontrar depois? Talvez almoçar?

Dizer sim pode enviar a mensagem errada depois de passar toda a noite com ele. Amigos normalmente não passam tanto tempo juntos, não é? Especialmente quando ainda estão começando a conhecer um ao outro?

Eu olho para o rosto sorridente de Ryan e decido que eu não me importo. Como eu disse, ele sabe onde eu estou. E não há nada que eu mais prefira fazer do que passar o dia com ele. Eu sorrio de volta para ele. — Certo. Apenas me ligue quando você tiver terminado e podemos combinar algo.

Seu sorriso fica mais amplo. Ele observa quando procuro pela maçaneta da porta. Quando finalmente encontro a coisa estúpida, abro a porta e saio. Inclinando-me para trás, eu sorrio para ele. — Até logo.

— Tchau, Haylee. — um canto da sua boca se levanta em um sorriso. Eu empurro a porta e viro para entrar no meu carro. Ele espera até que eu esteja dentro e ligue o motor antes de sair da sua vaga de estacionamento. Eu assisto o seu carro acelerar na estrada no meu espelho retrovisor.

Depois que seu carro desaparece, eu pego um vislumbre de mim mesma no espelho. O sorriso no rosto é idêntico ao que ele acabou de dar no esportivo. Um sentimento acumula-se no meu peito. Algo que eu não sentia há muito tempo. Esperança. Isso me assusta e me anima ao mesmo tempo. Tomando uma respiração, eu coloco o meu carro em marcha ré e volto para o meu apartamento.

O sentimento não desaparece. Quando paro na minha vaga de estacionamento fora do complexo, memórias apagaram qualquer euforia que estive sentindo. Porque a última vez que tive esse sentimento, a última vez que eu me permiti ter esperança, meu mundo desabou.

Capítulo Seis

Ryan

— Por um minuto, pensei que você ia chorar lá fora, maricas.

Joey Roberts acerta na bunda de Chris com a toalha. Chris salta e esfrega o local dolorido com a palma da mão. Eu arranco minha camisa sobre a cabeça e reviro os olhos para o que está prestes a acontecer. Estes dois vivem provocando um ao outro.

— Só um pouco cansado hoje, só isso. Sua mãe não me deixou dormir na noite passada. — Chris joga de volta para ele. Roberts ataca com sua toalha molhada novamente, mas desta vez Chris está esperando por isso e pula para fora do caminho. — Cristo. Agora eu vejo de onde sua mãe tirou seu lado pervertido. Ela gosta de chicotes também.

Joey atira a toalha no rosto de Chris. É um testemunho do quão cansados já estamos que ele não retruca. Em vez disso, ele se senta no banco e tira suas botas.

Os treinos desta manhã foram brutais. O Sargento arrastou nossas bundas no chão. Temos duas semanas até voltarmos, e ele quer ter certeza de que estamos prontos. Como qualquer um de nós, na verdade, nunca nos permitimos ficar fora de forma. Todos nós gostamos de provocar o Chris, mas ele é tão dedicado como o resto de nós.

Chris acaba de se vestir e estatela-se perto de mim. — O que faremos hoje?

Tudo o que eu quero fazer é ir para casa e dormir por cerca de 48 horas. Eu começo a dizer isso quando ele me interrompe. — Emma estava pensando em voltar. Eu acho que sua colega de quarto é uma cadela. Não dá a mínima para quando Emma está tentando fazer lição de casa. Sempre tem pessoas indo e vindo. E Em, tem um trabalho para entregar segunda-feira. Ela precisa de um pouco de paz e tranquilidade para fazê-lo.

Sua menção de Emma me lembra da minha conversa com Haylee esta manhã. Eu disse a ela que a encontraria depois do treino. Meu ânimo levantou um pouco. Eu estou cansado pra cacete, mas vê-la, definitivamente, vai iluminar o meu dia.

— Isso é legal. Mas, duvido que ela vá ter muita paz e tranquilidade com você por perto. Vou almoçar com a Haylee. Vocês dois podem ficar com o lugar para vocês.

Chris sorri diabolicamente. Eu suspiro. — Basta ficar fora do meu quarto, cara. Eu não preciso dessa imagem mental quando eu for tentar dormir esta noite.

Ele ri. — Não se preocupe, cara. Sabe lá Deus o que tem nos seus lençóis.

Ele se levanta e me bate no ombro. — Vejo você à noite.

Eu termino de amarrar meus sapatos e vou até meu carro. A chuva parece ter parado momentaneamente, mas se as nuvens escuras são qualquer indicação, não vai durar muito tempo.

Eu deslizo para o assento do motorista e pego meu celular. Não perco tempo antes de discar o número de Haylee.

— Alô. — sua voz é dura na outra extremidade da linha. E com essa única palavra eu posso dizer que a Haylee de ontem à noite se foi. A Haylee cautelosa e distante voltou.

— Ei, como vai? — eu pergunto, mantendo o meu tom otimista. Eu não vou deixá-la me excluir tão facilmente.

— Estive lendo. E vendo a chuva. Parece ter parado por um minuto. — ela diz, ecoando o meu pensamento de antes.

— Sim, graças a Deus. Pensei que eu ia ter que comprar um barco para me locomover por um tempo.

Ela ri desajeitadamente. Cara, ela é dura.

— Você ainda quer sair para o almoço? — pergunto.

— Ah, nós não temos que ir. Tenho certeza que você está cansado.

— Nunca cansado demais para comer. Vamos lá. Não me faça comer sozinho.

Ela fica quieta por um momento, e eu posso praticamente ouvi-la tentar achar uma desculpa. — Está bem. — ela admite. — Onde devo encontrá-lo?

— Eu já estou na rua. Eu posso ir buscá-la e podemos ir a algum lugar perto do seu apartamento.

Silêncio.

Eu olho para o meu telefone, certificando-me de que a conexão ainda está lá. — Haylee?

— Desculpe. Estou aqui. Eu não sei se isso é uma boa ideia.

E agora eu a deixei desconfortável. Ótimo, Porter. Você está fazendo um ótimo trabalho hoje.

— Ah. Tudo bem, então. Eu não tenho que ir. Foi apenas uma sugestão. — eu sorrio, esperando que ela perceba que estou me retratando pela minha voz. — Nós podemos apenas nos encontrar. Você disse que mora a poucos quarteirões de distância da livraria, certo? Que tal aquela lanchonete do outro lado da rua? Tipo, em dez minutos?

Seu alívio é evidente quando exala. — Parece bom. Te vejo em breve.

Dirijo até a lanchonete e estaciono meu carro, todo o caminho me perguntando o que poderia ter acontecido para fazê-la montar a guarda tão fortemente. Eu não vejo seu carro no estacionamento, então eu me dirijo para o edifício e encontro uma mesa para nós. A garçonete vem e pergunta o que ela pode me servir. Eu a deixo saber que eu estou esperando alguém e peço-lhe para trazer apenas duas águas por enquanto.

Poucos minutos depois Haylee entra. O rosto dela está limpo de qualquer maquiagem e seu cabelo está, duramente, puxado para trás, fora do seu rosto. Seus olhos gritam “foda-se” para qualquer um que ousar se aproximar dela. Eu reprimo um sorriso. Mesmo tentando me assustar com o maior esforço possível, ela ainda parece adorável. Ela caminha e senta-se no assento na minha frente, sem dizer nada como saudação.

— Bem, olá para você também. — eu digo quando ela coloca o canudo no copo de água na frente dela. Ela ainda nem sequer me olhou nos olhos.

— Oi. — ela passa o dedo ao redor do copo, os olhos fixos firmemente no movimento da água.

— Bom livro? — pergunto, esperando que o assunto dos livros leve-a a dizer mais do que uma palavra.

Ela finalmente olha para mim, um olhar curioso em seus olhos. — O quê?

— Seu livro. Você disse que estava lendo. Interrompi uma parte boa?

— Não. Eu mal comecei. Por quê?

— Só pensei que talvez tenha tirado você de algo. Por causa de todo o mau humor e tudo mais.

Ela estremece com isso. — Desculpe. Eu não queria ser grosseira. Apenas, foi um longo dia.

— Devem ter sido algumas horas infernais. — eu gracejo, na tentativa de tirar um sorriso dela.

Ela encolhe os ombros, um olhar triste no rosto. — Você poderia dizer isso.

Meus instintos saltam e minhas costas ficam eretas. — Aconteceu alguma coisa? Você está bem?

Ela deve ouvir a preocupação na minha voz, porque os cantos da sua boca transformam-se em um pequeno sorriso. — Estou bem. Nada aconteceu. Apenas preocupada com o trabalho e outras coisas.

Eu posso dizer que em seu tom há mais do que isso, mas eu opto por não pressioná-la. — Bom. Qualquer coisa que eu possa fazer para ajudar?

Haylee balança a cabeça enquanto a garçonete se aproxima da nossa mesa. Nós pedimos sanduíches e refrigerantes. A mulher sai e os olhos da Haylee se voltam para a mesa. Ela traça uma rachadura na madeira com o dedo. Maravilha, me ignorando novamente.

— Qual o problema, Haylee? — eu deixo escapar. — Você estava bem esta manhã. E agora você não consegue olhar para mim por mais de dois segundos. O que há?

— Eu te disse. Apenas muito na minha cabeça. Eu realmente não quero falar sobre isso. — ela diz, encerrando efetivamente a conversa.

— Bem. Mas eu estou aqui a qualquer hora que você precisar falar, ok? Ou se você precisar de ajuda. Não hesite em pedir.

Ela sorri para mim. — Você realmente tem um complexo de herói, não é?

Eu zombo das suas palavras, quebrando a cabeça para uma resposta espertinha. Em seguida, tomo a decisão que dizer um pouco mais sobre mim pode não ser uma ideia tão ruim, e pode realmente levá-la a confiar em mim e, na verdade, *deixar-me* ser seu amigo, eu dispenso o gracejo.

— Acho que puxei ao meu pai um pouco mais do que eu pensava.

Sua cabeça se ergue com o meu comentário. Eu continuo antes que a pergunta se forme nos seus lábios.

— Meu pai estava sempre ajudando as pessoas. Amigos, família, estranhos. Não importava para ele. Se alguém estivesse precisando, então ele estava lá de qualquer maneira que pudesse. Deixava minha mãe louca às vezes, mas eu sei que ela também adorava isso nele.

— Ele parece um cara legal.

— Ele era. — ela me olha com expectativa, esperando que eu continue.

— Ele morreu quando eu tinha onze anos. Acho que mencionei isso. Acidente de carro. Ele e o meu irmão. Uma das suas alunas - ele era professor universitário - ligou tarde da noite. Ele sempre fez com que todos os seus alunos soubessem que poderiam ligar para ele sempre que estivessem em apuros. Colocava o nosso número de casa sobre o programa de aula e dizia-lhes para levá-lo com eles em suas carteiras ou programá-lo em seus telefones. Todos o amavam. Lembro-me de seus colegas sempre brincando que ele agia mais como um amigo do que um professor, mas suas aulas eram sempre lotadas. Ele recebia convites de casamentos e cartas de alunos que ele ensinou anos antes. Ninguém nunca se esquecia dele.

— De qualquer maneira, naquela noite uma das suas alunas ligou para ele. Ela terminou em uma festa e seu encontro havia pressionado um pouco demais. Quando ela tentou pará-lo, ele a deixou. — os olhos de Haylee alargaram e ela empalideceu. A reação dela me faz pausar, mas me empurro a continuar. — Ela era menor de idade e não queria que seus pais descobrissem que ela tinha bebido, então ela chamou meu pai. Estava nevando naquela noite. Não muito, mas o suficiente para fazer com que as estradas acabassem cheias de gelo. Ainda assim, ele não hesitou. Noah decidiu ir com ele, apenas no caso de que ele precisasse de ajuda para levá-la até o carro. Essa foi a última vez que vi qualquer um deles.

Haylee estende a mão e coloca a mão no meu braço. — Eu sinto muito, Ryan. — o olhar de tristeza no seu rosto é tão genuíno, que me fez questionar se ela já experimentou sua própria perda.

— Gelo preto?

Sua pergunta me pega desprevenido até eu perceber o que ela está perguntando. — Na verdade, não. Um motorista de caminhão dormiu no volante. Cruzou o tráfego. Eles

acham que o meu pai viu isso antes de bater e tentou desviar, mas tudo o que ele fez foi girar, por isso o atingiu violentamente na lateral. Ele morreu instantaneamente. Noah morreu mais tarde, no hospital.

Ela balança a cabeça. — Eu nem sei o que dizer. Sinto muito não parece suficiente.

— Foi há muito tempo. Claro, eu ainda sinto falta deles. Todos os malditos dias. Mas eu sei que odiariam se eu deixasse isso me consumir. Papai estava no exército quando era mais jovem. E Noah estava pensando em se alistar, assim que se formasse. Ele tinha dezoito anos quando morreu. Logo, eu decidi que a melhor maneira de honrar a memória deles era seguindo os seus passos. E isso acabou por ser a melhor decisão que eu já tomei.

— Combina com você. Eu não consigo imaginar você fazendo qualquer outra coisa. Não com a maneira como você fala sobre isso.

Eu concordo. Porque não há nada mais que eu prefira fazer. Eu posso ter me inscrito por causa do meu pai e irmão, mas eu fiquei por mim. É minha vida.

— Seu pai não fez carreira?

Balançando a cabeça, eu respondo. — Não. Minha mãe que ele ficasse longe. Ele ficou por dez anos e depois se aposentou. Eles tiveram Noah e ele voltou para a faculdade com seu projeto de lei GI. Sete anos mais tarde, eles me tiveram. Ele sentia falta daquela vida de vez em quando, mas ele acabou caindo de amores pelo ensino ainda mais. E nós, é claro.

Ela balança a cabeça, um olhar distante em seus olhos. Eu posso ver os pensamentos por trás dos revoltos olhos escuros. Mas antes que eu possa perguntar, ela sai de repente do seu devaneio. — Sua mãe? O que ela está fazendo agora?

Toda a respiração sai correndo de mim. Minha mãe não é um assunto que eu gostaria de falar. — Não a vi nos últimos anos. Depois que papai e Noah morreram, ela meio que foi ao fundo do poço. Bebidas, drogas, homens. Tudo que você imaginar. Acabei vivendo com Chris e sua família. Eu checava a minha mãe de vez em quando, mas depois que entrei para o Exército, ela pirou. Disse que ela não podia lidar com isso. Então eu mantenho minha distância. É melhor para nós dois.

Haylee parece triste com isso, mas não comenta. Sorte para mim, ela também não faz mais perguntas. Aproveito seu silêncio e tento desviar a conversa de mim. Eu não quero falar sobre a minha mãe mais. Dói muito.

— Como são seus pais? O que eles fazem?

Seu rosto se fecha completamente. De todas as perguntas que eu poderia ter feito, esta foi obviamente a *errada*. Um milhão de emoções atravessam seus olhos, mas seu rosto permanece completamente mascarado. Ela fica em silêncio por tanto tempo que eu suponho que ela não vai responder. Eu estou quebrando a cabeça, tentando chegar a algo que irá reparar o dano que eu fiz para o progresso que tivemos hoje, quando ela finalmente fala.

— Meu pai nos deixou antes de eu nascer. Minha mãe era... — ela olha para longe, buscando o termo correto. — Difícil. Honestamente, ela não era muito uma mãe. Nós não temos contato. Vamos apenas deixar por isso mesmo.

Concordo com a cabeça, agarrando qualquer informação que ela esteja disposta a dar, mas preferindo não pressioná-la sobre o assunto. — Sinto muito. — eu digo simplesmente.

Ela zomba. — Nada para se desculpar. Cuido-me muito bem sozinha. E eu vou continuar a fazê-lo.

Seu tom insensível dói. Não deveria, mas dói. Toda vez que acho que estou chegando a algum lugar com ela, é como se ela pudesse sentir e imediatamente bate suas portas, fechando-as. Queria que ela confiasse em mim. Se abrisse para mim. Deixasse-me ser seu amigo.

No meio da nossa conversa, a garçonete entregou os sanduíches na nossa mesa. Estávamos tão consumidos em nossa conversa que os deixamos completamente intocados até agora. Eu dou uma mordida no meu, ocupando minha boca antes que eu diga algo que vou me arrepender mais tarde. Ela segue os meus movimentos, e nós terminamos a refeição em um silêncio constrangedor. Assim que ela termina rapidamente o dela, ela limpa a boca com o guardanapo e o joga em cima da mesa.

— Obrigada por me convidar. Foi... divertido? — isso sai soando mais como uma pergunta do que uma declaração.

Eu rio sob a minha respiração. Essa é uma maneira de descrever, eu acho. Eu poderia pensar em várias outras opções, muito mais adequadas.

Eu levanto junto com ela. — Obrigado por ter vindo. Deixe-me levá-la até seu carro.

Ela balança a cabeça, jogando algum dinheiro sobre a mesa. Cada músculo do meu queixo aperta e eu cerro os dentes contra o protesto se formando em meus lábios. Meu pai rolaria no túmulo se soubesse que eu estava deixando uma mulher pagar por seu próprio almoço, mesmo que ela fosse apenas uma amiga. Mas eu decidi que estraguei as coisas o suficiente hoje. Discutir com ela agora vai apenas dar-lhe outra coisa para ficar chateada.

— Você não precisa fazer isso. Eu estou estacionada bem na porta. — ela aponta para a porta da frente e eu vejo seu carro estacionado na primeira vaga. Bem, merda.

— Tudo bem, então. Vejo você mais tarde? — agora sou eu quem faz a declaração-pergunta.

Ela encolhe os ombros e balança a cabeça ligeiramente. — Mais tarde.

O sino na porta balança freneticamente conforme ela a abre. Eu a observo enquanto entra em seu carro. Ela não deve ter consciência de que posso vê-la através dos vidros com película, porque ela inclina brevemente a cabeça no volante, seus ombros caindo ao seu redor. Quando ela finalmente se endireita, o olhar no rosto dela é tão triste que leva tudo em mim para não sair atrás dela. Ela bate a mão no volante, sua boca vomitando palavras que eu não posso ouvir. Ela vira a cabeça e dá marcha ré para fora da vaga de estacionamento.

Eu adiciono o meu dinheiro ao de Haylee, certificando-me de deixar uma gorjeta generosa para a garçonete, que eu tenho certeza que sentiu nossa conversa sobrecarregada. Essa pobre mulher provavelmente acha que nós dois somos loucos. Deixo a lanchonete e dirijo de volta para a minha casa, o mesmo pensamento passando pela minha cabeça repetidamente.

O que diabos aconteceu?

Capítulo Sete

Haylee

As próximas duas semanas passam lentamente. Além de mensagens de texto ocasionais eu não ouvi falar de Ryan. Eu tento me convencer de que é o melhor. Que é melhor acabar com tudo o que está acontecendo entre nós agora, antes que o buraco que comecei a cavar fique ainda mais profundo. Mas mesmo assim. Seu silêncio é devastador.

Em uma tentativa de concentrar a minha atenção em outro lugar, eu me jogo no trabalho em vez disso. Eu nunca quis tanto algo quanto eu quero esta conta. Finalmente comecei a trabalhar em algo que eu estou apaixonada. Eu sei que posso fazer melhor que esses caras, se apenas me for dada a oportunidade.

Amanda tem definitivamente notado a mudança no meu comportamento. Uma semana depois da minha noite no Ryan, Amanda voltou para casa e me encontrou sentada na mesa da cozinha.

— Ei. — ela disse, dando-me um olhar estranho.

— Ei. Como foi sua noite?

— Boa. A sua?

— Boa. Ocupada. Tentando fazer essas maquetes para essa nova conta. Acho que elas estão quase perfeitas.

Ela me dá um sorriso hesitante. — Você tem alguma ideia de que hora é, Hay?

Olho para o relógio. É quase uma da manhã.

— Ah, merda. Eu não sabia que era tão tarde. Me empolguei, eu acho. Eu quero que fiquem perfeitas.

Ela caminha até mim, olhando para o meu projeto espalhado sobre a mesa. — Estão ótimos, Hay. Eles seriam estúpidos se não a contratassem. Mas você nunca vai ser capaz de fazer a apresentação se você não dormir um pouco. Você vai estar morta em seus pés.

Eu concordo. — Sim, você está certa. Apenas deixe-me terminar esta última coisa e irei dormir.

Ela puxa uma cadeira e senta-se. — Você está bem? Você está estranhamente absorvida por este projeto. Eu não acho que essa coisa é tão importante para você.

— Não era antes. Mas, então, Sue me deu esta oportunidade. Representar uma editora. Você pode imaginar, Manda? O que poderia ser mais perfeito para mim?

Ela me dá um pequeno sorriso. — Você vai impressioná-los. Não há dúvida sobre isso. — ela pega algumas das minhas placas de ideias e mexe com elas. Mas, eu posso dizer que ela não está realmente olhando para elas. Apenas comprando tempo, enquanto tenta descobrir como dizer o que está realmente em sua mente. Finalmente, ela coloca-as de volta na mesa e olha para mim. — Como estão Ryan e Chris? Não os vejo há um tempo.

Eu deveria saber o que estava em sua mente. Por mais que eu esteja tentando fingir o contrário, está no fundo da minha também. Eu fito a mesa, sem querer encontrar seu olhar quando respondo.

— Ah. Eles estão bem, eu acho. Estive tão ocupada que não tive a chance de vê-los, ultimamente. — eu digo, dando um aceno de desprezo com a minha mão.

Ela me dá um olhar de lado. Percebo que ela não está comprando a minha besteira. — Você parecia se divertir muito com eles. Só não deixe que o trabalho ocupe muito do seu tempo. Você precisa ter algum tempo para si também, você sabe.

— Eu irei. Assim que esta apresentação acabar. Vamos planejar algo para este fim de semana. Vou ligar e ver se eles querem sair com a gente. — eu digo, nem tenho certeza se Ryan e Chris ainda estão no país, muito menos disponíveis para sair. O pensamento dele ir embora sem sequer se despedir faz o meu estômago despencar.

Mas parece ter acalmado Amanda, pelo menos por agora. — É um encontro. Agora, eu preciso dormir um pouco antes de desmaiar. Não fique até muito mais tarde, está bem?

Eu concordo. — Estou indo bem atrás de você. — eu recolho os materiais, decidindo que estas placas estão as melhores possíveis. Eu preciso dormir, pelo menos um pouco. Eu quase não dormi ultimamente. Cérebro estúpido e sua necessidade incessante de pensar e me torturar.

Três dias mais tarde, estou sentada no meu escritório, completamente perdida nos meus pensamentos. Eu não sei de Ryan há dias. E minha apresentação foi anteontem. Correu tudo bem, ou pelo menos eu pensava assim. Mas dois dias mais tarde e ainda não ouvi nada de volta da editora. Conclusão, eles simplesmente empacotaram seus laptops e notebooks e disseram que entrariam em contato.

Eu olho para fora da janela, mordendo minha unha do polegar, refletindo sobre o que fazer com a minha vida agora que perdi a única coisa que pensei que seria boa, quando escuto uma batida na minha porta. Eu me viro para ver Sue em pé no batente da porta, um enorme sorriso estampado no rosto. Meu ânimo imediatamente levanta. Inclinando para frente na minha cadeira, espero que ela fale.

Ela entra e caminha até a janela. — O que você está olhando?

Eu dou de ombros. Eu não estava olhando para nada. Eu estava muito consumida com pensamentos de lançar anúncios de carros usados pelo resto da minha vida. O resultado não era bonito, acredite em mim.

— Esta é uma vista ruim. — ela diz, interrompendo meus pensamentos sombrios mais uma vez. — Você deveria ver a do meu escritório. Dá para ver todo o parque. Não apenas um pedaço do estacionamento.

— Sim, eu sei. Já estive no seu escritório, Sue. Muitas vezes.

— Você quer almoçar comigo hoje? — ela pergunta, voltando-se para a janela e propositadamente evitando o único assunto que ela sabe que eu quero falar.

Deixo escapar um suspiro exasperado. — Oh meu Deus, Sue. Apenas me diga. Você já ouviu falar alguma coisa. Eu consegui?

Ela olha para mim seriamente, todos os traços do seu sorriso anterior desaparecidos. Merda. Eu enterro minha cabeça em meus braços na minha mesa. — Eu estraguei tudo. Droga. Eu sabia que aquelas placas poderiam ter ficado melhores. Eu deveria ter passado mais tempo com elas. O que eles disseram? Constrangi completamente a empresa?

Ela fica na quina da minha mesa e descansa a mão suavemente no meu ombro. — Eu sinto muito, Haylee. Eu sei o quão duro você trabalhou nessa apresentação. — ela diz, seu tom de voz suave e relaxante. — Mas... eles adoraram. Então é melhor você se

acostumar com todo esse trabalho duro. Porque agora que viram o que você é capaz de fazer, eles não vão aceitar nada menos.

Minha cabeça voa da minha mesa e eu pisco para ela. — O quê?

O sorriso de comedor de merda que está estampado agora ameaça dividir seu rosto em dois.

Eu a empurro. — Sua cadela. Deus, você quase me deu um ataque cardíaco. — eu digo, o riso rompendo a minha voz.

Ela endireita sua jaqueta e limpa a garganta. Ops. Acho que provavelmente não é uma boa ideia enfrentar a minha chefe e chamá-la de cadela. — Ops. Desculpe, Sue. Você, uhh... apenas me surpreendeu. — eu olho para ela com os meus melhores olhos de corça.

— Está tudo bem. Eu vou te perdoar. Mas só porque eu praticamente tive a mesma reação quando eu comecei minha primeira grande conta. Parabéns, Haylee. — ela diz, me puxando para um abraço.

Eu aperto-a com força, as lágrimas começando a construir nos meus olhos. — Você está falando sério, Sue? Eles querem trabalhar comigo?

— Só você. Você os deixou deslumbrados. Eles disseram que se nós sequer pensássemos em colocar outro alguém na conta, eles se mandariam. Bom trabalho, garota. Eu sabia que você conseguiria.

Ela fica no meu escritório por alguns minutos, explicando onde eu vou ter de ir a partir daqui. Eu tenho contratos que preciso assinar, formas de divulgação, etc. Mas eu mal posso ouvir suas palavras. Minha excitação é ensurdecadora.

— Almoce comigo hoje. — ela diz quando se levanta para sair. — Eu vou passar aqui e pegar você quando eu estiver pronta. E depois disso, você tira o resto do dia. Vá comemorar.

Concordo com a cabeça tão ansiosamente que provavelmente parece que estou tendo uma convulsão. — Obrigada, Sue. Muito.

Ela sorri para mim. — Você conseguiu isso sozinha, querida. Estou tão orgulhosa de você. — ela toca o meu queixo suavemente com os dedos enquanto diz as palavras, seu olhar cheio com tanto carinho e orgulho que faz o meu coração voar. Eu a puxo para mim para um último abraço antes de ela se virar e sair do meu escritório.

As próximas horas são gastas nas nuvens. Meu primeiro pensamento é ligar para todos que eu conheço e contar a boa notícia. Amanda grita e me parabeniza pelo menos uma centena de vezes, insistindo para sairmos e comemorar, logo que ela acabar com a sua aula. Eu desligo com ela depois de alguns minutos, ansiosa para espalhar a minha notícia com outras pessoas. Quando eu rolo o nome de Ryan, fico imediatamente cabisbaixa. Ele é a única pessoa que eu realmente quero compartilhar isso, e eu nem sei se posso ligar para ele. Eu abaixo o meu telefone na minha mesa, mastigo a unha e volto a olhar a janela.

Meus pensamentos lutam entre si na minha cabeça por uns bons dez minutos. E assim que determino que eu preciso ao menos tentar falar com ele, meu telefone vibra na minha mesa. Eu agarro-o ansiosamente, esperando ver o nome de Ryan lá.

Número desconhecido. Todo o entusiasmo esvazia de mim. Envio a chamada para o correio de voz e largo o telefone de volta na minha mesa. Eu esfrego minhas mãos pelo rosto, pressionando as palmas das mãos nos meus olhos. Provavelmente estou manchando meu rímel, mas, sinceramente, simplesmente não me importo no momento.

Enquanto eu me ridicularizo por minha estupidez, o meu telefone começa a tocar novamente. Número desconhecido. Mais uma vez. Incerteza floresce no meu peito. Eu silencio meu telefone e jogo na minha gaveta. *Não é nada*, digo a mim mesma, tentando aliviar os meus próprios pensamentos ansiosos.

Meu estômago revira e eu quero ir para casa. Eu decido ir até o escritório da Sue e dizer para almoçarmos em outro momento. Desligo rapidamente meu computador e pego a minha bolsa. Timidamente puxo meu telefone da gaveta, olhando para a tela de olhos semicerrados. Outra chamada não atendida do desconhecido. Três chamadas em menos de dez minutos. Eu engulo em seco. Depois de todos esses anos, não pode ser, pode? Como é que ele conseguiu o meu número? Eu jogo minha bolsa por cima do ombro, ansiosa para sair daqui.

Quando eu abro minha porta do escritório e a fecho atrás de mim, eu sinto a vibração imediatamente começar novamente. Tremendo, puxo o telefone do meu bolso, com os olhos fechados. Deixo escapar uma respiração profunda, resolvendo atender e descobrir exatamente quem está me assediando - se for um operador de telemarketing, que Deus me ajude - abro os olhos e fixo os olhos na tela.

Ryan.

Meu peito vibra com a visão do nome dele. Eu fico olhando para a tela por alguns instantes antes de perceber que preciso atender rapidamente ou vai ser mandada para o correio de voz. Eu arrasto o meu polegar em toda a tela e trago o telefone para meu ouvido.

— Alô.

— Haylee. Finalmente. Você não sabe como atender ao telefone? Estou ligando durante todo o dia. — o estrondo de riso exuberante de Chris vem através do alto-falante. Não é a voz que eu estava esperando ouvir, mas ilumina meu espírito do mesmo jeito. E, pelo menos agora eu sei que eles ainda estão aqui.

As palavras de Chris registram em minha mente. Ele deve ter sido o número desconhecido. Toda a ansiedade que vinha crescendo em meu peito se evapora. E eu rio baixinho em seu exagero, somente Chris consideraria três chamadas em dez minutos *durante todo o dia*.

— Ei. Qual é a emergência?

— Eu preciso da sua ajuda. Ouça.

Eu tinha um sorriso permanente estampado no meu rosto nas últimas vinte e quatro horas. Desde que eu desliguei o telefone com Chris ontem, eu fiquei uma poça de euforia piegas. Seu plano era genial. Perfeito. Melhor plano na história dos planos. Ele vai ficar na história como o melhor namorado do mundo. Do universo. Desculpe, homens. Vocês podem muito bem desistir agora.

Passei o dia inteiro no cais. Você pensaria que depois de passar tantas horas no intenso calor do verão, eu estaria pronta para ir para casa e dormir. Imersão na banheira e ler um bom livro soam muito bem neste momento. Mas o que eu estou prestes a testemunhar é simplesmente tão bom quanto qualquer livro que eu poderia ter em casa. Melhor, porque é real. Um capítulo de um dos meus romances amados tornando-se real. E posso ser uma parte dele. Eu mal posso esperar.

Depois de sair do telefone com Chris, eu liguei imediatamente para a Amanda e cancelei nossos planos. Ela ficou chateada, mas assim que contei sobre os detalhes, ela gritou no meu ouvido e me disse que era melhor ir buscá-la para que ela pudesse ajudar. Fui ao escritório da Sue, dizendo-lhe que tinha um lugar que eu absolutamente *tinha* de estar e que iria levá-la para almoçar na segunda-feira para compensá-la. Ela riu da minha exuberância e me fez correr para fora de seu escritório, me

dizendo que era melhor estar preparada para dar-lhe um relatório completo sobre o meu fim de semana na segunda-feira de manhã.

Eu passei pelo nosso apartamento para pegar Amanda e passamos o resto do dia ajudando Chris. Chegamos a sua casa e de Ryan pouco depois das seis, nossos braços carregados de sacos cheios de tudo o que ele poderia possivelmente precisar. Nós quatro passamos as próximas seis horas garantindo que tudo estivesse preparado e pronto. A atmosfera no lugar era tão divertida e leve, que eu nem sequer tive tempo para me preocupar onde eu estava com Ryan. Nós rimos como sempre fazemos.

Agora o sol estava se pondo e está quase na hora. Chris ficou para trás esta manhã para se preparar, enquanto Ryan, Amanda e eu vamos até o cais para recrutar estranhos aleatórios para ajudar. Todo mundo está a postos e apenas esperando por Emma chegar. A coisa toda está saindo perfeitamente.

Eu olho para o meu relógio, meus nervos no limite. Ela deve chegar a qualquer minuto. Agarrando minha tulipa roxa, eu ando rapidamente até o banco onde eu deveria estar para receber Emma para “jantar”. Ela acha que vamos celebrar meu sucesso na conta.

Meus joelhos saltam de excitação enquanto eu me sento. Eu me advirto, sabendo que Emma vai ver através de mim, se eu estiver agindo assim quando ela chegar aqui. Eu fecho meus olhos e respiro fundo. Lentamente conto até dez e libero.

— Haylee? Você está bem?

Eu grito. Meus olhos arregalam e o olhar curioso da Emma encontra o meu.

— Sim! — merda, muito entusiasmada. Tom mais baixo, Haylee. — Quer dizer, eu estou bem. Longa semana de trabalho. Ainda bem que já é fim de semana. — eu pulo para os meus pés, agarrando seu braço antes de divagar ainda mais. — Devemos ir? Estou faminta.

Estou praticamente saltitando enquanto a arrasto pela calçada em direção ao cais. Eu vejo o primeiro cúmplice encostado na grade, tulipa na mão. *Merda*. Esqueci minha maldita flor. É possível eu estragar mais alguma coisa? Eu olho por cima do meu ombro, vendo a tulipa roxa ainda em cima do banco ao lado de onde eu estava sentada. Voltar com certeza daria pistas para ela que algo estava acontecendo, então eu decido esquecer a flor e continuo a arrastá-la para frente. Não vai ser as mesmas cinquenta. Mas Chris simplesmente vai ter que aceitar. Vou tentar pegá-la depois.

Emma bate-papo sobre suas aulas de psicologia enquanto caminhamos. Ela está me contando alguma história sobre um dos seus professores, mas é literalmente impossível eu manter o controle das suas palavras. Meus pensamentos estão nublados com a minha emoção, e tudo o que ela diz apenas entra por um ouvido e sai pelo outro.

Finalmente, após o que parece oitocentos quilômetros, chegamos ao primeiro aliado de Chris. Ele caminha em direção a Emma, com um sorriso no rosto. Ele estende a mão quando ele a alcança, entregando-lhe a flor com um simples “para você”. Emma olha em volta e sai do caminho, claramente pensando que ele deve estar falando com alguém atrás dela. O homem ri baixinho, sacudindo a cabeça enquanto coloca a tulipa na sua mão. — Para você. — ele repete.

Emma envolve seus dedos em torno da haste, confusão clara em seu rosto. — Errr, obrigada.

Ele balança a cabeça e sai, deixando Emma olhando para mim em confusão. — Isso foi estranho.

— Sim. — eu digo simplesmente. Já posso ver a próxima pessoa que se aproxima.

Desta vez é uma mulher. Ela sorri brilhantemente, seus dentes brancos brilhando quando ela passa no caminho de Emma para entregá-la a tulipa vermelha. — Para você.

Emma olha para ela, incapaz de formar qualquer palavra neste momento. A mulher pisca e continua andando pelo cais. Emma vira para mim, sua agitação saindo dela em ondas. — O que diabos está acontecendo?

Eu dou de ombros. — Não sei. Venha, vamos lá. Eu estou com fome. — eu a puxo para frente enquanto ela olha de volta para figura da mulher que se afasta.

Ela ainda está de costas quando a próxima pessoa passa na frente dela. Outra mulher limpa a garganta e a cabeça de Emma se vira. — Para você. — ela diz, entregando à Emma uma tulipa amarela.

A boca da Emma continua a balbuciar o tempo todo que caminha até o cais. As pessoas se movem do corrimão todos a poucos passos, mudando para o nosso caminho e passando-lhe mais tulipas. No momento em que chegamos ao final do cais, lágrimas estão escorrendo pelo seu rosto e os braços estão cheios de flores.

Um gazebo está na extremidade do cais. Centenas de flores - tulipas, rosas, lírios, margaridas; formando o nome dela, Chris comprou e cobriu cada superfície. Dezenas de

velas pequenas brilham entre elas, suas chamas dançando no vento. O efeito é mágico. E Chris está no centro de tudo, tão bonito em seu traje azul, uma única tulipa na mão.

Os joelhos de Emma estão fracos quando o vê, os soluços rompem, ela eleva a mão para a boca para sufocá-los. Eu a seguro, orientando-a para frente através de todas as pessoas que se reuniram para assistir. Quando damos um passo sob o gazebo, eu pego as flores dos seus braços. Ela fica relutante em entregá-las, mas uma cotovelada suave a tira do seu estupor e ela as libera do seu punho de ferro. Eu passo para o lado, deslocando no lugar ao lado de Ryan e o resto das pessoas. Eles estão todos vestidos com seus trajes azuis também. Ryan sorri para mim brevemente antes que ambos nos voltemos para assistir Chris e Emma.

Chris caminha lentamente em direção a Emma, cada passo deliberado, calculado. Um sorriso cativante colado ao rosto. Emma retorna seu sorriso em meio às lágrimas, uma risada rompendo os soluços. Observando-a, eu sou incapaz de evitar as lágrimas que brotam nos meus olhos. Eu engulo em seco no esforço de evitar que elas caiam, mas, em seguida, uma mulher que estava na minha frente enxuga os olhos com um lenço de papel. E, de repente, todas estão fora. As lágrimas começam a cair pelo meu rosto antes que eu possa pará-las.

Eu as enxugo o mais discretamente possível, orando para que ninguém testemunhe o meu pequeno momento de fraqueza. Um lenço azul aparece por cima do meu ombro. Droga. Eu deveria saber que não poderia ter essa sorte. Eu viro meus olhos para encontrar Ryan e aceno para ele graciosamente, pegando o pedaço de tecido dos seus dedos. Eu seco as minhas lágrimas, cuidadosamente tentando não manchar meu rímel na frente de todas essas pessoas. Eu respiro fundo e volto minha atenção para o casal no centro do gazebo.

— Emma. — Chris diz, sua voz embargada. E com uma palavra, minhas lágrimas começam de novo. Ele diz *muito* em uma palavra. O nome dela. Eu nunca ouvi tanto amor retratado em algo tão simples como em um nome antes. E profundamente, dentro do meu peito, eu sinto algo mexer. Algo duro que mantenho trancado dentro de mim todos estes anos. Racha. Apenas um pouco - uma rachadura - mas uma rachadura é algo. Algo que eu tentei tão duro manter escondido e protegido amolece com essa palavra, uma palavra que não é nem dirigida a *mim*. Mas eu sou incapaz de impedir o efeito que tem sobre mim.

Chris enfia a tulipa atrás da orelha de Emma, sua mão persistente em seu cabelo. Ele passa os dedos até a base do pescoço, onde ele aplica a mínima quantidade de

pressão para virar o rosto dela para o dele. Ele a beija na testa antes de se afastar. Ele pega as duas mãos dela nas dele e ajoelha.

— A partir do momento em que te conheci, eu sabia que você era diferente. Meus olhos foram atraídos instantaneamente para esse lindo sorriso, e eu fui incapaz de desviar o olhar desde então. Aquelas primeiras horas que passamos conversando e conhecendo um ao outro na noite que nos encontramos foram as melhores da minha vida - até aquele momento. Tudo, desde então, só ficou melhor. Você é o meu mundo. A razão de eu acordar de manhã. E a razão pela qual eu não posso esperar para cair no sono. Porque eu sei que você vai estar lá em meus sonhos, ao meu lado, em todos os lugares. Eu quero que você esteja *em todos os lugares* que estou. Você é minha melhor amiga - desculpe cara. — ele brinca com Ryan. Lágrimas abafadas se transformam em risadas tranquilas quando todos nós rimos dele. Mesmo em um momento sério como este você pode sempre contar com Chris para uma piada.

Ele volta para Emma, mais uma vez, olhando para ela como se ela fosse a única pessoa na Terra. — Baby, eu te amo mais do que palavras podem expressar. Você trouxe uma alegria para a minha vida que eu nunca soube que era possível. Os meus dias são mais brilhantes com você neles. E mesmo que logo estaremos separados por um tempo, sua luz ainda brilhará em mim. Basta saber que você está aqui, esperando por mim, será suficiente para passar por tudo. Os dias mais negros ainda irão brilhar por causa de você.

As lágrimas da Emma estão caindo ainda mais fortes agora, enquanto ela tenta levantar Chris. Ele resiste, dando-lhe um ligeiro sorriso enquanto balança a cabeça. Enfiando a mão no bolso, ele puxa uma pequena caixa preta. Emma suspira e se inclina, tomando o rosto dele entre as mãos.

— Emma Nichols, eu sei que a maioria das pessoas diria que nós não nos conhecemos há muito tempo. Que nós somos muito jovens. Muito estúpidos. Mas eu digo que elas se danem. Eu nunca tive mais certeza de nada na minha vida inteira. Eu te amo. E eu quero estar com você para sempre. Você vai me dar a honra de se tornar minha esposa?

Chris levanta rapidamente quando Emma se joga em seus braços. Suas palavras se tornam uma bagunça confusa enquanto ela soluça em seu ombro. Ele a puxa com força contra seu peito, beijando seu rosto, seus lábios, sua testa e em qualquer lugar que ele pode alcançar enquanto eles estão tão abraçados. Todos nós vemos como eles sussurram entre si, saboreando o momento, completamente perdidos um no outro.

Algo cutuca na minha mão, e, em seguida, os dedos de Ryan envolvem os meus. Ele olha para mim, lágrimas evidentes em seus próprios olhos. Eu sorrio de volta para ele e os nossos olhares permanecem fixos por um longo momento. A voz retumbante de Chris é o que finalmente nos quebra da nossa distração.

— Ela disse que sim. — ele grita. Eu solto rapidamente a mão de Ryan e dou passos para longe dele. — Vocês, idiotas, estavam errados. Você me deve uma cerveja, Roberts! — ele grita com o homem de pé ao lado de Ryan. Ryan me dá um sorriso triste, mas se vira para felicitar seu amigo. Sacudindo do meu estupor, eu corro para o lado de Emma.

— Parabéns! — eu grito quando eu a alcanço.

— Oh meu Deus. Eu não sei se te beijo ou te mato por isso. Todas essas pessoas. Eu não posso acreditar. Eu só... uau. É surreal. — ela se inclina e me dá um abraço. E tão rápido quanto ela está lá, ela se foi, olhando para algo atrás de mim.

— Oh meu Deus. É a minha mãe? *E* o meu pai. O que eles estão fazendo aqui?

— Chris os colocou em um voo. Sua irmã está aqui também, em algum lugar. E os pais de Chris. Ele queria que todos eles estivessem aqui para isso.

— Puta merda. — ela diz, balançando a cabeça. Eu rio do espanto dela e empurro-a na direção deles.

— Vai. Eles estiveram tão ansiosos para vê-la. E apenas para a sua informação eles já estão muito loucos por causa do seu noivo.

— Noivo. Uau, isso vai levar algum tempo para acostumar. — ela fala, olhando para o anel em sua mão esquerda. Ela me dá outro abraço e, em seguida, puxa Chris para longe dos seus amigos. Juntos, eles se juntam às suas famílias, e gritos de risos e alegria podem ser ouvidos ao longo do cais. Inferno, provavelmente toda a costa leste, a julgar pelo som que sai das mãos de Emma e Chris.

Eu sinto que alguém vem atrás de mim. Eu sei que é ele sem ele sequer ter que falar. Sinto sua forma familiar atrás de mim, seu perfume inebriante entorpece os meus sentidos. Eu quero inclinar-me para trás, nele. Pressionar as costas contra seu peito firme. Saber como é sentir seus braços fortes ao meu redor. E eu estou há segundos de fazer exatamente isso, quando Amanda aparece na minha frente, me tirando da minha fantasia.

— Isso foi incrível. Além de incrível. Eu chorei como um bebê o tempo todo. Você tem um amigo incrível, sabe? — ela pergunta ao Ryan.

Ele balança a cabeça. — Eu sei. — ele diz, com a voz ainda grossa com lágrimas não derramadas.

Amanda me diz que ela e Justin vão sair para a noite. Todo o romance do dia atingiu, ela diz. Ela precisa de uma noite fora na cidade com o seu namorado. Eu rio, dizendo-lhe para se divertir e que vou vê-la amanhã.

Mas isso me deixa sozinha com Ryan mais uma vez. Agora que o feitiço quebrou, os momentos anteriores entre nós criaram uma espécie de constrangimento. Eu tento minimizar isso na minha mente. Como disse Amanda, o romance da proposta de Chris atingiu a todos. Todos nós estamos em um pouco de porre de amor. O único problema é que Ryan e eu não somos um casal. Então, em vez de curtir a noite, frenética para estender o encantamento, nós estamos ao lado um do outro, mexendo sem jeito e limpando continuamente nossas gargantas. Meus pensamentos tropeçam uns nos outros enquanto eu tento pensar em algo para dizer e aliviar a tensão entre nós. Felizmente, ele quebra o silêncio para mim.

— Você gostaria de uma carona para casa? Eu tenho certeza que devo a você algo antes de ir embora, se bem me lembro. — ele sorri para mim, o seu habitual sorriso deslumbrante. Mas o mal-estar que eu estava sentindo evapora imediatamente.

— Eu adoraria.

Capítulo Oito

Haylee

A estrada dá voltas e mais voltas, sem parar, à nossa frente. Quando Ryan desviou da estrada principal para uma estrada deserta, eu não fiz objeções. Os únicos pensamentos que eu pude reunir, consistiam inteiramente da corrida do vento pelo meu cabelo e o perfume inebriante da praia permeando os meus sentidos.

Alguns quilômetros à frente ele olha para mim e sorri. — Quer dirigir?

— Nope. — eu digo e o som do P faz um pop em meus lábios. — Estou perfeitamente satisfeita em sentar aqui e aproveitar o passeio.

Ele ri. — Você não sabe o que está perdendo. Ou como é raro eu ao menos *oferecer* para alguém dirigir o meu carro. Pergunte ao Chris. Ele tem me implorando desde que apertamos a última porca.

Eu coloco minha cabeça para trás contra o encosto, deixando escapar um suspiro. — Bem, pois mais honrada que esteja, também não quero ser aquela responsável por bater seu precioso bebê. E com a minha sorte, isso é exatamente o que aconteceria.

Um olhar de horror cruza seu rosto. — Nem brinque com essas coisas. Ela não quis dizer isso, querida. — ele diz, esfregando a mão sobre o painel.

Eu reviro os meus olhos. Nos próximos minutos, eu o provoco sobre a sua afeição por um objeto inanimado. No entanto, meus golpes são hesitantes. Normalmente, eu não entendo a obsessão dos homens com carros. Mas *este* carro. Este carro é lindo. O pensamento de algo acontecer a ele deixa o meu estômago enjoado. Então sim, eu acho que você poderia dizer que estou começando a entender o apelo por automóveis finos.

Vinte minutos de carro e ar frio começa a rastejar em minhas articulações. O calor do verão durante o dia aqui na Carolina do Norte pode ser brutal, mas é início de temporada e ainda fica um pouco frio depois que o sol se põe. Eu tento reprimir os arrepios que percorrem a minha espinha, mas Ryan deve notar. Poucos quilômetros na estrada, ele para no acostamento. Alcança no banco de trás e puxa um cobertor e o oferece a mim.

Eu pego com gratidão, o envolvo em meus ombros. A jaqueta leve que eu trouxe comigo definitivamente não faz muito contra as temperaturas em queda. Eu troco de posição e viro-me para Ryan. — E você? Não está com frio?

Ele balança a cabeça. — Eu estou bem.

Nós dois ficamos em silêncio por um tempo, olhando para as estrelas. Mesmo que eu sinta frio, sou grata por Ryan não ter colocado a capota. O céu é lindo aqui fora, longe de todas as luzes e sons da cidade.

Eu descanso minha cabeça contra o meu assento, fechando os olhos, tentando desesperadamente imprimir este momento no meu cérebro para sempre. Grilos cricrilando baixinho ao fundo e a leve brisa soprando através das folhas, de um verde luxuriante, das árvores circundantes. Eu respiro profundamente, tentando absorver o máximo do meu entorno quanto possível. Eu sempre amei o verão, mas nunca houve uma noite tão perfeita como esta.

— Amanhã.

A voz de Ryan rompe o silêncio. E novamente, fico impressionada com quanta emoção pode ser transmitida em uma palavra. E quanto sentimento uma única palavra é capaz de incutir em outra pessoa. Eu não tenho que perguntar o que ele quer dizer. Eu sei. É o que eu tenho temido a cada momento destas últimas duas semanas.

Aproximo-me e coloco minha mão sobre a dele. Ele não olha para mim, só vira o seu pulso até que nossas palmas ficam pressionadas, nossos dedos sobrepostos. Seu aperto fecha firme ao redor da minha mão. Há uma sensação quase melancólica no seu toque. Eu olho para seu rosto. A expressão sombria que eu vejo lá solidifica a minha impressão de que algo mudou.

— Você está nervoso? Com medo? Animado? — eu digo, minha voz subindo na última palavra, na esperança de levantar seu ânimo.

Ele ri levemente. — Todas as alternativas acima? — ele responde com uma pergunta, como se ele não tivesse certeza da sua resposta. Mas ele respira fundo, continuando antes que eu possa comentar. — Sempre com medo. Sempre nervoso. Mas faz parecer louco dizer que sim, eu estou um pouco animado? Cada dia é diferente lá. Nós acordamos sem saber o que esperar. Alguns dias são totalmente entediantes. E outros... outros eu faria qualquer coisa para esquecer. Mas o que fazemos lá... — ele balança a cabeça ligeiramente. — Eu não

posso me imaginar fazendo outra coisa. Então, sim, algumas coisas são terríveis. Mas as coisas boas - as pessoas, o amor e apreço - é a melhor sensação do mundo.

Eu aperto sua mão. — O mundo precisa de mais pessoas como você, Ryan Porter.

Ele olha de sobrelance franzida, a testa franze profundamente. — Não. O mundo precisa de mais pessoas como você. Como Chris e Emma. Pessoas que trazem luz ao mundo. Risos. Não dor e desespero.

Agora a minha testa que franze. — Se alguém traz luz a este mundo, é você, Ryan. Você trouxe mais luz à minha vida do que pode imaginar nestes últimos meses. Eu vivi uma vida cheia de dor e desespero. Inferno, eu *ainda* vivo. E eu sempre viverei. Mas eu posso te dizer uma coisa. Aquelas horas que passei com você e seus amigos, foram alguns dos momentos mais brilhantes da minha vida. Pela primeira vez em muito tempo, as nuvens se abriram e eu fui capaz de ver as estrelas.

Ele não fala, apenas aumenta seu aperto na minha mão. Nós viramos nossos rostos para o céu novamente, o silêncio retorna enquanto nós nos sentamos, mãos entrelaçadas, absorvendo o ar da noite. Eu posso ver a expressão perturbada em seu rosto com o canto do meu olho, mas ele não faz perguntas. E eu sou infinitamente grata a ele por isso.

Minhas pálpebras ficam pesadas, meus cílios piscam várias vezes, mesmo que eu tente lutar contra o sono. Assim quando sinto que começo a cochilar, ele fala novamente.

— Se eu lhe pedisse uma coisa, faria isso por mim?

Meus olhos se abrem e me viro para olhar para ele. A expressão em seu rosto se transformou, tão pura, tão sincera, eu me encontro concordando mesmo sem saber o que ele está pedindo.

— Claro.

— Você escreve para mim? Enquanto eu estiver fora? Eu realmente gostaria. Fica muito solitário por lá, às vezes.

Eu concordo. — Claro que sim. Eu... humm. Mando e-mail para você? Escrevo cartas? O que seria melhor?

— Bem, e-mail é mais fácil, é claro. Mas só temos acesso a ele de vez em quando. As cartas são melhores. Nós podemos mantê-las conosco em todos os momentos. Quando nos sentimos um pouco nostálgicos, podemos pegá-las e nos sentir um pouco mais perto de casa. Ou pelo menos é o que os caras me dizem.

Eu faço uma carranca. — O que quer dizer, isso é o que os caras te disseram? Você não recebe cartas?

Ele balança a cabeça. — Na verdade, não. Quer dizer, eu recebo uma carta ocasional da minha mãe, eu acho. Mas as dela nunca fazem muito para aliviar a saudade. Não temos muito mais a dizer um ao outro.

Eu me lembro dele me contando sobre as brigas com a sua mãe depois que seu pai morreu. E como eles não estão, realmente, em contato ultimamente. A tristeza dele brota dentro de mim.

— Cartas, então. Apenas me diga onde. — eu sorrio para ele, esperando que minha expressão traga mais alegria do que estou sentindo no momento.

Ryan enfia a mão no bolso e tira um pedaço de papel. Desdobrando-o enquanto eu o pego, vejo um endereço rabiscado, junto com um e-mail adicionado em uma caneta de cor diferente, como se em reflexão tardia.

— Bem, alguém veio preparado. — eu rio. — Eu pensei que você tivesse dito que não gostava de e-mails. — eu digo, acenando com o papel para frente e para trás.

— Eu disse que cartas são preferíveis. Mas e-mails também irão funcionar. O que estiver bom para você. Eu só quero saber de você.

Eu sorrio com o seu tom de voz. — Deixa comigo. Vou escrever tão frequentemente quanto puder. E quando eu não puder escrever, eu vou enviar e-mail.

Ele sorri para mim enquanto encolhe os ombros delicadamente por causa de um arrepio. O ar frio deve ter finalmente chegado até ele também. — Provavelmente deveríamos ir. Está ficando frio.

Ele dá a partida no carro e coloca a capota de volta. Eu a contragosto me movo para sentar-me no meu assento, desentrelaçando meus dedos dos dele. Sua mão aperta mais a minha, seu aperto sem vontade de me soltar. Puxo mais forte. Ele franze a testa para mim, mas ressentido, a libera.

Nós voltamos para o meu apartamento em completo silêncio. Agora que a magia de estar sob as estrelas se quebrou, tudo que consigo pensar, é que esta noite foi um erro. Não uma, mas duas vezes eu lhe permiti segurar minha mão. Eu disse-lhe coisas que, definitivamente, teria sido melhor não dizer. Eu me abri para ele. Muito mais do que

jamais pretendia. E agora as minhas dúvidas e medos familiares estão desabando ao meu redor.

Quando chego na minha casa, eu saio do carro antes mesmo de estar totalmente, parado. Eu lanço um “Obrigada pela carona” sobre o meu ombro, sabendo que esta será a terceira vez que eu fujo dele, sem nenhuma explicação. Por que ele continua voltando?

Incapaz de pensar direito, eu corro pelas escadas e me atrapalho com as chaves até que eu consigo abrir a fechadura. Logo que estou empurrando a porta para abrir - as luzes estão todas apagadas, Amanda ainda deve estar com Justin - ouço uma voz suave atrás de mim.

— Haylee.

Viro-me lentamente. Eu sei que é ele. E eu acho que não estou chocada que ele me seguiu desta vez. Ele deve estar ficando farto do meu capricho. Quando meus olhos finalmente encontram os seus, eu sou incapaz de dizer qualquer coisa. Eu só olho para sua expressão de dor.

— Por que você fugiu de mim?

Cruzo os braços, abraçando o meu peito. — É o que eu faço. Eu corro. Não leve isso como algo pessoal.

Ele zomba. — Não tomar isso como algo pessoal? Justo quando parece que você está finalmente começando a confiar em mim, você me exclui. Como é que eu não deveria levar isso para o lado pessoal? O que eu faço que perturba você?

— Nada. — eu cuspo a palavra, que sai mais dura do que eu pretendia. — Nada. — eu digo, suavizando o meu tom. — Não é você. As suas...

— Não me diga. Você não está prestes a usar o caminho ‘não é você, sou eu’. Porque todo mundo sabe que isso é besteira.

— Ryan, eu...

Ele me corta. — Não, Haylee. Olha, eu sei que você não quer um relacionamento. E até ter conhecido *você*, o pensamento de um nem passou pela minha mente. Eu estive muito contente com a minha vida nestes últimos anos. Então você veio e me mostrou o quanto *mais* poderia haver. Francamente, isso me assusta pra caramba. E eu ainda não tenho certeza se é algo que sequer serei capaz de dar-lhe - ou a qualquer outra pessoa. —

sua voz diminui momentaneamente, fazendo careta diante dos seus pensamentos, como se ele não tivesse certeza de como dizer o que está pensando.

— Olha, eu não estou dizendo que eu quero estar junto a você. Você me disse desde o início que não era uma opção. Mas eu quero ser parte da sua vida. Do jeito que você me permitir. Portanto, não me exclua. Eu nunca vou fazer nada para te magoar. Apenas deixe-me... estar lá. Para você.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto quando ele termina. Abro a boca, mas as palavras simplesmente não saem. Eu nem sei o que quero dizer. Eu só sei que tenho que dizer alguma coisa.

Minha voz racha quando eu finalmente consigo fazer meus lábios e cérebro cooperarem. — Eu n-não sei como. — eu finalmente admito, toda a respiração sibilando para fora de mim.

Ele fecha a curta distância entre nós e pega meus braços em suas mãos, o olhar fixo, firmemente, ao meu. — Então nós vamos descobrir isso. Juntos. — ele se inclina e me beija suavemente na testa. A ternura dos seus lábios faz com que as minhas lágrimas caiam ainda mais livremente.

Ele empurra a porta atrás de mim. — Escreva-me, Haylee. Entre, durma um pouco. E amanhã, escreva para mim. Você não tem que me dizer tudo. Mas me diga uma coisa.

Ele me puxa para ele, abraçando-me brevemente antes de me guiar para dentro e fechar a porta atrás de si. Eu ando entorpecida para o meu quarto, nem mesmo me preocupo em trocar de roupa. Eu caio na minha cama, meus soluços vindo descontroladamente, agora. Eu choro por horas. Ou dias. Anos. Eu não tenho ideia. Eu choro até que não haja uma única lágrima no meu corpo. E o tempo todo, eu não tenho certeza do porquê estou chorando. Porque Ryan trouxe todas essas terríveis memórias para a superfície? Porque eu estou quebrada, além de toda esperança para ser consertada? Ou porque eu tenho certeza que meu coração foi embora, entrando em um avião com destino a guerra.

O tecido azul desliza luxuosamente pelo meu corpo enquanto eu escorrego em meu vestido. Parece um sonho. A seda gira em torno das minhas pernas enquanto viro para a direita, depois à esquerda, olhando para mim no espelho. Eu tive que economizar por

dois meses para comprar este vestido. Mas assim que vejo meu reflexo, tudo o que posso pensar é como valeu a pena.

Eu nunca me senti tão bonita. Nunca tive qualquer coisa próxima a bom antes. Adicionar tempo para diversão no topo de todas as minhas aulas de nível universitário e os trabalhos de casa que vêm com eles, era arriscado. Mas assim que Campbell me convidou para sair, eu decidi que queria começar a poupar, apenas no caso deste momento chegar.

E há três semanas ele fez isso. Temos saído nos últimos meses, e eu ainda não consigo acreditar que alguém como ele esteja interessado em mim. Claro, eu sou bonita o suficiente, eu acho. Mas eu não sou ninguém. O que poderia um cara como ele ver em mim? Ele ainda está, obviamente, tentando descobrir isso também. Porque mesmo que já tenhamos ido a quase uma dúzia de encontros, ele ainda não me levou para conhecer seus amigos. Ele nunca realmente me encontra na escola, exceto na aula de espanhol, onde nos sentamos juntos. Mesmo assim, ele apenas age como um colega de classe normal. Amigável, mas não namorável. Não me atrevo a abordar o assunto quando estamos juntos. Eu não quero que ele pense que sou carente. Se ele quer que permanecemos em segredo, então por todos os meios, vamos ficar em segredo.

E em nossos encontros, ele é tão doce quanto possível. Um verdadeiro cavalheiro. O tipo que eu pensei que só existia naqueles livros que eu gosto de ler. Ele abre portas para mim, paga todas as despesas. Quando ele me pegou em nosso primeiro encontro, havia uma única rosa vermelha repousada em meu assento. Vendo o sorriso e lágrimas de felicidade nos meus olhos, foi algo que ele repetiu em cada compromisso desde então. Agora tenho um vaso cheio de rosas secas, no meu criado-mudo. Não consigo me livrar delas.

Com o baile se aproximando, tudo que eu conseguia pensar era estar ao seu lado como seu par. Eu sabia que provavelmente ele não me convidaria, mas guardei esse dinheiro, apenas no caso. Toda noite eu sonhava com ele me guiando pela pista de dança, todo mundo olhando para nós com admiração. Eles vão perceber que eu não sou quem eles achavam que eu era. Eu não sou apenas uma nerd invisível, que se mantém para si. Não mais o patinho feio, eu vou florescer em um belo cisne que tem se escondido o tempo todo. Sim, é brega. Mas eu quero tanto isso.

E, como eu disse, há três semanas, o meu sonho começou a se tornar uma realidade. No meio do meu turno na locadora, Campbell apareceu com seus dois

melhores amigos, carregando uma caixa de pizza gigantesca entre eles. Eu estava em pé atrás do balcão e não pude deixar de sorrir quando os vi se aproximarem de mim. Eles a baixaram na minha frente, e Campbell olhou para mim com um sorriso travesso. Eu não tinha ideia do que ele estava fazendo. Eles me trouxeram o jantar? Não, era o suficiente para alimentar toda a loja. Campbell limpou a garganta, virou a caixa de pizza para mim, e levantou a tampa. No interior da caixa estava impresso: — Eu sei que isso é brega, mas você quer ir ao baile comigo? Acima da maior pizza de queijo que eu já vi.

Eu olhei para ele, incapaz de conter a minha emoção. — Você está falando sério? — exclamei, minha voz subindo algumas oitavas.

— Como um ataque do coração, baby. — ele respondeu, dando-me um sorriso maroto. Seus amigos olharam um para o outro, provavelmente em confusão a respeito de por que ele estava me convidando, em primeiro lugar, mas eu não me importei. Atirei-me do balcão e passei meus braços em volta do pescoço dele.

— Claro! — eu praticamente gritei em seu ouvido. Ele riu, me empurrando para trás ligeiramente. Ok, então ele não queria que seus amigos vissem o quão próximos nós éramos, ainda. Eu poderia viver com isso. Eu ia para o baile!

Agora, três semanas depois, aqui estou eu, de pé no meu quarto, usando o vestido mais bonito de todo o mundo. Minha mãe está fora para a noite, então eu não preciso me preocupar com a vinda dela. Aplico cuidadosamente outra camada de rímel, querendo a aparência perfeita. Normalmente não uso muita maquiagem, mas eu quero uma aparência especial esta noite. Dando-me um olhar final, eu dou de ombros e me afasto. Eu pego meus sapatos e faço o meu caminho para descer as escadas. Campbell deve estar aqui em breve.

Sem saber o que fazer comigo até que ele chegue aqui, eu pego um livro e tento sentar-me no sofá sem amassar meu vestido. Eu li a mesma frase cerca de quinze vezes antes de finalmente lançá-lo para o lado, sabendo que não há nenhuma maneira que eu seja capaz de me concentrar nele. Estou muito animada. Em vez disso, eu me levanto e abro as cortinas só um pouco. Andando para lá e para cá na frente da janela, eu olho atenta para a rua procurando o carro de Campbell. Cinco minutos passam, e, em seguida, dez. Depois de mais cinco, eu começo a me preocupar. Ele está atrasado. Ele mudou de ideia. Isso tudo foi apenas uma piada cruel para tirar sarro da perdedora da aula de espanhol que pensou que realmente tinha uma chance com ele. Eu estou lutando

para conter as lágrimas quando vejo uma limusine longa parar no meio-fio. Que. Merda. É. Essa?

A porta se abre e Campbell sai. Antes que ele feche a porta, eu posso ver flashes de vários outros na limusine atrás dele. Nós iremos com seus amigos? Minha ansiedade imediatamente começa a subir. Ele nunca mencionou isso.

Ouçõ uma batida suave na porta e engulo profundamente, tentando reprimir a ansiedade. Abro a porta timidamente, insegura. Ele me vê de pé atrás da porta e um sorriso se espalha pelo seu rosto.

— Você está linda, Haylee. — ele pega a minha mão e pressiona um beijo nos meus dedos. Ele desliza ramo de flores ao redor do meu pulso e segura a minha mão.

— Eu sinto muito por estarmos atrasados. O encontro de Jake, Amanda, estava atrasada. Tinha que fazer o cabelo ou alguma merda assim. Ela tinha acabado de chegar em casa quando chegamos, então tivemos que esperar que ela se trocasse realmente rápido. — diz ele, puxando a minha mão para a boca novamente. Ele está olhando para mim com o calor em seus olhos.

Eu coro furiosamente, de repente desconfortável sob seu olhar. Eu puxo minha mão da sua e olho para longe. — Está tudo bem, Campbell. Devemos ir? Não quero chegar tarde demais para a dança.

Ele dá um passo para trás, gesticulando em direção à porta. — Depois de você.

Eu passo para a varanda da frente e ele puxa a porta atrás de si. A porta da limo se abre e eu vejo Jake enfiar a cabeça para fora. — Vamos lá, cara! Nós vamos chegar tarde pra caramba, porra.

Nós dois rimos com isso, o que aliviou um pouco a minha tensão. Eles parecem estar bem comigo indo. Talvez isso não vá ser tão ruim. Eu poderia até fazer novos amigos. Eles podem me aceitar em seu grupo, agora que Campbell tem a coragem de anunciar, oficialmente, que estamos nos vendo.

Campbell está segurando a porta aberta para mim quando o impensável acontece. Um carro desconhecido estaciona na entrada de automóveis. Eu não posso ver o motorista, mas o passageiro é inconfundível. Eu salto rapidamente para a limusine, assim que vejo a minha mãe tirando o cinto de segurança e trancando a porta do carro.

— Haylee Jordan, caralho. Que porra você acha que está fazendo? Traga sua bunda de volta para casa neste segundo, porra! — eu ouço, esperando Campbell entrar e fechar a porta. Ele está olhando para ela, um olhar confuso em seu rosto. Não tenho certeza se eu devo sair e simplesmente deixá-los seguir seu caminho sem mim ou puxá-lo para dentro e insistir para que o motorista decole, eu sento e roo a minha unha.

Assim que decido saltar para fora e enfiar Campbell para dentro, eu o vejo levantar a mão para a minha mãe. Inclinando-me para fora, eu vejo seu dedo médio e um olhar incrivelmente chateado em seu rosto. Ele grita com ela para se foder e pula na limusine, fechando a porta atrás de si. Um dos outros caras abaixa a divisória de vidro, gritando com o motorista para ir.

Todo mundo está rindo e contando o evento. Campbell aceita solavancos de punho e high fives de todos para dizer para cadela se foder. Eu sei o que me aguarda quando eu chegar em casa. Ela vai ficar furiosa. Mas agora, eu apenas não me importo. Inclino-me e beijo Campbell na bochecha. Ele desliza os braços sobre meus ombros e me puxa para seu lado. Eu suspiro, aliviada pela primeira vez em muito tempo.

Capítulo Nove

Ryan

— Você vai ser a porra de um bebezão o tempo todo que estivermos aqui, Porter? Ou você finalmente vai arrumar um maldito par de bolas e colocar sua bunda em movimento?

Minha cabeça estala, a voz áspera tirando-me dos meus pensamentos. Joey Roberts está de pé na ponta da minha cama, olhando para mim. Estou estendido através dos lençóis esticados do meu beliche, descansando depois de um longo dia no campo. O olhar irritado que ele me joga só contribui para a dureza da sua voz. Sento-me, apoiando os meus pés em minhas botas.

— O que diabos você está falando, Roberts? — eu rosno para ele.

— Estou falando de você agindo como um maldito maricas. Como se alguém tivesse chutado a porra do seu cão e ferido seus pequenos sentimentos. Você esteve deprimido e fazendo beicinho por aqui toda a maldita semana. E eu, por exemplo, estou cansado de ver isso. Portanto, resolva a sua merda ou vamos ter um problema.

Eu fico olhando para ele. Joey e eu fizemos duas missões no Iraque juntos, juntamente com Chris e Scott, os outros membros da nossa unidade. Estes três homens são meus irmãos. Estivemos no inferno e voltamos juntos. Tenho as cicatrizes e histórias para provar. E como irmãos, nós tivemos a nossa quota de brigas. Mas Joey nunca falou comigo assim. Nunca souu tão zangado comigo. Exceto, talvez naquela época que ele pensou que eu tinha fodido a sua irmã. Mas isso foi um mal-entendido. Eu nunca faria isso com um irmão.

Então qual é a merda do seu problema agora? Estamos aqui há dez dias já, e hoje foi de longe o pior. Está quinhentos malditos graus lá fora e nós estávamos carregando suprimentos. Portanto, é seguro dizer que eu não estou no clima para esta merda agora.

Levanto-me na cara de Joey. — Ah é? E que problema seria esse? O que você acha que vai fazer, Roberts?

Ele pressiona sua testa na minha, lábios presos entre os dentes em um rosnado. Olhos nos olhos, a tensão entre nós é espessa. Os outros devem ter sentido que algo estava acontecendo, porque dentro de segundos Chris está lá, me puxando para trás. Eu tento me livrar dele, sem querer voltar atrás. Mas eu vejo Scott atrás de Joey, puxando-o na direção oposta.

— Que porra é essa? — Chris grita, olhando para mim.

— Não fui eu. Pergunte a ele qual o maldito problema dele. Eu estava sentado aqui, cuidando do meu próprio maldito negócio, quando esse babaca me provocou. Sem nenhuma razão maldita.

— Besteira. — diz Joey, do outro lado do quarto. — Vocês sabem que ele tem estado fora dele todo o tempo que estive aqui. Vocês já disseram isso também. Eu apenas resolvi dizer alguma coisa. Ele precisa resolver essa merda antes que um de nós acabe morto por causa disso. Temos tido sorte até agora. Mas se ele não começar a cuidar das suas próprias costas, um de nós vai acabar pagando porque nós estamos tentando fazer isso por ele.

Eu olho de Chris para Scott e depois para Joey. O que ele quer dizer? Eles falaram sobre mim? Quando? Eu sei que tenho estado um pouco distraído, às vezes, desde que chegamos aqui, mas eu nunca os colocaria em perigo. Certamente eles sabem disso.

Chris e Scott desviam o olhar do meu, expressões envergonhadas cruzam seus rostos. — Chris? — eu digo. — Scott? — quando nenhum dos dois me olha nos olhos, eu sei que fiz algo errado.

Sento-me na minha cama, a respiração fugindo dos meus pulmões. — Merda. Sinto muito, pessoal. Eu nunca deveria ter feito vocês se sentirem como se eu não tivesse cobrindo as suas costas. Eu estou lá para vocês. Sempre. Aconteça o que acontecer.

Chris olha para Joey e Scott. Lendo algo em sua expressão, os dois acenam e saem do quarto. Chris faz o seu caminho até mim, sentando ao meu lado na cama.

— O que está pegando, cara? Você não tem sido o mesmo recentemente. E esqueça Roberts. Você o conhece. Pensa com a bunda e não a cabeça. Ele está apenas preocupado. Todos nós estamos. Até o Sargento.

Merda. O Sargento notou? Eu não devo estar tão bem como eu pensava. Eu balanço a minha cabeça. — Nada, cara. Vou resolver isso. O calor está me atingindo mais dessa vez, eu acho.

Chris ergue uma sobrancelha para mim. — Sêrio? — ele diz, a descrença evidente em seu tom. — Eu te conheço desde que éramos crianças. Você acha que eu não posso dizer quando algo está incomodando você? E eu não estou falando sobre o maldito calor. — ele fala quando tento interromper.

Eu suspiro e recosto-me no meu travesseiro. Ele tem razão. Metade do tempo eu acho que ele me conhece melhor do que eu. O cara sempre parece saber que algo está acontecendo antes mesmo de mim.

— Na noite, antes de sairmos, eu quase admiti a Haylee que eu tinha sentimentos por ela. Pedi-lhe para me escrever. Estúpido. Eu sabia que entrando nisso, jamais resultaria em algo. Eu não *quero* ter nada. Mas é tipo, quanto mais tempo eu passava com ela, mais difícil era me lembrar disso. E depois da última noite, eu tive que abrir minha boca grande. Eu disse a ela para me escrever no dia seguinte. Me dizer o que ela pensava. Agora eu sei que a assustei. E eu estou do outro lado do mundo, incapaz de fazer qualquer coisa para corrigir isso.

— Como você sabe que a assustou? Ela disse alguma coisa?

— Não. Essa é a questão. Se ela tivesse escrito para mim como eu pedi, eu teria recebido alguma coisa até agora. Ela tem o meu e-mail também. E eu não tenho nada. Rádio silencioso. Nada. Zero. Ainda não ouvi uma palavra maldita. Estraguei tudo. Grande momento. O que diabos eu estava pensando, cara?

Chris fica em silêncio. Eu esfrego minhas mãos sobre o meu rosto. — Eu não estava pensando. Esse é o problema. Se eu estivesse usando meu cérebro, eu nunca teria deixado isso acontecer. Você sabe disso. Você sabe tão bem como eu, porque eu não quero um relacionamento. Você estava lá. Eu não posso fazer isso com alguém. — eu digo, deslizando minhas mãos pelo meu rosto, arrastando-as firmemente.

— Você está certo. Eu estava. Eu também sei que você não pode continuar se punindo por isso. Não foi culpa sua. Não foi culpa do seu pai. Foi uma merda de sorte. O destino pode ser um filho da puta confuso. A única coisa que você pode fazer é continuar indo. Continuar vivendo.

Eu exalo uma respiração. — Fácil para você dizer. Olhe para os seus pais. Não me admira que você e Emma são tão felizes.

— Tive sorte. Mas você acha que eu não tenho as minhas dúvidas? Eu vi o que aconteceu com a sua mãe. Você acha que eu quero isso para Emma? De jeito nenhum. Mas eu não posso deixar que o medo governe a minha vida. E nem você pode.

Eu rolo para ficar de costas. Estou cansado de falar sobre isso. Chris esteve lá para mim ao longo daqueles anos infernais. Mas ele não sabe como é ver alguém que você ama passar por isso. E o pensamento de alguém passar por isso, por minha causa... eu não posso. Eu nunca poderia colocar alguém em algo parecido.

Chris levanta. Eu posso sentir seu olhar queimando a parte de trás da minha cabeça. Ele odeia quando eu falo assim. Mas eu não consigo evitar se é a verdade. Ele só vai ter que aprender a viver com ela.

Ele joga algo nas minhas costas. — Isso veio para você hoje. — ele diz com a voz rouca enquanto se vira e caminha para fora do quarto.

Eu agarro-a imediatamente. Meus olhos arregalam com o endereço do remetente. Eu rasgo o envelope, ansioso para ler suas palavras. À vista de sua letra familiar, minha respiração engata. Eu estou tão ferrado.

Ryan,

Segui o seu conselho. Dormi um pouco. Bem, mais ou menos. A maior parte da noite passei olhando para o teto, repassando ontem uma e outra vez. Mas eu consegui um pouco. Agora é de manhã, e eu estou aqui sentada, tentando encontrar a coisa certa a dizer. O que você diz para a pessoa com quem agiu como uma completa idiota, apenas ontem à noite? Para a pessoa que, apesar do desastre que você é, ainda diz que quer ser seu amigo? Você agradece a esta pessoa? Diz que significa mais do que ele poderia um dia imaginar ter um amigo assim? Ou você diz que ele deve ser um pouco louco também, querer alguém como eu em sua vida? Eu ainda não sei a resposta para essa pergunta. Avise-me se você souber.

Você me pediu para lhe contar algo. Eu não posso dizer-lhe tudo. Mas eu vou te dizer uma coisa. Minha mãe me culpou por meu pai ir embora. E isso tornou as coisas... tensas, em casa.

Isso é tudo que eu estou pronta para dizer-lhe, pelo menos por agora. Estou ansiosa para ouvir de você em breve. Mantenha-se seguro.

Sempre,

Haylee.

Eu leio as palavras dela várias vezes. Eu leio a parte sobre a mãe tantas vezes, que eu posso ver a curva de sua caligrafia quando eu fecho meus olhos. Tensas. O que ela quer dizer com tensas? Sua mãe era abusiva? Negligente? Há tanta coisa que eu não sei sobre ela. Mas estou determinado a descobrir. Eu pego um bloco de notas do baú, ao pé da minha cama.

Haylee,

Você está com sorte. Eu tenho a resposta para a sua pergunta. Eu sou um pouco “louco”, como eles dizem. Mas eu sempre ouvi dizer que as melhores pessoas são.

Faz quase duas semanas que não a vejo, e eu não posso te dizer o quanto eu sinto sua falta. Dizer que você é um dos meus melhores amigos parece ser um eufemismo. Eu sinto como se eu te conhecesse desde sempre. E eu não posso processar o pensamento de não ver seu rosto sorridente pelos próximos dezoito meses. Você se importaria de me enviar uma foto? Não se preocupe. Se Chris não estivesse aqui comigo, eu pediria por uma da sua cara feia também. Eu gosto de manter meus amigos por perto.

Tenho tantas perguntas sobre a última parte da sua carta. Eu criei praticamente todos os cenários na minha cabeça desde que li suas palavras, nenhum deles, a pintura da sua mãe está em uma luz muito lisonjeira. Eu gostaria de saber mais. Mas eu não vou pressioná-la. Diga-me quando estiver pronta. Saiba que eu estou sempre aqui para “ouvir”. Descobri que escrever algo ajuda a colocar as palavras para fora mais fácil. Se isso ajuda, eu adoraria ser aquele com quem você compartilha.

Chris e os caras estão me esperando, eu tenho certeza. Eu admito, eu tenho sido um companheiro de merda desde que chegamos aqui. Eu estava preocupado que eu não teria notícias suas. Eu não quero perder a sua amizade. Se alguma vez eu ultrapassar os limites, me diga. Eu vou recuar. Só não me exclua, está bem?

Melhor ir compensar os caras. Você, mantenha-se segura também.

Seu,

Ryan

Eu dobro a carta, imprimindo com cuidado seu endereço no envelope. Eu enfio debaixo do meu travesseiro, decidindo deixá-la na sala de correio amanhã de manhã. Meu passo parece muito mais leve. Eu odeio o pensamento de que Haylee teve que suportar qualquer coisa horrível nas mãos da sua mãe. Mas eu não posso evitar a minha animação ao pensar que ela confiou em mim com esse pedacinho de informação. Isso me dá esperança de que, apesar do meu ligeiro lapso de julgamento, ela ainda quer estar na minha vida. Eu não a perdi.

Eu saio do quartel, indo em direção ao refeitório. Eu tenho um monte de rastejar para fazer. E esses caras não tornarão isso fácil. Mas eu vou recompensá-los. Irmãos sempre perdoam.

Capítulo Dez

Ryan

— Passe-me a garrafa de água, pode ser? Está quente para caralho aqui. — Rhodes resmunga. Eu pego a água e jogo para ele. Ele tira seu capacete, tomando um longo gole da garrafa. — Obrigado, cara. Eu sempre esqueço a porra do calor que faz aqui. E toda essa merda não ajuda. — ele diz, apontando para a farda que todos nós estamos usando.

Faz quase trinta e sete graus hoje. E estamos todos de uniforme completo e apetrechos de combate. O capacete, casaco, jaqueta fazem parecer pelo menos vinte graus mais quente. Adicione o fato de que estamos amontoados na parte traseira de um caminhão com suprimentos, e sim, você poderia dizer que isso é muito infeliz. A água quente não ajuda muito, mas pelo menos faz a boca parecer menos seca.

Eu sorrio para Rhodes. Nós já vimos um monte de merda horríveis juntos. Mas ele sempre age como se o clima fosse a pior parte de tudo. — Vamos lá, cara, nem está assim tão ruim. Lembra-se da última vez? Quarenta e oito graus, além de toda essa merda pesada, e nós estávamos lá fora caminhando através do deserto com pacotes de vinte quilos em nossas costas. Todos nós quase desmaiamos de exaustão pelo calor. Eu nunca estive tão feliz em ver a minha cama na vida. Aquela merda foi brutal.

— Deus, eu pensei que ia morrer em alguns momentos. — Roberts acrescenta. — Carregar aqueles pacotes foi uma merda horrível. Inferno, algumas horas eu nem me lembrava de voltar para a base. Eu acho que estava delirando.

— E isso é diferente de qualquer outro dia *como*, exatamente? — Chris cantarola do assento do passageiro da frente. Ele está lá em cima com o Sargento Wells, que está dirigindo o caminhão.

— Vá se ferrar, Daniels. — Roberts diz para Chris, mostrando-lhe o dedo. — Quem é aquele que anda por aí nas nuvens por horas depois de receber uma carta de casa? Canta no maldito chuveiro e fica jorrando poemas bregas que não fazem nem um pouco de sentido. E você tem a coragem de dizer para eu parar de delirar?

— Ele tem um ponto, Chris. — eu digo, dando-lhe o olhar mais sério que posso reunir. — Você fez um exame mental, ultimamente? Acho que você está oscilando à beira da sanidade, meu amigo. — Rhodes começa a rir e me cumprimenta com o punho.

Chris se vira e nos mostra o dedo. — Foda-se. Você está apenas com inveja porque eu tenho uma garota incrível - que *me adora*, a propósito - me esperando em casa. Tudo o que vocês têm à espera em casa é um frasco de lubrificante e uma meia. Embora eu tenha certeza que aquelas meias estão ficando muito solitárias por agora. Elas mal podem esperar para vocês chegarem em casa. Inferno, eu vi seus traseiros nus. Elas provavelmente sumiram no segundo que vocês saíram pela porta.

Joey resmunga algo baixinho que só o Chris entende. E então, os dois estão fora, cutucando as provocando um ao outro como só eles podem. Scott e eu sorrimos com as suas trocas, ocasionalmente soltando nossas próprias provocações. Mas no fundo da minha cabeça, eu estou perdido em pensamentos. Porque o que Chris disse é verdade. Bem, não a merda sobre as meias. Mas no fundo, todos nós temos um pouco de inveja dele. Joey e Scott não têm ninguém em casa. Scott é alguns anos mais velho do que eu. Ele era casado, mas a vida militar foi demais para sua esposa. Ela disse que não conseguiu lidar com os destacamentos e nunca saber se ele estava vivo quando ela ia para a cama à noite. Ela lhe deu um ultimato. Ele se aposentava do Exército, ou ela iria embora. Seu divórcio foi finalizado durante sua última licença. Eu sei que é difícil para o cara, mas ele faz cara de bravo.

Joey tem a mesma idade que Chris e eu e ele parecemos estar gostando da solteirice. Eu acho que ele nunca teve um relacionamento que durasse mais do que algumas horas. Ele fala que está completamente satisfeito com isso. Ainda assim, eu vejo o olhar que ele fica quando cartas chegam. Ele nunca recebe nada. Posso dizer que ele gostaria de receber, pelo menos, ter algo para olhar para ansiar a cada dia.

E depois tem eu. Haylee escreve para mim, pelo menos, uma vez por semana, as letras escritas com sua caligrafia polida. E com cada uma, sinto-me cair um pouco mais fundo nesse buraco. Eu sinto falta da sua risada. Eu sinto falta do seu sorriso. Inferno, eu poderia esquecer suas erráticas mudanças de humor sempre que a conversa gira para o território pessoal quando ela não está pronta para falar. Eu gosto de ler sobre sua vida em casa. Suas cartas nunca são muito longas, mas eu posso ouvi-la nelas. Eu a vejo sentada lá, enrolando o cabelo, enquanto ela me conta sobre os idiotas no trabalho, ou o que quer que

ela e Emma fizeram recentemente. Essas cartas são o destaque do meu dia quando elas chegam.

O problema é que ela não está esperando em casa por mim. Pelo menos não no sentido que eu queria que ela estivesse. Ela deixou muito claro que não está interessada nesse tipo de relacionamento. E eu tenho que ficar me lembrando que também não estou. Tornou-se meu mantra pessoal. *Mantenha uma distância segura. Você não quer um relacionamento. Você não vai magoá-la.* Eu digo isso para mim mesmo, pelo menos, dez vezes por dia. Mais ainda quando as cartas chegam. Ainda assim, parece não funcionar. Não importa o que eu faça, eu não consigo me impedir de pensar nela. Querer saber como seria como abraçá-la. Acariciar sua bochecha. Beijar seus lábios.

Deus, eu sou patético. Eu balanço a minha cabeça, tentando limpar os meus pensamentos.

Uma voz interrompe Chris e Joey que brigavam um com o outro, me trazendo dos meus pensamentos. — Vocês, meninos, vão perceber isso algum dia. Não há nada que faz um homem mais forte quando uma mulher forte que está ao seu lado. — Sargento Wells. Ele esteve em silêncio ao longo de todo o trajeto até agora. — Fui casado durante vinte anos. E eu não teria sobrevivido tanto tempo nas forças armadas sem saber que minha esposa estava me esperando em casa. Ela me mantém ligado à terra. Ajuda-me a lembrar o que é importante na vida. Espero que todos vocês tenham isso algum dia.

Sargento Wells foi o nosso comandante em todas as nossas três missões. Ele é cerca de vinte anos mais velho do que nós três, nos trata como os filhos que ele nunca teve. Eu adoro o homem. Não há nada que eu não faria por ele. E sua esposa. Nós nos encontramos com ela algumas vezes em diferentes eventos militares. Eu posso entender porque ele a ama muito. Eles realmente são a definição de um casamento feliz.

Todos acenamos com suas palavras. Ele pode falar besteira melhor que nós. Mas quando ele está falando sério como agora, sabemos sentar e prestar atenção. Mas ele não acrescenta qualquer coisa mais, e novamente eu me distancio para ficar em silêncio com os meus pensamentos. Eu sempre respeitei o Sargento e sua esposa, mas desde que conheci Haylee, eu definitivamente entendo o que ele quer dizer sobre uma mulher forte. Haylee me faz querer ser uma pessoa melhor. Mais forte. Mais merecedor. No final das suas cartas, ela sempre escreve ‘Mantenha-se seguro’. Eu nunca quis ficar mais seguro na minha vida. Eu não quero correr o risco de decepcioná-la.

A segunda carta de Haylee pisca na minha mente. Sua resposta ao meu pedido de uma foto. Rindo da foto dela na minha cabeça enquanto a escrevia, eu puxo a carta do bolso e leio mais uma vez.

Ryan,

Uma vez que estou tentando ser mais aberta com você, eu admito, o seu pedido me pegou um pouco desprevenida. Enviar-lhe uma foto me parece um pouco mais íntimo do que “apenas amigos”, se você entende o que quero dizer. Mas já que você insiste que você iria querer uma de Chris também, acho que vou reconsiderar. Esta foi tirada algumas noites atrás. Emma e eu saímos para jantar e ver um filme. Tirei esta foto com uma propaganda do cartaz de um novo filme do Channing Tatum. É melhor dizer a Chris que ele precisa correr de volta ou ele pode perder sua noiva. Piscada.

Em se tornou uma boa amiga nas últimas semanas. Ela sente falta de Chris como uma louca, por isso ela fica muito aqui. O que é ótimo, porque Amanda está superocupada com Justin. Estou tão feliz por eles, mas Amanda tem sido a minha rocha nos últimos anos, por isso ela ter se afastado tem sido um bocado difícil. Em estando aqui ajuda.

Eu estive pensando sobre a sua sugestão de escrever os meus pensamentos. Isso pode ajudar. Não é a primeira vez que isso foi sugerido para mim. Minha terapeuta (sim, eu tive um terapeuta - vários, na verdade) sempre me disse para tentar. Mas o pensamento de colocá-los no papel me assusta. Isso os torna de alguma forma mais reais. Permanentes. Eu sei o que aconteceu. Eu sei que eu não posso mudar isso. Mas falar sobre isso, escrever sobre isso... eu não sei. Eu apenas não consigo fazê-lo. Mas vou tentar. Eu prometo.

Desde que acabei de mencionar Amanda e você não sabe muito sobre os detalhes da nossa amizade, vou começar com isso. Algo aconteceu no colégio. Eu tive um monte de problemas depois disso, e Amanda foi a única coisa que me manteve viva. Eu posso honestamente dizer que eu não estaria aqui hoje sem ela. Ela é a única família que eu já conheci. E, absolutamente, a melhor amiga que uma garota poderia pedir. Tem sido ela e eu, sempre. Pelo menos desde aquela noite. E como eu disse, eu estou tão feliz que ela tenha encontrado o Justin. Ela merece toda a felicidade do mundo. Mas isso me assusta um pouco, estar sozinha novamente.

E isso é tudo por agora. Se você pudesse me ver agora. Uma pequena parte e eu já estou tremendo. Pensando bem, eu estou feliz que você não possa me ver. Eu estou sendo irracional e eu sei disso. Mas tente dizer isso para minha psique, sabe?

Deixe-me saber como você está quando você puder.

Mantenha-se seguro!

Haylee

A foto que ela enviou está no meu capacete. Eu tiro, olhando para a imagem presa firmemente dentro. Haylee e Emma estão em um saguão do cinema, de pé em cada lado do cartaz de Channing. Emma está inclinando-se, fingindo beijá-lo na bochecha, sua perna levantada atrás dela. Haylee está olhando para a câmera, o sorriso em seu rosto o mais verdadeiro que já vi. O riso em seus olhos me faz sorrir. Não é exatamente o tipo de imagem que eu estava esperando. Eu definitivamente nunca pensei que eu ia ter uma imagem de Channing Tatum no meu capacete. Mas a pura felicidade em seu rosto é de tirar o fôlego. Então eu acho que Channing é bem-vindo.

Eu viro minha atenção para os caras no caminhão. Continuamos a andar em silêncio até chegarmos à aldeia para onde estamos levando os suprimentos. Quando o Sargento para, eu pulo para fora da parte de trás, pegando atrás de mim uma caixa. Os outros caras seguem o exemplo. Chris e Sargento Wells caminham para o grupo de pessoas que estão do lado de fora de um prédio, esperando por nós. Rhodes, Roberts e eu começamos a puxar as caixas para eles. Vejo alguns rostos familiares. Esta é a terceira corrida de suprimentos que fazemos nesta área. As mulheres são todas cobertas por suas burcas, mas eu sou capaz de reconhecê-las por seus maridos. E há várias crianças brincando nas calçadas. Essa é a alegria da infância. Você pode estar no meio de uma zona de guerra, mas ainda encontrar a felicidade em coisas simples como ver um amigo.

Eu vejo dois meninos que estão em um edifício em ruínas, chutando uma bola de futebol para frente e para trás. Ambos parecem ter em torno de doze anos. Cada um deles tem pele e cabelo escuros, mas você pode dizer que eles definitivamente não são irmãos. O menino à direita chuta a bola em direção ao seu amigo. Ela voa sobre a cabeça do menino e mergulha para ela, perdendo por vários centímetros. Ele grita com seu amigo antes de se abaixar para pegá-la. Quando se inclina para pegar, ele olha na minha direção. Quando ele me vê olhando para ele, um sorriso irrompe em seu rosto e ele se endireita. Um de seus

dentes da frente está faltando, mas isso não parece incomodá-lo nem um pouco. Seu sorriso se alarga e ele olha para o seu amigo quando ele me vê sorrir e acenar de volta. Seu amigo parece inseguro, mas não desestimula o rapaz. Voltando-se para mim, ele coloca a bola no chão na frente dele e chuta na minha direção. Eu a paro com a minha bota e a mantenho lá por um segundo. Quando olho para ele, ele está gesticulando para eu chutá-la de volta. Ele começa saltando, pulando de um pé para outro, agitando os braços em um gesto, claramente provocando. Eu não tenho nenhuma ideia do que ele está dizendo, mas seja o que for, ele acha hilário. O mesmo acontece com seu amigo.

Eu recebo um súbito lampejo de lembranças de Chris, quando estávamos nessa idade. Ele estava sempre fazendo palhaçadas, tentando me insultar e aos nossos amigos, tentando a fazer algo que realmente não queriam. O menino me faz lembrar dele. Eu rio e chuto a bola de volta para ele. Ele a para com o pé, e desta vez a leva em seus braços. Colocando perto de seu corpo, ele me dá um sorriso travesso antes de sair rindo e correndo para se juntar ao seu amigo.

Eu olho para trás, para Chris. Ele ainda está de pé, com os outros, mas agora ele está com o capacete e fazendo caretas para um menino nos braços de seu pai, tentando fazê-lo rir. O menino só olha para ele com uma expressão confusa. Chris sopra as bochechas, cruza seus olhos e puxa as orelhas. Com isso, o menino enterra o rosto no ombro do seu pai. Chris parece um pouco derrotado. Ele sempre fica mais feliz quando está fazendo alguém rir. Especialmente as crianças. Eu penso sobre o grande pai que ele vai ser algum dia. Bem, desde que a criança tenha a sua personalidade. Caso contrário, o pobre garoto pode ficar traumatizado por crescer com um pai como Chris. Eu rio baixinho e volto para os caras.

— Pare de aterrorizar o garoto, Chris. Ele já passou por bastante em sua curta vida.
— eu digo quando o alcanço.

— Cara, ele é um osso duro de roer. Minhas caretas engraçadas geralmente matam as crianças. Este pequeno aqui não vai me dar um sorriso.

— Seu rosto já é engraçado como é. Você não precisa puxar as bochechas para torná-lo ainda mais estranho. Talvez o garoto só não goste de você. Dizem que as crianças são excelentes juízes de caráter.

Eu bato de brincadeira no braço dele e ele salta em uma postura de lutador. — Ah, é assim que você quer jogar, hein, Porter? Manda ver, gafanhoto. — ele começa acenando

com as mãos ao redor descontroladamente, fazendo aqueles ruídos ridículos que você ouve em filmes ruins de kung fu. Olho para o grupo de moradores que ainda estão perto de nós. Eles estão olhando para ele como se ele fosse louco.

— Chris, provavelmente não é o melhor lugar para isso. Levante-se, seu idiota. — eu digo, apontando para o grupo crescente de pessoas.

Ele se vira e vê os rostos confusos das pessoas lá. Ele imediatamente salta para cima e com as mãos na cintura. — Desculpe, gente, nada para ver aqui.

Eu agarro seu braço e o puxo de volta em direção ao caminhão. — Muito bem, Chris, agora eles provavelmente acham que todos os americanos são loucos.

— Tanto faz. Aquilo foi durão e você sabe disso. Eles, provavelmente, estão querendo se inscrever para aulas de karatê agora.

Entrego-lhe outra caixa. — Basta levar isso para lá e mantenha a boca fechada. O Sargento nunca vai perdoá-lo se você estragar a relação com esta aldeia.

— Bem. Caramba, cara, quando você se tornou tão deprimente? Você costumava me achar hilário.

— Existe hora e lugar, Chris. Este não é o caso.

Nós terminamos de descarregar o caminhão e voltamos para junto do Sargento e os outros. Sargento Wells fala árabe e está mais para o lado, conversando com o líder da aldeia, Aasif. Parece que eles estão se despedindo. Eles trocam mais algumas palavras breves, o Sargento sacode a sua mão firmemente e vira-se para se juntar a nós.

— Tudo bem, rapazes. Isso deve dar por algumas semanas. A única coisa que estava acabando era água. Nós vamos ter que lembrar de trazer mais da próxima vez. Aasif disse que as coisas têm sido relativamente tranquilas aqui. Sem tiros nas proximidades por mais de uma semana. Disse-lhe que estaria de volta em duas semanas a partir de hoje. Ele acha que eles ficarão bem até então.

Todos estamos acenando para o que ele está dizendo. Olho para Aasif e ele sorri para mim. Ele junta as mãos e as pressiona nos lábios. Então ele inclina a cabeça na minha direção. Quando ele olha para mim novamente, ele parece ter lágrimas nos olhos. Aceno com a cabeça de volta, dando-lhe um pequeno sorriso antes de voltar para o caminhão com os outros.

Conforme o Sargento começa a se afastar com o caminhão, eu olho de novo pela janela, para onde os meninos estavam jogando bola mais cedo. Eles ainda estão lá, mas pararam de chutar a bola entre eles. Agora, o que me lembrou o Chris estava agachado na mesma posição que Chris estava mais cedo. Ele move os braços para cima, imitando todos os movimentos de Chris. Seu amigo ri para ele, incentivando-o a continuar. Humm. Talvez fosse a hora e o local para Chris fazer uma brincadeira. Se ele deu a esses dois meninos alguns minutos de felicidade, então valeu a pena.

Capítulo Onze

Haylee

— Então, qual deles devemos assistir? *A Garota de Rosa Shocking* ou *Gatinhas e Gatões*?

Eu entro na sala, carregando uma tigela gigante de pipoca e duas latas de Pepsi.

— Em. *Sério*. Você sabe que eu amo John Hughes, mas há outros filmes. Nós vimos tudo dele, tipo, cinquenta vezes já. Por favor, não me faça odiar o Jake Ryan. Meu coração não aguenta.

Emma revira os olhos. — Blasfêmia! — ela pega a capa do DVD de *Gatinhas e Gatões* e prende-a ao peito, acariciando-a suavemente. — Está tudo bem. Ela não quis dizer isso. Todo mundo ama você, Jake. Não dê ouvidos a ela.

Agora é a minha vez de revirar os olhos. Emma com certeza tem um dom para o dramático. Eu me jogo no sofá e pego o controle remoto. Emma levanta do sofá, correndo pela sala para colocar o filme. Os créditos de abertura familiares começam a rolar e eu me contento com minha pipoca.

Nem mesmo dois minutos de filme, Emma começa a lamentar. — Eu gostaria que Chris estivesse aqui.

Nós vimos uma a outra quase todos os dias desde que os caras saíram, e não passa um único dia sem que ela diga alguma sobre isso. Seria chato se ela não fosse extremamente sincera. Ela não está apenas disputando atenção e simpatia. Ela realmente sente falta dele pra caramba. Se não fosse para a faculdade e eu tentando convencê-la a vir todas as noites, eu tenho certeza que ela ficaria enrolada em sua cama durante todo o dia, assistindo John Hughes e comendo sorvete, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto enquanto falava sozinha. Pelo menos aqui ela tem a mim para falar enquanto ela chora e devora seu peso em *Chunky Monkey*.

Sento-me e aperto a pausa no filme. Mesmo que eu esteja ficando um pouco cansada deles, eu nunca desrespeitaria John Hughes, falando no meio de um dos seus filmes. Viro-

me para Em, as lágrimas já se formando em seus olhos. Ela geralmente tem que chegar às partes bobas do filme antes de começar. Ela deve ter tido um dia difícil.

Coloco os meus braços delicadamente em torno de seus ombros e abraço-a. Suas lágrimas caem em série agora. Ela chora no meu ombro enquanto eu balanço-a suavemente e a acaricio. Eu sempre fui um pouco desajeitada com outras garotas chorando. A primeira vez que ela quebrou, eu fiquei perdida. Eu quase comecei a chorar também, meio frustrada por não saber o que fazer, e metade por medo que ela nunca parasse. Mas depois de algumas semanas, eu estou me tornando uma espécie de profissional para isso. Se eu simplesmente deixo-a chorar, ela vai finalmente voltar para Emma normal.

Como um relógio, depois de alguns minutos de choro, ela se afasta de mim e enxuga os olhos. — Deus, eu sou como um bebê. — manchas de rímel marcam seus olhos. Eu entrego-lhe um lenço e ela se enxuga da melhor maneira possível.

— Está tudo bem sentir falta dele. — eu digo em uma voz que eu espero ser reconfortante. — Tenho certeza que ele sente falta de você também. Mais, até. Esse rapaz é um pau mandado. — acrescento, tentando aliviar o clima.

Isso funciona. Ela ri baixinho. — Isso mesmo. Garotas como eu não aparecem todos os dias e ele sabe muito bem disso. O mesmo acontece com Ryan. — ela adiciona, pensativa.

Eu desvio o olhar. Mesmo passando tanto tempo juntas, eu sempre fui capaz de evitar entrar em muitos detalhes sobre Ryan e eu. Toda vez que ela toca no assunto, eu consigo desviar a conversa de volta para ela e Chris. Não é difícil. Tudo o que tenho a fazer é mencionar aquela pedra em seu dedo e todos os pensamentos de Ryan e eu desaparecem.

Se eu for honesta, também sinto muito a falta dele também. Cada dia que passa sem notícias dele me deixa esvaziada. E quando eu finalmente recebo uma das suas cartas, o sorriso estampado em meu rosto não passa despercebido por *ninguém*. Eu tive que pensar rápido para me livrar de algumas dessas conversas. Aparentemente, as pessoas não estão acostumadas a me ver sorrindo. Vai entender.

Emma definitivamente percebe a expressão no meu rosto com a sua menção de Ryan. Eu vejo o olhar calculista em seus olhos. Antes que ela possa perguntar o que, inevitavelmente, será uma pergunta que eu não quero responder, eu tento a minha técnica de deflexão. — Quando você vai procurar um vestido? Estou convidada?

Seus olhos se iluminam com a menção de vestidos. Eu solto um suspiro de alívio, pronta para ouvir seu discurso de bolos de casamento, convites e esquemas de cores, quando o brilho diminui. — Nuh uh. Não vai acontecer, Haylee. Sim, é claro que você está convidada. Mas *não* é disso que vamos falar hoje à noite. Não finja que eu não vi esse olhar quando eu disse o nome de Ryan. Você não vai escapar desta vez.

Eu gemo. Eu sabia que essa conversa teria que ocorrer mais cedo ou mais tarde. Eu só estava esperando pelo mais tarde. Muito, *muito* mais tarde. — Bem. Sim, eu sinto falta dele. Não torne isso um negócio maior do que é. Ele é meu amigo. Eu posso sentir a falta dele.

Ela olha para mim, incrédula. — Quem vocês acham que estão enganando? É muito óbvio para todos ao redor. Vocês dois são os únicos cegos demais para ver.

Eu abaixo minha cabeça, sem querer entregar o que aconteceu entre nós na noite anterior à partida do Ryan. Que ele admitiu tudo, que ele queria mais comigo. Admitiu que ele gostava de mim. E eu corri. A única diferença entre aquela noite e qualquer outra noite que alguém tentou chegar perto de mim, é que Ryan realmente me seguiu. Ele não apenas me deixou ir. Ele veio atrás de mim. Ele rompeu todas as barreiras que eu levantei em volta de mim desde que eu o conheci.

Emma não deixa minha relutância detê-la. — Sério, Hay. Qual é o problema? Chris me contou sobre os pais de Ryan. Como sua mãe ficou louca depois que seu pai morreu. E como isso o torna relutante em iniciar qualquer tipo de relacionamento com uma mulher. Entendi. Eu acho que é estúpido. Absolutamente, ele vale a pena o risco. Mas eu entendo. O que eu não entendo é por que você está tão relutante. Ryan gosta de você. Qualquer um pode ver isso. Eu acho que se você se abrir para ele, ia cair todos esses pretextos tolos de não querer um relacionamento. Porque eu posso ver isso na forma como ele olha para você. Ele sabe que você vale a pena o risco também.

Eu enterro meu rosto nas minhas mãos. — Eu não valho, no entanto. Ele merece alguém melhor. Alguém normal. Não alguém que ele tenha que se preocupar a cada segundo do dia. — eu esforço-me para sair do sofá, andando para lá e para cá na frente dela. — É claro que eu me importo com ele. E é isso que me assusta. Você não sabe o que aconteceu, Em. Por que eu sou do jeito que sou. Sou quebrada. Danificada. Paranoica. Insana. Enlouquecida. Fodida. Escolha o seu adjetivo favorito. Todos eles se aplicam.

Emma me olha com cuidado. A expressão em seu rosto só prova o meu ponto. Eu posso ver isso em seus olhos. Querendo saber o que diabos me deixou tão psicótica. E, provavelmente, tentando planejar a melhor maneira de sair daqui antes de eu lançar outro ataque de lamento enlouquecido.

Eu caio na cadeira no canto, espremendo os meus olhos com as palmas das minhas mãos. Minha cabeça está latejando forte, como sempre acontece quando eu me deixo ficar muito nervosa. Eu tomo algumas respirações profundas, tentando me acalmar.

Eu estou na minha terceira respiração profunda quando os braços de Emma dobram em volta dos meus ombros. Antes que eu possa até mesmo terminar a inalação, todo o ar corre para fora de mim e eu começo a chorar. O mesmo tipo de soluçar que segurei em Emma por tantas vezes nas últimas semanas.

— Deus, eu sinto falta dele, Emma. — eu digo através das minhas lágrimas, minha voz distorcida e fraca. — Sinto muita falta dele. E eu nem posso mesmo dizer-lhe isso. Não é justo com ele. Eu não posso fazer isso.

— Shhh. — ela sussurra no meu ouvido. — Você não acha que você deve deixá-lo ser o juiz disso? Ele é um homem adulto. Ele pode tomar suas próprias decisões.

— Não sem saber tudo. E eu não posso dizer-lhe. Ele nunca mais vai olhar para mim da mesma forma. Por mais que o pensamento de nunca mais vê-lo novamente - de deixá-lo para sempre - mate-me, o pensamento dele me olhando com desgosto em seus olhos é ainda mais insuportável. Eu nunca superaria isso.

Emma esfrega minhas costas lentamente. — Ah, querida. Nada poderia ser tão ruim assim. Aquele rapaz te ama. Mesmo que ele não admita isso, eu vejo isso. E Chris também. Ele conhece o Ryan melhor do que ninguém. Ele diz que nunca viu Ryan feliz assim. Isso tem que significar alguma coisa.

— É exatamente por isso que eu não posso. Você não sabe. Você não entende. — eu lamento.

— Então me diga. Você fica dizendo isso. Então me faça entender. Diga-me o que é tão horrível sobre você que você não pode se permitir ser feliz. Porque eu posso te conhecer apenas por poucos meses, Haylee, mas eu *sei* que você merece mais crédito do que você dá a si mesma. Você é esperta. Bonita. Divertida. E um milhão de outras coisas que Ryan conhece e ama em você. Então me diga. O que aconteceu para fazer você se odiar tanto?

Suas palavras machucam. Porque mesmo depois de todas as sessões de terapia, tudo se resume a isso. Eu me odeio. Eu me odeio por ter deixado isso acontecer. Por confiar em alguém tão completamente quando toda a minha vida eu tinha sido ensinada o contrário. Por baixar a minha guarda e tornar-se motivo de chacota de todo o corpo discente. Por deixá-los me atingir tanto que eu realmente tentei tirar minha própria vida. Por puxar Amanda para esta enorme confusão de vida comigo. Eu me odeio por tudo.

Eu olho para Emma, seu rosto embaçado através das minhas lágrimas. Ela me dá um aceno encorajador. Eu esfrego minhas mãos sobre o meu rosto, enxugando as provas do meu colapso. Eu sei que eu deveria manter minha boca fechada. Mas, depois disso, eu sinto que eu preciso falar. Eu preciso tirar, pelo menos, um pouco do meu peito. Minha terapeuta ficaria tão orgulhosa. Infelizmente para Emma, ela é a azarada que está aqui para ouvir.

— Minha infância foi uma merda. — eu começo. — Eu sei que todo mundo diz isso, mas a minha realmente foi. Meu pai sumiu antes de eu nascer, e minha mãe me culpou. Aparentemente, até mesmo como uma criança por nascer eu estraguei tudo. Mas isso não vem ao caso. Na maioria das vezes ela era apenas negligente. Ela bebia sozinha até o esquecimento e eu era deixada para cuidar de mim mesma. Aqueles eram os bons tempos. Eu ansiava por aqueles dias. Quão fodido é isso? Mas cuidar de mim mesma era de longe a alternativa preferível. As vezes em que ela não desmaiava.

Centenas de memórias voam pela minha cabeça. Uma em particular se destaca. Eu olho Emma diretamente nos olhos. — Você tem certeza que quer ouvir isso? — eu a vejo engolir em seco, mas ela balança a cabeça cautelosamente, incerta se realmente quer, mas sabendo que eu preciso botar para fora.

— Uma noite, ela chegou em casa bêbada, rugindo. Eu tinha o hábito de me trancar no meu quarto quando ela saía, sabendo que quando ela voltasse ela viria me procurar. Ela era uma bêbada mediana. Na maioria das vezes ela começava com algumas batidas antes que ela cansasse e fosse para a cama. Mas outras noites - outras noites eram brutais.

— Esta noite foi uma das piores. Eu a ouvi bater na parede quando ela empurrou a porta. Os palavrões que vieram através do chão ecoaram em cada parede. Enterrei-me em minhas cobertas, puxando-as firmemente em torno de mim, rezando para que Deus pudesse estar ouvindo e que ela fosse direto para a cama. Alguns segundos depois ouvi uma voz profunda. Um homem. Ela trouxe-o para casa antes. Eles sempre eram caloteiros. Drogados. Homens que estavam à procura de uma transa rápida e iam pela

manhã. Ela nunca era silenciosa sobre isso. Ouvindo a sua voz, eu sabia que teria uma noite de pouco ou nenhum sono, mas pelo menos escaparia do pior da sua ira.

— Eles tropeçaram em seu quarto, batendo em mesas e paredes quando eles entraram. A sequência de palavras sujas provenientes da boca do homem era alta e clara. Corei, já sabendo o que aquelas palavras significavam. Eu tinha apenas dez anos.

Os olhos de Emma se arregalam. — Dez? — ela pergunta incrédula. — Você teve que ouvir isso aos dez anos de idade?

Concordo com a cabeça e volto à minha história. — Eles finalmente chegaram ao seu quarto e passaram as próximas horas... bem, você sabe. Eventualmente, eles ficaram quietos. Supondo que tinham caído no sono, eu calmamente saí da cama e apertei o ouvido na porta. Eu não podia ouvir uma coisa. Meu estômago estava enjoado e eu estava morrendo por um copo de água. Abri lentamente a porta e fui na ponta dos pés até a cozinha. Eu enchi o copo o mais silenciosamente que pude. Quando eu tomei o primeiro gole, ouvi uma garganta limpando atrás de mim. Coloquei o copo devagar na mesa e me virei. Ele estava ali de pé na soleira da porta, uma camiseta branca suja e cueca boxer rasgada eram as únicas coisas que cobriam seu corpo.

— ‘Quem é você?’ Ele perguntou-me. Eu balancei a cabeça e tentei passar por ele. Ele me parou, me agarrando pelo queixo e forçando-me a olhar para ele.

— ‘A cadela não me disse que tinha uma filha. Mas você tem que ser. Você se parece com ela. Só que não tão judiada. Fresca. Inocente’.

— O imbecil lambeu os lábios quando ele disse essas duas palavras. Eu estava tão assustada, tudo o que eu podia fazer era ficar lá, completamente congelada no meu medo. Ele me puxou contra ele. Passou as mãos para cima e para baixo nas minhas costas, finalmente colocando-a na minha bunda e me levantando contra ele. Eu podia senti-lo através da sua boxer. Foi então, que eu finalmente consegui uma reação. Eu gritei. Eu gritei com tudo o que eu tinha em mim, esperando que minha mãe não estivesse tão bêbada que não conseguisse me ouvir.

— O idiota me largou, me batendo no rosto com tanta força que conseguiu reunir. Eu caí no chão da cozinha, atordoada. Depois de alguns momentos, minha mãe ainda não havia entrado, e eu vi o olhar predatório retornar para os seus olhos. Ele deu alguns passos em direção a mim. Eu me afastei para trás até que bati nos armários. Eu não tinha outro lugar para ir. Eu fechei meus olhos com força quando ele agarrou meu

tornozelo e me puxou pelo chão. Jogando-me por cima do ombro, ele me levou para a sala e me jogou no sofá. Eu não conseguia parar de chorar. Assim que ele estava debruçando sobre mim, minha salvação veio.

— ‘Que porra você acha que está fazendo?’ A voz da minha mãe soou. Eu nunca fiquei tão feliz em vê-la em toda a minha vida. O idiota pulou de cima de mim, lutando por uma desculpa. Minha mãe empurrou-o. — Dê o fora da minha casa. Fora. Sai daqui! — ela gritou, mais e mais. O homem pegou as chaves da mesa ao lado da porta e saiu correndo, sem sequer pegar suas roupas.

— Eu corri para minha mãe, jogando meus braços ao redor da cintura dela e chorando em seu estômago. Eu disse a ela o quanto eu a amava. Quão grata eu era por ela ter parado aquele homem antes que ele pudesse me machucar. Durante todo o tempo abraçando-a tão apertado quanto possível, enquanto eu soluçava implacavelmente.

— Ela me ouviu por um minuto inteiro, não me tocou ou me acalmou. Eu não me importava. Tudo o que importava era que ela estava lá. Que, pela primeira vez na minha vida, ela tinha me protegido. Quando eu disse isso, ela se encolheu, soltando meus braços ao redor da cintura dela. Olhando para seus olhos, eu esperava ver amor. Talvez este fosse o ponto de virada. Talvez ela tivesse percebido o quão egoísta ela era. Talvez agora eu tivesse uma mãe de verdade. Uma que me amasse.

— Eu deveria saber. Não havia amor em seus olhos. Tudo o que eu vi foi o ódio. Ódio puro. Seus lábios se curvaram para trás de seus dentes em desgosto. Ela me jogou no chão.

— Primeiro seu pai, agora ele. Você tira todos da minha vida. E eu estou cansada disso.

— Eu apaguei depois dos seus primeiros golpes. Eu não pude ir para a escola por uma semana, os hematomas no meu rosto eram muito perceptíveis. Normalmente, ela tinha o cuidado de esconder a prova do meu rosto. Mas desta vez ela tinha sido completamente imprudente.

Eu termino por aí. Eu poderia ter falado a noite toda, contado para Emma sobre todas as vezes que minha mãe me machucou. Decepcionou. Destruiu-me completamente. Mas eu posso ver a expressão de horror em seu rosto. Uma história é o suficiente. Ela agora sabe mais do que ela sempre quis.

Eu não digo mais nada. Eu só observo enquanto ela processa. Eu quero que ela seja a primeira a falar. Eu preciso saber o que ela está pensando.

Finalmente, ela exala. Audivelmente. Ela encontra meus olhos. — Haylee, eu sinto muito. Eu não posso nem imaginar... — ela para. — Não, eu nem mesmo vou tentar. Não há nada que eu possa dizer para expressar a minha simpatia. E o meu ódio. Sua mãe era um monstro fodido. Foi dado a ela um presente precioso, você. E ela destruiu, porra. Ela não merecia você. Eu posso com certeza pensar em algumas coisas que ela merece, no entanto. Um tiro na cabeça no topo da minha lista.

Eu rio. O pensamento da doce Emma atirando em alguém é cômico. Ela simplesmente não tem isso dentro dela. Mas eu aprecio o sentimento. Eu com certeza não reclamaria se a minha mãe se encontrasse nessa posição.

Emma mudou-se para o sofá enquanto eu estava falando, ainda curvada na minha cadeira. Agora, eu me levanto e me movo ao lado dela. Ela me puxa para seus braços novamente. Surpreendendo-me, ela me beija na testa. Esse simples gesto quase me deixa em lágrimas novamente. Eu engulo em seco, sufocando-as.

— Haylee. — diz Emma, eventualmente, me liberando do seu abraço. Eu encontro o seu olhar e ela parece séria. — Sua mãe foi horrível. Mas isso não é culpa sua. Você era uma criança. Você não podia se proteger do que ela fez. Você não pode se culpar pelo que ela fez com você. Ryan, certamente não vai. Na verdade, se algum dia ele descobrir, você pode realmente precisar se preocupar com sua mãe acabar morta. Sério mesmo. Ele ficaria furioso.

Eu concordo com a cabeça. — Eu sei. Aquele maldito complexo de cavaleiro-em-uma-armadura-brilhante que ele tem é profundo. — eu brinco.

Ela balança a cabeça. — É mais do que isso, e você sabe. Ele não gostaria de descobrir isso sobre ninguém. Mas *você*. O fato de que isso aconteceu com você. Ele iria matá-la. Ela não só abusou de você. Ou negligenciou você. O que ela fez naquela noite... eu nem sequer tenho palavras para isso. É hediondo. Nenhum homem poderia ignorar algo assim.

— Mas Haylee, ele não olharia para você de forma diferente. Se isso mudasse qualquer coisa, seria para ele te amar ainda mais. Finalmente, compreender. Sabendo o que você passou. Ele faria qualquer coisa para recompensar isso. Dê-lhe uma chance.

Eu nego com a minha cabeça. — Em, isso não termina aí. Isso foi apenas para mostrar como eu cresci. Por que eu deveria ter pensado melhor antes de confiar em alguém. Se você não pode confiar em sua própria mãe para protegê-la de um pedófilo,

então você deve saber que você não pode confiar em ninguém. Mas eu confiei. Eu me apaixonei pelo primeiro rosto bonito que olhou na minha direção. E isso mudou tudo.

Capítulo Doze

Ryan

Eu sinto o suor escorrendo nos meus olhos. Eu faço o meu melhor para limpar minha testa, mas meu maldito capacete fica no caminho. Está quente hoje. Mais quente do que o normal. Eu posso sentir minha cabeça nadando, meus olhos não conseguem se concentrar em nada. Nós já passamos por esta vila dezenas de vezes. É uma zona segura. Se eu tenho que lidar com a desorientação do calor, pelo menos eu estou em algum lugar que eu posso baixar a guarda um pouco.

Eu tiro meu capacete e encosto contra um edifício. Eu grito para o resto da minha tropa, deixando que eles saibam que eu parei para descansar.

Rhodes corre de volta para mim. — O que foi?

— Quente demais. Eu preciso de uma pausa por um segundo. — eu deslizo para baixo da parede e sento. Rhodes desliza para baixo ao meu lado puxando o capacete também. Ele desenrosca a tampa de uma garrafa de água e toma um gole enorme. Ele passa para mim sem dizer uma palavra.

Eu agarro avidamente e a termino. — Obrigado, cara. Não consigo sequer pensar direito. Este calor está me matando hoje.

O Sargento vem para ver o que estamos fazendo. — Tudo bem, rapazes? Você parece péssimo, Porter.

Estou tão desnorteado que nem sequer registro este comentário por alguns segundos. — Obrigado, Sargento. Você sempre sabe apenas a coisa certa para fazer um cara se sentir melhor.

Ele dá de ombros. — Não é o meu trabalho fazer você se sentir bem consigo mesmo. Você quer isso, deveria ter se juntado ao corpo de paz. Quantos dedos?

Ele está acenando com a mão na frente do meu rosto. Eu não consigo me concentrar em seus dedos. Tudo o que vejo é um borrão cor de carne diante dos meus olhos. — Humm, quatro?

Ele xinga sob sua respiração. — Há apenas dois, filho. Precisamos levá-lo para dentro e resfriá-lo. Eu acho que você está tendo insolação.

Ele assobia e os outros caras correm até nós. — Porter não está aceitando o calor, rapazes. — diz ele, quando chegam até nós. — Ajude-me a levá-lo para aquele prédio lá. Esperemos que eles tenham um pouco de água fria e um ventilador. Precisamos levá-lo de volta à base, mas isso deve ajudar a vencer as dificuldades até então.

Chris e Joey puxam-me pelos meus braços. Seguro em cada um em seus ombros, eles me sustentam entre os dois. Mesmo em meu estado desorientado, estou envergonhado. Eles estão com tanto calor quanto eu. E agora eles têm que arrastar a minha bunda com eles.

Eu tento colocar meus pés debaixo de mim para que eu possa me mover até lá, mas eles simplesmente não cooperam. — Espera aí, pessoal. Apenas me dê um minuto e eu posso andar. Não há razão para vocês se cansarem e acabarem no mesmo barco.

Eles param por um segundo, mas não me soltam. Agora que eles não estão se movendo, sou finalmente capaz de colocar meus pés para cooperar. Eu ainda estou me segurando neles, mas pelo menos eu me sinto um pouco mais estável.

— Cara, não é grande coisa. Precisamos colocar a sua bunda lá dentro. — diz Chris, puxando meu braço em direção ao nosso destino.

Ele me conhece melhor do que isso. Eu não dependo dos outros para cuidar de mim. Cuidar da minha retaguarda por um atirador é uma coisa. Mas eu não preciso ser transportado apenas porque está um pouco quente aqui fora.

Eu puxo meu braço do seu aperto, balançando levemente sobre os meus pés. Tudo bem, isso provavelmente não foi a melhor ideia, mas eu sou capaz de acalmar-me antes de entrar em colapso. — Eu estou bem, Chris. São apenas quarenta e cinco metros até o edifício. Eu posso andar essa distância por conta própria, você sabe. Andei por anos sem a sua ajuda. Com certeza não preciso dela agora.

Eu sei que estou sendo um idiota. Sei que Chris está apenas cuidando de mim. Mas, por alguma razão eu não me importo. Meu cérebro superaquecido acha que eu preciso provar a todos que eu posso fazer isso sozinho.

Chris se move para agarrar meu braço novamente. — Vamos lá...

Eu arranco meu braço do seu alcance e enfio meu ombro contra ele, empurrando-o para longe de mim. — Deixe-me em paz, porra.

— Tudo bem, seu idiota estúpido. Tenha a porra de um colapso aqui e morra, eu não dou a mínima. — ele se vira e afasta, caminhando em direção ao prédio.

Joey olha para mim. — Cara, você pode caminhar por conta própria. Mas eu vou ficar aqui com você apenas no caso.

De repente eu me sinto como o maior babaca do planeta. Eu preciso me desculpar com Chris. Eu aceno para Joey e depois olho para Rhodes e Sargento. — Vá em frente e certifique-se de que ele não vá quebrar nada. Você sabe como ele fica quando está chateado.

— Sim, bem, ele tem boas razões para estar chateado com você, idiota. — diz Rhodes sob sua respiração enquanto ele e Sargento se afastam.

Ótimo. Agora, toda a tropa está chateada comigo. Qual é a porra do meu problema?

Eu dou alguns passos em direção ao prédio que os caras entraram quando outra onda de tontura me bate. Porra. Eu preciso de ajuda. Depois de tudo isso, o que posso dizer? *Oh hey, você sabe que eu estava só brincando? Bem, acontece que eu preciso de ajuda. Quer ser meu amigo e simplesmente esquecer tudo o que aconteceu?* Sim, certo. Isso vai passar sem problemas.

Acontece que eu não preciso dizer nada. Joey se estica e agarra meu pulso, jogando o meu braço para trás ao redor de seus ombros. — Você é um idiota teimoso, você sabe disso? — ele diz, revirando os olhos.

— Você não tem ideia. Obrigado, cara. Não sei qual é a porra do meu problema. — eu digo, curvando-me contra ele um pouco. Eu ainda posso andar, mas ter o apoio ajuda tremendamente.

— Esta merda de lugar atinge a todos eventualmente. Nós todos temos nossos dias em que odiamos o mundo. Nada demais.

Ele está certo, é claro. Eu já discuti com todos eles em alguns dias de merda. E eu os tive também. Mas eu nunca ataquei meu melhor amigo assim. Especialmente sobre algo como ele tentando me ajudar.

Nós caminhamos em silêncio por mais alguns passos. Estamos lentos com meu peso extra arrastando Joey para baixo.

— Ei, o que é isso... — ele começa a dizer, apontando para o telhado do prédio ao lado do que estamos caminhando.

Suas palavras são cortadas pelo som de tiros rápidos. Nós dois batemos no chão e mergulhamos de barriga em direção a um carro estacionado na rua. Os tiros são provenientes da cobertura, mas também de algum lugar atrás de nós. Quem sabe quantos deles existem. Merda. Não era para ter quaisquer insurgentes aqui. Tínhamos apenas que fazer o nosso passo a passo de todas as semanas e seguir em frente.

Chegamos ao carro e temos cobertura. Joey já tem sua arma para fora, retornando o fogo. Meu cérebro está um pouco mais claro, mas eu ainda estou lento. Eu preciso tirar a minha cabeça da bunda e proteger o meu irmão.

Eu retiro minha arma e olho para o telhado atrás de nós. Uma cabeça aparece por trás do muro, disparando alguns tiros. Ele está apontando para um grupo de civis amontoados atrás de uma banca de comerciante.

Eu balanço a minha cabeça, forçando a minha visão para limpar. O atirador ainda tem os olhos postos em um grupo de inocentes. Eu levanto a minha arma até meu ombro, olhando para baixo e miro. Eu tenho-o perfeitamente alinhado quando ouço Joey gemer ao meu lado. Eu largo minha arma e volto minha atenção para ele. Ele está segurando o ombro, gemendo.

— Fui atingido. Porra, estou ferido. — seu rosto está franzido de dor, os olhos espremidos apertados. Deito-o de costas, agarrando uma gaze da minha mochila e pressionando-a firmemente contra a ferida.

— Você vai ficar bem, Roberts, está me ouvindo? Você vai ficar bem.

Mais sons de tiros no fundo. Eu pego a outra mão de Joey, colocando-a sobre as bandagens. — Mantenha tanta pressão quanto puder. — eu digo com firmeza. Eu pego minha arma de volta e alinho a minha mira novamente. O atirador no telhado ajustou sua visão em um novo alvo agora. Eu olho para onde ele está apontando e vejo Chris. Chris está de costas, seu olhar sobre o atirador no telhado oposto. Eu olho para trás ao atirador. Ele levanta a arma ao ombro.

Foda-se isso. Não há nenhuma maneira no inferno que este filho da puta vai atirar no meu melhor amigo. Eu grito quando eu saio correndo de trás do carro, disparando por todo o caminho. Eu vejo o atirador cair, seu corpo pendurado para o lado da parede. Eu

continuo a disparar, ainda me movendo em direção a ele. Este filho da puta vai ser morto. MORTO.

Seu corpo finalmente cai do telhado, colidindo com a calçada abaixo. E ainda assim, eu não paro. Eu corro até ele e começo a chutá-lo pra cacete. Eu estou pisando em seu estômago quando eu sinto os braços vindo em torno de mim.

— Ele está morto, cara. Ele se foi. Respire. Vamos, respire comigo.

Tudo o que posso ver é vermelho. Eu empurro contra os braços que estão me segurando, não estou pronto para deixar esse cara ir. Ele atirou no meu amigo. Ele atirou em dezenas de pessoas inocentes. Ele tentou matar Chris. Ele tentou *me* matar. Ele precisa pagar.

Os braços em torno de mim são resistentes. Quanto mais me afasto, mais forte se torna o seu aperto. — Respire, Ryan. Vamos lá. Você precisa se acalmar. Precisamos levá-lo em segurança.

As palavras são bem próximas ao meu ouvido. Eu reconheço a voz. Chris. Eu inspiro lentamente. O que é que eles sempre te dizem? Inspire pelo nariz, expire pela boca? Eu tento mais algumas vezes, sentindo começar a acalmar um pouco.

Eu olho para Chris. Eu vejo seu sorriso pateta e eu me perco. Eu enterro meu rosto em seu ombro e as lágrimas começam a cair. — Eu sinto muito, cara. Porra, me desculpe. Eu vi aquele idiota com a arma apontada para você e tudo que eu conseguia pensar era que você ia morrer e a última maldita coisa que eu disse a você era para me deixar em paz. Eu não consegui lidar com isso. Eu não podia deixar isso acontecer. Eu enlouqueci. Eu estava tão assustado. Assustado pra caralho.

Ele envolve seus braços em volta dos meus ombros. Nós afundamos no chão juntos. Ele não diz nada, apenas me deixa chorar. Nenhum comentário espertinho. Sem raiva pelo que eu disse a ele mais cedo. Ele só fica comigo, enquanto eu limpo todo o meu medo e raiva. Uma vez que está tudo fora de mim, eu me afasto. Eu limpo o meu rosto, olhando ao redor. O resto dos caras estão ajudando os moradores da vila. Há pessoas caídas em todos os lugares. — Merda. Olhe para tudo isso. E eu estou aqui chorando como um bebê fodido sem nenhum motivo.

Eu estou enxugando as mãos em minhas calças. Estendo minha mão na de Chris. Ele segura e eu puxo-o de pé. — Eu sou muito impressionante, cara. Eu choraria também se eu pensasse que eu ia me perder. — ele diz, me batendo com o ombro.

Eu rio baixinho. Balançando a cabeça, eu olho para ele. — Não mude nunca, Chris. Por favor.

— Não se preocupe, mano. Por que mudar a perfeição?

Eu lanço meu braço em volta dos seus ombros e o puxo contra mim. — Te amo, cara. De verdade.

— Eu sei disso. Sempre soube. E é recíproco. Agora pare com essa merda sentimental. Temos algumas pessoas para ajudar.

Capítulo Treze

Ryan

Eu rolo e tento abrir minhas pálpebras. Parece que alguém as fechou com cola. Depois de um pouco de esforço, finalmente consigo abrir uma delas. Meu olhar cai sobre a janela ao lado da minha cama. Que diabos? Não há nenhuma janela ao lado da minha cama. Na verdade, meu beliche está no meio de outros dois. Onde diabos está a cama de Joey?

Com o pensamento de Joey, os detalhes vêm correndo de volta. O ataque. Joey sendo baleado. Chris sendo o próximo alvo do atirador. Eu enlouquecendo depois que o babaca caiu do telhado. Meu olho direito se abre e eu tento me apoiar nos cotovelos. Minha cabeça começa a nadar e caio imediatamente de volta no meu travesseiro. Tudo bem, isso provavelmente não foi uma boa ideia. Viro a cabeça para o outro lado, tentando me orientar. Eu devo estar na enfermaria. Por que estou aqui? Eu não fui baleado. Onde está o Joey? Ele deveria estar aqui, não eu. *Merda!* O pensamento de Joey não estar aqui me bate forte. Se ele não está aqui, isso significa que... eu não consigo sequer terminar o pensamento. Por favor, não deixe que seja verdade.

Sento-me novamente, movendo-me mais devagar desta vez. Eu subo em meus cotovelos desta vez. Sento e descanso por apenas um minuto. Que diabos aconteceu comigo? Eu preciso encontrar o médico e conseguir algumas malditas respostas. Depois da minha cabeça parar de girar, eu empurro e sento na beirada da cama. Melhor. Mas eu não me atrevo a tentar ficar de pé. A última coisa que eu preciso é acabar de cara no chão sem ninguém por perto. Em vez disso, eu chego à mesa perto de mim. Pego a bandeja de metal nela e a jogo no chão. Barulho de metal contra o azulejo. Aí está. Isso deve chamar a atenção de alguém.

E menos de dez segundos, duas enfermeiras e um médico vêm correndo para o quarto. Eles me veem sentado lá e param de repente.

— Ah, você está acordado. — diz a enfermeira mais alta para mim. Uau. Que gênio. Quero felicitá-la por afirmar o óbvio, mas eu me paro. Não é culpa dela eu estar aqui

e minha cabeça doer como uma cadela. Não há razão para jogar minhas frustrações sobre ela. O médico se move por trás delas e caminha até mim. Não o reconheço. Ou as enfermeiras também. Eu posso não estar na equipe médica, mas conheço a maioria deles de vista, pelo menos. Quando o médico chega a mim, ele começa a verificar meus sinais vitais. Eu abro a minha boca para perguntar o que está acontecendo, mas nenhum som sai.

— LeeAnn, você pode pegar mais um pouco de água, por favor? — ele pergunta, e a mulher baixa, loira, sai do cômodo. A mulher mais alta, aquela que falou antes, move-se para o meu lado e se inclina para pegar a bandeja que joguei no chão. Não é até então, que noto a bagunça que fiz, a água agora se espalhou por todo o chão. Ops. Eu tento me desculpar, mas ainda não consigo fazer um som.

— Shhh. — o médico diz para mim. — Não tente falar ainda. Você esteve fora por alguns dias. Tenho certeza que sua garganta está mais seca que o Mojave⁶. Nós vamos dar um pouco de água para você, e então você pode tentar novamente. — ele ainda está cutucando o meu corpo, checando meu pulso, ouvindo meus pulmões, sentindo meu estômago, verificando meus olhos. Eu olho para baixo, tentando encontrar um crachá, mas não vejo nenhum.

Ele deve ver-me olhando. — Eu sou o Dr. Simmons. Você está no hospital militar de Bagram. Veio alguns dias atrás, depois que você desmaiou de insolação. — ele termina o seu exame e a enfermeira retorna com a minha água. Eu aceito gentilmente e tomo alguns grandes goles. Eu nunca provei nada tão maravilhoso na minha vida. É um esforço enorme apenas não beber a coisa toda. Mas eu sei que se beber muita água e muito rápido só vai me deixar enjoado. Em vez disso, eu limpo minha garganta e pergunto o que aconteceu com Joey.

— Joey? Ah, você deve dizer o Cabo Roberts. Ele está bem. Geralmente na cama ao seu lado, mas decidi que estava se sentindo bem o suficiente para fazer uma viagem ao refeitório para o café da manhã.

Eu exalo a respiração que eu estava segurando desde que fiz a pergunta. Eu deveria saber que o idiota não cairia tão fácil. Ele é teimoso demais para deixar ser morto por um único tiro. O filho da puta sempre disse que se ele cair, será em um momento de glória.

⁶ A parte mais elevada do Deserto da Califórnia.

— Falando de café da manhã, você quer tentar comer alguma coisa? Mantivemos você nutrido, é claro. — ele diz, apontando para a IV⁷ ao lado da minha cama. É a primeira vez que noto que tenho vários tubos presos nos meus braços. — Além disso, você estava desidratado demais. Pensei que fôssemos perdê-lo por um momento. Definitivamente um dos piores casos de insolação que eu já vi. Estou surpreso que você não entrou em colapso bem antes. Enfim, sobre a tentativa de comer algo? Nada muito louco. Talvez apenas um pouco de aveia ou um ovo mexido. O que acha disso?

Honestamente, isso parece tão atraente quanto comer serragem, mas eu sei que tenho que começar em algum momento. — Certo. Ovo mexido soa bem. Que tal um pedaço de torrada também?

— Com certeza. Pedirei para alguém trazer. Vá com calma. Eu vou voltar e verificar você em poucas horas. Se você sentir qualquer dor ou desconforto, avise a uma das enfermeiras e elas me buscam.

Concordo com a cabeça, recostando-me no meu travesseiro. Agora que eu sei que Joey está bem e onde estou, sou forçado a reconhecer o quão exausto ainda estou. Como é possível? Aparentemente eu estive dormindo por alguns dias. Mas meu corpo parece como se eu não tivesse dormido em meses. Eu decido que descansar meus olhos apenas até o meu café da manhã chegar pode não ser a pior ideia.

— Cara, acorde. Trouxe comida.

Acordo com um sobressalto. Joey está sentado ao meu lado em uma cadeira de rodas, um prato de comida em seu colo. Eu olho em volta. Parece que eu estive dormindo por horas novamente, mas eu sei que não pode ser verdade. Não levaria tanto tempo para pegar o café da manhã. Meu corpo protesta quando eu sento.

— Puta merda, é bom ver você. — estendo a mão, agarrando seu braço. Ele se inclina para frente, agarrando meu ombro com uma mão. Seu outro braço está preso contra seu peito em uma tipoia.

— Você também, cara. Embora eu ache que tenho visto você por alguns dias. Mas é bom vê-lo acordado. Você nos assustou um pouco. Eles ficaram bombeando líquido, mas você não queria acordar. O médico estava pensando que talvez o trouxeram para cá tarde

⁷ Intravenosa.

demaís. Que seus órgãos já tinham começado a falhar e toda essa merda. Chris fica aqui a cada segundo que pode. Sentado aqui dizendo que se você morrer, ele vai trazer você de volta, apenas para matá-lo ele mesmo. Ele vai ficar tão feliz de saber que você está acordado agora.

Eu rio. — Isso parece com Chris. Cara, ele sempre acha que é um fodão maior do que ele é. Como você está, cara? Isso foi um golpe muito ruim.

Ele sorri. — Eu não vou deixar que alguma bala me derrube. Você sabe disso. Eles fizeram alguma cirurgia para corrigir alguns tendões. A bala atingiu no ombro, logo abaixo da clavícula. Aparentemente, sangrei como um filho da puta também. Tive que receber algumas transfusões. Mas eu acordei muito bem no dia seguinte. Tentei sair daqui e voltar à ação. Mas eles continuam insistindo que eu tenho que ficar até que eu esteja ‘curado’. — ele gargalha, como se a ideia de ele já não estar cem por cento é ridícula. Vejo-o estremecer um pouco quando ele ri. Ele está com mais dor do que diz.

— Bem, desfrute do ar condicionado e descanse enquanto pode. Eles vão levá-lo de volta para a ação antes que você perceba. Em seguida, você vai implorar para voltar e sentar em seu traseiro.

Ele ri, inclinando-se novamente para me dar um tapa no ombro com o braço bom. — É bom ter você de volta, cara. Agora, coma essa merda antes que esfrie e fique ainda pior.

— Sim, senhor. — eu digo, dando-lhe uma saudação simulada. Olho para os ovos gelatinosos sobre o prato na minha frente. Eu odeio essa merda em pó. Mas comida é comida, eu acho. Eu coloco uma garfada na minha boca. Eles já estão frios. Faço careta enquanto engulo. — Bom Deus, por que eles salvaram a minha vida se eles estão apenas tentando me matar com este lixo?

Joey ri e faz piadas enquanto eu forço a minha comida para baixo. A enfermeira vem para nos verificar. Joey está quase caindo da sua cadeira enquanto ri da minha cara. Ela dá-lhe um olhar severo e diz-lhe que é hora de voltar para a cama. Ela o ajuda a sair da cadeira até o seu leito. Virando-se para mim, ela vê que eu terminei minha comida e pega o prato do meu colo. — Desculpe, eu sei que esses ovos são terríveis. Se você se sentir bem com isso, vou me certificar de conseguir algo bom para o almoço. — ela me dá uma piscadela e sai do cômodo.

— Deus, você estava morto para o mundo uma hora atrás, e agora você tem a enfermeira mais quente daqui dando em cima de você. Faça-me um favor, está bem,

cara? Volte a dormir por mais quatro ou cinco dias. Dê-me um pouco mais de tempo para fazer a minha jogada.

Eu rio enquanto deito de volta contra o meu travesseiro. Haylee aparece na minha mente. Aquela foto que ela me enviou. Eu daria qualquer coisa para vê-la agora. Com seu belo rosto e o som da sua voz na minha cabeça, eu fecho meus olhos e me deixo cair no sono novamente.

Joey e eu estamos sentados em lados opostos da sua cama alguns dias mais tarde. Ele acabou de pegar um baralho e sugerir que jogássemos Mentira. Eu rio, lembrando da noite que joguei isso com Haylee, Chris e Emma. Haylee estava tão relutante quando chegou pela primeira vez naquela noite, mas depois de algumas rodadas de Mentira, ela se soltou e parecia estar se divertindo. Vê-la rir e sorrir tanto, foi emocionante.

Joey coloca três cartas viradas entre nós. — Eu tenho três 2. — ele diz, fazendo a sua melhor cara de pôquer. Aparentemente, ele não percebe que este jogo não funciona com duas pessoas. Olho para as minhas próprias cartas e já posso dizer que ele está blefando. Eu tenho dois 2, então não há nenhuma maneira que ele possa ter três.

— Humm, mentira. — eu digo, e ele se abaixa para pegar as cartas novamente.

— Ugh, como você sabia, cara? Não havia nenhuma maneira que você visse na minha cara. Eu sou um perito neste jogo. Nunca perdi enquanto crescia.

Eu arremesso as cartas da minha mão em sua cabeça. — Talvez porque este jogo não funcione com duas pessoas, anta. Se eu tenho todas as cartas que você não tem, eu posso dizer automaticamente quando você está me sacaneando. Você não pode ser tão bom neste jogo, se você não percebeu isso.

— Huh. Acho que nunca pensei nisso. Eu costumava brincar com meninas diferentes na escola o tempo todo. Apenas nós dois. Só jogávamos Mentira. Sempre que perdiam, elas tinham que tirar uma peça de roupa. Eu sempre acabava vencendo, se você me entende. — ele mexe as sobrancelhas para mim e pisca.

— Sim, bem, aquelas eram as meninas mais estúpidas do planeta, ou elas intencionalmente perdiam para conseguir alguma coisa. Deviam ser muito desesperadas se recorriam a você.

Ele chega mais perto com o braço bom e me bate na coxa. — Idiota. Fique você sabendo que cada uma daquelas meninas me ligou, pedindo uma revanche. Não se

cansavam disso. — ele agarra sua virilha e dá-lhe um aperto. Reviro meus olhos e olho para longe.

— Ugh. Eu vou ter pesadelos pelo resto da minha vida por causa dessa imagem. Obrigado por isso.

Eu estou olhando para a porta quando eu vejo o Sargento e Chris entrando. Um sorriso surge imediatamente no meu rosto. Esta é a primeira vez que vejo Chris desde que acordei. Os caras estavam fora em uma missão, então ele não foi capaz de visitar. Essa é a única razão que ainda estou aqui. Os médicos perceberam que eu poderia simplesmente relaxar e descansar até que o resto da minha equipe voltasse. Espero que agora eles me deixem voltar com eles.

Eu me levanto da cama e vou em direção ao Chris. Quando eu o alcanço, jogo meus braços em torno dele e o abraço. Nós batemos um nas costas do outro algumas vezes, pendurados um ao outro por alguns segundos a mais do que o necessário. Eu nunca me senti tão feliz em ver alguém em toda a minha vida.

— Puta merda, Chris, eu nunca pensei que diria isso, mas é bom ver a sua cara feia de novo.

Ele me dá um meio sorriso, a emoção não atingindo seus olhos. — É bom ver você também, amigo. Muito bom. Você realmente nos deixou um pouco assustados.

Merda. Ele está sendo sombrio e sério. Chris nunca é sombrio e sério, o que só significa que há uma má notícia que ele não quer compartilhar. Fui exonerado por não proteger o meu companheiro? Por ser um elo fraco na equipe e colocar meus companheiros soldados em risco? O pensamento não tinha me ocorrido antes, mas agora eu sei que é por isso que estamos aqui. O Sargento trouxe Chris junto para suavizar o golpe. O exército tem vergonha de mim. Inferno, eu não posso culpá-los. Tenho vergonha de mim também.

— Então o que é? O que eles colocarão nos meus documentos? Será uma dispensa desonrosa?

Chris olha para o Sargento e depois de volta para mim, um verdadeiro olhar de perplexidade no rosto. — Que merda você está falando, Porter? Ninguém está sendo exonerado. Por que, pelo amor de Deus, você acha isso?

Agora, meus pensamentos estão correndo. Por que diabos eles estão aqui, então? Aconteceu alguma coisa com um dos rapazes enquanto eles estavam fora? Ou com alguém em casa?

Meus pensamentos voam imediatamente para Haylee. Meu coração martela no meu peito e minha respiração acelera. Chris deve ter recebido uma carta de Emma dizendo que algo aconteceu com Haylee. Se algo de ruim aconteceu com ela enquanto eu estava longe e não fui capaz de protegê-la, eu nunca vou me perdoar. *Por favor, deixe-a ficar bem*, eu silenciosamente rezo para quem possa estar ouvindo. *Por favor. Não posso perdê-la. Não depois de todo o resto. Isso vai me esmagar.*

Eu olho para Chris, vejo todas as notas de humor fora do meu rosto. — O que você está fazendo aqui, Chris? Por que o Sargento está com você? Algo está acontecendo e é melhor você me dizer agora, porra.

Chris passa a mão sobre a cabeça e olha para o chão. — Merda, cara. Eu não sei como te dizer isso.

Meu coração parece que vai bater fora do meu peito. Ele não olha para mim. Por que ele não olha para mim? Droga. Eu deveria ter sido mais aberto com Haylee. Deixá-la saber o que eu *realmente* sentia. Deixá-la saber o quanto ela veio a significar para mim em tão pouco tempo. Eu sinto minha garganta fechar. Eu não consigo respirar. Eu chego na cama atrás de mim, mas acabo desabando sobre ela.

— O que aconteceu com ela? — eu mal consigo formar as palavras. O quarto parece que está girando em torno de mim. Isso não pode estar acontecendo. Agora não. Não depois do que eu acabei de passar com Chris e Joey. E o meu pai e Noah. Eu não posso perder alguém que eu amo. Eu *não posso*.

— Overdose de droga. Ela está em coma no momento. Os médicos não sabem quando ou se ela vai sair dessa. Eles estão fazendo tudo o que podem. Mas nós temos o primeiro voo reservado para fora daqui, apenas no caso. Eu sabia que você iria querer estar com ela.

Isso não faz sentido. Haylee não usa drogas. Ela mal toma bebidas alcoólicas. Tem que haver algum engano.

— Do que você está falando? Overdose de drogas? A menina quase não tocou numa gota de álcool durante todo o tempo que eu estava com ela. Não há nenhuma maneira que Haylee estivesse se drogando. Eu teria sabido.

— Haylee? — Chris pergunta, claramente perplexo. — Quem falou em Haylee? Sua mãe, cara. Ela não está bem. Você precisa tirar sua bunda dessa cama e ir para o aeroporto. Agora.

Assim que eu escuto que Haylee está segura, um peso sai dos meus ombros. Eu quero cair na cama e chorar lágrimas de alívio. Em seguida, registro as outras palavras do Chris. Minha mãe.

Minha mãe!

Capítulo Catorze

Ryan

Várias escalas de voo e muitas horas depois, o pequeno avião que estou, finalmente toca o solo, estou, enfim, em um pequeno aeroporto nos arredores de Nova Iorque. Tenho uma hora para correr para o JFK para pegar o voo que vai me levar para casa. Pego minha bolsa e corro para a rua.

Um táxi já está lá me esperando, o motorista segurando a porta do passageiro traseiro aberta. Ele olha para mim com expectativa. — Cabo Porter?

Eu aceno, correndo para ele. O Sargento e Chris devem estar por trás disso. Eles sabiam que eu não gostaria de esperar o tempo extra que é preciso para rastrear um táxi. Envio a eles um obrigado silencioso enquanto jogo a minha bolsa no banco de trás e entro em seguida.

O motorista entra no carro e decola. Eu me pergunto se ele sabe onde precisa me levar. Digo rapidamente: — JFK, por favor.

O motorista assente, parecendo como se ele de fato já soubesse disso. Eu me inclino para trás em meu assento e fecho os olhos. O voo sobre o Atlântico foi exaustivo. Não consegui dormir. Cada vez que eu fechava meus olhos, tudo o que via era a minha mãe deitada em uma cama de hospital, completamente sozinha. Acordava sobressaltado, sentindo a culpa de não estar lá para ela quando ela precisava de mim.

Sei que esses pensamentos são completamente absurdos, mas eu sou incapaz de controlá-los. Se eu estivesse lá, ela teria me falado. Ela teria sido capaz de vir até mim e deixar-me saber o que estava errado. Mas eu a deixei. Sabendo o quão frágil ela estava, deixei-a sozinha. Porque eu tenho uma necessidade ridícula de me provar para o mundo. Mostrar que a perda do meu pai e meu irmão foi difícil, mas que algo de bom ainda é capaz de vir dessa família. Saí para bancar o herói quando eu deveria ter tomado conta da minha mãe quebrada.

Atormentado pela culpa, remoo esses pensamentos repetidamente até que o motorista do táxi finalmente para. Eu olho em volta, vendo o tráfego parado, mas nenhum sinal do aeroporto.

— Desculpe, senhor. — ele diz. — O tráfego neste perímetro próximo ao aeroporto é um pesadelo. Vi que você só tem uma bolsa com você, então pensei que podia acordá-lo para ver se você quer fazer o resto do caminho a pé. Disseram-me que você tinha um lugar muito importante para estar. Eu odiaria que você perdesse seu voo por causa disso.

Eu não me incomodo em corrigir sua suposição de que eu estava dormindo. Pego minha bolsa e começo a sair do carro. De repente, eu me lembro que eu não tenho dinheiro para pagar por isso. Na minha pressa para chegar ao avião, eu não pensei em dinheiro ou qualquer outra coisa. Só joguei algumas coisas em uma bolsa e corri para fora do quartel.

Eu olho para o cartão de informação atrás do assento do homem. O nome dele é Tony. — Errr, Tony. Eu sinto muito. Acabei de perceber que eu não tenho nenhum dinheiro comigo. Se pudéssemos...

— Não, senhor. — ele interrompe, virando-se para olhar para mim. — Não se preocupe com isso. Eu resolvo. Apenas chegue onde você precisa estar. Considere apenas como um pequeno agradecimento pelo que você faz por lá pelo nosso país. Estou honrado de estar dirigindo para você.

Eu chego próximo do assento e bato-lhe no ombro. — Você é um bom homem. Eu não sou ninguém especial, mas isso significa muito para mim. Então, obrigado. Se houver alguma maneira que eu possa recompensá-lo, por favor, entre em contato. Ryan Porter. Alguém na base dará as minhas informações para você. Informarei a eles que estou esperando sua ligação.

Ele assente, gesticulando para eu sair do carro. — Não se preocupe, você me ouve? Mova-se para fora do carro e vá para esse aeroporto. Você tem lugares mais importantes para ir agora.

Agradeço-lhe mais uma vez e salto para fora do carro. Correndo através dos carros parados na rua, eu alcanço a calçada e começo a esquivar-me das pessoas em vez disso. Por que há tantas pessoas nesta maldita cidade? Eles não podem ver que eu estou com pressa?

Depois do que parece uma eternidade, finalmente estou no aeroporto. Eu olho para o painel de avisos, e vejo que o meu voo está no horário e embarcando. Maravilha, merda. Eu ainda preciso passar pela segurança.

Viro para o canto, para o posto de segurança, avisto a fila mais longa na história. Meus ombros caem. Nunca vou chegar a tempo. Eu passo para trás da última pessoa na fila e solto um suspiro. A mulher na minha frente vira e me dá uma longa olhada. Vendo o meu uniforme, ela pergunta: — Acabou de voltar do Iraque?

— Sim, senhora. — eu digo fracamente, incapaz de levantar os olhos para encontrar os dela. Não quero falar agora.

— Bem, por que está tão triste? Alguém poderia pensar que você ficaria feliz por estar de volta para casa com seus entes queridos. — ela responde alegremente, obviamente tentando iluminar o meu humor.

Eu dou de ombros. — Na verdade, minha senhora, eu não voltei porque minha missão acabou. Estou de volta, porque minha mãe está no hospital e eles não têm certeza se ela vai sobreviver. Eu tenho permissão especial para estar aqui, apenas no caso de ela não conseguir. Meu voo sai em dez minutos, e eu não vou estar nele por causa do tráfego nesta cidade esquecida por Deus. — percebendo as minhas palavras e lembrando meus modos, eu acrescento: — Perdoe-me, senhora. Isso foi desnecessário.

Ela me olha com tristeza em seus olhos. — Bem, isso não vai acontecer, não é? Espere aqui.

A pequena mulher sai da fila e vai para o guarda de segurança na frente da fila. Inclinando-se em direção a ele, ela sussurra algo em seu ouvido. Ele responde, apontando para os outros na fila. Ela franze a testa, os ombros eretos e dá um passo para trás.

— Escute aqui, pessoal. — ela grita, surpreendentemente alto para alguém tão pequeno. — Este jovem ali atrás acaba de retornar do Iraque com permissão especial para ver sua mãe doente. Ele precisa estar em um voo que parte em dez minutos. Alguém aqui se opõe que ele salte para a frente da fila? Se sim, gentileza vir aqui e eu vou lembrá-lo o que significa viver neste grande país e que este jovem se coloca na linha de frente por você todos os dias. Agora, alguma objeção?

O olhar que ela dá a todos diz claramente que, se eles têm um problema, é melhor manterem suas bocas fechadas se eles sabem o que é bom para eles. Ela acena para que eu vá até ela. Eu poderia beijá-la de tão grato que sou a ela. — Obrigado. — eu digo, parando na frente dela.

— Xô. Vá. Não há tempo a perder aqui. Mova-se.

Eu olho para os outros na fila, sem querer causar quaisquer problemas. Cada um deles sorri para mim e balança a cabeça para eu seguir em frente. Alcanço o segurança e ele passa rapidamente o detector de metais por cima de mim.

— Nada ilegal em você, meu filho? Obviamente algum metal, mas nenhuma arma ou arma branca de qualquer tipo? — asseguro a ele que eu não tenho nada e ele fica de lado para me deixar passar. Eu sei que ele potencialmente poderia perder seu emprego por isso, e eu rapidamente tomo conhecimento do seu crachá. Charles. Eu vou ter um monte de gente para agradecer quando esse longo calvário terminar.

Eu passo pelo portão ainda com alguns minutos de sobra. Empurro o meu cartão de embarque para o atendente e passo pela porta de embarque para o avião. Assim que coloco o pé para dentro, eu tomo uma respiração profunda. Consegui.

Encontrando o meu lugar, eu vejo um homem idoso no assento ao lado do meu. Seus olhos estão fechados e seus dedos estão entrelaçados sobre a sua barriga. Bom. Tomara que ele durma durante todo o voo. Depois de tudo isso, realmente não estou no clima para um companheiro de poltrona falador.

Eu arrumo a minha bolsa no compartimento de bagagem e me acomodo. Dentro de minutos, o avião começa os procedimentos para a decolagem. Quando ele alcança a altitude de cruzeiro, eu relaxo e tento dormir um pouco. Eu posso ser atormentado por pesadelos terríveis, mas eu preciso ser forte para a minha mãe. Eu fecho meus olhos e, lentamente, caio no sono.

Capítulo Quinze

Ryan

Uma agitação violenta me tira do sono. Minhas mãos voam para os braços do assento, as costas rígidas e meus olhos varrendo a área a minha volta. Leva alguns minutos para me lembrar onde estou. O homenzinho que estava dormindo quando eu embarquei agora está bem desperto. Ele olha para mim com curiosidade.

— Apenas um pouco de turbulência, filho. O Capitão acendeu a luz do cinto de segurança. Então, aperte o cinto e volte a dormir. Estaremos lá antes que você perceba.

Balanço a minha cabeça. Não há nenhuma maneira que eu consiga voltar a dormir agora. Eu olho para o meu relógio, vendo que estive dormindo por cerca de uma hora. Estamos em mais da metade do caminho. Pensamentos ansiosos começam a correr pela minha cabeça. E se ela já se foi? E se eu não chegar lá a tempo?

O homem interpreta a preocupação que deve estar gravada no meu rosto porque ele continua. — Estamos tão seguros quanto em casa. Um pouco de turbulência nunca fez mal a ninguém. Imaginei que você estivesse acostumado com isso. Esta não pode ser a sua primeira vez em um avião. — ele aponta para as insígnias no meu uniforme, significando meus anos no Exército. Ele sabe que eu não sou um novo recruta.

— Não, senhor. Eu voei dezenas de vezes. Não é a turbulência. Eu tenho algumas preocupações pessoais esperando por mim em casa.

Ele acena com conhecimento de causa. — Ahh. Nervoso sobre ver sua garota? — ele diz, dando-me um sorriso malicioso.

Ah, como eu gostaria que fosse algo tão simples. Minha mente pisca brevemente para Haylee, mas eu sei que não vou vê-la nesta viagem. Eu só tenho alguns dias para passar com a minha mãe. Preciso compensar os últimos anos. Olhando para o homem, eu nego com a minha cabeça.

— Bem, o que é, então?

Olho para ele. Ele é velho. Mais velho do que eu pensava. Com seu cabelo grisalho fino e pele enrugada, eu acho que ele está no fim dos oitenta anos. Mas o brilho em seus olhos me faz lembrar o meu pai. Um genuíno cuidador de outras pessoas.

— Qual é o seu nome, filho? — ele pergunta quando eu não respondo a sua pergunta.

— Ryan, senhor. Ryan Porter.

Ele estende a mão. — Eu sou Ed. Eddie para os amigos. Prazer em conhecê-lo, Ryan. Você está apenas indo para casa?

Eu concordo.

— Quanto tempo você ficou fora?

— Apenas alguns meses. Na verdade, estou apenas em uma licença temporária. Minha mãe está no hospital. Eles não acham que ela vá sobreviver. Estou tentando chegar lá antes que ela se vá.

— Merda. Isso é difícil.

Eu rio da sua franqueza. — Sim, senhor. É.

— Pare com esse negócio de senhor. Faz-me sentir velho.

Eu sorrio para ele.

— Eu não sou velho. Claro, pode parecer, mas é o que você sente aqui que realmente importa. — ele fala, tocando no lado da sua cabeça. — E aqui em cima, eu ainda tenho vinte e dois.

Eu rio, amando a sua perspectiva. — Bem, então, Eddie. Desde que isso te faz se sentir velho, eu acho que é melhor você ser aquele a me chamar senhor.

Ele acena com a mão. — Pft. Eu sou velho demais para chamar alguém de senhor. Tenho blusas que são mais velhas do que você, garoto.

Ele ri comigo em sua contradição. Eu aprecio a distração momentânea dos meus problemas, mas muito em breve eles inundam a minha mente novamente.

— Sua mãe está doente? — ele pergunta, vendo a preocupação retornar para os meus olhos.

— Você poderia dizer isso. — quando ele não responde, eu olho para ele. Ele está olhando para mim com expectativa, como se ele estivesse esperando que eu continue. Bem,

inferno. Eu nunca verei esse cara novamente. Pode me fazer algum bem colocar tudo para fora.

— Meu pai e meu irmão morreram quando eu tinha onze anos. Minha mãe e meu pai eram muito próximos. Amavam-se mais do que qualquer coisa. Mesmo depois de anos de casamento, Noah e eu os pegávamos roubando beijos sempre que podiam e flertando um com o outro.

— Depois que ele morreu, minha mãe foi ao fundo do poço. Perder Noah apenas contribuiu com isso. Ela começou a beber. E quando isso não foi suficiente para aliviar a dor, ela se virou para as drogas. Quando ela não podia pagar as drogas, ela se virou para os homens. Ela tornou-se completamente incapaz de cuidar de mim. Fui morar com meu melhor amigo e sua família quando eles descobriram. Eles não queriam que eu acabasse em um orfanato. Então eles me acolheram.

— Eu a verificava de vez em quando. E a mãe do Chris, Carrie, fazia com que ela ficasse alimentada. Tentou levá-la para a reabilitação. Mas minha mãe foi longe demais. Depois que me formei e entrei para o Exército, ela me disse que não aguentaria me perder também. Que se eu insistisse em ir adiante com isso, então eu já estava morto para ela. Ela disse que não veria outro dos seus meninos em um caixão. Desde então, eu não falo com ela.

Eddie me dá um olhar triste. — Ela está em coma. Overdose, aparentemente. Acho que ela finalmente deu um passo longe demais. — minha voz quebra e uma lágrima escorre na minha bochecha.

Eddie aperta a minha mão. Ele enfia a mão no bolso e tira um pacote lenços de viagem. *O que há com caras velhos que sempre têm lenços?* Eu me pergunto. Eu sou grato por isso no momento, no entanto. Pego o pacote, puxando um para fora e enxugando os olhos. Eddie fica em silêncio, então eu continuo.

— Eu deveria ter estado lá. Cuidado dela. Em vez disso, eu a deixei. Eu sabia o quão ruim ela estava. E eu fui embora de qualquer maneira. Que tipo de filho eu sou? Quem faria isso com a sua própria mãe? E agora a culpa é minha. É a porra da minha culpa que ela está morrendo. Porque eu fui muito egoísta para estar lá para ela.

Com isso, Eddie quebra o silêncio. — Agora, isso é besteira. — eu levanto a minha cabeça em surpresa e ele balança a dele. — Sinto muito, meu filho, mas é. Você não pode se culpar por isso. Ela fez isso para si mesma. Não foi sua culpa que seu pai e seu irmão

morreram. E não é sua culpa que sua mãe reagiu desse jeito. Você era jovem demais para fazer qualquer coisa. Ela deveria ter pedido a ajuda que precisava. Isso é sobre ela. Não se atreva a colocar isso em si.

— Você não entende...

Eddie me corta antes que eu possa terminar. — Sim. Eu entendo. Eu perdi minha esposa e foi a coisa mais difícil que eu já tive que passar. Você acha que não teria sido mais fácil simplesmente abafar essa dor? Entorpecer-me contra ela? Inferno, sim, teria sido. Mas eu não podia fazer isso com os meus filhos. E todos cresceram e prosperaram. Eles têm suas próprias famílias. Sua mãe ainda tinha um garoto que precisava criar. Você se diz egoísta... — ele faz uma breve pausa, sacudindo a cabeça. — A única pessoa egoísta que eu vejo nessa história é a sua mãe.

Minha indignação surge. Mesmo depois de tudo o que ela me fez passar, imediatamente quero defender a minha mãe. Mas antes que eu consiga dizer uma palavra, Eddie continua.

— Eu sei que ela é sua mãe. E você a ama. Então, perdoe minha falta de respeito. Eu só não suporto ver você se culpar por algo que não foi culpa sua. Sua mãe deveria estar orgulhosa de você. Da sua decisão de lutar por seu país. Não há nada mais honroso do que isso. Então, se alguém deve ter algum arrependimento pelos últimos anos, é ela. E acredite em mim, onde quer que ela esteja na cabeça dela, ela tem. Eu te conheço há vinte minutos e já posso dizer que você é especial, garoto.

— Como? — eu resmungo.

— Porque você lidou com merda na vida. Nenhuma criança devia perder seu pai em uma idade tão jovem. E, em seguida, assistir a sua própria mãe se destruir. Você deveria ser o homem mais amargo e irritado no planeta. Mas em vez disso, no momento em que eu insultei sua mãe, o fogo veio para os olhos e você estava pronto para arrancar a minha cabeça. Você a ama, mesmo depois de tudo que ela te fez passar. Isso me diz que você é especial. Você tem um coração enorme.

Fico em silêncio por alguns instantes. O Capitão vem pelo alto-falante, dizer-nos que chegaremos ao nosso destino nos próximos vinte minutos.

Eu olho nos olhos suaves de Eddie, perdendo-o pelo que ele me disse. Porque eu sei que ele está certo. Ainda me sinto culpado por não estar lá para a minha mãe, mas foi

decisão dela. Eu precisava viver minha vida. E eu a amo. Mesmo depois de tudo. Lágrimas começam a se formar nos meus olhos novamente.

— Ah, vamos lá. Não comece novamente. Eu nunca fui bom com lágrimas. Basta perguntar aos meus filhos. — ele ri.

Eu seguro as lágrimas. Ele tem razão. O choro vai me trazer nada mais do que olhos vermelhos e dor de cabeça. Preciso me concentrar no que vou fazer a partir daqui.

— Você tem namorada? — ele olha para a minha mão esquerda vazia. — Não é casado, eu presumo? Alguém especial esperando por você em casa?

Eu solto um suspiro frustrado. — Essa é a pergunta de um milhão de dólares.

Ele levanta uma sobrancelha para a minha resposta. — O que diabos isso significa?

— Haylee.

— Haylee? E quem é Haylee?

— Eu a conheci há alguns meses antes de eu ser destacado esta última vez. Ela é incrível, Ed. Incrível. Ela é doce. Inteligente. Linda pra caramba. E o melhor amigo do que eu já tive, além do Chris. Sei que se eu me permitisse sentir isso, ela seria meu amor épico. Mas eu não posso arriscar.

— Bem, isso é simplesmente estúpido. Como ela se sente sobre você?

Inclino a cabeça para trás contra o encosto de cabeça e fecho os olhos. — Esse é outro problema. Ela me disse desde o início que não pode estar em um relacionamento. Eu pensei que era ótimo no início. Apenas uma garota legal para sair, uma vez que Chris estava tão envolvido com Emma, sua namorada. Mas quanto mais eu a conhecia, mais eu gostava dela. Mais eu podia notar como ela era diferente de qualquer outra garota que eu já conheci.

— Ela tem seu próprio dano embora. Ela não fala comigo sobre isso, mas posso dizer que ela se machucou. Que ainda dói. Isso me enfurece pra caralho, o pensamento de alguém causando sua dor. Quero encontrar quem foi e jogá-lo no chão. Então acho que eu poderia um dia ser aquele a machucá-la, mesmo involuntariamente. Não importa o quanto eu a ame, não posso controlar o que acontece comigo, especialmente na minha profissão. E o pensamento de ser a causa de mais dor para ela me faz querer me jogar no chão. Eu vi o que isso pode fazer a uma pessoa. Eu não quero que o que aconteceu com a minha mãe

aconteça com a Haylee. Não. Eu não posso. Eu não posso me permitir me apaixonar por ela.

Eu olho para Eddie. Ele está sorrindo e olhando para mim como se eu fosse a pessoa mais estúpida do planeta. Inferno, talvez eu seja.

— Você está se ouvindo, garoto? ‘Não posso me permitir me apaixonar por ela.’ Rá. Tenho notícias para você, filho. Não há o que fazer. Você se apaixonou. Depois do que eu ouvi, você se apaixonou há algum tempo.

Eu bato minha cabeça contra o encosto de cabeça. Eu sei que ele está certo. Eu estive mentindo para mim mesmo há meses. Pensando que se eu não admitisse em tantas palavras, não seria verdade. Mas, no fundo, eu sabia que estive apaixonado por ela por um tempo. Eu comecei a me apaixonar no minuto em que a conheci.

— O que eu faço, Eddie? Eu não posso ficar com ela. Mas como posso viver sem ela? Um pensamento que dói ainda mais do que a alternativa.

Ele me olha diretamente nos olhos. — Eu conheci minha esposa quando nós dois estávamos com vinte e dois. Eu soube, no segundo em que coloquei os olhos nela, que era ela. Parece tolo e insano, mas eu sabia que naquele dia ela seria minha esposa algum dia. Caminhei até ela e me apresentei. Nós éramos inseparáveis a partir daquele momento. Casei-me com ela exatamente um ano depois.

Eu sorrio, eu não sei o que isso tem a ver com Haylee e eu, mas há uma animação em seus olhos quando ele fala sobre sua esposa. Seus olhos brilham como se ele realmente estivesse com vinte e dois anos, em vez de oitenta.

— Tivemos quase cinquenta anos fantásticos juntos. Criamos cinco filhos lindos e tivemos uma bela casa. Um dia, eu estava em casa quando recebi um telefonema. Era a minha esposa no telefone, chorando histericamente. Ela não conseguia se lembrar de como chegar em casa. Ela disse que nada parecia familiar e ela não sabia onde estava.

— Agora, eu tinha notado pequenas coisas em relação ao ano anterior. Ela esquecia onde as chaves estavam, ou o nome de um velho amigo. Alguns dias antes, eu tinha encontrado o ferro na geladeira. Eu culpei a chegada dela aos setenta. A memória de ninguém é tão acentuada aos setenta anos, como é aos trinta.

— Mas naquele dia, quando ela ligou, eu sabia que algo maior estava acontecendo. Eu a fiz descrever os arredores para mim, e reconheci de imediato onde ela

estava. Era apenas a poucos quarteirões da nossa casa. Pulei no meu carro, mantendo-a no telefone o tempo todo. Quando estacionei atrás do carro dela, ela voou para fora e correu para mim. Eu a peguei lá na rua e apenas a abracei. Abracei-a enquanto ela chorava e soluçava na minha camisa. Ela também sabia.

— Mais tarde, vários exames e visitas a especialistas, nós soubemos com certeza. Os estágios iniciais da doença de Alzheimer. Minha esposa - minha brilhante esposa - estava perdendo sua memória. O médico passou o tratamento e as várias fases e graus da doença. Saímos do consultório do médico em transe. Na volta para casa, Allison estava estranhamente quieta. Lembro-me de pensar que ela estava em choque, possivelmente. Se ela tivesse sequer ouvido qualquer coisa que o médico havia dito. Quando nós paramos na entrada da nossa casa, ela finalmente quebrou o silêncio.

— ‘Por que eu, Eddie? Por que isso? De todas as coisas terríveis neste mundo, por que logo isso que tenho que passar? Lentamente perdendo minha mente até que eu não possa me alimentar. Até que eu esteja em fraldas. Até que eu seja um completo fardo para você e as crianças. Como isso é justo? O que eu fiz para merecer isso?’

— A voz dela quebrou na última palavra. Eu a puxei para mim, assegurando-lhe que ela nunca seria um fardo. Que eu a amava, aconteça o que acontecer. Que eu sempre a amaria e estaria lá para ajudá-la com qualquer coisa.

É a vez de Eddie limpar seu rosto. As lágrimas estão fluindo sem abandono por suas bochechas. Ele não parece se importar. Apenas limpou-as e continuou.

— Os próximos anos foram difíceis. Ela esqueceu-se mais e mais. Ela começou a vaguear à noite, tão confusa que nem sabia qual era a hora do dia. Ela esqueceu-se que as crianças tinham crescido e tinham gerado seus próprios filhos. Ela chamava o nosso mais novo e, em seguida, entrava em pânico quando ele não vinha correndo para a sala. Quando os filhos e netos iam visitar, ela não reconhecia nenhum deles. Seu Robbie, era um menino de doze anos de idade, não um homem crescido chegando aos quarenta anos, com uma menina dele de doze anos de idade. Essas visitas tornaram-se tão perturbadoras para ela que nós tivemos que acabar com elas. Eu me encontrava com meus filhos e dava-lhes atualizações. Mas ela não podia suportar vê-los.

— Eu era a única coisa que ela lembrava. Não importa o quão ruim seus dias eram, ela sempre se lembrava de mim. Sempre lembrava que me amava. E que eu a amava. Essa

foi a única recompensa que eu precisei para suportar os dias difíceis. Isso fez tudo valer a pena.

— Então, uma manhã eu entrei no quarto depois de preparar o café da manhã. Ela sempre dormia até mais tarde do que eu, uma vez que ela era muito inquieta à noite. Eu balancei suavemente seu ombro, tentando acordá-la antes do seu café da manhã esfriar. Eu tinha feito um café da manhã especial naquela manhã. Era o nosso quinquagésimo aniversário de casamento.

— Ela se virou e olhou para mim. Ela piscou algumas vezes, limpando o sono dos seus olhos. Então ela começou a gritar.

Agora é a minha vez de colocar meu braço em volta dos ombros de Eddie e puxá-lo para mim. Estou chorando com ele, as lágrimas caindo livremente pelo meu rosto. Eu nem sequer as enxugo. Que espetáculo devemos ser para os outros no avião. Mas eu não poderia me importar menos.

— Ela não se lembrou de mim, Ryan. Ela não tinha ideia de quem eu era. Ela começou a gritar pelo pai, um homem que já estava morto há vinte anos. Ela gritou comigo para me afastar dela. Para sair do seu quarto. Sair da sua casa. Aquilo me matou. Algo dentro de mim quebrou naquele dia, e nunca foi reparado. Saber que o amor da minha vida não me reconheceu, não me conhecia, eu simplesmente... quebrei. Eu nunca senti nada nem remotamente perto em toda a minha vida. É a pior dor que eu posso imaginar. Depois de tudo o que eu tinha visto na minha vida - morte, violência, guerras, tudo isso - foi a pior dor imaginável. Ter a minha mulher olhando para mim e não me conhecer.

Ele se afasta dos meus braços neste momento e coloca as duas mãos sobre os meus ombros, me olhando diretamente nos olhos. — Mas você sabe, Ryan? Eu faria tudo de novo. Mesmo sabendo o que ia acontecer. Sabendo que ela me esqueceria, esqueceria os nossos filhos, esqueceria dela. Sabendo que eu trocaria as suas fraldas, daria suas refeições e observaria cada movimento dela. Eu faria tudo de novo, sem pestanejar. Porque esse tipo de amor só acontece uma vez na vida. E o fim pode ser doloroso. Mas o resto foi tão maravilhoso. Valeu a pena a dor. Então, vale a pena.

— Você precisa deixar que aquela garota tome sua própria decisão. Porque como eu disse, você é especial. Você vale qualquer risco ou possível desgosto. E se ela é inteligente e merece você verdadeiramente, ela vai ver isso também.

O Capitão vem pelo interfone novamente, anunciando que estamos começando a nossa descida. Eddie e eu nos arrumamos em nossos lugares e apertamos os cintos. Eu me aproximo e seguro a mão dele. — Obrigado, Eddie. Obrigado por compartilhar isso comigo. Allison era uma mulher de muita sorte. E eu sou um cara de sorte por ter a oportunidade de compartilhar este voo com você. Obrigado.

Eu aperto sua mão, quando nós tocamos o chão. Ele pisca para mim novamente. — Vá pegar aquela garota. Não cometa o erro de ficar com medo. Você é um homem forte, Ryan. Você merece ser feliz.

Capítulo Dezesseis

Haylee

Entramos em uma sala cheia de estrelas. Milhares e milhares de pequenas luzes cintilantes cobrindo toda a superfície do ginásio da escola. Prendo a minha respiração. Está completamente irreconhecível. Eles, de alguma forma, conseguiram transformar esta monótona, sala sombria, em um país das maravilhas. Todas aquelas luzes refletiam em dezenas de cristais pendurados no teto, que por sua vez refletiam as lantejoulas e strass que decoram as centenas de vestidos embalados na pista de dança. O efeito é hipnotizante. Mágico.

Campbell pega a minha mão e enlaça meu braço. Eu posso sentir os olhos de todos se voltarem para nós. Ouço seus sussurros enquanto passamos. Eu olho para o chão, desconfortável sob o escrutínio deles.

A mão de Campbell vem para o meu rosto, levantando meu olhar para o seu. — Você está linda, baby. Tudo o que eles estão dizendo é por pura inveja. Confie em mim.

E eu confio. O sorriso que se espalha em todo o meu rosto é tão grande que quase dói. Ele me acompanha até uma mesa onde as meninas do nosso grupo colocam as jaquetas e bolsas, antes de serem levadas por seus pares para a pista de dança. Eu sigo o exemplo, e Campbell me gira assim que minha bolsa atinge a mesa.

— Eu, hum. Eu não posso dançar. — murmuro enquanto ele me leva para o meio da pista. A luz reflete no seu rosto, seus olhos brilhando.

— Tudo bem. Nem eu. Você acabou de ver a extensão dos meus movimentos de dança. — diz ele, me girando mais uma vez antes de me puxar contra ele e travar seus braços em volta da minha cintura. — Basta colocar seus braços em volta de mim. Nós vamos dar um jeito. — ele pisca.

Isso eu posso fazer. Deslizo meus braços em torno dos seus ombros e fecho minhas mãos atrás do pescoço. Apoiando minha cabeça contra seu peito, ele descansa seu queixo em cima da minha cabeça e nós balançamos, deixando a música ajustar o nosso

ritmo. Ouço o ritmo suave do seu coração batendo por baixo da camisa. Ele pressiona um beijo no topo da minha cabeça e eu suspiro. Esta noite toda é tão surreal. Eu quero que ela nunca acabe.

Nós dançamos mais algumas músicas antes de voltarmos para a nossa mesa. Vários dos seus amigos já estão lá, e as meninas imediatamente me incluem na conversa, perguntando onde consegui o meu vestido, quem fez meu cabelo e todos os outros detalhes que meninas acham tão importantes. Não há nenhum constrangimento entre nós. É como se eles não tivessem passado os últimos dezessete anos da minha vida me ignorando completamente. De repente, eu importo para eles.

Olho para Campbell, rindo e brincando com seus amigos. Ele encontra meu olhar e pisca para mim novamente. Eu não consigo tirar os olhos dele. Ele é tão lindo. E ele está aqui comigo.

Após cerca de uma hora, os caras anunciam que estão entediados e prontos para ir. Uma última dança e, em seguida, todos nós nos empilhamos na limusine. Olhando para o relógio no carro, vejo que não são nem dez ainda. Achei que era muito mais tarde do que isso. Eu não estou pronta para ir para casa.

Jake bate na janela do motorista, que abaixa o vidro. Ele passa-lhe um pedaço de papel. — É para onde estamos indo. — ele acena, fecha a janela e liga o carro. Nós saímos do estacionamento e todo mundo fala animadamente.

— Que horas você precisa estar em casa? — Campbell me pergunta.

Eu olho para ele em confusão. — Não vamos para casa agora?

Ele ri. — Os pais de Jake estão fora da cidade. Nós vamos para a casa dele, para uma festa. Melhor parte do baile. Confie em mim. — ele pisca novamente.

No segundo que ele menciona a casa de Jake, eu me sinto desconfortável. Mas sua piscadela maldita é a minha criptonita. Não posso dizer não a isso. Então, aceno ligeiramente e viro o rosto para a janela. Mordo meu lábio, tentando conter o meu nervosismo. É só uma festa. Os jovens da minha idade fazem isso todo fim de semana. É hora de experimentar isso.

Trinta minutos depois, chegamos a uma casa enorme. Todos nós, os oito, descemos da limusine, os caras já turbulentos, gritando e pulando sobre as costas uns dos outros

enquanto nós caminhamos para dentro. A loucura deles me faz sorrir. Eles são apenas um bando de garotos, como eu. Isso não vai ser tão ruim. Pode até ser divertido.

Jake vai para o aparelho de som assim que entramos. Ele explode alguma música enquanto todas as meninas desaparecerem pelo corredor. Alguns minutos depois elas retornam, mudaram para suas roupas normais. Os caras perdem seus casacos e gravatas, suas camisas de botão saindo para revelar as camisetas brancas debaixo delas. Campbell bem que podia ter me avisado. Eu não quero ser a única aqui no meu vestido de festa.

Em poucos minutos, dezenas de outros começam a aparecer, e eu já não sou a única que ainda está em trajes formais. Campbell me mantém perto, ao seu lado, a noite inteira. Eu fico quieta, atenta ao desfecho em torno de mim. Onde quer que eu olhe, as pessoas estão formando casais, desaparecendo no andar de cima, em banheiros e alguns simplesmente indo para cima um do outro ali mesmo. Deixa-me um pouco desconfortável, mas a facilidade com que Campbell sorri me impede de sentir-me fora do lugar.

Ele me oferece uma bebida, que eu recuso. Já vi os efeitos do álcool em primeira mão, e não é algo que eu queira participar. Ele pega algumas para si. Em pouco tempo, seus olhos estão vidrados e eu posso dizer que ele tem um belo zumbido acontecendo em sua mente. Mas ele ainda é encantador, como de costume, então eu relaxo um pouco e apenas o deixo se divertir.

O encontro de Jake, Amanda, se aproxima de mim quando Jake e Campbell desaparecem. Eles desafiaram-se mutuamente para pular na piscina, mesmo que ainda seja em março e esteja frio lá fora. Um grupo de pessoas os seguem para o lado de fora, querendo vê-los um contra o outro em seu estado de embriaguez. Amanda e eu estamos sozinhas no sofá, alguns retardatários deixados para trás, mas ninguém prestando atenção em nós.

— Estou feliz que você veio hoje à noite, Haylee. Você parece legal. Não deixe que esses idiotas a assustem e a afastem. Eles estão um pouco... agitados hoje à noite. Geralmente somos um pouco mais calmos quando estamos juntos.

Eu rio. — Você quer dizer que eles não pulam em piscinas e bebem até o esquecimento todas as noites?

— Bem... — ela dá um sorriso irônico. — Jake e Campbell são um pouco loucos perto um do outro. Mas resulta em uma boa risada. Embora não sejam, geralmente, maus.

Nós rimos juntas e continuamos a falar até que todo mundo vem para dentro. Acontece que Amanda e eu temos muito em comum. Sempre achei que ela parecia legal, especialmente para uma garota popular, mas ela é mais doce do que eu imaginava. Eu espero que nós acabemos sendo amigas.

Jake chega correndo de volta, completamente encharcado. O olhar em seu rosto indica, claramente, que Campbell ganhou sua pequena competição de mergulho. Ele puxa Amanda do sofá, beijando-a profundamente na frente de todos. Aparentemente, seu ego precisa ser um pouco acariciado.

Amanda se vira e me dá um aceno, enquanto ela o segue até as escadas. Ele a içá por cima do ombro e bate na bunda dela. Sua risadinha ecoa através da sala. Eu rio baixinho sozinha. Procurando em volta por Campbell, eu o vejo rodeado de pessoas, todos batendo-lhe no ombro e exaltando suas habilidades incríveis na piscina. Ele as absorve. Acho que tenho que me acostumar com isso se vou realmente namorá-lo. Ele é o menino de ouro por aqui.

Um cara que eu nunca vi estatela-se perto de mim. — Você está aqui com Campbell, certo?

Hesitante, eu aceno. Ele olha para longe, balançando a cabeça para si mesmo. — Legal. Qualquer amigo de Campbell é um amigo meu. — ele me entrega um dos dois copos de plástico na mão. Eu ainda não o reconheço, mas sem querer ofender um amigo de Campbell, eu pego. Eu não tenho intenção de realmente beber.

O misterioso homem levanta seu copo para mim, esperando que eu toque o dele. Quando eu faço, ele diz: — A novos amigos. — e toma um gole da sua cerveja. Repito suas palavras e retorno o copo para o meu colo.

— Você não bebeu! — ele fala fingindo afronta. — Você tem que beber ou não é um brinde de verdade. Vamos lá. Um pequeno gole não vai machucar você. Faça por todos os seus novos amigos.

Até agora, vários outros já voltaram sua atenção para nós e estão levantando seus copos. — A novos amigos. — todos eles gritam, absorvendo o resto de suas bebidas e jogando os copos no chão. Eles olham para mim encorajadoramente. Meu coração

martela no meu peito. Eu não quero me excluir justamente quando eles estão começando a me aceitar. Rangendo os dentes, eu sorrio artificialmente e engulo a cerveja em três grandes goles. É nojento e eu quase vomito de volta. Mas depois de alguns segundos precários, meu estômago para de girar e eu sorrio, jogando meu copo no chão como os outros. Todas as pessoas dão vivas e eu sorrio. Um pouco de bebida não vai me matar.

Campbell vem e me puxa para fora do sofá. Nós começamos a dançar, e logo eu me sinto leve como uma pluma. Nunca me diverti assim, livremente. É revigorante.

Várias canções mais tarde e minha alegria começa a vacilar. Minha cabeça está girando. A sala está girando. Eu mal posso ouvir a música sobre as vibrações que correm através da minha cabeça. Eu me viro para Campbell, sua figura tão borrada que eu nem tenho certeza de que é ele, e grito que eu preciso usar o banheiro. Eu tropeço para fora, segurando-me contra as paredes, tentando as maçanetas até que uma se abre. Eu caio através da porta, em um tapete debaixo de mim. E então tudo fica preto.

— Você pode adivinhar o que aconteceu em seguida.

A boca de Emma fica aberta, um olhar de espanto no rosto. — Campbell? — ela pergunta simplesmente.

Eu balanço a minha cabeça. — Não. Pelo menos não que eu saiba. Não havia fotos dele. E por mais que ele tenha se saído uma merda de pessoa, eu acho que ele não teria feito isso.

Emma eleva a voz, várias oitavas. — Fotos?

— Sim. Muitas e muitas fotos. Fiquei desmaiada o resto da noite. Acordei na minha varanda dos fundos, meu vestido rasgado e nem mesmo a parte de cima do meu corpo coberta. Eu soube o que tinha acontecido imediatamente, mesmo que eu não me lembrasse de nada.

— Então, um idiota a estuprou e depois mostrou as fotos para as pessoas?

— Idiotas. — corrijo, e seu rosto cai ainda mais. — Havia alguns. E eles tiveram o cuidado de ocultar os rostos. Mas as notícias correm.

Emma balança a cabeça. — Você está brincando comigo?

Um riso triste escapa dos meus lábios. — Quem me dera.

— Não. Não foi isso que eu quis dizer. Eu sei que você não faria isso. Eu simplesmente não consigo acreditar nessa merda. O que você fez? Aqueles bastardos foram para a cadeia?

Eu balanço a minha cabeça lentamente. — Eu não podia provar nada. De acordo com todos na festa, eu fui uma participante voluntária. Quando pensei em ir à polícia, as drogas já haviam trabalhado seu caminho para fora do meu sistema. Assim, a história que circulou foi que eu tinha ficado bêbada, abandonado Campbell e fodido todo mundo que estava disposto. Quando fiquei sóbria, percebi o que eu tinha feito e tentei falar, contar o que aconteceu, acusar alguns dos garotos mais populares e amados na escola de estupro. — eu rio de novo, completamente desprovida de qualquer humor. — Se eu pensava que tinha sido uma pária antes do baile, foi nada comparado com o depois.

— Mas Campbell... ele não fez nada?

— Não. O idiota sabia que eu só tomei uma bebida e que eu tinha desaparecido sem explicação. Ele sabia o que tinha acontecido, mas ele era um grande covarde para me defender. Para dizer, exatamente, às pessoas o tipo de amigos que ele tinha. Ele nunca me atormentou diretamente. Mas o seu silêncio era pior do que qualquer coisa que aqueles canalhas poderiam ter atirado em mim.

— Puta merda, Haylee. Eu simplesmente não consigo acreditar. Sua mãe? Eu sei que ela era uma merda, mas ela fez alguma coisa?

Nego indiferente. — Ela nem sabe. Não havia razão para contar para ela. Ela não teria feito qualquer coisa de qualquer maneira.

— Eu odeio que você teve que passar por tudo isso sozinha.

— Eu não passei. Amanda me defendeu. Foi ela quem finalmente puxou os caras de cima de mim. Ela desceu do quarto de Jake, viu o que estava acontecendo e se apavorou. Jake fez todo mundo sair então. Acho que Campbell disse a Amanda que ele me levaria para casa. Acontece que significou me despejar na minha varanda dos fundos, sem sequer me cobrir.

A raiva de Campbell está borbulhando dentro de mim. Depois de anos de terapia, é a única coisa que não consigo esquecer. Aceitei o meu estupro, aceitei que não havia nada que eu pudesse fazer para pará-lo naquela noite. Que não foi culpa minha. Mas eu não consigo me fazer perdoá-lo. Confiava nele. Fiquei tão presa nele que eu me esqueci. Esqueci a forma como o mundo realmente funciona.

— Amanda passou de abelha rainha para ser tão grande pária, como eu. Mas ela não se importava. Ela estava lá para mim a cada passo do caminho. Fez com que eu tivesse a ajuda que precisava. Manteve-me viva. As coisas ficaram realmente ruins por um tempo. *Realmente* ruins. Ela é a única razão pela qual estou sentada nesta sala hoje.

Emma me puxa para os seus braços. — Estou tão feliz que você teve uma boa amiga. Jesus, Hay. — ela exala profundamente.

Dou-lhe um sorriso fraco. — Ei, está tudo bem. Foi há muito tempo. Estou bem.

Ela olha para mim com o canto do olho. — Você está? Realmente?

Não. Por causa do Campbell, eu sou incapaz de colocar a minha confiança na pessoa que eu realmente quero. Tenho pavor de me abrir novamente. De me expor à possibilidade de traição. Eu sei que Ryan não é como Campbell. Ele tem mais honra no seu dedo mínimo do pé do que Campbell tinha em seu corpo inteiro. Eu sei disso. Mas eu não consigo. Eu não consigo derrubar essas paredes que eu passei tanto tempo construindo.

Antes que eu possa chegar a uma resposta adequada para dar à Emma, meu telefone apita. Eu o agarro, alívio correndo por mim pela distração. Isso vai me dar alguns minutos para chegar a algo mais aceitável para dizer Emma.

A notificação de um novo e-mail está na tela. Eu o desbloqueio, puxando a notificação do e-mail. **Chris_is_DA_MAN@gmail.com**

Só poderia ser uma pessoa. Abro o e-mail, olhando para Emma. — Chris acabou de me enviar um e-mail.

— Para você? — ela pergunta em confusão, movendo-se para o meu lado. Eu me movo, meu telefone entre nós, para podermos lê-lo juntas.

De: Chris_is_DA_MAN@gmail.com

Para: Haylee

Assunto: Ryan

Haylee

Ryan está a caminho de casa. A mãe dele está no hospital. Eles acham que ela não vai sobreviver.

O voo dele chega às 11:00 amanhã no seu fuso. Não sei o número do voo. Vindo do aeroporto JFK.

Ele provavelmente vai me matar por isso, mas achei que você ia querer saber. E eu sei que ele quer ver você.

Nós providenciaremos um carro para pegá-lo, apenas no caso. Mas sei que ver você iria ajudá-lo agora.

Diga a Emma que eu a amo.

Chris

Emma olha para mim quando ela termina. — O que você vai fazer?

Balanço a minha cabeça, escrevendo a resposta para o e-mail.

De: Haylee

Para: Chris_is_DA_MAN@gmail.com

Assunto: RE: Ryan

Chris,

Estarei lá. Obrigada.

Emma também te ama.

Haylee

Capítulo Dezesete

Ryan

As palavras do Eddie repetem mais e mais na minha cabeça. Depois que aterrissamos, corro apressado através do aeroporto lotado. Estou aliviado que não tenho que pegar qualquer bagagem quando vejo a área de retirada de bagagem lotada. Eu só tive tempo de empurrar algumas coisas na minha bolsa antes de sair. Terei que ir até em casa pegar qualquer outra coisa que eu possa precisar enquanto estou aqui.

Meus dedos se contraem quando piso na escada rolante lotada. Há muitas pessoas sobre ela para conseguir chegar ao final mais rápido. Eu sigo empurrando o meu caminho através da multidão, mas mudo de ideia. Há também muitas famílias. São muitas crianças. Os trinta segundos extras não valem a pena ferir alguém. Em vez disso, eu bato meus polegares contra as minhas coxas, silenciosamente pedindo aos degraus para se moverem mais rápido.

Depois do que parece uma eternidade, finalmente chego ao final e olho ao redor pelo meu nome. Eu sei que o exército enviou alguém para me pegar. O Sargento disse que providenciaria tudo antes que eu chegasse aqui. A única coisa que eu teria que me preocupar era em ficar com a minha mãe.

Meus olhos passam pela multidão. Eu vejo vários motoristas com placas, mas nenhuma mostra o meu nome. Eu olho um casal se abraçando, algumas crianças gritando e correndo em direção a um homem na minha frente e uma mulher em um vestido azul que está na ponta dos pés para ver sobre a confusão. Meus olhos movem-se por ela, procurando qualquer um que eu poderia conhecer. O Sargento não conseguiu encontrar alguém? Merda, eu preciso conseguir um táxi.

Desta vez eu não hesito em empurrar meu caminho pelas pessoas diante de mim. Eu continuo olhando ao redor, esperando que eu possa apenas não ter visto a minha carona antes. Eu realmente não tenho tempo para esperar por um táxi.

Meus olhos passam sobre a mulher novamente. Reconhecimento pisca. Que porra Haylee está fazendo aqui?

Minha trajetória muda. Em vez de caminhar para as portas, eu faço um caminho mais curto para Haylee. Ela ainda está na ponta dos pés, procurando freneticamente na multidão. O vestido azul que ela está usando apenas passa dos joelhos. Seu longo cabelo cai pelas costas, elegante e reto. Ela está linda. Meu coração dispara com a visão dela. Eu quero correr para ela e puxá-la em meus braços. Eu sabia que sentia a falta dela. Só não sabia o quanto até esse momento. O alívio que corre nas minhas veias ao vê-la é impossível de ignorar. Todos os pensamentos da minha mãe voam temporariamente para fora de minha cabeça. Tudo o que posso pensar é em como chegar a Haylee.

Quando eu finalmente chego a ela, meus pensamentos estão limpos o suficiente para que eu decida tocar gentilmente no ombro em vez de envolvê-la em meus braços. Ela pode estar aqui só porque o Sargento não conseguiu qualquer outra pessoa. Eu não quero foder as coisas antes de eu mesmo ter a chance de falar com ela.

Ela se vira com o meu toque. O sorriso que se espalha por seu rosto faz meu coração parecer como se fosse estourar. Ela joga os braços ao redor do meu pescoço, me puxando contra ela. Meus braços envolvem a sua cintura e eu respiro. Deus, eu senti falta dela.

Muito brevemente, ela se afasta de mim. Envolvendo as mãos em volta dos meus bíceps, ela me olha diretamente nos olhos. — Como você está? Estou tão feliz em vê-lo. Eu só gostaria que fosse em melhores circunstâncias. — ela franze a testa, preocupação enchendo seus olhos.

Eu a puxo contra mim. Eu tinha esquecido sobre a minha mãe. Deus, caramba, sou um filho horrível. Mas o alívio de ver Haylee novamente me cega para todo o resto. Eu respiro fundo, absorvendo o cheiro doce de seu cabelo.

— Estou bem. Estou tão feliz de ver você aqui. Achei que não teria a chance de vê-la. — eu a liberto do meu aperto. — Provavelmente devemos ir.

Ela pega a minha mão e me puxa pelo aeroporto. De alguma forma, ela está estacionada na zona de carga, e não há um único bilhete em seu para-brisas. Vendo a pergunta nos meus olhos, ela dá de ombros. — Permissão especial. Você sabe que conheço algumas pessoas muito influentes.

Eu agradeço o Sargento silenciosamente. Sair daquela confusão de estacionamento teria sido um pesadelo. Agora que estamos no carro, o desespero para chegar até a minha

mãe voltou com força total. Haylee sai do aeroporto e vira na direção do hospital. Eu vejo o velocímetro avançando além do limite de velocidade, mas eu não questiono, porque eu estou muito aliviado que ela perceba o quão urgente é isso.

Depois de alguns minutos, eu limpo a minha garganta e quebro o silêncio que caímos. — Obrigado por ter vindo hoje. Espero que não tenha sido muito inconveniente. Sei que você deveria estar no trabalho.

Ela vira a cabeça para mim brevemente, um olhar incrédulo no rosto. — Você acha que eu, seriamente, colocaria o trabalho antes disso? Nada é mais importante para mim do que os meus amigos, Ryan. O trabalho pode ir para o inferno.

Eu sorrio com o seu desdém. Embora a palavra *amigos* doa um pouco, eu decido olhar através disso e me concentrar no fato de que ela se importa o suficiente comigo para me colocar nessa categoria. Eu sei que não é fácil para ela.

Nós terminamos o caminho em um silêncio confortável. Esgueiro olhares para ela, ocasionalmente, sorrindo com a sua determinação de me levar para o hospital o mais rápido que pode.

Dentro de dez minutos, nós estamos parando no estacionamento. Ela estaciona na entrada principal e olha para mim.

— Você quer que eu espere? Ou apenas me ligar quando você tiver terminado? Vou fazer o que você quiser. O que for mais fácil.

Eu franzo a testa. Não me ocorreu que ela iria embora. Eu chego e pego a mão dela na minha.

— Você se importaria de vir comigo? Eu não quero ver a minha mãe sozinho. Já a vi em algumas situações de merda, mas nunca como esta. Nunca quando ela estava pairando à beira da morte. — ter Haylee pode me dar a força que preciso.

Ela franze os lábios. Eu posso dizer que o pensamento faz com que ela se sinta desconfortável, mas sou muito egoísta para retirar o meu pedido. Preciso dela comigo.

— Por favor? Não quero estar sozinho quando vê-la. São poucos minutos. Então você pode ir. Eu só preciso de alguém lá para o choque inicial. — eu sorrio fracamente.

Ela assente, ligando o carro novamente e indo para o local de estacionamento. Nós caminhamos de mãos dadas para o hospital, parando brevemente no posto de enfermagem para pedir indicações do quarto da minha mãe.

Quando chegamos à porta fechada, meu peito contrai. De repente sinto que não tenho ar suficiente nos meus pulmões. Escuto os bipes suaves dos monitores vindo do seu quarto e minha cabeça gira. Solto a mão da Haylee e descanso minhas mãos sobre os joelhos, minha cabeça se abaixa e minha respiração fica rápida. Porra. Eu deveria ter dito a ela para ir. Eu não quero que ela me veja assim.

Ela imediatamente está ao meu lado. Coloca o braço em volta dos meus ombros e me puxa para o seu corpo. Ela desliza comigo para o chão. Enquanto eu coloco a cabeça entre os joelhos, ela esfrega círculos lentos nas minhas costas, me dizendo para respirar profundamente. Inspire pelo nariz. Solte pela boca. Uma voz suave faz uma pergunta e Haylee responde. Segundos mais tarde, algo úmido pressiona a minha nuca. Haylee continua a movimentar sua mão para cima e para baixo nas minhas costas, seus sussurros suaves aliviam meu estado de agitação.

Minha respiração retorna lentamente ao normal, a pressão no meu peito diminui. Eu libero uma respiração profunda, sem saber o que dizer. Felizmente, Haylee me poupa de ter que dizer algo.

— Ufa. Você está bem?

Concordo, levantando a minha cabeça. Eu ainda sou incapaz de olhar para ela.

Ela agarra meu queixo, puxando meu olhar para o dela. Tento olhar em qualquer lugar, mas não para ela, mas ela é implacável. Ela se recusa a liberar seu domínio até que meus olhos encontram os dela.

— Você tem certeza que está bem? — ela pergunta quando eu finalmente olho para ela.

— Sim. Só envergonhado.

Suas sobrancelhas sobem, uma expressão de estranheza no rosto. — Envergonhado? Por quê?

Eu dou de ombros. — Meu pequeno surto. Desculpe-me por isso.

Ela agarra meu queixo novamente, movendo o meu rosto de volta para o dela. — Sério? Sua mãe está no quarto e você está se desculpando por ter um pequeno ataque de pânico? Acredite em mim, Ryan. Isso não foi nada. Você ainda não viu um surto. Agora, se você tem certeza que está tudo bem, vamos lá.

Ela fica de pé e estende a mão para mim. Eu sorrio levemente. A imagem desta pequena garota puxando-me para os meus pés é cômica. Eu tomo delicadamente sua mão e uso a outra para dar apoio para sair do chão.

Ela mantém a mão firme na minha enquanto abro a porta. O sinal sonoro fica mais alto à medida que se abre e entro lentamente no quarto.

A sensação de esmagamento no meu peito retorna com a visão da minha mãe. Haylee passa a mão para cima e para baixo no meu braço, me dando um olhar encorajador. Eu sufoco a minha ansiedade crescente e caminho para o lado da cama.

Os monitores estão todos conectados a ela por vários tubos e fios. Um grande tubo está conectado através da sua boca e na sua garganta. A máquina está ligada lançando um grande sopro de ar a cada poucos segundos. Só aí que eu percebo que ela foi tão longe que não está nem respirando sozinha. Eles disseram que era um coma. Pela aparência dela, ela está muito pior do que eles me disseram.

As lágrimas brotam nos meus olhos. Por mais que tente, sou incapaz de evitar que algumas caiam. Eu fungo, tentando reprimir a minha emoção.

Haylee me toca, desta vez gentilmente, tomando meu queixo na sua mão. Ela puxa o meu olhar para o dela e segura o meu rosto com as duas mãos. Ela corre os polegares sobre meu rosto, enxugando as minhas lágrimas.

— Não há problema em chorar, Ryan.

Ao seu toque terno e voz suave, a barragem dentro de mim explode. Ela puxa uma cadeira atrás de mim e me guia para me sentar. Fico momentaneamente atordoado quando ela senta no meu colo. Mas quando ela me puxa para o seu peito e corre os dedos suavemente pelo meu cabelo, as lágrimas transbordam em uma corrida.

— Está tudo bem. Está tudo bem. — ela diz baixinho no meu ouvido. Sua mão percorre meu pescoço e esfrega suavemente a pele sob a gola da minha camisa. Ela repete este movimento mais e mais. A sensação me faz lembrar da minha mãe quando eu era pequeno. Sempre que eu estava doente, ela me segurava em seus braços e acariciava meu pescoço e costas. Isso sempre me fez sentir melhor.

A memória faz com que as minhas lágrimas caiam com mais força. Ela era uma ótima mãe. Eu nunca duvidei por um segundo que Noah e eu éramos as coisas mais

importantes em sua vida. Eu ria dos meus amigos quando eles se queixavam sobre suas mães, mas por dentro eu estava sorrindo para o quão sortudo eu era.

Se ela morrer, eu não vou ter ninguém. Aos vinte e quatro anos, eu vou ter perdido toda a minha família. O pensamento me enche de raiva. Não é justo, porra. Não é justo que o meu pai e meu irmão morreram. Que a minha mãe se tornou alguém completamente irreconhecível depois disso. Que fui forçado a testemunhar coisas que ninguém deveria, em uma idade que a maior preocupação deveria ter sido fazer parte da pequena equipe da liga de verão. Não era justo que fui privado de uma infância normal, porque a porra do destino decidiu colocar a cabeça no seu traseiro feio e tirar tudo de mim. E agora eu não vou ter nada além de uma lembrança. Sem esperança de que a minha mãe finalmente supere o que aconteceu. Eu não vou ter nada. Eu não me importo que eu seja um fodido com vinte e quatro. Eu não quero ser um órfão.

Eu puxo Haylee firmemente para mim. — Não é justo, porra. Ela é tudo que me resta. Se eu a perder, não haverá nada. Nenhum *corpo* deixado. Eu vou ficar sozinho. Quanto é que uma pessoa tem que suportar? Eu já perdi todo o resto. Por que ela também? Por quê?

Haylee apenas me abraça. Ela me deixa chorar em sua camisa até minhas lágrimas diminuírem. Ela nenhuma vez tentou se afastar. Nunca diz nada. Apenas me abraça, sussurrando e murmurando no meu ouvido, tentando me acalmar.

Depois de ter esgotado todas as lágrimas no meu corpo, eu finalmente puxo minha cabeça do seu peito. Eu olho para ela através dos meus olhos inchados e ela sorri suavemente.

— Oi. — ela diz simplesmente.

— Oi. — eu respondo, uma suave risada escapando dos meus lábios. Eu sufoco o meu sorriso. Não parece certo. Aqui não.

— Está tudo bem sorrir também, Ryan. — ela sussurra. — Ela queria que você sorrisse. Lembra-se dos bons tempos. Fosse feliz. Continuasse a viver.

Eu limpo meus olhos e assinto. — Eu sei. — eu sussurro.

Haylee vira e olha para a minha mãe. — Ela é linda.

Eu olho para a casca da mulher deitada na cama. Mesmo depois de tudo que ela se fez passar, sua beleza ainda é evidente. Mas eu balanço minha cabeça. — Você deveria ter

visto ela. Antes, quero dizer. Ela era deslumbrante. Ela tinha um sorriso que podia iluminar um ambiente inteiro. E nada poderia trazer melhor esse sorriso do que o meu pai.

— Eu teria gostado de tê-lo conhecido. Ver de onde você tem todo o seu charme e boa aparência. — ela me cutuca com o ombro, provocando um pequeno sorriso nos meus lábios.

— Você teria amado. Todo mundo amava. Ele era impossível de resistir.

— Bem, você definitivamente herdou essa característica. — ela pisca para mim.

Eu envolvo meus braços mais firmemente em torno dela. Por mais difícil que seja ver a minha mãe deitada na cama, é infinitamente melhor por ter Haylee aqui comigo. O quão estúpido eu fui de pensar que nunca precisaria de alguém como ela na minha vida? Que minha vida seria muito melhor e mais fácil se eu mantivesse todos a uma distância segura. Eu odeio a ideia de ferir Haylee, mas eu odeio a ideia de perdê-la ainda mais. Ela fez seu caminho para o meu coração endurecido. E não há nenhuma maneira que eu seja capaz de tirá-la dele.

Capítulo Dezoito

Ryan

Três horas depois, Haylee e eu estamos voltando para minha casa. Haylee está ao volante, os olhos focados na estrada escura diante de nós. Minha cabeça ainda está no quarto do hospital, girando e revirando em torno da conversa com o médico da minha mãe. As palavras que eu temia finalmente foram ditas em voz alta.

Uma enfermeira entrou no quarto logo após minhas lágrimas secarem. Vendo Haylee e eu lá, ela rapidamente retirou-se para localizar o médico. Dentro de minutos, um homem alto de cabelos escuros entrou no quarto.

— Eu sou o Dr. Cooper. — ele diz, estendendo a mão para me cumprimentar. Eu apenas toquei a sua, incapaz de encontrar seu olhar. Se ele percebeu, porém, não mencionou. — Eu venho supervisionando os cuidados da sua mãe durante esses últimos dias. Estou feliz que você esteja finalmente aqui. Eu sei o quão difícil isso deve ser, mas temos algumas coisas importantes para discutir. Você gostaria de ir a algum lugar para discutir isso em particular? — ele pergunta, olhando para Haylee.

Eu balanço a minha cabeça. — Qualquer coisa que você precisa dizer pode ser dito na frente dela. — eu digo humildemente.

Ele assente. — Eu tinha a impressão de que você era único. Sua mãe só tinha você listado como sua família imediata. Eu sinto muito pela confusão.

Eu não corriji a sua suposição. Eu olho para Haylee e vejo algo em seus olhos, mas ela não fala para corriji-lo também. Eu olho de volta para o médico. Respirando fundo, eu finalmente levanto os meus olhos para ele.

Se a palavra médico tivesse uma foto ao lado dela no dicionário, este homem estaria nela. Seu cabelo escuro grosso é mesclado com cinza. Seus olhos são suaves. Calmantes. As linhas no seu rosto indicam os anos de experiência que ele tem. As rugas de expressão ao redor dos olhos dos momentos felizes. As rugas profundas ao

redor da boca dos maus. Estas últimas são as linhas que aprofundam quando eu olho para ele. Seus olhos suaves são preenchidos com tristeza.

Haylee está ao meu lado em um instante, puxando a minha mão na dela. Ela deve ler o remorso em sua expressão também.

— A situação da sua mãe é crítica. Ela foi trazida para o hospital completamente desacordada. Nós fizemos tudo que podíamos. Mas não houve nenhum sinal de atividade cerebral em dias. O ventilador e tubo de alimentação são as únicas coisas que a mantém viva neste momento. Eu sinto muito. Mas é hora de discutir as opções. — suas sobrancelhas se unem e ele olha de mim para Haylee.

Nenhuma atividade cerebral. Mantê-la viva. Discutir as opções.

Eu pressiono meus dedos nas minhas têmporas, fechando os olhos com força, tentando silenciar as palavras quando elas ecoam uma e outra vez na minha cabeça. Haylee me guia para o sofá no canto do quarto, e Dr. Cooper segue, puxando uma cadeira para sentar-se de frente para nós.

As palavras voam para mim. Vontade de viver. Procuração. Doação de órgãos. Eu não quero ouvi-las. Acabei de chegar. Não estou pronto para lidar com isso ainda. Haylee corre os dedos para cima e para baixo nas minhas costas, sua atenção firmemente sobre o médico e as palavras que ele está dizendo. Eu as bloqueio. Não estou pronto para ouvi-las.

Depois de alguns minutos, Dr. Cooper se levanta e estende a mão para mim de novo. Eu me forço a agitá-la um pouco mais firme desta vez. Ele acena para Haylee antes de sair do quarto.

Quando estamos sozinhos, eu puxo Haylee nos meus braços e enterro meu rosto em seu cabelo. Ela me abraça durante um minuto antes de se afastar. A questão está lá em seus olhos. Tudo o que posso fazer é balançar a cabeça.

— Sei que é repentino, Ryan. Você acabou de chegar aqui e eles estão bombardeando-o com todas essas grandes decisões. Você não tem que decidir nada ainda. Mas você também não pode simplesmente ignorar. Não vai desaparecer. Fingir que não existe não vai fazer isso ir embora.

— Você acha que eu não sei disso? — eu respondo bruscamente. — Eu perdi mais pessoas do que eu gostaria de pensar, porra. Você acha que eu não sei como isso

funciona? — eu quase grito com ela. Ela recua com o meu tom. A dor em seus olhos é evidente apenas por um momento antes que ela esconda. Mas estava lá. Porra. Eu sou um idiota.

— Sinto muito. — eu digo, enterrando a cabeça entre as mãos novamente. Eu posso sentir as lágrimas começando bem atrás dos meus olhos novamente. Estou perdendo a cabeça. Descontando na pessoa que está aqui por mim. A garota que passou por alguma terrível merda em sua própria vida. Tão horrível que a fez não confiar em ninguém. E quando ela finalmente começa a se abrir para mim, eu ajo assim.

— Eu sinto muito. — repito. — Eu sinto muito. Minha cabeça está uma bagunça. Eu não consigo pensar direito. Não foi justo da minha parte descontar em você.

Ela se inclina para mim. — Está tudo bem.

Não está, mas eu não estou em condições para discutir com ela. Estou exausto demais. Eu vou recompensá-la mais tarde.

Ela se senta comigo pelas próximas horas, enquanto eu conto histórias sobre a minha mãe e meu pai. Eu digo a ela sobre o serviço do meu pai e como eu queria ser como ele quando crescesse. Eu digo a ela sobre o amor da minha mãe por ele e por mim e meu irmão. Como ela era a cola que mantinha a todos nós juntos. E, eu digo a ela sobre Noah. Sobre o quanto eu o admirava. E como não importa o quanto eu o atormentasse e incomodasse, ele estava sempre lá para me defender contra qualquer um que tentasse mexer comigo.

Eu falo até que as palavras se esgotam. Até que a minha voz fique rouca e eu não possa continuar. Meus olhos começam a fechar quando Haylee me cutuca.

— Vamos para casa. Você precisa descansar um pouco.

Eu aceno, levantando-me. Vou até a cabeceira da minha mãe e gentilmente beijo sua bochecha. — Eu voltarei na parte da manhã, mãe.

Agora, no carro com Haylee, estou bem acordado. Haylee dirige com cuidado para a minha casa, aparentemente tentando compensar por quebrar todas as leis de trânsito existentes mais cedo. É tarde e não há muitos carros na estrada, mas ela não passa uma fração acima do limite de velocidade e dá sinal a cada conversão e mudança de faixa. Seu cuidado me faz sorrir.

Paramos em frente à minha casa e Haylee desliga o carro. — Você quer que eu te ajude a se instalar?

Concordo com a cabeça, sabendo que eu não vou deixá-la sair esta noite. Eu não quero ficar sozinho.

Entrar na minha casa vazia depois de tanto tempo é sempre estranho. É a minha casa, mas parece estranha de alguma forma. Tudo está no seu lugar. Chris pediu para Emma vir de vez em quando para mantê-la arrumada. E eu sei que ela se hospedou aqui algumas vezes desde que saímos. Ele diz que ela fala para ele que a faz se sentir mais perto dele.

Mas, ainda assim, depois de estar fora por vários meses, parece diferente. Eu absorvo o ambiente familiar, sentindo-me como um intruso na minha própria casa. Onde está a areia? Os móveis escassos. Os edifícios em ruínas. O som de tiros que parecem estar sempre presente na minha outra vida. Agora que estou aqui, meus pensamentos voltam para o Iraque.

A culpa que sobe no meu peito desta vez é pela a minha tropa, não minha mãe. Eu deixei-os abandonados. Estou aqui, no meu forte, casa limpa, enquanto eles ainda estão lá. Só Deus sabe o que eles estão fazendo agora. De repente, estou desesperado para voltar.

Haylee foi direto para o banheiro quando eu abri a porta. Agora, voltando à sala de estar, ela me vê parado no meio da sala. Eu só posso imaginar a expressão no meu rosto, porque seus olhos se enchem de preocupação.

— Você está bem?

Eu olho para longe dela. — Nem de longe. — eu digo honestamente.

Ela caminha para mim, parando bem na minha frente e olhando nos meus olhos. — Você vai ficar. — ela parece tão certa. Eu não consigo evitar o pequeno sorriso que surge nos meus lábios.

— Eu vou ficar. — repito.

Ela caminha comigo para o meu quarto e me ajuda a me preparar para dormir. Quando deito, ela se move em direção à porta. — Não vá.

Ela se vira e olha para mim, a incerteza enchendo seus olhos. — Por favor. Apenas fique comigo esta noite. Se você for embora, tudo o que serei capaz de fazer é de pensar

nela naquela cama. Com todos aqueles tubos e fios saindo dela. E o som daquelas máquinas malditas. Eu não vou conseguir um pingo de sono.

Eu sei que eu estou sendo um merda. Forçando-a a algo que ela não tem certeza. Mas eu não consigo me importar. Eu preciso dela comigo esta noite.

Eu jogo as cobertas de lado e gesticulo para ela se juntar a mim.

— Ryan, eu não posso...

— Eu sei. Eu não estou pedindo por isso. Eu só preciso de você. Abraçar você. Lembrar que uma parte da minha vida não está completamente fodida. Eu prometo que não vou tentar qualquer coisa. Você tem a minha palavra.

Ela ainda parece duvidosa. Dou-lhe o meu olhar mais suplicante e vejo quando a renúncia enche os olhos. Devia fazer-me sentir terrível, mas tudo o que eu sinto é alívio.

Ela caminha até o meu armário e retira uma das minhas boxers e uma camiseta grande. Ela se troca rapidamente no banheiro e retorna. Meus olhos analisam-na conforme ela caminha até a beira da cama. Minhas roupas são enormes nela, mas eu nunca vi uma visão mais bela na minha vida.

Ela se deita ao meu lado, puxando os cobertores até o queixo. Seu corpo está tenso. Eu sinto meu primeiro flash de remorso. Eu não deveria tê-la forçado a fazer isso. Seu desconforto é palpável. Sua respiração é tão rápida e superficial que eu temo que ela esteja prestes a começar a chorar. Tentando pensar em algo para quebrar a tensão, eu deixo escapar: — Será que Barry Manilow sabe que você invade o seu guarda-roupa?

Eu sinto a tensão deixar seu corpo com a minha referência ao *Clube dos Cinco*. Sua risada borbulha lentamente e ela zomba. — Pelo menos as roupas de Barry Manilow se encaixariam melhor. Estou nadando na sua camisa gigantesca. Parece um vestido em mim.

Um vestido muito sexy. Eu decido manter esse pensamento para mim, rindo levemente no lugar. — Isso é porque Barry Manilow é praticamente uma mulher. É claro que suas roupas serviriam em você.

Ela se aconchega um pouco mais perto de mim. — Você é tão cruel. Ele é um homem muito talentoso. Você só está com inveja.

— Inveja. Certo. — eu digo, meu tom deixando muito claro o quão *ciumento* eu sou. Eu tenho a garota mais linda do mundo na minha cama. Não tenho nada para ter inveja. Nada.

Seus braços ainda estão para os lados, mas pelo menos ela não está na borda da cama mais. Eu rolo para o meu lado, dobrando meu braço debaixo da minha cabeça. Ela repete o movimento, de modo que ela está de frente para mim.

Com apenas a luz tênue da lua, ela é deslumbrante. Sim, a ponta do nariz é um pouco torta. E há uma cicatriz perto da sua sobrancelha de alguma lesão desconhecida. Seus olhos são um pouco grandes e ela tem uma dispersão de sardas sobre a ponta do nariz. Mas todas essas “falhas” apenas a fazem mais bonita aos meus olhos. Leva tudo em mim para não estender a mão e passar pelo seu rosto.

Ela sorri para mim. — Sobre o que você está pensando?

Território perigoso. Eu tento pensar em uma resposta segura antes de responder. Ela interpreta mal o meu silêncio por tristeza.

— Sinto muito por sua mãe. — diz ela. — Eu não posso imaginar o que deve sentir. Eu realmente nunca tive um relacionamento com a minha. Deve ser tão difícil ver alguém que você ama assim.

Eu permaneço em silêncio, esperando que ela continue. Ela nunca menciona sua mãe de bom grado. Estou tão desesperado para saber mais sobre seu passado. Saber o que fez dela quem ela é hoje. Conhecer esta mulher por quem eu me apaixonei. Mas depois de alguns momentos de silêncio, eu sei que é tudo que terei esta noite.

Eu entrelaço meus dedos com os dela. Ela fica tensa por um momento, mas logo relaxa novamente. — Obrigado por ficar comigo esta noite.

Ela sorri. — Claro. Você é meu melhor amigo. Eu não podia deixá-lo lidar com isso sozinho.

Eu sorrio de volta para ela. Se melhor amigo é tudo o que ela pode me dar, então é isso que eu vou tomar. Ela fecha os olhos delicadamente, deixando sua mão na minha. Seu suspiro de satisfação é a última coisa que eu ouço quando caio no sono.

A manhã seguinte surge muito cedo. O sol brilha através da minha janela, incidindo diretamente no meu rosto. Puxo meu travesseiro sobre a minha cabeça. Por que eu escolhi o maldito quarto com a janela virada para o leste?

Ouço um gemido suave ao meu lado. Arranco o travesseiro do meu rosto, vendo Haylee ainda deitada ao meu lado. Na minha neblina sonolenta, eu tinha esquecido a noite passada.

Vê-la ao meu lado, amarrotada de sono e mal-humorada pra cacete, ela é simplesmente a coisa mais fofa que já vi. Ela está olhando para mim com um olho aberto. Eu rio da sua expressão. — Bom Dia, raio de Sol. Como você dormiu?

Ela resmunga baixinho, rolando e puxando as cobertas sobre a cabeça. Inclino-me sobre ela, tentando espreitar sob as cobertas.

— Eu tenho que ir. Você pode ficar aqui se quiser. Eu só precisarei tirar o seu carro para que eu possa sair da garagem.

Ela sacode-se. — Oh meu Deus. Eu sinto muito. Precisamos voltar para o hospital. Deixe-me apenas tomar um banho bem rápido. Dez minutos.

Alívio se espalha através de mim pelo uso da palavra *nós*. Depois da noite passada, eu não sabia o que esperar hoje. Eu não teria tentado convencê-la a vir comigo hoje, não importa o quanto eu a queira lá. Não depois da maneira como agi ontem à noite. Sua oferta para vir comigo sem que eu sequer pedisse é um enorme conforto. Coloco rapidamente algumas roupas e corro os dedos pelo meu cabelo. Isso é tão bom quanto ele vai ficar por enquanto.

Enquanto ela está no banho, vou para o quarto de Chris, esperando que talvez Emma tenha deixado algumas roupas aqui. Eu sei que Haylee não vai querer usar o mesmo vestido que ela estava ontem, mas ela também não vai querer gastar tempo para ir para sua casa se trocar.

Eu encontro uma calça de yoga e uma camiseta folgada. Bato na porta do banheiro quando ouço a água desligar.

— Sim? — ela diz.

— Encontrei algumas roupas para você no quarto do Chris. Emma deixou-as.

Ela abre a porta e coloca apenas sua mão para fora. Coloco as roupas na sua palma aberta, rindo quando ela manobra o braço para dentro e fecha a porta sem o menor risco de me deixar ver nada. Não que eu olharia. Provavelmente.

Em poucos minutos ela está fora na sala de estar, cabelo molhado penteado. — Está pronto?

Concordo e vamos para o carro dela. Ela me joga as chaves. — Você dirige.

Vinte minutos mais tarde, entro no estacionamento do hospital pela segunda vez em dois dias. Ela se move para abrir a porta, mas as minhas palavras a detém.

— O que devo fazer?

Ela me dá um olhar triste. — Eu não sei. Ela se foi, Ryan. Essas máquinas só mantêm seu corpo vivo. A mulher que você conhece não está mais lá.

— A mulher que eu conheço não tem estado lá por um longo tempo. — sussurro. A mão de Haylee fecha em torno da minha.

— Ela tem sido miserável por um longo tempo. — eu continuo. — E eu sei que ela odiaria estar ligada a essas máquinas. Por mais que eu queira mantê-la aqui comigo, eu sei que eu não posso. Preciso deixá-la ir. Deixá-la estar com eles agora.

Ela aperta a minha mão suavemente. — Eu vou estar aqui com você a todo momento.

Com a sua afirmação, consigo sair do carro e caminhar para o hospital. Quando digo ao médico o que decidi, ele organiza para me encontrar com a assistente social do hospital para obter todos os detalhes sobre o procedimento.

As próximas horas passam em um borrão de lágrimas. Haylee nunca oscila do meu lado. Ela é firme em sua promessa e está lá para mim a todo momento. Depois de assinar tudo, fica determinado que eles desligarão as máquinas amanhã de manhã. É me dada a permissão para passar a noite no seu quarto de hospital. Apesar de todas as minhas objeções, Haylee não é permitida.

Quando as enfermeiras insistem para ela sair, ela me abraça, assegurando-me que ela vai estar de volta no segundo que o horário de visita da manhã começar. Ela diz para ligar, não importa a hora, se eu precisar de alguma coisa. Ela vai manter seu telefone com ela em todos os momentos.

Depois que ela se foi, eu me sinto perdido. Eu não sei o que fazer comigo. Eu puxo uma cadeira até a cabeceira da minha mãe e pego a mão dela na minha. Sinto seus dedos tão sem vida nos meus. Sua pele é tão fria. Ela parece tão frágil e pequena naquela cama de hospital. Por mais que machuque, sei que tomei a decisão certa.

— Eu te amo, mãe. E eu vou sentir sua falta. — lágrimas enchem meus olhos, ameaçando transbordar para as minhas bochechas. — Eu quero que você saiba que te

perdoo. Por tudo. Eu odiava o que você se tornou. Odiei que você não pôde estar lá para mim depois que o meu pai morreu. — esfrego minhas mãos duramente sobre os meus olhos, enxugando as lágrimas que estão caindo livremente agora. — Queria que você tivesse sido mais forte para mim. Mas agora entendi. O pensamento de perder Haylee me faz enlouquecer. Quando você ama alguém tão completamente, é como se você se tornasse parte dele. E se essa pessoa morre, não há nada que você pode fazer para impedir que aquela parte de você morra também.

— Você não deu apenas parte de si para o pai. Você deu tudo. Você não apenas perdeu parte de si quando ele morreu. Você perdeu tudo. E, em seguida, perder Noah acima de isso tudo... — eu paro, balançando a cabeça e apertando-lhe a mão com força. — Bem, é uma maravilha que você conseguiu continuar respirando durante esse tempo. Eu sei que você deve ter me amado para suportar isso tudo. Então, eu te perdoo. E espero que você possa finalmente encontrar a paz.

Eu me inclino e pressiono suavemente os lábios na mão dela. Eu espero egoisticamente por algum sinal de vida. Um pequeno tremor dos seus dedos. Qualquer coisa para provar que os médicos estão errados. Mas nada acontece. Ela não está mais lá.

Determinado a passar nossas horas finais juntos e felizes, eu viro minha cadeira para a televisão montada na parede. Pego o controle remoto e ligo a TV zapeando os canais. Como se os deuses da televisão tivessem me ouvido, acho uma reprise de *I Love Lucy* em um dos canais. Este programa sempre foi o favorito da minha mãe.

A maratona é transmitida durante toda a noite. Sento-me ao lado dela na cama, segurando a mão dela na minha, rindo e comentando sobre cada situação engraçada que Lucy e Ethel conseguem fazer. Antes que eu perceba, o sol está nascendo e luz inunda o quarto.

Olhando para o relógio, eu sei que só tenho algumas horas sobrando. Não estou pronto para deixá-la ir. Desço da cama, colocando minha cabeça em seu peito. Enfio meu braço através de seu estômago e espremo-a contra mim. Isso me lembra de subir em sua cama depois de ter um pesadelo quando eu era criança. É claro, que na época eu tinha seus braços me circundando. Sentia as vibrações suaves da sua voz contra a minha orelha. A sensação calmante das suas unhas para cima e para baixo nas minhas costas, acalmando os nervos assustados. Em vez disso, eu não sinto nada, além da sua forma fria abaixo de mim.

O tempo passa muito rapidamente e incrivelmente devagar e tudo de uma vez. Quando eu finalmente ouço uma batida suave na porta, todo o meu corpo começa a tremer. Pensando que é o médico, abraço minha mãe com força e choro no seu ombro. Ouço o leve clique da porta abrindo e fechando.

— Ryan. — a voz suave da Haylee enche o quarto. Sua mão repousa suavemente sobre meu ombro. Viro-me e olho para ela. Parece que ela não dormiu tanto quanto eu. Seus olhos estão avermelhados e olheiras abaixo deles. Eu solto lentamente a minha mãe e levanto.

Ela olha para mim, hesitante. Eu puxo-a nos meus braços. — Obrigado por estar aqui.

Ela balança a cabeça contra o meu peito. Nós afundamos na beira da cama da minha mãe, descansando lá, uma das minhas mãos em Haylee e, outra segurando desesperadamente a minha mãe. Nós ficamos em silêncio, à espera da próxima batida na porta.

E vem muito em breve. Antes que eu perceba, o médico está entrando no quarto, juntamente com a enfermeira que estava aqui ontem. Eles dizem algumas palavras, em seguida, perguntam se eu gostaria de alguns minutos para dizer adeus. Eu olho para Haylee e ela sorri tristemente.

— Não. Eu me despedi ontem à noite. Ela está pronta para ir.

O médico assente, dá algumas instruções à enfermeira e move-se para ficar no canto. A enfermeira se move em torno da minha mãe, removendo tubos e fios, até que a única coisa que resta é o pequeno clipe anexado ao seu dedo. O som da sua pulsação ainda está apitando suavemente através do monitor ao lado da sua cama.

O médico faz algumas anotações em sua prancheta. Depois de um minuto, seu batimento cardíaco ainda está forte. Eu sinto a esperança levantando-se no meu peito. Isso tem que ser um bom sinal. Ela ainda está viva, mesmo sem todas aquelas máquinas.

Como se fosse capaz de ler os meus pensamentos, a voz da enfermeira enche o quarto. — É normal que eles permaneçam durante vários minutos após o ventilador estar desligado. Demora um pouco para a falta de oxigênio atingir todos os órgãos. Eles vão começar a falhar em breve.

Como se fosse uma sugestão, seu coração falha uma batida. Em seguida, um pouco mais. Logo, só bate algumas vezes por minuto. Então eu ouço. Aquele som terrível. A linha plana.

Pensei que depois de ontem à noite, eu não teria uma única lágrima para deixar o meu corpo. Mas eu estava errado. Elas derramam facilmente dos meus olhos com aquele som. Haylee me puxa para seus braços. Eu agarro-me a ela desesperadamente, agarrando-me a ela como se minha vida dependesse disso. E, neste momento, parece que depende. Ela é a única coisa que me mantém ligado à Terra. A única coisa que me resta.

Capítulo Dezenove

Haylee

Ryan está em silêncio por todo o caminho para casa. As últimas horas são uma névoa, mesmo para mim. Depois que sua mãe faleceu, o quarto dela se tornou um enxame de atividades. Médicos, enfermeiros, assistentes sociais. Dezenas de pessoas entrando e saindo, fazendo perguntas, removendo os equipamentos, e nem sequer me fale sobre a papelada. Formulário após formulário, após formulário. Você pensaria que Ryan acabou de comprar uma maldita casa e não dizer adeus a sua mãe pela última vez.

Ele respondeu a todas as perguntas com graça e tranquilidade. Todo formulário que foi empurrado na frente dele foi preenchido prontamente e completamente. Ele nunca deixou transparecer o que se passava na sua mente. Ele nunca mostrou qualquer sinal de vulnerabilidade. A única vez que ele disse algo remotamente pessoal foi quando ele insistiu que todos os processos ocorressem no quarto dela. Ele não estava pronto para deixá-la ainda, ele disse. Mas, depois de testemunhar seu pequeno colapso na primeira noite, eu sabia que algo tinha que estar se formando por trás daqueles olhos distantes. Ele estava permanecendo tão impassível quanto possível na frente da plateia. Mas por dentro, eu sabia que tinha que estar cambaleando.

Com certeza, assim que o último assistente social nos disse que estávamos livres para ir, Ryan silenciosamente pega a minha mão e me puxa para fora do quarto. Ele acena sombriamente para as enfermeiras que se reuniram do lado de fora no corredor. Elas estavam esperando pacientemente, mas percebo que a paciência delas está começando a se desgastar. *Elas precisam preparar o corpo para o necrotério*, eu penso morbidamente. Que trabalho horrível deve ser. De repente eu tenho um novo respeito por profissionais de saúde.

Ryan puxa as minhas chaves do seu bolso e aperta-as na minha palma. Ele não pega minha mão novamente. E quando estendo para pegar a mão dele, ele empurra-as nos bolsos. Sua expressão se torna ainda mais cautelosa. Ele nem sequer olha para mim enquanto caminhamos para fora do hospital.

Quando chegamos no carro, ele desliza silenciosamente no banco do passageiro, afivelando o cinto de segurança e fixa seu olhar firmemente para fora da janela do passageiro, enquanto vou para o banco do motorista. Decidindo que ele é o único no controle desta situação e não eu, deixo-o em seu retiro taciturno e saio do estacionamento, virando na direção da sua casa. Vou deixá-lo decidir enquanto o levo daqui.

Cerca de dez minutos de carona para casa, ele finalmente quebra o silêncio.

— Eu deveria ter estado aqui.

Eu olho para ele com cautela, sem saber como responder. Ele continua a olhar para fora da janela. Eu me concentro na estrada à minha frente, passando por eventuais respostas a sua declaração. Quando eu finalmente abro a minha boca para perguntar o que ele quer dizer, ele continua.

— Eu deveria ter estado aqui, porra. E eu não estava. É tão simples assim. Eu falo muito sobre o desejo de seguir os passos do meu pai. Sobre o desejo de estar lá para as pessoas quando precisam de ajuda. E eu não pude sequer ajudar a minha própria mãe, porra. Em vez disso eu corri. Para o outro lado da porra do mundo. Que tipo de filho faz isso? Meu pai teria vergonha.

A última frase sai tão rouca, que mal posso ouvi-la. Eu puxo o carro para o lado da estrada e desligo-o. Voltando-me para ele, vejo as lágrimas brilhando nos seus olhos, ameaçando transbordar a qualquer momento. Mesmo um idiota seria capaz de dizer que ele estava prestes a surtar.

Eu rapidamente desato o cinto de segurança e agarro-o. No segundo que eu faço isso, ele quebra. Puxo-o para os meus braços, o melhor que eu posso através do maldito console central, embalando sua cabeça no meu peito. Soluços deixam o seu corpo repetidamente.

— Por quê? Por que eu, Haylee? — ele pergunta através de goles pesados de ar. — Primeiro meu pai e Noah. Agora a minha mãe. O que eu fiz, Haylee? O que eu fiz para merecer isso, porra? — ele implora.

Puxo-o mais apertado contra mim, na esperança de dar qualquer tipo de força, que eu poderia para ele. Mata-me vê-lo assim. Ninguém merece isso, mas, especialmente, não o Ryan. Ele é tudo de bom sobre este mundo. Ele não tem um osso ruim ou prejudicial em seu corpo. E o destino é uma cadela malvada por colocá-lo nisso. Por tirar tudo o que ele mais ama deste mundo.

Sabendo que esses pensamentos não vão ajudá-lo agora, eu mantenho-os para mim. Em vez disso, eu me agarro a ele tão desesperadamente quanto ele se apegou a mim. Corro os dedos pelo seu cabelo, tentando acalmá-lo de qualquer maneira que eu posso. Murmuro as palavras “está tudo bem” mais e mais em seu ouvido como uma idiota. Eu sei que não está tudo bem. Mas é a única coisa que posso pensar em dizer.

— Foda-se!

Sua súbita explosão me faz saltar um pouco. Ele se afasta de mim, socando o painel do carro repetidamente. Brevemente me preocupo com o desdobramento do airbag, então lembro-me, meu carro é um pedaço de merda e, provavelmente, não tem um de qualquer maneira. Se ele se sente melhor, ele pode bater pra caramba nele a noite toda se quiser.

Sua raiva dura pouco. Depois de alguns instantes, seus ombros afundam e seu queixo cai para o seu peito. — Eu sinto tanto a falta dela. — ele sussurra. — Ela esteve fora por tanto tempo. Tanto tempo. E agora eu não tenho nenhuma esperança de consegui-la de volta. — suas lágrimas retornam. Mas desta vez, seus soluços são muito mais silenciosos. Ele cobre o rosto com as mãos, inclinando-se em seu assento. Quando ouço um gemido escapar dos seus lábios, eu piro. Uma coisa é vê-lo chorar e soluçar e enfurecer. Mas esse gemido me rasga em duas.

Eu escalo através do console e sento firmemente no seu colo. Ele olha para mim com olhos confusos, chocados, mas ignora. Eu puxo-o para mim, abraçando-o tão firmemente quanto posso. Descansando a minha bochecha contra a cabeça dele, eu posso sentir as lágrimas umedecendo meu rosto. Juntos, nós dois abraçamos um ao outro e choramos. Talvez por um minuto. Talvez por uma hora. Talvez por toda a vida. Eu não sei e eu não me importo. Tudo o que sei, é que ver este homem sofrer me mata. Faz-me sentir como se uma parte de mim estivesse morrendo. Eu não estou chorando pela perda de uma mulher que eu nunca conheci. Estou chorando pela dor do homem que estou me apaixonando.

Essa percepção tira o ar dos meus pulmões. E, ao mesmo tempo, parece a coisa mais óbvia do planeta. Mantive-me fechada por tanto tempo. Mantive cada pessoa que eu conheci ao longo dos últimos anos, o mais longe possível. Nunca esperei sentir-me assim com alguém. Mas Ryan não é qualquer um. Ele me faz sentir coisas que eu achava que eram impossíveis para mim. Sentimentos que achei que estavam quebrados para sempre dentro de mim. Coisas que anos de terapia não foram capazes de corrigir. Pela primeira

vez, no que parece uma eternidade, estou realmente feliz. Um incrível senso de alívio me inunda.

Ryan deve sentir a mudança na minha postura, porque ele puxa a cabeça do meu peito e olha para mim interrogativamente. Eu sorrio suavemente. Confusão novamente obscurece sua expressão. Respirando fundo, eu engulo minhas dúvidas e inclino para ele.

Meus lábios tocam ligeiramente os seus, testando. Mesmo agora, depois que eu percebi como me sinto sobre ele, eu ainda não sou capaz de soltar-me completamente. Eu volto para eles mais uma vez. É uma sensação agradável. Certo. Eu levo meus olhos para ele e vejo o desejo brilhando em meio às lágrimas. Eu sou uma pessoa de merda por ter escolhido este momento para isso. Como se ele não tivesse o suficiente para lidar agora, eu vou e me adiciono à lista. Mas agora é tarde demais. Vendo a expressão em seus olhos, eu desligo todos os meus pensamentos e salto.

Meus lábios se abrem quando eu aprofundo o beijo. Ryan sai do seu torpor. Sua mão vem até meu rosto, puxando minha boca com força contra a dele. Seus dedos vão para o meu cabelo e eu gemo na sua boca. Seu gemido causa burburinhos em mim, sua língua correndo entre meus lábios. A minha, ansiosamente, compele, torcendo e deslizando contra a dele. Sim, aquelas dúvidas e medos que eu tive um minuto atrás? Desapareceram. Completamente.

Minhas mãos não param de se mover por um segundo. Corro-as para cima e para baixo em seu peito, por cima dos ombros, em seus braços. Quando eu chego à bainha da sua camisa, empurro-a para cima, expondo seu abdômen e peito. Meus dedos estão ansiosos por sua pele. Eu sigo cada linha do seu abdômen, tentando memorizar e sentir cada curva sob o meu toque. Meus dedos exploram toda a pele esticada, percorrendo o peito. Todo o tempo, eu beijo-o com um fervor quase imprudente. Isso parece tão bom. Eu não quero parar.

E nós não paramos. Eu não tenho ideia de quanto tempo ficamos sentados lá ao lado da estrada. Ele me beija e me beija até que eu estou completamente perdida nele. Poderíamos ficar aqui para sempre na minha opinião.

É ele que finalmente quebra o beijo. Meus lábios estão doloridos e estou completamente sem fôlego. Mas eu nunca me senti melhor em toda minha vida. Eu puxo-o de volta para mim, não estou pronta para isso acabar. Quando ele resiste, franzo a testa.

Um sorriso toca seus lábios. — Precisamos chegar em casa, Haylee. Está tarde. E quem sabe quem podia nos ver. A última coisa que precisamos é de um policial tropeçando em cima de nós.

Eu quero discordar. Quem se importa se um policial se depara com a gente? Eu vou pagar a multa de indecência pública com prazer se ele continua a me beijar. Mas a expressão em seus olhos me diz que isso não é negociável. Deixo escapar um pequeno resmungo. Ele sorri novamente, deslocando-nos para que ele possa sair debaixo de mim. Ele sai do carro e caminha para o lado do condutor. Isso é provavelmente uma boa ideia. Meu cérebro parece tão distorcido que eu provavelmente seria parada por dirigir embriagada. E eu não tomei uma gota de álcool.

Ryan pega a minha mão quando liga o motor. Nós não falamos. Depois de alguns minutos, ele puxa minha mão aos lábios e pressiona um beijo suave na minha junta. Eu suspiro contente e fecho os olhos, querendo gravar este momento na minha mente para sempre.

A próxima coisa que eu sei, o sol está movendo através da janela, brilhando nos meus olhos. Eu gemo. Ryan seriamente precisa investir em algumas cortinas blackout ou algo assim. É impossível dormir neste quarto.

A noite passada pisca na minha mente ao pensar nele. É quase como um sonho. Meus lábios macios me dizem o contrário. Eu levo meus dedos até a minha boca, passando-os suavemente em toda a carne ainda inchada, lembrando a sensação da boca do Ryan pressionado contra a minha. Um sorriso irrompe no meu rosto.

— Bom dia, linda.

Minha cabeça levanta ao som da sua voz. Eu deveria saber que ele estaria acordado. O homem acorda nas ímpias horas todos os dias.

Seu corte militar cresceu ligeiramente, o cabelo curto apontando para cima na parte de trás. Seus olhos ainda estão carregados de sono. Pelo menos ele não está acordado durante horas. Com os sonhos que eu tenho tido, quem sabe o que eu poderia ter murmurado enquanto durmo.

Ele se estica e desliza o meu cabelo atrás da minha orelha. De repente, fico inibida. Ele me viu de manhã antes. Mas isso foi antes. Minhas mãos voam para o meu cabelo, tentando domá-lo o melhor que posso. É sempre um desastre quando eu acordo.

É então que eu percebo que estou vestindo apenas a minha camiseta e calcinha. Puta merda. Como isso aconteceu? A última coisa que me lembro é de vir de carro para casa. Não há nenhuma maneira que entrei aqui e me despi. O medo se espalha através de mim momentaneamente, memórias subindo à superfície. Eu enterro meu rosto no meu travesseiro, tentando recuperar o fôlego. Ryan coloca a mão no meu ombro suavemente. — Haylee? Você está bem?

Ao som da sua voz, meus nervos acalmam. É do Ryan que estamos falando aqui. Com certeza ele não faria qualquer coisa para me machucar. Provavelmente não me queria desconfortável no meu jeans toda a noite. Eu olho para ele, mantendo a maioria do meu rosto coberto pelo travesseiro. Eu puxo as cobertas mais apertado em volta de mim. — Hum, onde estão as minhas roupas?

Realização cai sobre ele. — Oh. Desculpe. Você estava apagada. Eu carreguei você até aqui em cima e coloquei você na minha cama. Mas os jeans não pareciam muito confortáveis. Eu juro que não olhei. — seu sorriso é tão genuíno que é impossível não derreter sob ele. Eu viro de lado, mantendo os cobertores apertados em volta de mim, mas relaxando um pouco sob o seu olhar.

— Desculpe por isso. Eu não queria cair no sono com você.

Ele dispensa com um aceno. — Foi um longo dia para nós dois. — ele diz, tristeza nublando seu rosto. Imediatamente ele dá de ombros. — Agora. O que devemos fazer hoje?

Estou surpresa que ele queira fazer alguma coisa depois de ontem. Mas se ele quer algo para tirar a sua mente disso, eu vou cooperar com prazer. Eu sorrio para ele docemente. — Topo qualquer coisa que você queira fazer.

Levanto e faço o café da manhã, enquanto ele toma banho e faz a barba. Eu não sou muito boa na cozinha, mas eu posso fazer uma torrada francesa média. Eu apenas estou colocando os pratos sobre a mesa quando ele se junta a mim.

— Isso cheira fantástico. Eu não sabia que você sabia cozinhar.

— Eu não sei. Amanda faz toda a comida, mas torrada francesa é a minha especialidade.

Ele sorri para mim enquanto encharca a sua torrada com xarope de bordo. Ele dá uma mordida enorme, os olhos revirando enquanto geme. — Puta merda. Acho que me apaixonei por você.

Seu tom é provocante, mas as palavras ainda obrigam meu coração a fazer uma pausa. Ele parece perceber o que disse no mesmo momento. — Hum, eu quero dizer. Isso é bom... hum... — ele gagueja. Eu tento aliviar o clima rapidamente.

— Não, eu entendi. Você não seria o primeiro a declarar seu amor eterno por mim depois de comer a minha torrada francesa.

Isso tem o efeito oposto do que eu planejei. Sua expressão escurece. Eu percebo como isso soa. Agora sou eu a atrapalhada nas minhas palavras, tentando explicar. — Errr, quero dizer. Amanda. Ela me disse várias vezes que me ama por causa da minha torrada. Ela adora. Às vezes, eu acho que é a única razão para me manter por perto.

Sua expressão permanece nublada, mas ele permite que um pequeno sorriso roce seus lábios. Nós dois terminamos a refeição em silêncio e eu saio da sala para me preparar para o dia.

Trinta minutos mais tarde, eu estou completamente vestida e maquiada. Meu cabelo está puxado para trás em um rabo de cavalo alto. Ryan limpou a bagunça que fiz na cozinha e tem duas canecas de viagem de café prontas e esperando. Ele entrega uma para mim e eu tomo um gole. Está exatamente como eu gosto. Eu sorrio.

— Deve ficar muito quente esta tarde. Eu estava pensando que talvez pudéssemos ir ao zoológico esta manhã, enquanto ainda está agradável lá fora. Então, mais tarde, podemos encontrar algum lugar para fugir do calor? — seu tom de questionamento, está claramente aberto à objeção.

Eu não vou ao zoológico há muito tempo. Tipo, literalmente. Eu nunca fui ao zoológico. A perspectiva enche-me de uma quantidade ridícula de excitação. Quem aos vinte e três anos de idade fica animado em ir ao zoológico? Eu, aparentemente. Eu aceno com entusiasmo. — O zoológico parece ótimo! — eu digo, e ele ri da minha euforia óbvia.

Nós passamos as próximas horas vagando pelas diferentes exposições. O sol do verão aquece muito mais rápido do que o previsto, mas eu não me importo. Puxo-o por toda parte, correndo de jaula em jaula. A maioria dos animais está descansando na sombra, tentando manter a temperatura. Mas ver essas criaturas exóticas de perto é emocionante. Não consigo acreditar que nunca vim aqui antes.

Nós paramos para almoçar fora da exposição do macaco. É a última em nossa agenda e a que fico mais animada. Eu devoro o meu hambúrguer em tempo recorde e, em seguida, salto no meu lugar quando Ryan termina o seu.

— Bom Deus, mulher. São apenas macacos. Parece que você nunca os viu antes.

— Eu não vi. — eu respondo.

Choque preenche seu rosto. — Você nunca viu um macaco antes?

Eu balanço a minha cabeça. — Eu nunca vi nenhum desses animais antes. Não na vida real de qualquer maneira. Eu pensei que eu tivesse deixado isso bastante óbvio pela maneira que eu tenho praticamente arrastado você pelo braço, puxando-o em torno deste lugar durante toda a manhã.

— Eu pensei que você estava apenas tentando manter minha mente fora das coisas. Fingindo seu entusiasmo para manter meu espírito para cima. — diz ele.

— Não. Embora eu espere que eu esteja fazendo isso também.

Ele balança a cabeça, incrédulo. — Eu não acredito que você nunca foi ao zoológico. Eu teria te trazido aqui há muito tempo se eu soubesse disso.

— Sim, bem. Eu disse que minha mãe não era exatamente a maior. Eu realmente não tive infância. Algo que eu queria ou precisava, eu tinha que conseguir por mim mesma. Assim, o zoológico não era realmente uma prioridade. — eu digo, chocando-me por ser tão direta e abrir-me com ele. O que deu em mim?

Ele olha triste. — Jesus, Hay. Eu não fazia ideia. Sei que você disse que sua mãe era difícil. Eu não tinha ideia que você praticamente teve que criar-se.

Eu bufo. — Você não sabe da missa a metade. Não há *praticamente* sobre isso. Mas essa é uma conversa para outro dia. — eu digo, pulando do meu assento e agarrando a mão dele. — Vamos lá. Vamos ver alguns macacos.

Ele segue de bom grado, mas a expressão triste permanece em seu rosto. Eu odeio que tenha colocado uma melancolia no dia, então faço tudo que posso para animá-lo de novo. Eu me faço uma completa idiota na frente dos macacos, imitando o comportamento e mordiscando os cabelos de Ryan. Todo mundo ao meu redor me olha como se eu estivesse louca, mas o sorriso de Ryan retorna, então tudo vale a pena. Ele se junta, e agimos como idiotas na frente de todo mundo até que estamos segurando nossas laterais de tanto rir.

A parada final na exposição do macaco é o gorila. Fico maravilhada com o tamanho enorme dele. Eu estou olhando para ele, observando-o se mover em torno do seu habitat com uma facilidade quase graciosa, quando ouço Ryan pedir a alguém para tirar uma foto

nossa. Ele se junta a mim e me viro para sorrir para a câmera, o macaco gigante na foto atrás nós. Não é até que o homem devolve o telefone ao Ryan, que eu realmente vejo seu rosto. Meu estômago afunda.

Um sorriso maroto se espalha em toda a face do homem. — Puta merda. Haylee Jordan, porra. Faz muito tempo.

Ryan olha de mim para o homem diante de nós, confusão clara em seu rosto. — Você o conhece? — ele me pergunta.

— Ah, sim, ela me conhece. — Tyler ri. — Rapaz, ela me conhece. — o chão sob meus pés começa a rodar, o lugar começa a girar em torno de mim. Um suor frio irrompe em toda a minha pele e minha respiração para. Meus dedos das mãos e pés começam a formigar, minha visão escurece a cada segundo. Eu preciso sair daqui. Freneticamente, eu procuro uma saída, mas há tantas pessoas. Muitas pessoas. Não há nenhuma maneira que eu consiga sair daqui sozinha. Eu agarro Ryan, contando com ele para me manter em pé.

No fundo da minha mente eu ouço a voz de Ryan. — Eu acho que é melhor você sair. — ele diz para Tyler. Ele me puxa protetoramente para debaixo do braço e meus braços envolvem a sua cintura, desesperada por algo para me manter aterrada. Seus braços me acolhem, me afastando do olhar de Tyler. Eu sugo uma respiração, tentando acalmar o coração disparado.

Tyler dá um passo mais perto de nós, sua resposta um riso sinistro. Ele abaixa sua voz enquanto fala. — Oh, por favor. Não me diga que ela te enganou com seu ato doce e inocente. Ela gosta de fingir que é esta menina pura e boa. Mas nós dois sabemos que não poderia estar mais longe da verdade. Não é verdade, Haylee? — ele pisca, dando-me outro olhar malicioso.

Antes que eu saiba o que está acontecendo, Ryan desaparece do meu lado. Eu tropeço, o chão ainda instável sob meus pés. Eu agacho, colocando a cabeça entre os joelhos, inspirando e expirando tão lenta e profundamente quanto posso, tentando afastar o meu pânico iminente. Eu só estou no número dois da respiração quando ouço um estrondo.

Minha cabeça levanta abruptamente. O lugar gira novamente antes que eu seja capaz de me concentrar no que está acontecendo na minha frente. Ryan está com Tyler levantado contra o vidro frontal da gaiola, o stand de folhetos que estava lá, agora está espalhado pelo chão. Ele pressiona seu antebraço na garganta de Tyler, efetivamente

cortando-lhe o oxigênio. Uma mulher que está perto deles apressa seu filho para fora do lugar. Eu ouço vozes preocupadas em torno de mim, ninguém sabe o que fazer com a cena que foi deflagrada diante deles.

— Diga mais uma palavra. Vamos lá. Diga. — ele rosna, seu rosto apenas centímetros longe de Tyler. Ele empurra-o mais forte e Tyler sufoca um grito estrangulado. — Não é tão durão agora, né? Só um homem grande para intimidar uma mulher assim, certo? Seu maldito covarde de merda. — ele bate a cabeça de Tyler de volta contra o vidro, uma rachadura soando em todo o lugar. As pessoas que nos rodeiam estão olhando abertamente agora, choque e pavor claros em seus rostos. Embora ele esteja de costas, Ryan parece sentir o desconforto crescente em torno dele, e ele finalmente libera seu domínio. Tyler despenca no chão, com as mãos imediatamente chegando até o pescoço.

Ryan se agacha ao lado dele, puxando sua cabeça para cima pelos cabelos. Ele abaixa a voz tanto que eu tenho problemas para entender as suas palavras. — Fica longe dela, porra, está me ouvindo? — com isso, ele empurra Tyler novamente e retorna ao meu lado. Ele me levanta do chão, abraçando-me ao seu lado ferozmente.

— Vamos.

Capítulo Vinte

Ryan

Haylee se apoia em mim todo o caminho de volta para o meu carro, com o rosto enterrado na dobra do meu pescoço. Eu a guio através da multidão, me certificando que ninguém a toque ou mesmo a olhe de forma errada. Eu afivelo seu cinto de segurança quando chegamos ao meu carro, meus movimentos tão lentos e suaves que você pensaria que ela era feita de vidro. Corro ao redor do carro e salto para dentro do banco do condutor, querendo levá-la para longe daqui o mais rápido possível.

Viro na direção da minha casa quando ela diz: — Não, eu quero ir para casa. — sua voz é tão baixa que quebra o meu coração. Eu não tenho nenhuma ideia de quem era aquele idiota, mas absolutamente o odeio por reduzi-la a isso. Ela parece tão frágil. Tão ferida. Tão completamente quebrada.

Eu viro o carro e vou em direção ao apartamento dela. Ela não fala todo o caminho até lá, e eu a deixo ter o seu silêncio. Quando estaciono na frente da sua casa, ela pula do carro, sem dar um olhar para trás. Acho que não, porra. Eu salto para fora do carro atrás dela. — Haylee. — eu chamo quando eu vou atrás pelas escadas. — Espere.

Ela atinge a porta e se atrapalha com as chaves, os dedos trêmulos incapazes de ajustar a chave certa na fechadura. Eu sou grato por esse pequeno favor; caso contrário ela teria batido a porta na minha cara e me trancado para fora. Venho por trás dela e coloco minhas mãos contra a porta de cada lado dela, prendendo-a. Ela se vira, o medo evidente em seus olhos.

Eu deixo cair minhas mãos, meu coração quebrado. — Merda, eu sinto muito. Eu não pensei. Eu não vou te machucar... — eu paro. — Por favor. Apenas me diga o que aconteceu. Ou não. Eu não me importo. Apenas deixe-me te abraçar. Não fuja de mim outra vez.

Ela se joga em meus braços, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Eu a seguro firme com um braço, alcançando atrás dela para destrancar a porta com a outra mão. Eu a levo

para dentro e chuto a porta atrás de mim. Levo-a para o sofá, e eu a puxo para o meu colo e a abraço com força. Depois de alguns minutos, as lágrimas cessam e ela funga. Eu levanto seu queixo com os dedos, trazendo os olhos para mim. A tristeza e mágoa que vejo neles me destrói completamente. — Quem era? — eu pergunto baixinho.

Seus olhos se fecham e ela está em silêncio por tanto tempo que eu não acho que ela vai me responder. Ela suga uma respiração profunda, segurando-a por alguns segundos antes de expirar tudo em um assobio.

— Tyler. — ela diz, sem elaborar, mas ódio aparece claramente em sua voz. Eu espero por vários segundos antes de perguntar a ela.

— E Tyler é?

Ela fecha os olhos com tanta força que parece que está em uma enorme quantidade de dor física. Estou prestes a dizer-lhe para esquecer, que eu não preciso saber, se isso vai lhe causar tanta mágoa, quando ela finalmente continua.

— Meu estuprador.

Que. Porra. É. Essa? A fúria que desencadeia na minha cabeça é tão poderosa que quase me cega. Meu corpo inteiro fica rígido. O desejo de encontrar aquele filho da puta e terminar o que comecei me oprime. A única coisa que me impede de sair desta sala e fazer exatamente o que tenho vontade, é Haylee. O olhar ferido no rosto dela quando ela enrola dentro de si mesma faz meu coração doer.

— Ele estuprou você? — eu me viro sussurrando, precisando ter certeza que eu ouvi corretamente. Ela assente contra o meu peito.

— Quando? — eu digo.

— Foi há muito tempo. Colegial. Estou bem. Realmente. Eu só não esperava vê-lo hoje.

Ela não parece bem. Nenhum pouco. Dividido entre a necessidade de saber todos os detalhes para que eu possa matar aquele desgraçado completamente e sem querer ouvir mais uma palavra, eu finalmente consigo dizer: — O que aconteceu?

Ela desliza para fora do meu colo, mais uma vez, curvando seu corpo protetoramente em torno de si. Quando estendo a mão para ela, ela balança a cabeça e desliza mais para baixo do sofá. Eu deixo cair a minha mão, dando-lhe espaço.

— Foi depois da formatura. Fui com um dos seus amigos, Campbell. Eu não tinha muitos amigos na escola. Eu nunca esperava ser convidada para o baile, mas Campbell teve interesse em mim por alguma razão.

Eu sabia exatamente qual era motivo. Haylee era exuberante. Eu achei que difícil acreditar que ela não tinha amigos na escola. Se ela tivesse ido para a minha escola, ela teria que espantar meninos com uma vara.

— Depois do baile... — ela continua. — Fomos todos para a casa do Jake, amigo de Campbell. Alguém colocou alguma coisa na minha bebida. Eu não me lembro de nada depois disso até a manhã seguinte, quando acordei na varanda da minha casa com o meu vestido de baile rasgado. Campbell havia me deixado lá... depois.

Meu sangue ferve. Eu não ficaria surpreso se ela pudesse sentir o calor irradiando de mim de onde ela está sentada. Eu não confio em mim para falar. Em vez disso, eu olho para ela, esperando que ela continue.

— Eu sabia que algo tinha acontecido. Eu estava dolorida e meu vestido estava rasgado. Mas eu não ousei dizer nada. Para ninguém. Minha mãe não teria feito qualquer coisa de qualquer maneira. — ela diz com um triste aceno de cabeça. Acrescento a mãe dela na lista de pessoas que eu quero ferir.

— Eu decidi que eu esqueceria. Eu estava com magoada e assustada, mas eu não podia realmente me lembrar de nada, então eu pensei que seria capaz de colocar tudo para trás e seguir em frente com a minha vida. Eu ia me formar em poucos meses, então fiquei tão longe quanto possível desses caras. Ninguém jamais saberia.

— Mas assim que eu entrei na escola na segunda-feira, eu sabia que isso não ia acontecer. Todo mundo riu e riu de mim por trás dos seus telefones, inclinando para mostrar para a pessoa próxima a eles o que estavam olhando. No segundo período, os rumores estavam por toda parte. Havia fotos. Muitas fotos. Todas minhas. E vários caras diferentes.

Eu levanto do sofá, incapaz de conter o crescente frenesi dentro de mim. Eu preciso fazer alguma coisa para não explodir. Eu ando para o outro lado da sala, pego a primeira coisa que as minhas mãos entram em contato e jogo no chão. — Caralho! — eu grito a plenos pulmões.

Haylee grita de susto atrás de mim. Eu me viro. O medo nos olhos dela voltou.

Corro para ela, caindo de joelhos na sua frente. Seu lábio inferior treme quando ela olha para mim. Tomo suas mãos nas minhas. — Eu sinto muito, baby. Eu sinto tanto.

Ela balança a cabeça, os lábios contraídos. Ela olha para o chão, sem vontade de olhar nos meus olhos.

— Você quer me contar o resto?

Ela balança a cabeça. — Na verdade, não. Mas eu acho que deveria. — ela olha para mim, dando-me o mais triste sorriso do mundo. Meu coração se parte inteiro de novo. Eu deslizo ao lado dela no sofá, mantendo suas mãos nas minhas.

— Os próximos meses foram um inferno. Todos os dias, as pessoas encontravam novas maneiras de me atormentar. Fotografias, desenhos, notas... tudo. Campbell não estava envolvido. Eu nem sei quem eram todos eles. Eles tiveram o cuidado de manter seus rostos longe das imagens. Tyler foi o único descarado o suficiente para admitir ser um deles. Mas Campbell tinha uma pequena tatuagem no ombro. Nenhum dos rapazes nas fotos tinha. Então eu sei que ele não fez isso. Mesmo assim, ele sabia a verdade. E ele ainda os deixou me atormentar. Ele poderia tê-los parado. E ele não fez nada. Isso foi o que mais doeu.

Eu não me considero uma pessoa muito violenta. Eu tenho um trabalho violento. E eu faço o que tenho que fazer. Mas na vida cotidiana, eu sou definitivamente mais amante do que um lutador. Mas eu nunca quis matar ninguém como quero agora. Cada um desses filhos da puta que a tocou, intimidou e atormentou. Eu quero todos mortos.

— Amanda foi a única que acreditou em mim. Ela estava lá naquela noite. Ela entrou no quarto onde eles estavam comigo e criou o inferno. Se não fosse por ela, quem sabe até onde eles teriam ido. E através de toda a sequência, ela era a única que ficou do meu lado. Ela me pediu para ir à polícia, mas fui inflexível. Eu só queria deixar tudo para trás. Eu esperava que se eu mantivesse silêncio sobre o assunto, as coisas acabariam por morrer. Mas em vez disso, ela acabou sofrendo a perseguição ao meu lado. Todos os outros na festa naquela noite disseram que eu era uma participante voluntária. Não importou o quanto Amanda me defendesse, ninguém acreditava nela. Eles só a acusaram de tentar destruir a vida de alguns dos garotos mais populares da escola.

— Apenas a algumas semanas da graduação; eu decidi que simplesmente não podia aguentar mais. As semanas e semanas de miséria finalmente culminaram quando cheguei em casa e encontrei a minha mãe me esperando no sofá. A palavra *prostituta* havia sido

pichada em toda a nossa garagem. Minha mãe jogou uma pilha de fotos na minha cara. Eu não precisei olhar para saber do que se tratavam. Ela veio até mim com veneno escorrendo dos seus olhos.

— Ela me puxou para o chão pelo meu cabelo, me chutando forte no estômago, logo que meus joelhos bateram no chão, ela me chutou mais e mais, me acusando, me chamando de prostituta, vagabunda, vadia... tudo o que ela conseguia pensar. Eu finalmente apaguei. Quando acordei, eu mal conseguia me levantar de dor. Minha mãe estava desmaiada bêbada no sofá. Eu me arrastei até o banheiro, puxando-me para cima do balcão. Quando eu olhei no espelho, tudo que vi eram aqueles nomes. Eu era tudo o que a minha mãe me acusou. Tudo o que os estudantes me acusaram de ser. Eu odiei o que vi. Eu não merecia viver.

Sua voz se quebra e eu expiro. Até aquele momento eu não tinha percebido que eu estava segurando a minha respiração. Ela olha para mim com lágrimas nos olhos.

— Eu tomei um frasco inteiro de Percocet. Minha mãe mantinha escondido em casa, e eu encontrei sob a pia do banheiro. Sentei-me no chão e engoli todos eles, um por um. Lembro-me de ouvir o meu telefone tocando no meu bolso de trás quando eu adormeci. Mas eu estava longe demais para sequer tentar olhar para ele.

— Amanda diz que ela sabia que algo estava errado. Quando eu não atendi, ela foi direto para a minha casa. Quando ninguém atendeu a porta, ela forçou-a. Ao ver minha mãe desmaiada no sofá e sangue no tapete na frente dela, ela correu pela casa, chamando meu nome. Ela me encontrou no chão do banheiro, inconsciente e mal respirando. Os médicos disseram que se ela demorasse mais cinco minutos, teria sido tarde demais. Do jeito que estava, eles conseguiram lavar o meu estômago e o dano não foi muito - pelo menos fisicamente. — ela fala com uma falsa risada.

Eu balanço a minha cabeça. — Isso não é engraçado.

Ela balança a cabeça. — Eu sei. Mas eu rio ou choro. E eu tenho certeza que não tenho mais lágrimas.

Eu pego seu rosto nas minhas mãos, forçando-a a olhar para mim. — Estou tão feliz por Amanda chegar a tempo. Tão, tão feliz. — eu sussurro quando pressiono meus lábios em sua testa.

— Às vezes eu me pergunto se teria sido melhor se ela não tivesse chegado. — ela diz, tão baixinho que mal consigo ouvi-la.

Rachaduras no meu peito abrem com suas palavras. O pensamento dela não estar aqui me dá a sensação de não poder respirar. Eu puxo minha cabeça para trás apenas o suficiente para que ela possa ver todo meu rosto. Eu mantenho minhas mãos em cada lado do rosto dela. — Não se atreva a dizer isso de novo. Você está aqui por uma razão, Haylee Jordan. Você me ouve? Há uma razão para Amanda chegar até você. A razão pela qual ela foi à sua casa depois de um telefonema sem resposta. Você não estava destinada a morrer naquele dia. Você foi feita para estar aqui. Comigo.

Ela morde o lábio, seus olhos voltando para encontrar os meus. Ela não concorda com as minhas palavras. Ela só toma uma respiração profunda e continua a sua história. — Depois disso, Amanda fez com que eu tivesse a ajuda que precisava. Ela me levou a todos os meus compromissos de terapia. Nós duas já tínhamos planos para cursar a mesma faculdade. Então, depois da formatura, fomos morar juntas, e ela tem sido minha companheira constante desde então. Eu me sinto tão culpada por arrastá-la comigo. Ela é a pessoa mais amável, mais generosa que já conheci. E ela ficou sobrecarregada como minha melhor amiga.

Ela vira o rosto, tentando esconder as lágrimas. Eu pressiono meus lábios na sua bochecha desta vez, beijando as lágrimas que caem. Ela olha para mim de debaixo dos seus cílios molhados. Meus sentimentos de repente me oprimem.

— Eu te amo, Haylee. — digo antes que possa me parar. Após as palavras saírem, eu percebo que eu nunca falei quatro palavras mais verdadeiras em minha vida. Essa garota entrou na minha vida de uma maneira completamente inesperada. E agora, eu não posso imaginar minha vida sem ela. Eu não sei o que eu estava fazendo antes dela. Sobrevivendo. Apenas existindo. O que fosse, não era viver. Não se comparado a isso. Nada se compara com os sentimentos que tenho quando estou com Haylee. Meu coração parece completo pela primeira vez em um longo tempo. Pela primeira vez desde a noite que o meu pai morreu.

Ela ofega com a minha admissão. Antes que ela tenha muito tempo para pensar sobre as minhas palavras, eu puxo seu rosto ao meu, os meus lábios desabando sobre os dela. Seu corpo reage instantaneamente. Seus braços me envolvem e ela me esmaga contra ela. Nossas mãos são um turbilhão de movimentos, tateando um ao outro quanto possível. Ela puxa minha camisa, quebrando nosso beijo brevemente puxando sobre a minha cabeça.

No fundo, eu sei que eu deveria parar com isso. Depois do que ela acabou de admitir para mim, esta é a última coisa que ela precisa. Ela merece mais. Flores, velas, romance, toda essa merda. Mas o desespero em seus movimentos me impede de fazer qualquer coisa. Se ela quer me usar, se isso vai ajudá-la com qualquer dor que esteja sentindo, então eu sou todo dela. Sou dela desde o início.

Ela faz o trabalho rápido com as minhas roupas, e antes que eu saiba, estamos pressionados em seu sofá, pele com pele. Ela me beija profundamente, suas mãos arrastando para baixo no meu estômago para encontrar meu comprimento duro.

— Espere. — eu suspiro, agarrando a mão dela. — Nós não temos que fazer isso.

Seus olhos encaram os meus. — Por favor, Ryan. Eu preciso disso. Eu preciso de você para substituir aquelas memórias. Mesmo que apenas por uma noite.

Eu fecho meus olhos com força, odiando essas palavras. — Não. Se fizermos isso, é para que você saiba que eu te amo. Eu quero que você saiba como você é linda. Quanto eu te quero bem. Que nenhuma mulher jamais me fez sentir desse jeito antes. Eu quero que você se sinta amada, adorada, estimada. Porque, Haylee, nenhuma mulher na Terra é mais merecedora desses sentimentos do que você.

Ela bate seus lábios de volta nos meus, efetivamente cortando as minhas palavras. O desespero está desaparecido do seu beijo. Este parece com o seu beijo da noite passada. Nada entre nós. Apenas Haylee e eu. Eu tiro meus lábios dos dela uma última vez, meus olhos suplicando. — Você tem certeza?

Ela balança a cabeça e cobre a minha boca com a dela novamente. Lentamente, eu me empurro para dentro dela. Ela acalma momentaneamente, e vejo no seu rosto um sinal de dúvida. Ela aperta os olhos com força em um estremecimento. Eu começo a retirar dela quando ela agarra em mim.

— Não. Não pare. Apenas me dê um segundo para acostumar com isso.

Eu fico completamente imóvel, com medo de machucá-la. Quando ela abre os olhos, não há nenhum vestígio de medo ou dor. Ela sorri para mim. — Faça amor comigo, Ryan.

Eu beijo cada centímetro dela enquanto me movo lentamente dentro dela. Minhas mãos traçam toda a superfície do seu corpo, encantado com a sensação da sua pele. Seus dedos correm para cima e para baixo nas minhas costas e ela ofega no meu pescoço. Eu levo meus dedos para baixo entre nós, trabalhando na sua carne sensível, onde os nossos

corpos se juntam. Quando sua respiração fica inconstante, eu movo meus dedos mais rápido, cronometrando-os com os golpes da minha pélvis. Ouço seus engates respiratórios e eu sinto suas paredes apertando ao meu redor. Eu empurro mais forte, a sensação rapidamente me leva para a minha própria libertação. Nós colapsamos um contra o outro, ofegantes. Meus lábios encontram rapidamente os dela novamente e eu a beijo mais e mais. Quando finalmente quebro o beijo e recuo, ela me cumprimenta com um sorriso.

— Podemos fazer isso de novo?

Eu rio alto e de bom grado a atendo.

Os próximos dois dias passam muito rapidamente. Não há velório real para a minha mãe. É apenas Haylee, os pais de Chris - Carrie e Will - e eu. Nós a enterramos ao lado do meu pai e Noah. Ninguém chora. Sabemos que ela está onde queria.

Após o sepultamento, Haylee e eu passamos o resto do dia na cama. Eu tenho que sair de manhã, mas nenhum de nós está pronto para reconhecer isso. Em vez disso, nós passamos horas conversando e nos conhecendo melhor. Ela me conta tudo sobre a sua mãe. Sobre Amanda. Ela se abre completamente para mim, e eu nunca a vi mais bonita. É como se uma parede tivesse sido levantada e ela esteja finalmente autorizada a brilhar.

Nós também fazemos amor. Muito. Apesar das minhas preocupações iniciais por causa das suas experiências anteriores com sexo, ela aquece completamente comigo. Eu tenho que perguntar a ela sobre isso. Eu preciso ter certeza que eu não estou fazendo nada que a deixe desconfortável. Ela sorri para mim e responde: — Não poderia ser mais diferente, Ryan. Quando eu estou com você, não há outro lugar que eu prefira estar. Eu temi isso por tanto tempo. Eu tinha tanto medo que nunca fosse capaz de desfrutar isso com alguém. Mas com você, todos esses medos derreteram. Não há nada aqui, só você e eu.

Quando a noite se aproxima, eu peço uma pizza e nós nos enrolamos e assistimos Netflix. Estamos no meio da primeira temporada de Dexter quando ela fala.

— Eu não quero que você vá.

Eu a puxo contra mim, pressionando meus lábios no seu cabelo. — Eu não quero ir.

— Então, não vá. Vamos fugir. Em algum lugar que nunca serão capazes de nos encontrar. Nós podemos ir para Quebec ou algo assim.

Eu rio. — Eu ouvi dizer que Quebec é terrível nesta época do ano.

Ela ri. — Eu não me importo aonde vamos. Desde que eu esteja com você.

Bem, inferno. Como é que eu vou discutir com isso?

— Eu estarei em casa antes que você perceba.

Ela suspira. — Eu sei. Eu só tenho um mau pressentimento. Como se eu estivesse feliz demais. Se você sair agora, como impedir que isso tudo exploda na minha cara?

Eu rio. — Shhh. Isso é apenas seus velhos medos que voltam para assombrá-la. Você me possui, Haylee. Mente, corpo e alma. Nada de ruim vai acontecer com a gente. Eu prometo.

Ela se aconchega no meu lado, descansando a cabeça no meu ombro. Nós dois voltamos nossa atenção para a tela. Eu sinto meus olhos começarem a fechar, quando ela fala.

— Ryan?

— Sim? — eu digo, minha voz rouca do sono iminente.

— Eu te amo.

Minha cabeça levanta com todos os vestígios de sono vencidos com essas três pequenas palavras. Ela sorri para mim. O sentimento no meu peito incha até que parece que está cortando meu suprimento de oxigênio. Meus lábios desabam sobre os dela. Como no inferno eu sou tão sortudo?

Capítulo Vinte e Um

Haylee

O alarme do Ryan dispara e ele se estica para silenciá-lo. Nenhum de nós está dormindo. Eu não queria perder um momento com ele. Eu vou ter muito tempo para dormir enquanto ele estiver fora.

Ryan suspira e me solta. — É melhor eu ir para o chuveiro. Logo o voo sai.

Concordo com a cabeça, observando-o atravessar o quarto. Eu ouço a água e o imagino se despindo. Antes que eu possa me parar, eu salto para fora da cama e corro para o banheiro, tirando a camiseta do Ryan que eu usei na noite passada.

Abro a porta e entro no banheiro cheio de vapor. Ele põe a cabeça para fora atrás da cortina do chuveiro, sorrindo para mim. — Você demorou. — ele empurra a cortina para fora do caminho, dando um passo de lado para me juntar a ele.

Eu passo sob o jato e suspiro. — Puta merda. Você está tentando me esquentar?

Ele ri. — Chuveiros quentes nem sempre estão disponíveis no campo. Eu tenho que compensar isso de alguma forma.

O lembrete de que ele está indo embora me faz inclinar para ele. Seu braço me envolve, nossos corpos lisos um contra o outro. Ele dá um beijo no meu ombro. Girando-me, suas mãos sobem para os meus seios. Eu posso sentir o comprimento dele pressionando na minha bunda. Ele trilha beijos para cima e para baixo do meu pescoço, mordiscando enquanto ele sobe. Quando ele atinge meu ouvido, ele puxa meu lóbulo com os dentes e sussurra: — Eu vou sentir sua falta pra caramba.

Eu viro meu pescoço para encontrar os seus lábios. Ele me beija com tal intensidade que meus joelhos travam. Suas mãos se enchem com meus seios, dedos rolando sobre meus mamilos até que eu grito pela sensação. Ele me gira completamente e inclina a boca sobre a minha. Conectando a minha perna direita em torno do seu quadril, ele me penetra.

A outra noite eu estava tão insegura sobre isso. De dar este passo. Eu o queria. Deus, eu o queria muito. Mas até que ele finalmente empurrou para dentro de mim, eu estava

apavorada. Não por Ryan. Mas, por como eu reagiria. E se eu me apavorasse? Entrasse em pânico. Eu não tinha estado com ninguém. Não desde aquela noite.

Acontece que os meus receios eram completamente injustificados. Eu me empolguei tanto que eu estava à beira de um colapso quando ele finalmente deslizou dentro de mim. E tudo só se dissipou.

Eu não pensei nas coisas terríveis que tinham feito comigo. Eu não pensei em Campbell e sua traição ou na minha mãe. Tudo era sobre mim e Ryan. A expressão dos seus olhos quando ele me mostrou o quanto me amava. O movimento lento dos seus quadris quando tocou a minha parte mais profunda. A forma carinhosa como ele explorou meu corpo com os dedos. Ele foi tão paciente. Tão amoroso.

Agora, porém, ele bombeia dentro e fora de mim tão rápido que sou incapaz de manter meu equilíbrio. Ele envolve seus braços em volta da minha cintura, me içando contra a parede do chuveiro. Eu envolvo minha outra perna em torno dele, puxando-o mais profundamente dentro de mim. Ele leva a velocidade a outro patamar. Abro os olhos, desesperada para vê-lo me levar.

Uma paixão quase enlouquecida cobre o seu rosto. Quando meus olhos encontram os dele, ele me bate para cima e para baixo ainda mais forte. — Goze comigo, baby. Goze comigo.

Suas palavras me enviam em um espiral fora de controle. Eu me agarro a ele, meus dedos cavando em sua pele conforme onda após onda cai sobre mim. Eu sinto que ele goza logo depois, seu calor pulsando através de mim. Ele empurra mais algumas vezes, gemendo no meu pescoço. Quando ele finalmente acaba, ele despenca contra mim.

— Merda. Sinto muito. Eu não queria ficar tão fora de controle. Eu queria ser gentil...

Eu o interrompo. — Não peça desculpas. Não por isso. Puta merda, você escondeu isso de mim. — eu provoco.

Ele ri baixinho antes de balançar a cabeça. — Você é o tipo de mulher que um homem deve fazer amor. Não foder contra a parede do chuveiro. — ele diz.

Eu encontro o seu olhar de frente. — Eu não me importo o que você faça comigo. Desde que seja você. — a total confiança que confesso a ele surpreende até a

mim. Mas eu posso ver o quanto as minhas palavras significam para ele. E elas eram cem por cento verdade.

Nós tropeçamos para fora do chuveiro juntos e vamos nos arrumar para começar o dia. Isso parece tão natural, de pé ao lado dele enquanto ele faz a barba e eu seco o meu cabelo. Tudo tão doméstico. Eu nunca sonhei que eu teria isso com alguém. E aqui estou eu, com o homem mais incrível do planeta.

Eu dirijo para o aeroporto, tecendo pelo tráfego porque o nosso encontro da manhã nos atrasou. Ele insiste que eu apenas o deixe na entrada. — Se você entrar, eu vou ficar triste, e não vou entrar naquele avião de jeito nenhum. E então nós realmente teremos que fugir ou eu vou ser preso por desertar.

Eu rio, o som sai mais estrangulado do que eu pretendia. Quando eu estaciono perto das portas, Ryan me puxa ferozmente contra ele. — Eu vou estar de volta antes que você perceba. Escreva-me todos os dias, está bem? — ele diz contra os meus lábios. Eu aceno, mesmo enquanto ele continua me beijando. Muito rápido ele está se afastando. Ele sai do carro, abrindo a porta de trás para pegar sua bolsa. Ele se inclina na janela aberta, dando-me um último beijo.

— Te vejo em breve. Eu te amo.

— Eu também te amo. — eu digo baixinho. Há tantas coisas que eu quero dizer para ele agora. Mas essa é a única coisa que eu consigo.

Ele pisca para mim. Voltando-se para as portas, ele ergue a bolsa em cima do seu ombro e vai embora sem outro olhar.

Mais tarde naquela noite eu entro no Gordon, pronta para afogar minhas mágoas. Amanda e Emma supostamente eram para me encontrar aqui, então eu vasculho o ambiente até que eu as encontro. Está surpreendentemente cheio aqui esta noite. Ótimo para Gordon. Não é tão bom para mim. Eu preciso de calma e consolo.

Emma acena para mim quando me vê, apontando para garantir que eu as veja sentadas no canto. Eu caminho através do lugar e rastejo para baixo, na cabine ao lado de Emma. Ela desliza um copo na minha frente. Eu o agarro avidamente, tragando-o em três goles enormes.

— Ok, desembucha. — Amanda diz quando eu pouso o copo vazio. Eu caio de volta no meu assento.

— Eu odeio o Exército.

Emma levanta seu copo para mim num brinde simulado. — Concordo. — ela fala antes de virar sua própria cerveja.

Amanda olha para nós duas, a testa franzida intrigada. — Vocês duas são tão dramáticas.

Eu zombo. — É fácil para você falar. Justin não deixa você por meses para arriscar sua vida. Não é exatamente fácil ver o homem que você ama deixá-la para levar um tiro.

A boca da Amanda cai. — Uau. Uau! Volte... você acabou de dizer as palavras homem e amor na mesma frase? Como, na verdade, faz referência um ao outro?

Eu pego um pretzel da tigela na mesa e atiro nela. — Cala a boca. Eu achei que você ficaria feliz com a novidade.

— Porra, isso me deixa feliz, Haylee. Mas puta merda. Dá algum tempo para processar isso. Você não pode simplesmente entrar aqui jogando palavras como *amor*, sem aviso prévio. Dê um aviso na próxima vez. — ela brinca.

Eu jogo outro pretzel em sua cabeça. Desta vez, ela está esperando e o pega com destreza em sua boca. Ela joga as mãos para cima no ar. — Dois pontos!

É exatamente por isso que eu chamei Amanda esta noite. Ela nunca deixa minha atitude sombria ficar por muito tempo. É impossível ser sombrio em torno dela. Ela é simplesmente feliz o tempo todo.

Emma coloca o braço em volta do meu ombro, me dando um pequeno aperto. — Estou feliz por você. Realmente. E eu posso finalmente dizer que já era hora.

Eu rio. — Eu sei. Eu estava com tanto medo de contar o meu passado para ele, pensando que isso pudesse nos separar. E você sabe o quê? Ele nem sequer piscou quando eu disse a ele. Bem, pelo menos não da maneira que eu esperava que ele fizesse. Ele enlouqueceu. Ele pode ter quebrado o seu quadro favorito, Manda.

Ela está olhando para mim com ainda mais incredulidade no rosto. — Você *disse* a ele? Tipo, tudo?

Eu concordo. — Nós vimos Tyler.

Seu olhar surpreso cai instantaneamente com a menção do nome dele. Ferocidade substitui a surpresa. — Você está brincando comigo? Aquele filho da puta, é melhor ter mantido distância. Eu vou matá-lo se ele não fez isso. Ele disse alguma coisa para você, Haylee? Conte o que aconteceu.

Eu deslizo para fora da cabine e passo para o seu lado. — Estou bem. Acalme-se, mamãe urso. Ele não conseguiu ficar de boca fechada, é claro. É de Tyler que estamos falando aqui. Ele nunca soube quando calar a boca. Eu nem me lembro o que ele disse. Eu estava muito ocupada surtando. Mas Ryan cuidou dele. Assustou-o, a julgar pela expressão em seu rosto quando saímos.

— Bom. Aquele desgraçado merece. Merece todo um inferno de muito pior se você me perguntar. Escória do caralho.

Amanda é uma das pessoas mais doces que eu conheço. A menos que você a machuque ou alguém que ela ama. Então, as luvas estão fora. Ela se transforma de amigável, a pessoa que todos conhecem e amam, em uma fera, xingando ferozmente. E ela pode guardar rancor como ninguém. Especialmente quando se trata de mim.

Ela me abraça. — Eu estou contente que você esteja bem. Eu sabia que o bastardo estava aqui em algum lugar. Ouvi dizer que ele conseguiu um emprego nas proximidades. Eu só esperava que você nunca o encontrasse. Acho que eu deveria ter avisado.

Eu aceno para ela. — Eu entendo por que você não avisou. Eu tenho sido uma bagunça. Eu sinto muito por fazê-la passar por tudo isso. As coisas vão ficar melhores de agora em diante. Eu prometo. — eu aperto-a para mim de novo, nós duas segurando as lágrimas.

Ela me solta e limpa os olhos com um guardanapo de bar. — Jesus. Basta com essas merdas melosas. Eu pensei que esta fosse a noite das meninas. Ei, Gordon! — ela grita. — Que tal uma nova rodada, sim?

Gordon balança a cabeça e termina com o cliente que ele estava atendendo antes da sua interrupção. Poucos minutos depois ele vem passeando com quatro cervejas na mão. Ele passa para nós e, em seguida, se aperta no lado de Emma.

— Hum, você não tem clientes para atender? — Amanda pergunta quando Gordon toma um gole da sua cerveja.

— Earl pode lidar com isso por alguns minutos. Eu preciso de uma bebida com as minhas meninas.

Emma ri sem jeito, ainda não familiarizada com o humor de Gordon. Amanda e eu apenas reviramos nossos olhos para ele.

— O que você quer, Gord? — pergunto.

— Eu quero saber por que você entrou aqui valsando, você acabou de inventar a cura para o câncer ou alguma merda assim? Você estava extraordinariamente empolgada. Você não é empolgada. — ele diz, apontando para mim. Seus olhos mudam para Amanda. — Você é empolgada. — ele acrescenta, quase como se o pensamento da alegria de Amanda lhe causasse dor.

Nós duas começamos a rir e ele estremece. — Vê. Este é o meu ponto. Você nunca está tão feliz. O que há?

Amanda se estica e empurra Gordon de brincadeira no braço. — Anime-se, seu velho rabugento. Nossa garota aqui está apaixonada. Fique feliz por ela.

Gordon geme. — Oh, Deus. Eu sabia. O que levou você a fazer uma idiotice dessas?

Eu rio. — Não pude evitar, Gord. Isso meio que me pegou de surpresa.

Ele fica conosco mais alguns minutos, terminando sua cerveja e mantendo-se mal-humorado. Quando ele se levanta para sair, ele me puxa do meu assento. Ele me levanta do chão em um abraço de urso enorme. — Estou feliz por você, querida. Você merece um pouco de felicidade na vida. Você diga a este filho da puta que se ele te machucar, ele tem que responder a mim. Entendeu?

As lágrimas começam a ameaçar novamente. Céus. Após todas as lágrimas que eu chorei nos últimos dias, você pensaria que não haveria mais nada. Mas estas são lágrimas diferentes. Eu as seguro e dou um beijo na bochecha do Gordon. — Obrigada, Gordon. Amo você.

— Eu também te amo, querida. Você tem um homem de sorte. Espero que ele saiba disso.

Ele se vira e volta para o bar, fazendo um comentário sarcástico para Earl. Earl mostra o dedo para ele sem nem mesmo levantar um olho de tudo o que está fazendo atrás do bar. Estes dois homens têm sido uma bênção na minha vida. Eles podem não parecer muito para a maioria das pessoas. Mas, para mim, não há ninguém melhor.

Nós três ficamos por mais algumas horas, aproveitando as nossas cervejas e brincando com Gordon e Earl. O lugar esvaziou bem cedo. Eu acho que as pessoas têm lugares maiores e melhores para ir. Para mim, não há outro lugar que eu preferiria estar agora. A única coisa que deixaria esta noite melhor, seria se Ryan estivesse aqui comigo.

Capítulo Vinte e Dois

Ryan

A imagem da Haylee sentada no seu carro, antes de eu virar para ir embora, está permanentemente gravada no meu cérebro.

Afastar-me dela foi uma das coisas mais difíceis que já tive que fazer, e eu já lidei com merda muito difícil na minha vida. A dor no meu peito era tão profunda que eu pensei que me quebraria em dois. E não importa como eu estava desesperado por um último olhar para ela, eu sabia que nunca entraria naquele avião se eu me virasse e a visse em lágrimas.

Então, em vez disso, eu continuei andando. E agora a última imagem que tenho dela depois dos nossos dias felizes juntos é uma dela sentada em seu carro, provavelmente, esticando sobre o banco do passageiro para pegar meu beijo no ar ou para me dar um último, lindo sorriso. Eu posso imaginar o desgosto escrito por todo o seu rosto quando eu apenas passei pelas portas sem sequer um olhar. Por que eu sou tão idiota? Agora eu sei o tipo de sofrimento que ela teve que suportar. E em vez de tranquilizá-la, eu só rodopiei em sair de lá como se não fosse nada. Como um babaca.

Claro, no momento em que desembarquei, corri para o escritório do Sargento para implorar para usar o seu computador para que pudesse enviar um e-mail a ela. Eu precisava que ela soubesse que eu não me virei, porque eu sou um covarde. Que não diminuiu em nada os poucos dias fantásticos que passamos juntos ou as coisas que eu tinha dito a ela. Eu falei sério cada palavra. Eu mandei um e-mail tão rápido que nem eu conseguia entender. Fiquei acordado o voo todo, preocupado. Agora eu estava um pouco tonto e idiota. A resposta de Haylee foi instantânea. Ela deve ter ficado com seu e-mail aberto no telefone.

Ryan,

Você se preocupa demais. Pare com isso. Eu também te amo.

Preocupe-se contigo e venha depressa para casa. Estarei esperando ;)

Mantenha-se seguro.

Hay

Aquela maldita carinha dando uma piscadela fez meu coração martelar no meu peito. Eu nunca liguei para emoticons antes, mas aquela carinha estúpida dando uma piscadela acabara de se tornar a minha coisa favorita no planeta. Ao lado de Haylee, é claro.

Então, sim, deixar Haylee foi difícil. Mas me reunir com os meus irmãos me fez perceber que tudo valeu a pena. Quando entrei no quartel e vi aqueles três filhos da puta sentados ao redor de uma mesa de jogo, levou tudo em mim para sufocar as minhas lágrimas. Em vez disso, eu deixei cair a minha mochila e gritei: — Ei, seus babacas! Sentiram a minha falta? — imediatamente eu estava envolto em abraços de urso e tapas viris na parte de trás da cabeça. Haylee poderia ser minha nova casa, mas esses caras sempre seriam a minha família.

Agora, eu estava de volta há uma semana e estou seriamente começando a questionar a minha sanidade. Foi uma semana de abastecimento, após abastecimento, após abastecimento. Chatice após chatice, após chatice. Coberto com mais chatice. E calor. Jesus Cristo, o calor. Que porra estou fazendo aqui quando eu tenho uma linda garota em casa esperando por mim?

Scott joga a sua garrafa de água vazia na minha cabeça. Eu a vejo vindo pelo canto do olho e eu consigo levantar a minha mão a tempo de desviá-la. Eu a arremesso de volta na direção de Scott e ele ri.

— Tinha que ter certeza de que você estava acordado, cara. Você esteve olhando pela janela por tanto tempo, sem mover um músculo, que pensei que talvez você tivesse em transe. Achei que talvez alguém tivesse feito alguma merda vodu em você ou algo assim. Como se estivesse sob um feitiço.

— Ele está. — Chris entra na conversa. — Um *feitiço de amor*. Haylee trabalhou sua magia feminina sobre ele e agora ele é dela. — ele começa a cantar Annie Lennox e todos nós gememos. Ele realmente é um palhaço.

Joey está no assento do motorista ao lado do Sargento. Ele freia de repente, fazendo com que todos nós guinemos para frente. Chris, que está solto, desequilibra e cai no chão do caminhão. Ele se ajeita, olhando indignado para Joey. Os olhos de Joey seguem os seus

no retrovisor. — Cale a boca. — ele diz sobriamente. Chris resmunga algo baixinho, mas se senta calmamente. Joey tem estado de mau humor durante todo o dia. Nenhum de nós sabe que porra é o problema dele. Mas somos muito espertos para foder com ele quando ele está chateado.

Ninguém fala o resto do caminho. Quando chegamos à aldeia, saímos do caminhão e rapidamente descarregamos os suprimentos. Vejo Aasif saindo para nos cumprimentar. Eu olho em volta, procurando os dois meninos que sempre vêm nos ver. Os que estavam jogando futebol no dia que Chris fez papel de bobo. Eu coço meu pescoço, olhando de pessoa para pessoa, mas não há nenhum sinal deles. É então que percebo que não existem quaisquer crianças ao redor. Está incomumente tranquilo aqui hoje. Em nossas visitas anteriores, o som das crianças brincando nas ruas enchiam o ar. Hoje, nada mais do que sussurros tranquilos e vozes abafadas.

O Sargento termina com Aasif e nós rapidamente dizemos adeus às pessoas da cidade. Eu salto de volta para a parte de trás do caminhão, virando-me para ajudar o próximo cara, quando eu vejo - um dos meninos. O que me faz lembrar de Chris, sempre tentando fazer com que seu amigo ria com as suas travessuras tolas. Só que desta vez, ele está sozinho. Desta vez, não há sorriso no seu rosto. Ele corre pela rua, um olhar de pânico no rosto. Eu escuto-o chamando por alguém, apontando atrás dele. Eu não consigo entender as palavras que ele está dizendo, mas percebo pelas expressões das pessoas ao nosso redor que tudo o que ele está dizendo não é bom. Aasif corre até ele, gesticulando loucamente com ele para entrar dentro de um dos edifícios. Antes que ele consiga chegar ao menino, eu ouço o tiro.

O menino cai de joelhos, poeira voando ao redor dele enquanto ele derrapa por todo o terreno. Outro tiro, e seu pequeno corpo sacode violentamente antes dele cair de cara na terra. Aasif grita, puxando o menino contra ele e balançando para frente e para trás, gemendo. Eu percebo que o menino deve ser seu filho. Tão logo penso nisso, ouço um terceiro tiro soar.

O corpo sem vida de Aasif desmorona em cima do menino, um tiro perfeito, direto no seu templo. Todo mundo fica em silêncio, choque enchendo o ar. O Sargento quebra a quietude, latindo ordens para nós pegarmos nossas armas e nos movermos. Os rapazes e eu rapidamente agimos, nos armando e tentando fazer com que todos os civis fiquem em segurança nas suas casas. As palavras do Sargento causam um alvoroço. Agora que todo mundo sai do seu choque inicial, a rua está um pandemônio. Os homens estão gritando, as

mulheres gritando para os seus filhos e maridos. Corpos correndo por toda parte. E acima de tudo isso, tiros. A cada poucos segundos, outro corpo cai. É o caos.

Conseguimos tirar todos da rua com bastante rapidez. As pessoas estão aterrorizadas, então ninguém quer ficar. Poucos minutos depois do primeiro tiro, o último grupo de pessoas é levado a uma porta. O Sargento grita para nós chegarmos ao caminhão. Saímos todos correndo, subindo tão rápido quanto podemos. Chris é o último a saltar. Pouco antes dele balançar as pernas para dentro, ele solta um gemido doloroso.

— Puta que pariu! — ele grita. Scott e eu vamos até ele, puxando-o o resto do caminho. O sangue já está se infiltrando através da calça. Minha frequência cardíaca sobe vertiginosamente, ao som do seu gemido. O tiro está feio, mas é apenas na panturrilha. Não é fatal. Eu caio de costas contra a lateral do caminhão em alívio.

— Puta merda, você me assustou. — ofego. Chris faz caretas enquanto Scott rasga a perna da calça, tentando estancar o sangramento até que possamos levá-lo de volta à base. Ele olha para mim, um olhar espertinho na cara, mesmo sabendo que ele tem que estar com dor. Ele mostra os dentes em um sorriso estranho, de dentes rangendo.

— Você não vai se livrar de mim tão fácil, babaca. Só tenho que esfregar um pouco de sujeira nela. Eu vou estar bom como novo.

Eu bato no seu ombro. — Nem vou retrucar. Estou feliz que você esteja bem.

Joey vira o caminhão bruscamente em uma esquina. Eu fracamente escuto o som de pneus cantando em algum lugar abaixo da estrada. Joey freia de repente, empurrando a roda descontroladamente para o lado. — Ah, caralho! — ele grita pouco antes do mundo inteiro ficar preto.

Haylee passa os dedos pelo meu cabelo, inclinando-se para beijar-me suavemente nos lábios. Eu envolvo meus braços em torno dela, levantando-a do chão quando eu retorno seu beijo. Ela grita, rindo alegremente contra a minha boca.

— Deixe-me ir. — ela diz.

— Nunca. — eu respondo com uma piscadela, esperando que meu charme esteja funcionando.

Ela envolve as pernas ao redor da minha cintura. Sim, eu diria que está funcionando bem.

Eu a beijo mais profundamente, desesperado para ficar mais perto dela. Mas não importa o quão perto eu chegue, eu sinto como se ela estivesse ficando cada vez mais longe.

Abro os olhos, encontrando meus braços vazios. Olho em volta, vejo a forma da Haylee se afastando. Eu chamo, implorando-lhe para esperar. Eu saio correndo em sua direção. Mas não importa o quão rápido eu corro. Eu nunca chego mais perto.

Eu caio de joelhos, as mãos puxando meu cabelo enquanto gemo de frustração. Eu sinto cócegas suaves na minha nuca. Girando, vejo Haylee parada atrás de mim. Estendo a mão para ela, mas meus dedos passam direto através dela. Ela se dissipa, a voz persistente atrás dela.

— Você deveria manter-se seguro...

Eu suspiro quando o ar volta para os meus pulmões. Sinto dor. Em todos os lugares. Meu corpo parece como se tivesse sido atropelado por um rolo compressor. Minhas pálpebras se recusam a abrir. Tento mexer os braços. As minhas pernas. Nada vai cooperar.

Eu escuto um gemido ao meu lado e de repente meus olhos se lembram de como funcionar. Eu viro minha cabeça cautelosamente e levanto minhas pálpebras pesadas. Mesmo o pequeno movimento causa uma tremenda quantidade de dor. Quando minha visão se concentra, vejo Joey deitado ao meu lado. Sua perna está apontando para um ângulo antinatural. E há sangue e sujeira por toda parte. Com exceção da perna, eu não posso sequer começar a discernir seus ferimentos. Mas ele está respirando. Isso é um bom começo.

Abro a boca para falar, mas nada sai. Eu tento limpar minha garganta, mas meu corpo não está dando qualquer colaboração. A cabeça de Joey se vira para a minha. Nós olhamos um para o outro, e ele dá um pequeno toque com os seus olhos para atrás de mim. Eu viro a minha cabeça, tentando ver se eu consigo ver alguém à minha direita. Parece como se uma hora passasse antes que eu seja capaz de virar a cabeça de volta para Joey, mesmo que eu saiba que foi apenas alguns segundos. Só dói pra caralho.

Eu fecho meus olhos, tentando convencê-lo que não há ninguém lá. Ele, no entanto, não se convence. Seus olhos olham em pânico e ele está tentando se empurrar para cima com os braços. Alguém está ali. E eles não estão bem.

Todos os meus pensamentos voam para Chris. Adrenalina entra em ação e eu sou capaz de - muito lentamente - esforçar-me para os meus cotovelos. Eu ainda sou incapaz de ver quem está do outro lado de Joey. Usando toda a força que agora não tenho, eu me empurro para uma posição vertical.

Há montes de detritos esfumaçando em todos os lugares. Tudo o que resta do nosso caminhão é uma pilha de metal retorcido. Nós devemos ter sido jogados com ele. Um inferno se enfurece do caminhão e que deve ter sido um carro minúsculo está empurrado em cima sob o caminhão. O desgraçado deve ter nos atingido antes de detonar a bomba.

Olho Joey e vejo um corpo do seu outro lado, mal dentro da minha linha de visão. A partir desta distância, eu não posso dizer quem é. Mas noto que ele está morto. Rezando para que ele não seja Chris, eu me empurro para os meus pés e tropeço até ele.

Scott está lá, de olhos abertos, horror gravado no seu rosto. Sua boca está em uma careta dolorosa e sei que ele não morreu instantaneamente. Culpa apressa-se sobre mim em minhas orações egoístas para que não fosse Chris. Ver Scott deitado aqui, queimado além do reconhecimento de quase todos, não é nada fácil. Apesar da dor física que estou sentindo, a dor que eu sinto no meu peito com a visão dele desmente tudo. As lágrimas formam instantaneamente e não há nada que eu possa fazer para impedi-las, mesmo se eu quisesse.

Eu tropeço de volta para Joey, balançando a cabeça tristemente. Seus olhos se enchem de lágrimas, pintando faixas brancas quando elas caem no rosto imundo. Ele consegue colocar para fora a palavra *quem*.

— Scott. — minha voz é quase inaudível. A palavra soa como se eu tivesse comido um deserto cheio de areia. Joey espreme os olhos, mais lágrimas derramam pelo seu rosto.

Eu olho em volta, procurando por Chris e Sargento. Não há nenhum sinal de qualquer um deles. Joey resmunga novamente, e eu viro para ele. Ele aponta para mim para ajudá-lo a se levantar. Por mais que eu ache uma ideia terrível, dada a sua condição, eu me obrigo a ajudá-lo. Eu não posso continuar vendo outro dos meus irmãos caído sozinho. Eu rezo para que eles dois estejam bem, mas apenas no caso, eu preciso de Joey comigo.

Depois de vários minutos difíceis e dolorosos de tentar colocá-lo na posição vertical, Joey está finalmente de pé. Seu braço é lançado através do meu ombro, colocando a maior

parte de seu peso sobre mim. Dói pra caralho. Mas ele não pode andar com a sua perna de jeito nenhum. E precisamos encontrá-los.

Eu tropeço através de toda a estrada cheia de detritos, arrastando Joey da melhor forma possível. Nosso progresso é dificultado não só pelas nossas lesões, mas também pelo fogo e buracos. Eu ouço o leve som abafado de vozes e me viro em direção a elas. Eu vejo o Sargento. Ele está apoiado contra um edifício, uma mancha de sangue em toda a calçada na frente dele. Eu tomo isso como um bom sinal. Parece que ele se arrastou até lá.

Quando nós o alcançamos, ele está desmaiado e frio, mas está respirando levemente. E o que poderia ser notícia ainda melhor, o rádio não foi destruído na explosão. As vozes que ouvi estão conversando com ele, transmitindo desesperadamente mensagens sobre o nosso ataque. Sargento deve ter conseguido falar com eles antes de desmaiar.

Eu tento posicioná-lo da melhor maneira que posso até que a ajuda chegue. Espero que eles cheguem aqui em breve, porque a sua respiração está muito fraca. Sabendo que não há nada mais que eu possa fazer por ele agora, me reúno novamente ao Joey e partimos para encontrar Chris.

Depois de procurar em todos os espaços abertos e não encontrarmos nenhum sinal dele, eu imagino que ele deve estar sob algum dos escombros. Eu caminho até a primeira pilha, depositando Joey na calçada enquanto tento levantá-la. É muito pesada para mim. Não conseguirei levantar isso sozinho de jeito nenhum. E Joey nem pode tentar ajudar. Eu tropeço pelas pilhas menores, sabendo que Chris não pode estar sob elas, mas tenho que fazer *algo* para tentar encontrá-lo até que a ajuda chegue.

Depois do que parece uma eternidade, outro caminhão chega. Homens saltam para fora e imediatamente examinam Joey e eu. Joey está amarrado a uma maca, uma cinta temporária colocada em sua perna. Ele se vai no caminhão antes que eu realmente saiba sequer o que está acontecendo. Sou colocado em uma maca também, movendo as mãos em todos os lugares ao mesmo tempo. Sento rapidamente, afastando-os da melhor maneira que posso.

— Não. — minha voz fraca consegue dizer. — Estou bem. Sargento. Ele está ali. — eu levanto meu braço na direção de onde encontramos o Sargento. — Ele está mal. Scott está morto. — acrescento, apontando na direção oposta para onde o corpo sem vida de Scott está.

Um dos homens fala. — E Daniels? — ele pergunta melancolicamente.

Eu fecho meus olhos e aceno a cabeça. — Não consegui encontrá-lo. — minha voz quebra na primeira palavra, as lágrimas voltando aos meus olhos.

Os homens dispersam imediatamente. Depois de vários minutos de atividade frenética, eles retornam. — Não há sinal dele.

Ficamos todos boquiabertos. Onde diabos ele poderia ter ido? Será que ele de alguma forma saiu do caminhão antes da explosão? Talvez ele esteja escondido em um dos edifícios por aqui, esperando até que sinta que é seguro sair. Minhas esperanças imediatamente sobem, e eu abro minha boca para dizer a todos se espalharem e procurar cada habitação na área quando outra voz me interrompe.

— Pessoal? — a voz é mansa, triste. Os homens giram ao som dela. Eu levanto, esticando sobre eles para ver quem foi que falou.

Outro homem está de pé perto da carcaça do caminhão. Está todo queimado agora. O homem parece doente. Seu rosto está branco e ele agarra seu estômago como se fosse vomitar. Forço o meu caminho passando pelos homens reunidos na minha frente.

Cada passo em direção ao caminhão é mais pesado do que o último. Eu sei o que vou encontrar lá. Mas eu tenho que ver por mim mesmo. A cada passo, a minha mente corre.

Não. Passo.

Não. Passo.

Porra. Passo.

Não. Passo.

Ele não. Passo.

Quando eu finalmente piso na frente do caminhão, meu estômago cai imediatamente. Um corpo carbonizado está deitado no chão, por baixo da estrutura de metal retorcida. Há apenas uma pessoa que poderia ser. *Chris*.

Eu me viro e vomito na sujeira. A Terra gira. E eu gratamente me deixo cair no esquecimento.

Capítulo Vinte e Três

Haylee

— Bem-vinda! — Emma fala por trás da sua capa. Ela agita o braço amplamente, revelando as presas e salpicos de sangue falso espalhados em um canto da sua boca. — Bem-vinda à festa mais incrível. Você parece gostosa o suficiente para comer. — ela continua o sotaque romeno horrível. Eu reviro meus olhos e passo por ela.

— Pare com isso, está bem? — diz Amanda quando entra atrás de mim. — Você parece um Drácula rejeitado. — ela e Justin estão vestidos como Mario e Luigi. Quando eu perguntei a ela mais cedo porque eles não fizeram Mario e a Princesa, ela olhou para mim como se eu fosse a maior idiota do planeta. — Princesa Peach é uma pateta impotente. Sempre sendo sequestrada e essas merdas. Além disso, Justin seria o Mario. Sou *sempre* o Mario. Todo mundo sabe disso. Justin tem sorte por eu deixá-lo ser o Luigi. Eu deveria tê-lo deixado ser o Cogumelo.

Emma faz beicinho para Amanda. — Você não é divertida. — ela balança o braço para trás e para frente no rosto dela e desaparece no corredor.

Justin e Amanda dirigem-se para a sala de estar onde as pessoas estão dançando, e eu vou para a cozinha da Emma, carregando um prato descartável e colocando um pouco de tudo o que ela espalhou por todo o balcão. Ela realmente foi com tudo para isso. Biscoitos em forma de dedos cortados. Maçãs carameladas. Mesmo algum tipo de massas com coisas que ela deixou fora de uma abóbora esculpida como vômito. *Agradável*, Emma. Vou para o caldeirão fumegante e me sirvo de um pouco de ponche.

Juntando-me a todos na sala, eu vejo que o seu entusiasmo não se limitou aos alimentos. Uma luz estroboscópica pisca e a máquina de fumaça no canto está com força total. É um efeito legal, mas eu sinto imediatamente como se não pudesse respirar. Ela tem teias de aranha e serpentinas penduradas em cada superfície. Há apenas dez pessoas aqui, mas claramente Emma gosta de causar boa impressão.

Eu me jogo no sofá. Além de Emma, Amanda e Justin, eu não conheço ninguém aqui. O resto são todos amigos da Emma da escola. Ela se mistura ao redor da sala sem esforço, rindo e dançando com todos. Eu gostaria de ter esse tipo de confiança. Em vez disso, eu me apego ao sofá, enchendo o meu rosto com comida horrenda, mas gostosa.

Mario e Luigi passam a próxima hora envolvidos nos braços um do outro. Amanda, ocasionalmente, me dá um olhar preocupado, como se ela se sentisse mal por me abandonar. Mas eu simplesmente dou-lhe um polegar para cima e coloco um sorriso falso no rosto. Eu realmente gostaria que ela parasse de se preocupar tanto comigo. Ela merece se divertir com o namorado.

Emma, eventualmente, vem até mim, caindo no sofá e jogando os pés em cima da mesa de centro.

— Jesus. Estou exausta. Quem diria que uma festa desse tanto trabalho? — ela abana o rosto com as duas mãos. Eu estico e dou-lhe o meu ponche intocado a ela. Ela pega rapidamente e me dá um olhar agradecido.

— Obrigada. Estou morrendo de calor. Esta fantasia é um forno.

Olho para o seu traje de vampiro. Ela realmente parece ótima. Seu vestido preto longo desbota em uma cor de vermelho escuro na parte inferior. Mangas longas trilham para baixo passando das mãos, balançando ao redor dela quando ela move os braços. Seu cabelo loiro está enrolado perfeitamente, mechas vermelhas o percorre. Sua maquiagem esfumada e pretas a fazem parecer ainda mais bonita. Espero que ela tire toneladas de fotos. Chris vai pirar quando vê-la assim.

— Falando de fantasias. — ela diz, interrompendo meus pensamentos e me dando um olhar de lado. — Exatamente, o que diabos você deveria ser?

Eu olho para o meu traje e encolho de ombros. Eu nunca vi o ponto de gastar todo esse dinheiro em algum pedaço de tecido desconfortável que vou usar uma vez. Então procurei no meu armário e vim com a melhor coisa que eu podia. — Katniss Everdeen. Vê? Jaqueta de couro. Botas. E aqui está a minha flecha. — eu digo, mostrando-lhe o pequeno pingente de flecha pendurado no meu pescoço. Na verdade, eu comprei isso por causa dos livros. Katniss era durona. Por um breve tempo depois de lê-los, eu fiquei obcecada com arco e flecha. Eu até procurei para ter algumas aulas. Felizmente, eu estava em minha próxima obsessão de livro antes que eu fizesse algo muito louco. Eu com um arco provavelmente *não* seria uma boa ideia.

Emma revira os olhos para a minha explicação. — Essa é a desculpa mais fraca para uma fantasia. Você se parece como sempre.

— Nuh-uh. Eu trançei o meu cabelo. Quando você me viu com trança no cabelo?

Ela acena com a mão. — Ainda é fraca. No próximo ano, vamos às compras juntas. Eu não posso ter a minha melhor amiga aparecendo nas minhas festas de Halloween em fantasias fracas. Ano que vem, você vai arrasasr nesta festa. Ryan não vai saber o que o atingiu. — ela pisca para mim e eu balanço minha cabeça.

— Você é louca.

Ela ri, olhando ao redor da sala. — Estou feliz que você veio hoje à noite. Eu estava preocupada que você não iria querer, porque, bem... você sabe.

Eu pego sua mão, entrelaçando meus dedos com os dela. — Eu não podia perder a festa da minha melhor amiga. Além disso, eu decidi parar de viver no passado. Eu tenho que superar isso em algum momento, certo? É uma loucura, mas nos últimos meses com Ryan, você e Chris... tudo isso, realmente. Vocês me ajudaram mais do que os anos de terapia que já fiz. Contar a alguma estranha os meus problemas e ouvi-la dizer as mesmas coisas mais e mais? Não funcionou para mim. Finalmente, ao deixar alguém entrar, conseguir confiar em alguém novamente - é isso que eu precisava. E claro, o meu terapeuta me disse isso. Muitas vezes, na verdade. Mas eu ainda não estava pronta. Não era uma questão de tempo para mim. Era uma questão de *quem*. Você, Ryan, Chris... vocês eram o que eu precisava. Vocês três têm virado meu mundo de cabeça para baixo. E espero que isso nunca acabe para mim.

Emma sorri e bate no meu ombro com o dela. — Bom. Porque não iremos a lugar algum. Então é melhor você se acostumar com isso. — aperto sua mão, muito grata por sua amizade.

— Agora, se apenas os nossos meninos apressarem seus traseiros para casa, estaríamos todos juntos. — acrescenta Emma, olhando para o anel em sua mão esquerda. Ela brinca com ele com seus polegares, torcendo-o e girando-o em seu dedo.

— Vocês já marcaram uma data? — pergunto.

Ela balança a cabeça. — Ainda não. Nós estamos pensando no próximo verão. Eles devem estar de volta antes do Natal. Assim, devemos ter muito tempo para planejar um casamento de verão. — seus olhos brilham quando ela fala.

Natal. Pela primeira vez na minha vida, eu mal posso esperar para o Natal. Ryan estará de volta na semana anterior, e nós já planejamos passar toda a véspera e o dia de Natal juntos. Em sua última carta, ele me disse que quando ele era garoto, na véspera de Natal faziam cookies e, em seguida, iam de carro ao redor e olhavam para todas as luzes nas casas. Então eles voltavam para casa e assistiam a todos aqueles velhos desenhos de animação de Natal até que adormeciam. O dia de Natal era gasto abrindo os presentes e comendo toda a comida deliciosa que sua mãe havia preparado no dia anterior. Tudo isso parecia maravilhoso e eu mal podia esperar para experimentar com ele.

Emma estala os dedos na frente do meu rosto algumas vezes. Meus olhos pulam de volta para os dela, e ela olha para mim com expectativa. Eu percebo que estive completamente desligada, pensando no Natal e, agora, Emma está esperando pela minha resposta a algo que ela, obviamente, me perguntou.

— Hum, o que você disse?

Ela balança a cabeça para mim. — Sério? Como diabos você vai ser a minha dama de honra, quando você não pode ficar focada por mais de dois segundos?

Eu olho para longe, um pouco envergonhada por minha falta de atenção quando suas palavras registram. — Espere, o quê? — eu quase grito. — Você disse dama de honra?

Ela sorri para mim e balança a cabeça para cima e para baixo vigorosamente. — Sim. Você aceita?

Eu jogo meus braços em torno dela. — Sim! Oh meu Deus, você está falando sério? Claro que aceito.

Nós continuamos a nos abraçar e saltamos em torno uma da outra um pouco até que começamos a chamar atenção para nós. Amanda vem e pergunta o que diabos está acontecendo. Quando Emma diz a ela, um sorriso se espalha por seu rosto.

— Isso é uma grande notícia, pessoal. Estou tão feliz por você, Emma. E Haylee será a melhor dama de honra de todas. Ela nunca faz nada meia-boca.

Emma fica de pé e abraça Amanda. — Obrigada. Vou me certificar de que ela esteja bem e preparada para o seu casamento com Justin. — espero Amanda protestar e fazer algum comentário espertinho, mas em vez disso ela sorri para Emma.

— Bom. Eu vou precisar de toda a ajuda que puder conseguir quando essa hora chegar. Eu não sei uma coisa sobre casamentos.

Eu sorrio para as minhas amigas, tão feliz por elas, que encontraram alguém que as faz feliz. Ouço Emma convidar Amanda para ser madrinha, e, em seguida, as duas estão pulando para cima e para baixo nos braços uma da outra. Estou fora do ar novamente.

A conversa de casamentos, crianças, hipotecas, futuros... tudo isso me deixava ansiosa. Sempre que alguém tentava começar a conversa no passado, eu fazia tudo o que podia para mudar de assunto. Não era uma conversa confortável para mim. Não era algo que eu pensava que eu pudesse ter. Mas olhando para as minhas duas amigas, ambas tão felizes e apaixonadas, me faz perceber que eu quero também. E, pela primeira vez em anos, eu finalmente sinto que tenho uma chance.

Poucas horas mais tarde, a festa acaba. Emma se despede de cada um dos seus amigos, com abraços e promessas de se encontrarem em breve sendo trocadas por todos. Amanda faz o seu caminho até mim para falar que vai passar a noite no Justin e vai me ver amanhã. Logo, sou só eu e Emma. Eu a ajudo a catar um pouco da bagunça, mas depois de alguns minutos ambas decidimos que pode esperar até de manhã. Emma me pede para passar a noite e vamos para o quarto dela nos trocar. Ela me lança um short de dormir e uma camiseta. Eu rapidamente me troco no banheiro e me junto a ela na sala de estar. Ela empurrou todo o lixo que estava na mesa de centro para o chão. Tudo o que sobrou da comida está distribuído diante dela. — Venha. — ela diz, dando um tapinha no sofá ao lado dela.

Estou cheia de toda a porcaria que eu comi antes. Mas mesmo assim, eu caio ao lado dela, agarrando um punhado de pipoca e jogo na minha boca. Ela liga a TV, encontra uma maratona de filmes de Michael Meyers. Ainda parece um pouco surreal estar fazendo algo tão normal. Mas eu empurro o pensamento para longe e me concentro no filme.

Nós rimos e brincamos o tempo todo. O que deveria ter sido assustador há um tempo, é quase um pouco cômico hoje em dia. Emma está rindo de uma mulher correndo *até* as escadas para fugir do assassino quando uma batida suave vem da sua porta.

Ela olha para mim em confusão. — Quem diabos poderia ser? É mais de duas da manhã.

Eu não tinha percebido que era tão tarde, e as festividades da noite imediatamente batem mim. Eu abafa um bocejo. — Provavelmente algumas crianças. Tentando nos assustar.

Emma se levanta do sofá e vai até a porta. Ela pressiona seu olho no olho mágico. — Que porra é essa? — ela fala antes de abrir a porta. Ela fica na porta, sem dizer uma palavra à pessoa na frente dela.

Eu viro meu pescoço, tentando ver quem está na porta. Eu ainda não consigo ver ao redor da Emma, e o silêncio começa a me preocupar. Eu fico em pé, caminho até a porta.

Quando eu chego mais perto, eu sou capaz de ver uma mulher sobre o ombro de Emma. Eu a vi antes, mas eu não me lembro onde. Ela tem o cabelo escuro curto que parece não ter sido escovado. Seus olhos estão vermelhos e ela agarra sua bolsa ao seu corpo desesperadamente. Parece que ela está à beira de um colapso. Eu procuro no meu cérebro, tentando pensar onde que eu vi essa mulher antes.

Só então, um homem dá um passo atrás dela e meu estômago dá uma guinada. O homem tem cabelo escuro também. As rugas no rosto indicam os anos que ele experimentou, mas fora isso, ele é a cara do Chris. Estes são os pais de Chris. Por que eles estão aqui no apartamento de Emma tão tarde?

O pai de Chris dá um passo em direção a Emma. Ela ainda está lá de pé, completamente congelada no lugar. Ele coloca as duas mãos em seus ombros, e eu posso ver seus dedos apertarem com força. Emma olha para ele, o lábio trêmulo enquanto ela balança a cabeça violentamente.

— Não. — ela sussurra, tão baixo que é quase inaudível através da TV soando ao fundo. O pai de Chris puxa-a contra seu peito.

— Sinto muito, querida.

Emma desmorona contra ele e chora.

Capítulo Vinte e Quatro

Ryan

Quatro costelas quebradas.

Uma mão quebrada.

Uma concussão.

E algumas queimaduras de segundo grau.

A porra do caminhão explodiu em torno de nós, e isso é tudo que consegui. Joey teve que passar por uma cirurgia na perna. Eles não conseguiram salvá-la. Os ossos foram completamente esmagados do joelho para baixo. O Sargento teve tanta hemorragia interna, que ainda não sei se ele vai sobreviver. Sua esposa está sendo trazida agora. Scott tomou um enorme golpe na parte de trás da cabeça. Eles disseram que sua morte não foi imediata, mas foi bem perto. E Chris... porra. Ele sequer conseguiu sair do caminhão. Sua perna estava presa, porra. A mesma que tinha acabado de ser baleada.

E aqui estou eu, com praticamente nada, além de inchaços e contusões. Minhas costelas doem quando o avião balança um pouco, mas eu cerro os dentes e sofro por isso. Eles tentaram me fazer ficar no hospital por mais um pouco. Mas não havia nenhuma maneira do caralho que eu deixaria Chris voltar sozinho.

O pensamento dele por baixo da cabine, enfiado lá embaixo como tanta bagagem, faz com que a minha respiração falhe. Eu tentei convencê-los a me deixar ir lá embaixo, mas eles recusaram. Quando eu protestei, eles ameaçaram a não me deixar ir no avião de jeito nenhum. Eu pensei que estar aqui, mesmo que eu não possa estar com ele, seria melhor do que nada. Mas saber que ele está lá embaixo em uma porra de caixa, enquanto eu estou sentado aqui nesta porra de assento confortável e sendo oferecido qualquer coisa que eu pudesse desejar por cada comissário de bordo do caralho, me faz sentir como um merda completo.

Eu não vou dizer que deveria ser eu lá embaixo. Não deveria ser qualquer um de nós. Nem eu, nem Chris, nem Scott, nem Joey. *Nenhum* de nós merecia isso. O fato de ser

Chris - a pessoa mais engraçada, mais generosa, mais sincera que eu já conheci - só torna isso muito pior. Vou para casa. Eu vou dizer adeus ao meu melhor amigo. Vou deixar meu corpo cicatrizar completamente. E então, eu vou voltar. E eu vou ter certeza de que cada um daqueles filhos da puta pague pelo que fizeram.

O voo é o mais longo e o mais curto da minha vida. Estou tão ansioso para sair dessa porra de avião que eu não aguento. Mas assim que ele toca o chão, náusea sobe no meu estômago. Eu não estou pronto para isso. Eu não estou pronto para enfrentar Carrie e Will. Eu não estou pronto para ver as expressões em seus rostos quando nós enterrarmos seu único filho.

Quando eles anunciam que está na hora de desembarcar do avião, eu espero. Todo mundo fica em torno de mim, dando instruções aos seus filhos e se acotovelando enquanto passam pela multidão. Todos estão com tanta pressa para chegar ao destino deles. E tudo que eu quero é voltar.

Quando todo mundo se foi, eu finalmente levanto. Eles fizeram arranjos para me deixar desembarcar na pista. Eu queria estar lá quando removessem o caixão do avião. Eu sei que Carrie e Will estarão lá também. Eu respiro fundo e vou adiante. A ponte de desembarque está desaparecida e apenas um lance de escadas me separa do que certamente é um dos piores momentos da minha vida. Isso me fere. O primeiro passo é o mais difícil, como eles dizem. Eu coloco um pé no primeiro degrau e saio para a luz solar.

Imediatamente meus olhos são atraídos para Carrie e Will. Quando os vejo, meus joelhos começam a ceder e eu tenho que correr escada abaixo antes que eu entre em colapso e caia. Carrie me envolve em um enorme abraço, lágrimas instantaneamente embebem o colarinho da minha camisa. Will coloca seus braços grandes em torno de nós dois. Carrie se afasta um pouco, levando as mãos ao meu rosto. Ela enxuga minhas lágrimas, puxando minha testa até os seus lábios. — Estou tão feliz que você esteja bem. — ela sussurra contra a minha pele.

Não é até então, que percebo que eu estava preocupado que eles me culpassem. Que eles me odiariam por viver, enquanto seu filho está morto em um caixão. As palavras de Carrie são como um tiro no coração. Eles foram praticamente os meus pais desde que eu tinha onze anos. Seu amor óbvio e preocupação por mim são esmagadores. Eu enterro minha cabeça no cabelo de Carrie e soluço.

— Eu sinto muito.

Ela me cala, e os braços de Will apertam. — Não foi culpa sua, filho. — ele murmura. — Você sempre foi como um irmão para o Chris. Ele te amava.

Eu ouço um grito estrangulado vir de trás de Will, e eu levanto a minha cabeça. Emma está ali, de pé, os braços de Haylee envolvidos em torno dela enquanto ela soluça. A visão de Haylee me deixa sem fôlego. Eu não esperava vê-la hoje. Seus olhos encontram os meus por cima do ombro de Emma, e a tristeza óbvia me esmaga.

Eu me afasto de Will e Carrie e vou até Emma. Ela se desvencilha dos braços de Haylee e passa para os meus. Eu abraço-a com força. — Eu sinto muito, Emma. Ele te amava mais do que tudo neste mundo. Eu espero que você saiba disso.

Ela chora desesperadamente contra mim. Eu seguro-a até que ela para, incapaz de olhar para Haylee. Quando Emma finalmente se afasta de mim, eu lhe entrego o envelope que Chris me deu meses atrás.

— Ele queria que eu desse isto a você, se algo assim acontecesse. Eu esperava que nunca precisasse. Eu nunca imaginei um cenário em que Chris não voltaria para casa. E eu sinto muito ter que dar isso a você.

Ela pega da minha mão, colocando-o contra seu peito enquanto enxuga os olhos com a outra mão. Eu levo-a para Carrie e Will pelos ombros. Juntos, nós assistimos enquanto o caixão de Chris é trazido para baixo, da barriga do avião.

A visão da bandeira estendida através dele faz com que Carrie ofegue. Will toma-a em seus braços e eu me agarro a Emma novamente, tentando mantê-la em pé enquanto o caixão faz a sua descida. O Exército enviou vários homens para lidar com isso. Nós assistimos em silêncio, enquanto eles marcham pista abaixo, para o carro fúnebre à espera. Eles colocam o caixão na parte aberta de trás, saudando Chris quando dão um passo para trás.

O motor do carro fúnebre funciona e a pequena cerimônia acaba. O funeral de verdade acontecerá em poucos dias. Carrie e Will me dão um abraço final, dizendo-me para ir para casa hoje à noite depois que eu passar na minha casa e do Chris. Bem, acho que é *a minha* casa agora. O pensamento de que Chris nunca mais vai entrar por aquela porta da frente bate-me com força. Casa de repente é o último lugar que eu quero ir.

Emma vai embora, imprensada entre Carrie e Will, deixando Haylee e eu sozinhos na pista. Eu não olhei para ela desde a primeira visão. Não consegui fazer-me olhá-la.

Ela limpa a garganta atrás de mim e eu posso senti-la se aproximando. Viro-me e olho para ela, ela para. Tristeza preenche sua expressão. Mas também alívio. Eu posso ver a gratidão em seus olhos que eu esteja aqui de pé na frente dela. E eu percebo o quão perto isso esteve de não acontecer. Se eu estivesse quinze centímetros para a esquerda, quem sabe o que teria acontecido. Eu poderia estar naquele caixão. E então, Haylee seria deixada com apenas uma carta. Só que ela não teria sequer isso, porque eu não fui esperto o suficiente para escrever uma. Quando Chris me entregou a sua, eu revirei os olhos e disse que ele era estúpido. Não havia nenhuma maneira que não voltássemos para casa. Tínhamos muito esperando por nós.

Percebo que eu fui o idiota. Pensando que só porque eu tinha encontrado alguma felicidade, finalmente, o mundo não estaria lá à espera nos bastidores para tirar tudo. Havia uma razão para eu não me deixar ficar muito perto de alguém. Eu vi em primeira mão o que poderia acontecer. E agora estou testemunhando isso de novo, com o amor da vida do meu melhor amigo. Eu não vou fazer isso com a Haylee. Eu não vou colocá-la através do que Emma está passando.

Eu levanto os meus olhos para os dela e ela me dá um pequeno sorriso. Algo na minha expressão a desaponta. O rosto dela cai e seus olhos se enchem de confusão. Eu balanço a minha cabeça levemente, levantando minha bolsa no meu ombro. Viro-me sem dizer uma única palavra.

E eu me afasto da melhor coisa que já me aconteceu.

Capítulo Vinte e Cinco

Haylee

Sigo Ryan para fora do aeroporto e vejo-o entrar em um táxi esperando. Eu sei que ele sabe que estou seguindo-o, mas ele nunca olha para mim. Ele caminha silenciosamente através da multidão, joga sua bolsa na parte de trás de um táxi e desaparece.

Sua reação estranha na pista me deixa um pouco preocupada. Eu não tinha certeza do que esperar quando o vi. Quer dizer, seu melhor amigo acabou de morrer. É claro que ele ficaria um pouco... distante, certo? Mas eu não posso afastar a sensação de que o olhar que ele me deu foi algo mais. Algo que é mais profundo do que mágoa e tristeza pela morte do Chris.

Eu vou para o meu carro e deslizo atrás volante. Ele pode ficar chateado, mas eu não vou deixá-lo lidar com isso sozinho. Ele está obviamente tendo um momento difícil. Que tipo de namorada eu seria se simplesmente o deixasse ir embora e deixasse por isso mesmo?

É assim que justifico para mim de qualquer maneira. Viro o meu carro na direção da casa dos rapazes. Tristeza me cobre quando percebo que não é mais o lugar *dos rapazes*. Eu pressiono um pouco mais forte o pedal do acelerador, esquivando-me dentro e fora do tráfego para alcançar o táxi. Eu não quero que Ryan tenha que ficar sozinho na casa.

Quando finalmente avisto-o, eu dou um suspiro de alívio. Eu mudo de faixa e entro por trás dele. Tudo que Ryan precisa fazer é virar-se para me ver seguindo-o. Hmm, talvez essa não seja uma boa ideia. Após a sua reação no aeroporto, isso pode levá-lo a dizer ao motorista para continuar ou levá-lo para outro lugar. E a minha luz de gasolina estúpida está acesa. Por que eu não parei mais cedo para abastecer? Bem, só tenho que me certificar que ele não me veja.

Eu recuo um pouco, pegando a próxima saída quando chego nela. É o caminho mais longo para a casa de Ryan, mas a estrada é toda secundária, pouco utilizada. Se eu ignorar

algumas leis de trânsito, eu devo ser capaz de chegar primeiro. Esperemos que hoje não seja o dia que os policiais finalmente decidam patrulhar essa rota. Isso seria apenas a minha sorte.

Eu corro pela cidade, mal parando nos sinais e forçando o que, provavelmente, seria considerada condução imprudente. Felizmente, eu viro para a rua de Ryan sem ver um único carro de polícia. Eu estaciono na sua garagem e começo a sair do carro quando os meus pensamentos anteriores retornam.

E se ele vir o meu carro e disser ao motorista para seguir em frente? Será que ele realmente passaria pela sua casa para evitar falar comigo? E o que diabos está acontecendo para fazer esses pensamentos sequer passarem pela minha cabeça? Eu preciso falar com ele. Precisamos fazer a coisa certa.

Eu tiro o meu carro da garagem e estaciono-o na esquina. Ele vai vir da direção oposta. Ele não deve vê-lo. Eu corro de volta para a sua casa e sento-me em uma das cadeiras na varanda da frente. Dentro de poucos segundos, eu vejo um táxi amarelo descendo a rua. Jesus, essa foi por pouco. Eu me afundo na cadeira, confiante de que as sombras da saliência vão esconder a minha presença.

O carro para no meio-fio. Eu vejo-o sair da parte de trás e lançar algum dinheiro para o motorista através da janela. Ele fica na calçada, olhando para a casa com uma expressão ilegível enquanto o táxi se afasta. Ele não se move. Minutos passam. Estou prestes a mover-me da cadeira e ir até ele quando eu ouço uma voz.

— Ryan. — um homem idoso chama do quintal ao lado. Eu vi o homem lá várias vezes quando visitei Ryan. Seus canteiros são lindos e ele parece estar sempre lá, cuidando deles. Quando ele se aproxima de Ryan, gostaria que tivesse gasto um tempo para falar com ele. Descobrir o seu nome, pelo menos.

Ryan olha para o homem e depois para os seus pés. Agora tem uma expressão que eu consigo ler. Ele não quer falar com este homem agora. Quando o homem chega a ele e coloca a mão em seu ombro, eu ouço-o dizer: — Eu ouvi sobre Chris. Eu sinto muito. Ele era um bom garoto.

Ryan acena com a cabeça, ainda olhando para os pés. — Obrigado, Sr. Lemon.

Sr. Lemon começa a falar novamente, desta vez com uma voz tão baixa que eu não consigo entender as palavras. Mas eu posso entender a resposta de Ryan, mesmo que o homem não possa. Ele traça círculos na calçada com a ponta dos pés, as mãos enfiadas

firmemente nos bolsos. Ele balança a cabeça brevemente a cada poucos segundos enquanto o homem continua. Meu coração se parte por ele, só de assistir.

Eu me levanto da cadeira e grito: — Ryan, por que você não entra? Eu tenho um jantar pronto para você.

Sua cabeça levanta ao som da minha voz, confusão nublando a sua expressão. Felizmente, a atenção do Sr. Lemon também virou para mim ele não vê a reação de Ryan.

— Oh, me desculpe. Eu não sabia que você tinha companhia. Eu vou deixar você ir. — Sr. Lemon diz, dando um tapinha no ombro do Ryan. — Avise-me se vocês precisarem de alguma coisa, tudo bem?

Ryan se recupera rapidamente do seu choque e assente. — Obrigado, Sr. Lemon. — ele pega sua bolsa do asfalto e vem na minha direção. Quando ele sobe os poucos degraus para onde estou, vejo o Sr. Lemon ainda de pé lá, nos observando. Eu vou na direção a Ryan, murmurando: — Ele está observando. — sob a minha respiração quando eu me inclino e beijo-o na bochecha.

Ryan permite o pequeno gesto, embora eu o sinta tenso sob o meu toque. Eu recuo lentamente, sem querer chamar mais qualquer atenção indesejada do Sr. Lemon para ele. Eu olho por cima do meu ombro para o velho enquanto Ryan abre a porta. Merda, eu não pensei sobre isso. Eu só disse que eu tinha o jantar pronto, mas a porta está trancada? Eu espero por Sr. Lemon dizer alguma coisa sobre o meu erro, mas em vez disso ele me dá um pequeno aceno e volta para a casa dele.

Eu sigo Ryan para a casa e fecho a porta atrás de mim. Eu fico lá em silêncio, esperando que ele diga alguma coisa. Em vez disso, ele caminha até a cozinha, jogando a bolsa sobre o balcão e pega um copo do armário. Ele se serve água e a bebe em três longos goles. Ele mantém as costas para mim, mesmo depois de terminar.

O silêncio tenso é ensurdecedor. Eu não tenho absolutamente nenhuma ideia do que dizer, porque eu não tenho absolutamente nenhuma ideia do que ele está pensando. Minha mente está correndo e os pensamentos tornam-se mais e mais sombrios até que eu finalmente ouço-o colocar o copo na pia. Minha cabeça voa para cima. Suas costas ainda estão para mim, a mão apoiada na borda da pia. Exalando alto, ele balança a cabeça e empurra para fora da pia com as palmas das mãos. Ele se vira, finalmente, de frente para mim.

Mas desta vez, em vez de dor e tristeza, raiva enche os olhos. Seu lábio superior puxa para trás em um sorriso de escárnio e ele esbraveja: — O que você está fazendo aqui?

Suas palavras me ferem até o osso. Eu vacilo, como se elas realmente me causassem dor física. Sua expressão suaviza momentaneamente, mas ele fecha os olhos e vejo sua mandíbula apertar. Quando ele abre novamente, qualquer vestígio de suavidade se foi.

Eu sinto as lágrimas começarem a brotar nos meus olhos e eu não confio em mim para falar. No segundo que eu abro minha boca, eu sei que vai ser como desencadear uma onda de maré. Eu engulo em seco, tentando ser forte contra o seu tom áspero.

Quando eu não respondo, ele continua: — Por que você veio aqui? Eu pensei que tivesse deixado bem claro que não quero ver você.

Um soco no estômago. Desta vez eu não posso parar a lágrima que escorre pelo meu rosto. Eu olho para o chão, odiando o jeito que ele está me fazendo sentir. Ele deixa escapar um enorme suspiro.

— Olha, Haylee. Você pode simplesmente ir? Eu realmente não estou preparado para isso agora.

Para isso agora? Para quê? Para mim, tentando confortá-lo? Por querer estar aqui para ele quando ele está passando por algo tão difícil? Por querer vê-lo ao menos por malditos cinco minutos depois que ele esteve fora por tanto tempo?

Suas palavras acendem um fogo em mim e, de repente, minhas lágrimas sumiram. — Oh, me desculpe. Foi rude da minha parte achar que você precisa de algum apoio depois do seu melhor amigo morrer. Mas é verdade, eu esqueci. Você é o herói. Você não precisa ser salvo. Pena que você não pôde salvar seu próprio melhor amigo.

Mesmo que as palavras estejam saindo da minha boca, eu quero trazê-las de volta. É como se eu pudesse vê-las flutuando no ar, e eu não quero nada mais do que correr e mergulhar na frente de Ryan para bloquear o meu golpe antes de alcançá-lo.

Mas, é claro, eu não posso. É ele que é deixado cambaleando desta vez, como se eu tivesse dado um golpe físico em vez de apenas um terrível ataque verbal. Corro para ele, as desculpas já deixando meus lábios.

— Oh meu Deus. Eu sinto muito. Foi sem intenção. Eu fiz...

Ele levanta a mão, me parando antes de eu alcançá-lo. Ele se recusa a encontrar o meu olhar. — Saia, Haylee. — ele diz em voz quase inaudível.

Um milhão de desculpas sobe para os meus lábios, mas antes que eu possa expressar uma única, seus olhos encontram os meus. A tristeza lá me esvazia. Desta vez não é sobre Chris. Desta vez, fui eu que a causou. O desgosto completo que enche sua expressão me destrói. E eu faço a única coisa que eu sei quando algo me oprime.

Viro-me no meu calcanhar e vou embora.

Amanda está esperando por mim quando eu entro pela porta. Ela salta para cima do sofá e corre para o meu lado.

— Como ele está? Eu não estava esperando que você voltasse tão cedo. Eu estive esperando você me ligar ou mandar mensagens ou algo assim. Fiquei olhando para o meu maldito telefone durante toda a tarde. Até mandei um correio de voz para Justin para eu não correr o risco de perder a sua chamada. Você sabe como os telefones celulares podem ser estranhos. — ela divaga mais e mais enquanto anda comigo até o sofá. Não é até que eu sento que ela olha atentamente para o meu rosto.

— Nossa. Qual é o problema? Você andou chorando.

Eu balanço a minha cabeça, com vergonha de contar a ela o que eu disse. Eu já sei que sou a pior pessoa do mundo. Eu não posso suportar a ideia da Amanda pensando isso de mim também.

Ela me abraça. — O que aconteceu, querida?

Suas palavras gentis desencadeiam uma onda que eu estava segurando desde que Ryan me perguntou pela primeira vez por que eu estava em sua casa. Eu puxo a almofada ao meu lado no meu colo e me curvo, enterrando meu rosto em sua suavidade. Amanda esfrega minhas costas enquanto eu choro na almofada, recontando a tarde em palavras abafadas. Eu sei que ela não pode me entender. É por isso que eu conto.

Quando eu chego ao final do meu discurso e as lágrimas cessam, eu levanto a cabeça e olho de soslaio para ela através dos meus olhos inchados. Ela sorri. — Você quer fazer isso por mim mais uma vez?

Eu dou uma risada indiferente. — Na verdade, não.

Ela balança a cabeça. — Resumir?

Eu exalo. — Eu fui para o aeroporto. Ele não queria me ver. Ele saiu. Eu segui. Ele me disse para ir embora.

Confusão enche o rosto dela. — Por quê?

Eu dou de ombros. — Sei lá. Bem, houve mais algumas palavras ditas em sua casa... mas isso ainda não muda o fato de que ele não queria me ver, mesmo quando ele desceu do avião. O que eu fiz?

Amanda balança a cabeça. — Eu não sei. Ele não disse nada?

— Não para mim. Ele conversou com Emma um pouco. E os pais de Chris. Mas ele deu uma olhada para mim e depois se afastou.

— O que ele disse a Emma?

Eu fecho meus olhos, sem querer realmente repensar na coisa toda. — Ele entregou-lhe uma carta do Chris. Disse que desejava que não tivesse que dar a ela. Foi muito bonito isso.

— Emma leu?

Eu balanço a minha cabeça. — Não. Pelo menos, não naquele momento. Ela pode ter lido agora. Eu não sei.

— Mais alguma coisa aconteceu no aeroporto?

— Não. Ficamos ali enquanto eles removeram o caixão da área de carga e carregaram-no para o carro fúnebre. Emma surtou naquele ponto. Ryan teve que segurá-la para evitar que ela entrasse em colapso no chão. Eu me senti terrível por ela. — acrescento tristemente, lembrando-me do colapso da minha amiga ao ver o amor da sua vida sendo transportado em um caixão.

— Nossa. Pobre Ryan. Sua mãe e seu melhor amigo em questão de meses.

Eu concordo. — E seu pai e irmão quando ele era mais jovem. Isso é parte da razão por que sua mãe morreu. Ela meio que foi ao fundo do poço depois que eles morreram. Envolveu com drogas. Ele teve que viver com a família de Chris. Então, há alguns meses, ela teve uma overdose e... bem, você sabe o resto.

O rosto da Amanda fica muito contemplativo. Eu vejo seus olhos se moverem de um lado para o outro enquanto ela pensa. Depois de alguns momentos, algo parece fazer sentido para ela.

— Você disse que Ryan disse no início que ele não queria um relacionamento. Por quê?

— A mãe dele. Ele disse que nunca arriscaria fazer alguém passar por isso.

— Mas ele, obviamente, mudou de ideia depois que ela faleceu. Por quê?

Eu não tenho nenhuma ideia de onde ela está indo com isso, mas eu respondo de qualquer maneira. — Eu não sei. Ele disse que nunca tinha percebido o quanto ele estava perdido até que me encontrou. Aparentemente, enquanto ele estava fora, ele percebeu o quanto aquilo realmente era pequeno.

Amanda balança a cabeça. — Você não vê? Ele estava com medo de começar um relacionamento por causa da mãe dele. Agora Chris morre, e ele vê o desgosto de Emma. Ele percebe o risco que ele realmente é. E ele não quer machucá-la.

Meu cérebro está uma pilha de mingau e eu ainda não consigo entender aonde ela quer chegar. — Então ele me machuca porquê... ele não quer me machucar? Isso não faz qualquer sentido, Amanda.

— Não. — ela geme. — Olha, você obviamente não está entendendo. Ele tem medo de morrer e deixar você para lidar com a dor. Ele não teve nenhum bom resultado com a mãe. E depois de ver Emma surtar no aeroporto, ele provavelmente só reforçou sua opinião de que você estaria melhor sem ele. Melhor ele acabar agora e deixar você pensar que ele é um idiota do que machucá-la por ser morto e você viver o resto da sua vida com essa dor. Pelo menos na mente dele.

Eu balanço a minha cabeça. — Então, é melhor viver pensando no que poderia ter sido? E essa não deve ser a minha decisão?

Amanda dá de ombros. — Eu não disse que fazia sentido. Obviamente ele está sofrendo. E, para ele, isso faz sentido. Ajuda-o a lidar de alguma maneira. Agora você tem que decidir o que *você* vai fazer. Você vai deixá-lo te afastar? Ou você vai correr atrás?

Esperança me enche. E se ela tiver razão? E se Ryan acha que ele está fazendo tudo isso para o meu próprio bem? Eu preciso provar a ele que eu estou melhor *com* ele, não importa o risco. Um plano começa a se formar no meu cérebro e eu estou desesperada para voltar para sua casa quando eu me lembro.

— Merda.

— O quê? — Amanda pergunta.

— Eu disse algo ruim. Muito ruim. E eu não quis dizer aquilo. Eu estava tão irritada.

Amanda acena com a mão. — Seja o que for, eu tenho certeza que ele vai entender.

Meu lábio começa a tremer. — Eu não sei. Você não viu o rosto dele.

— Bem, o que foi? Eu vou te dizer como corrigir isso. — ela sorri e envaidece um pouco de sua confiança. Se eu não estivesse tão chateada, eu riria dela.

— Eu não quero te dizer.

— Oh, por favor, Haylee. Eu sou a sua melhor amiga. Como eu vou pensar algo ruim sobre você. Apenas me diga.

Eu mordo meu lábio inferior. — Tudo bem. Mas lembre-se, eu estava muito irritada. Ele tinha acabado de me dizer que achava que tinha deixado óbvio que não queria me ver, e eu só... surtei um pouco.

Ela aponta para eu continuar. Eu respiro fundo e expiro lentamente.

— Tudo bem, bem, eu sempre brinquei com ele que ele tem um complexo de herói. Ele gosta de ajudar as pessoas. Como aquela primeira noite no clube quando ele me ajudou. Era doce, como ele sempre estava cuidando de todos. Mas hoje, quando ele me disse para sair... — eu paro. Amanda me dá um olhar impaciente.

— Quando ele me disse para sair, eu lhe disse que estava apenas tentando ajudar. Mas que eu tinha esquecido que ele era o herói. Que ele não precisava ser salvo. E então, lhe disse que era muito ruim que ele não pôde salvar o seu melhor amigo.

Amanda deixa escapar um pequeno suspiro. Eu nem mesmo viro para olhar para ela. Eu continuo sem parar.

— Eu sei. Eu sou uma pessoa horrível, horrível. Eu mereço perdê-lo agora.

— Ei, ei, ei. Acalme-se. Eu só estou chocada, só isso. Sim, foi uma coisa muito ruim de dizer. Mas as pessoas dizem coisas de merda quando estão furiosas. Ou tristes. Ou feridas. E você estava todas essas coisas. Dê-lhe algum tempo para esfriar a cabeça. Tenho certeza que ele vai superar isso.

— Se eu der a ele um tempo para esfriar a cabeça, quem me garante que isso não vai apenas solidificar sua determinação de me largar?

Amanda pondera por um momento, batendo o dedo contra seus lábios. Ela estala os dedos. — Já sei. Você vai dar-lhe espaço. Mas você vai ter certeza que ele saiba que você está pensando nele. Agradeça a Deus pelos telefones celulares.

Dou-lhe um olhar interrogativo e ela suspira.

— Eu tenho que soletrar tudo? Mande uma mensagem para ele. Nada grave. Apenas uma pequena mensagem a cada dia. Dessa forma, ele não será capaz de esquecê-la, mas também vai dar-lhe alguns dias para pensar.

Eu penso por um momento. — Eu não sei. Mandar mensagem todo dia não é o oposto de dar-lhe espaço?

Ela acena com a mão dela para mim novamente. — Pssh, não. Eu não estou dizendo para explodir seu telefone com textos. Basta um pouco de ‘Sinto muito’ ou ‘Estou com saudades’, para que ele saiba que você não vai a lugar algum. Apenas tente. Veja o que ele diz. Não pode ser pior do que já é, certo?

— Certo. — eu concordo ponderadamente, esperando que seja verdade. Eu não quero saber se pode ficar pior.

Agradeço a Amanda por seus conselhos e vou para o meu quarto. Eu visto o meu pijama e deito na cama, à toa, zapeando os canais na minha TV. É muito cedo para tentar dormir, mesmo que eu esteja cansada.

Depois de vinte minutos de zapear pelos estúpidos canais, eu jogo o controle remoto para o lado da minha cama e pego o meu telefone. Eu percorro até encontrar o nome de Ryan. Eu quero desesperadamente ligar para ele. Ouvir a sua voz. Ouvi-lo dizer-me que hoje foi tudo um grande mal-entendido e que ele me ama e vai me ver amanhã. Mas eu sei que não vai acontecer.

Em vez disso, pressiono o botão de mensagem e digito:

Eu sinto muito. Eu não quis dizer o que eu disse. Eu sinto a sua falta.

É mais do que a Amanda disse para enviar, mas é menos do que eu preciso dizer a ele. Eu leio a mensagem um milhão de vezes, memorizando cada letra. Meus dedos tremem e minha respiração é pesada.

Vai dar em nada, eu digo a mim mesma. E então, eu finalmente aperto enviar.

Capítulo Vinte e Seis

Ryan

HAYLEE: *Bom dia. Eu sinto a sua falta.*

Eu pisco para a mensagem no meu celular, a luz brilhante da tela cegando meus olhos cheios de sono. Por que ela está me mandando um texto de bom dia no meio da noite? Eu gemo quando largo meu celular de volta na mesa de cabeceira e olho para o relógio: 11:17.

Puta merda. Sento-me, olhando ao redor do cômodo. Meus olhos caem sobre as cortinas blackout, que pendurei na noite passada. Depois de duas noites agitadas, finalmente cochilei um pouco antes do amanhecer, apenas para ser despertado pelo maldito sol radiante direto no meu rosto, eu finalmente cedi. Fui até a loja e comprei as cortinas mais grossas, mais escuras que eu pude encontrar. Pendurá-las com uma mão quebrada com certeza foi interessante. Mas várias tentativas fracassadas e milhares de palavrões mais tarde, eu finalmente coloquei as malditas coisas na parede.

E, aparentemente, elas funcionam. Isso ou talvez os vários dias praticamente sem dormir, finalmente me alcançaram. Eu decidi dar o crédito para as cortinas. Depois de lutar com elas por horas na noite passada, não vou admitir de jeito nenhum que elas não eram realmente necessárias.

Deito-me no meu travesseiro, correndo minha mão boa sobre o meu rosto. Esfrego os olhos com o meu polegar e o indicador, pressionando tão forte que eu vejo estrelas. Quando eu finalmente os abro novamente, meus pensamentos se voltam para Haylee.

Eu tenho tentado tanto mantê-la fora da minha cabeça, mas isso está se tornando quase impossível. Como se não fosse difícil o suficiente deixá-la ir, ela tem que ir e acrescentar essas malditas mensagens de texto. Elas nunca são muito longas. E ela nunca

pergunta por que eu não respondo. Apenas algumas palavras simples a cada dia. Mas é o suficiente para me deixar louco.

Talvez porque eu ainda esteja atordoado do sono ou talvez porque eu seja simplesmente um masoquista, eu deixo meus olhos se fecharem e penso nela. Eu penso em todas as vezes que passamos juntos, rindo e provocando um ao outro. Penso no dia que eu contei para ela sobre a minha família e a expressão de compaixão que encheu seu rosto. Penso no nosso passeio para o zoológico e sua exuberância ao ver cada animal. Penso na fúria que senti quando descobri o que aquele canalha tinha feito com ela. E então, eu penso nos últimos dias. Dias que deveriam ter sido tristes e miseráveis, mas em vez disso foram alguns dos melhores dias da minha vida. Penso nela abrindo-se para mim, não só fisicamente, mas emocionalmente também. Penso no tempo que passei em sua cama, aprendendo não só sobre cada curva de seu corpo, mas cada curva da sua mente. E eu penso em quando fugi dela no aeroporto. E como não importa o quanto isso tenha doído, o pensamento de nunca mais vê-la de novo só poderia me matar.

Eu afasto o pensamento melancólico e saio da cama. Eu me recuso a me permitir chafurdar na autopiedade. Eu salto no chuveiro, com cuidado para não molhar o meu braço. Estou sem jeito tentando me secar com uma mão quando o telefone fixo toca.

Eu solto uma respiração, imaginando quem diabos estaria ligando no telefone fixo. — Chris! — grito detrás da porta fechada. — Você pode atender? — eu tento deslizar meu jeans pelas minhas pernas, me apoiando na pia quando eu consigo alguns centímetros. Isto é muito mais difícil do que você imagina que seja.

Quando ele não atende, eu grito seu nome novamente. — Chris! Eu estou tentando...

Toda a respiração sai correndo dos meus pulmões quando percebo o que eu fiz. Toda a determinação que me obriguei a sentir quando me levantei, escoar para fora de mim. Meus ombros caem e meu corpo de repente parece como se pesasse quinhentos quilos. Eu desabo sobre meus pés, me afundando para sentar na borda da banheira. Eu inspiro e expiro lentamente, esperando que o exercício de respiração acalme meu coração acelerado repentinamente. Não funciona. Meus olhos sentem a picada familiar de lágrimas, com as quais eles se tornaram tão acostumados. Meu coração está martelando no meu peito, parecendo como se estivesse tentando se libertar da sua prisão. É tudo o que posso fazer para me impedir de cair em uma bola no chão.

Sinto tanto a falta dele. Sinceramente nunca imaginei um mundo sem Chris nele. Uma vida onde eu não pudesse vê-lo todos os dias. Will está certo. Chris não era meu amigo. Ele era meu irmão. E a perda desse irmão dói ainda mais do que a do primeiro.

Eu não sei quanto tempo fico lá, perdido nos meus pensamentos. O telefone toca novamente, mas eu o ignoro. Provavelmente é só um maldito operador de telemarketing. E eu estou exausto demais até mesmo para dizer-lhes para se foder.

Desta vez, o toque recomeça tão logo termina. Eu me forço para ficar de pé, sabendo que deve ser algo importante se estão ligando tanto. Eu chacoalho até o telefone, rezando para que seja uma boa notícia, não uma má. Eu não aguento mais más notícias. Quando eu olho para o identificador de chamadas, o número é da base. Sem saber se temo ou antecipo esta chamada, devagar, pressiono o botão para atender.

— Alô?

— Cabo Porter?

Eu não reconheço a voz do homem, mas o seu tom de autoridade é claro. — Sim, Senhor. — eu respondo, minha postura endireitando, como se estivesse diante de mim.

— Aqui é o General Ramirez. Eu gostaria de marcar uma reunião com você o mais rápido possível.

Ele faz uma pausa para a minha resposta, mas eu estou estupefato demais para falar por alguns segundos. Por que o General está me ligando? Além de cerimônias de premiação, eu realmente nunca sequer falei com o homem.

Ele limpa a garganta. — Cabo?

Eu tropeço em minhas palavras momentaneamente. — Hum, claro. Quero dizer, sim, Senhor. Claro, Senhor.

Ele ri uma vez. — Tudo bem. Como funciona esta tarde para você? Eu tenho algum tempo antes de eu ir para casa. Quatro horas soa bem?

— Sim, Senhor. Eu estarei lá.

— Até lá, Cabo. — ele diz rapidamente, antes de desligar o telefone. Olho para o relógio. É só depois das duas. Eu tenho cerca de uma hora para matar antes de eu ter que sair. Mas eu não posso ficar nesta casa por mais tempo. Eu pego minhas chaves e corro para o meu carro.

Deslizar atrás do volante é bom. Eu amo este carro. E Chris ama também. Eu acho que foi todas as horas que passamos para restaurá-lo. Como ele ficou animado quando finalmente terminamos. A memória traz um sorriso ao meu rosto, mesmo quando estendo a mão para limpar uma lágrima rebelde. Chris odiaria que eu chorasse por ele neste carro. Eu ajeito meus ombros, determinando que este será o único lugar onde eu só vou lembrar os bons momentos. Sem lágrimas ou arrependimentos aqui.

Eu dirijo sem rumo pela cidade, vagando pelas ruas laterais e passando por lugares que me fazem lembrar de Chris. Minha determinação desliza um pouco, e eu acho que talvez isso não seja uma boa ideia. Quando o meu percurso me leva a passar pelo Gordon, eu sei que isso é uma má ideia. Agora os meus pensamentos não estão apenas preenchidos com Chris, mas também com Haylee. Eu paro em uma vaga de estacionamento na rua e vou para o café.

Passo os próximos trinta minutos observando as pessoas. Eu vejo todos os tipos de pessoas diferentes indo e vindo. Homens de negócios apressados, mães em frangalhos, estudantes diligentes, adolescentes irritantes. Eu detecto vários deles olhando com curiosidade para o meu gesso. Eu vou admitir, é definitivamente atraente. Está um embrulho tão grande que parece mais um porrete do que uma mão. Eu aposto que eu poderia fazer alguns danos sérios com ele. Se apenas aquele imbecil do zoológico caminhasse através da porta. Eu ficaria feliz em demonstrar quão destrutivo um monte de gesso pode ser.

Eu rio silenciosamente com o pensamento, imaginando o olhar aterrorizado no rosto dele. Eu penso em como Haylee certamente pediria que eu parasse, independentemente de quanto o idiota merecesse.

Meu rosto cai. Não importa o quanto eu tente, não consigo impedir que os meus pensamentos, eventualmente, voltem para ela. Isto está se tornando ainda mais torturante do que eu pensava inicialmente. Eu me vejo tendo que constantemente me lembrar que isso é por ela. Eu tenho que fazer isso por causa dela. Eu posso lidar com um pouco de dor. Haylee teve muita. Eu me recuso a permitir que ela experimente mais por minha causa.

Eu verifico a hora no meu celular, vendo que está perto o suficiente para começar a ir para a base. Se eu dirigir devagar, só vou chegar cerca de quinze minutos mais cedo. E se eu tiver sorte, talvez ele possa me ver imediatamente.

Entro no escritório do General trinta minutos mais tarde. A secretária me diz para me sentar e ela vai avisá-lo que estou aqui. E minhas preces são respondidas, porque nem mesmo dois minutos depois, os passos vêm do seu escritório e me levam para dentro.

Ele aperta a minha mão boa, dando um olhar simpático para a outra. — Desculpe eu ouvi sobre a sua mão. Eu espero que não esteja doendo muito? — a última parte soa mais como uma pergunta do que uma declaração, então eu balanço a minha cabeça.

— Não, Senhor, não está muito ruim. — eu digo, sem adicionar que eles me deram alguns analgésicos bastante pesados. Ele provavelmente ia brigar comigo por conduzir até aqui. Mas eu me sinto bem. Não há razão para causar problemas desnecessários. Além disso, se ele estiver realmente interessado, ele pode descobrir pelo meu arquivo.

Ele balança a cabeça. — Bom. — ele aponta para que eu tome um assento e se move em torno de sua mesa para sentar-se atrás dela. Ele olha para baixo, para os papéis sobre a mesa, mexendo-os até que ele encontra o que está procurando.

— Fiquei muito triste de ouvir sobre o que aconteceu. Cabos Daniels e Rhodes eram bons homens.

Eu aceno, engolindo o nó na minha garganta. Eu não falo. Eu não confio na minha voz o suficiente para dizer qualquer coisa.

Ele continua. — Você vai ficar feliz em saber que o Cabo Roberts vai voltar para casa na próxima semana. E o Sargento Wells deve seguir logo depois, nós esperamos. Ele está fora do estado crítico e dizem que ele deve ter uma recuperação completa. É apenas uma questão de ele ser capaz de viajar toda essa distância com o mínimo de dor possível.

Eu solto um suspiro de alívio, muito feliz em ouvir que os dois vão ficar bem. É um ponto de boas notícias no desastre da semana passada. Eu sinto o sorriso aparecer no meu rosto, o primeiro sorriso genuíno desde a explosão.

— Isso é uma ótima notícia, Senhor.

Ele balança a cabeça novamente. — Sim, sim, é. — ele embaralha os papéis de novo, sem olhar para mim. Algo na maneira dos seus movimentos me faz pensar que ele está enrolando. Eu permaneço em silêncio, esperando que ele quebre o silêncio em breve.

E com certeza, ele finalmente deixa cair os papéis e olha nos meus olhos. — A razão pela qual chamei você hoje, é para que você saiba que você está sendo dispensado. Você, Roberts e o Sargento Wells. Agradecemos o trabalho que vocês fizeram para o Exército dos

EUA. Cada um de vocês também serão premiados com o coração púrpura por seus ferimentos sofridos em combate. É uma honra incrível. Haverá uma cerimônia formal, uma vez que os outros voltarem.

Ele me olha com gratidão em seus olhos, mas eu não quero ouvir as palavras que ele está dizendo.

— Mas eu não quero isso. — eu digo rapidamente. Então eu me lembro. — Desculpe-me, Senhor. O que eu quis dizer foi que eu não estou pronto para ser dispensado. Tenho a intenção de ficar melhor. E eu pretendo voltar para o Afeganistão, Senhor.

Ele me dá um olhar triste. — Receio que não seja uma opção agora, filho. — eu odeio ouvir o termo carinhoso saindo da sua boca. Ele se parece quase paternalista. Ele aponta para o meu gesso. — Essa mão está um caos. Vai levar meses e meses de terapia depois que estiver curada para conseguir que ela funcione normalmente. E mesmo assim, os médicos dizem que ela pode não ficar cem por cento. Se ficar, e seus sentimentos ainda forem os mesmos, estaríamos orgulhosos de tê-lo de volta se alistando. Mas, por agora, este é o caminho que nós vamos ter que tomar.

Tenho certeza de que o meu rosto é desprovido de qualquer emoção, mas por dentro estou furioso. Eles não podem fazer isso comigo. Eu preciso voltar. Aqueles filhos da puta precisam pagar pelo que fizeram.

Eu sei que se expressar esses pensamentos em voz alta, porém, tudo o que vai me comprar é um bilhete só de ida para o psiquiatra. Então, em vez disso, agradeço-lhe baixinho, apertando a sua mão mais uma vez antes de eu virar e sair.

Sem saber o que fazer comigo mesmo agora, eu sento no meu carro no estacionamento e olho para o espaço. Eu não quero voltar para casa. Eu não posso ir a qualquer lugar na cidade, pois todos os lugares me fazem lembrar de Chris ou Haylee. Eu descanso minha cabeça no volante, querendo saber aonde eu vou daqui.

Nem mesmo há dois meses, eu estava no topo do mundo. Eu tinha um trabalho que eu amava. O melhor amigo do mundo. O amor da mulher mais incrível na Terra. E agora eu não tenho nada. Nada, além de um coração partido e uma mão quebrada.

Meu telefone emite um som ao meu lado e eu olho para ele, ao mesmo tempo esperando e temendo que seja outro texto de Haylee. Quando eu olho para a tela, é o nome de Emma que vem à tona.

EMMA: *Ligue quando você tiver um minuto?*

Eu pressiono o botão de chamada imediatamente, imaginando o que ela possivelmente poderia precisar de mim. Ela responde ao primeiro toque.

— Uau, isso foi rápido.

— Sim, realmente não tenho muito que fazer. O que foi?

— Eu tenho algo para te dizer. Mas eu odeio fazer por telefone. Você pode vir aqui?

— Estou indo. — eu digo, antes de terminar a chamada. Sou grato pela distração. Eu vou rapidamente para a casa dela. Quando eu bato na porta, fico momentaneamente desconcertado quando ela aparece por trás dela.

Emma é sempre muito particular sobre sua aparência. Ela é o tipo de garota que gosta de ter seu cabelo arrumado e maquiagem pronta antes mesmo de sair de casa. Suas roupas são sempre ordenadas e ela sempre tem um sorriso no rosto.

A Emma que atende a porta é diferente. Olheiras tocam seus olhos e seu cabelo está puxado de qualquer jeito para do seu rosto. Ela está em um moletom que é dois tamanhos maior, e ela não tem um pinga de maquiagem. Ainda assim, ela tenta reunir um pequeno sorriso quando me vê.

A visão dela reafirma a minha decisão de deixar Haylee ir. Emma é uma mulher forte e independente. Não que Haylee não seja, mas ela é mais frágil. Muito compreensível depois do que ela passou. Mas se perder Chris mudou Emma tanto assim, eu não quero nem pensar em como Haylee reagiria ao perder o homem que ama.

Emma gesticula para eu entrar e toma um assento no sofá. Sento-me ao seu lado, segurando sua mão na minha. — Como você está? — eu pergunto baixinho.

— Tudo bem. — ela responde com um pequeno encolher de ombros. — Eu sinto falta dele, mas vai ficar mais fácil com o tempo.

Eu olho para ela. — Você pode cortar essas merdas comigo. Como você está, de verdade?

Seu lábio inferior treme e ela suspira profundamente. — Eu sinto falta dele pra caralho, Ryan. E há dias em que eu odeio a porra do mundo inteiro. Eu odeio cada casal que eu vejo que vai continuar vivendo suas vidas juntos quando o meu futuro foi arrancado tão violentamente de mim. Eu te odeio por voltar para casa quando ele não voltou. Eu

odeio Deus por tirá-lo de mim. E às vezes eu ainda o odeio por me deixar aqui para lidar com isso sozinha.

Suas palavras trazem lágrimas aos meus olhos e eu desesperadamente quero abraçá-la, oferecer-lhe algum pequeno sinal da minha tristeza. Mas depois da sua confissão, não me atrevo a tocá-la. Então, em vez disso, eu apenas ouço.

— Mas você sabe o que eu odeio mais do que tudo? — ela pergunta, olhando-me diretamente nos olhos. Eu balanço a minha cabeça. — Eu odeio que mesmo sabendo que esse seria o resultado, eu não mudaria um único segundo do meu tempo gasto com ele. Porque esses meses com ele, os poucos meses preciosos que passamos juntos, significaram mais para mim do que qualquer coisa. Então, sim, mesmo sabendo a dor e o sofrimento que estou sentindo agora, eu não mudaria nada. Eu faria tudo de novo. Porque ele valeu a pena.

Olho para o tapete, me perguntando por que ela está me dizendo isso. Ela coloca a mão no meu ombro, forçando minha atenção de volta para ela. Eu vejo a expressão conhecedora em seus olhos e, de repente, ela se parece mais como a velha Emma.

— Eu não sou idiota, Ryan. Eu sei o que você está fazendo com a Haylee. Eu sei por que você está afastando-a. E eu estou dizendo que você é um idiota. Você é um idiota se deixá-la ir embora. Aquela garota te ama. E ela é mais forte do que você está dando-lhe crédito. Eu garanto que, se você perguntar a ela, sua resposta não será diferente da minha.

— Mas olhe para você. — eu digo, apontando para ela. Seus olhos aguçam e percebo o meu erro. — Quer dizer, você está claramente miserável. Como posso colocar Haylee por algo assim?

E mais uma vez, a familiar Emma faísca à vida. — Quem diabos você pensa que é, Ryan? — ela praticamente cospe para mim. — Você acha que é simplesmente o homem mais perfeito do mundo e perder você seria o suficiente para destruir alguém? Bem, eu tenho notícias para você. Você não é. Você não é, Chris não era e nem o seu pai foi. Porque não existe tal coisa perfeita.

— Sim, sua mãe quebrou após seu pai morrer. Eu odeio dizer isso, mas isso é sobre ela. Ela obviamente tinha algumas questões profundas que vieram à luz após a morte dele. Coisas que eu tenho certeza que seu pai provavelmente sabia, mas eles mantiveram escondido de vocês, rapazes. Sem ele lá, ela não foi capaz de manter em segredo. Eu não

conhecia sua mãe, mas aquele não é o jeito de uma pessoa mentalmente saudável reagir. Havia definitivamente mais lá do que você sabe.

As palavras que soam em meus ouvidos, na verdade, fazem muito sentido. Memórias surgem, da minha mãe e do meu pai sussurrando, certificando-se de dar um sorriso a qualquer momento que um de nós chegasse perto. Meu pai sempre admitiu querer consertar as coisas. Talvez minha mãe era apenas mais uma coisa para ele consertar. E quando ele morreu, ela finalmente quebrou além do reparo.

Eu olho para Emma, incapaz de colocar os meus pensamentos em palavras. Ela me dá outro olhar aguçado.

— E para que conste, eu estou autorizada a lamentar pelo meu noivo morto. Eu posso usar calças de moletom e não colocar a maquiagem e não tomar banho, se eu quiser. Porque eu estou triste. Porque eu estou de luto pelo amor da minha vida. Mas isso... — ela diz, apontando para si. — ... não é para sempre. Eu sempre amarei o Chris. E ele sempre será uma parte de mim. Mas eu estou com apenas 22 anos de idade. Eu ainda tenho muita vida pela frente. E por causa do Chris e do que ele me ensinou, agora eu sei o que eu mereço da vida. E eu não vou descansar até encontrá-lo novamente.

Eu sorrio para ela, finalmente, abraçando-a. Ela me abraça de volta, todos os traços de raiva desapareceram. Quando ela se afasta, ela me dá um olhar impaciente.

— Haylee é tão forte quanto eu. Não, ela é mais forte. Ela suportou um inferno de muito mais do que deveria para a sua idade, mas o fato de que ela seja capaz de viver uma vida normal fala muito. Ela é mais forte do que ela própria se dá o crédito. E você a ajudou a começar a ver isso. Mas agora, você está levando tudo embora. Ela não precisa de você para ir adiante. Mas eu sei muito bem que ela quer você. E ela merece finalmente ter algo que ela quer.

Eu deixo as palavras dela afundarem. Minha mãe pode ter tido problemas profundos, mas eu tenho medos profundos devido a essas questões. É difícil para eu esquecer tudo isso e continuar de onde paramos.

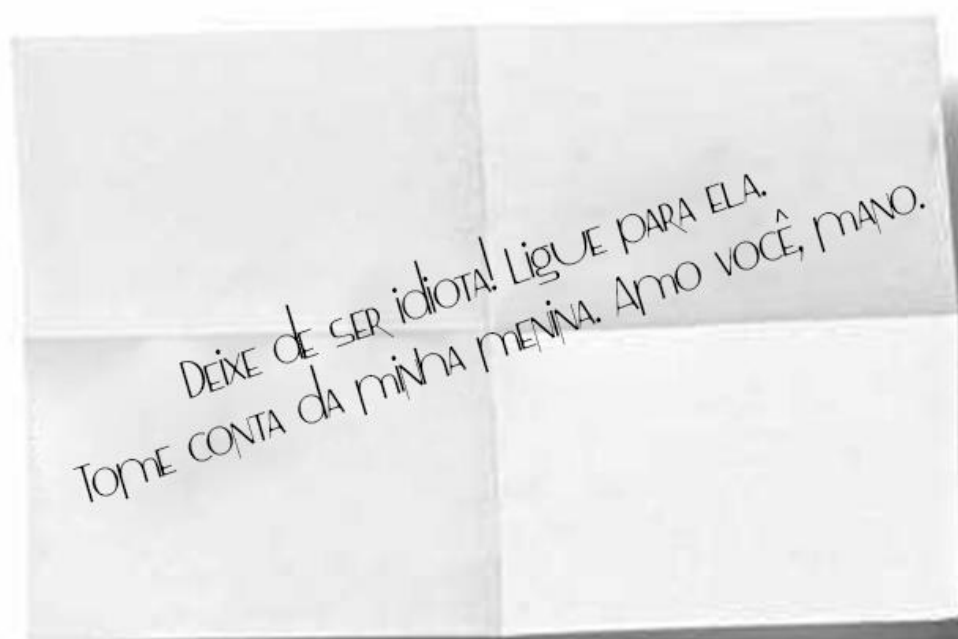
Emma aparentemente acabou comigo, porque ela se levanta e caminha até o balcão. Agarrando alguma coisa lá, ela se dirige até a porta e a abre. Eu tomo isso como minha deixa para sair. Ela me entrega o objeto em sua mão enquanto eu passo. É um pedaço de papel dobrado. Eu olho para ela, intrigado. Parece um bilhete.

— Sim, é o que você pensa que é. Chris era mais esperto do que parecia, eu vou dar isso a ele. — ela ri levemente, o sorriso atingindo seus olhos. É então que percebo que ela falou sério cada palavra. Ela pode estar triste. Ela pode estar com raiva. Mas ela vai ficar bem.

— Estava na carta que ele me deu. Disse-me para dar a você. Que seria exatamente o que você precisa ouvir dele. E ele está certo. É claro que eu li. — ela acrescenta com indiferença. — Estava na minha carta. Achei que fosse meu também.

Eu dou uma risadinha. Ela estende a mão e aperta meu braço brevemente antes de fechar a porta atrás de mim. Eu ando sombriamente para o meu carro, sem saber quais serão as palavras finais de Chris para mim. Quando eu deslizo no assento do motorista, eu decido apenas acabar com isso. Não adianta ficar enlouquecendo com a especulação.

Eu desdobro o papel com as mãos trêmulas. A letra familiar de Chris me cumprimenta. E eu não consigo evitar, rio da sua mensagem⁸.



É isso aí. Apenas duas pequenas linhas. Mas ele está certo. Elas são exatamente o que eu precisava ouvir.

⁸ “Deixe de ser idiota! Ligue para ela.
Tome conta da minha menina. Amo você, mano.”

Capítulo Vinte e Sete

Haylee

Ryan não tem respondido a nenhuma das minhas mensagens. Já se passaram três dias desde que eu o vi. Eu disse a mim mesma, no início, que provavelmente levaria algum tempo para ele aparecer. Mas ainda dói. Sinto muita falta dele.

O funeral do Chris é hoje e eu não tenho certeza se eu deveria ir. Ele era meu amigo, mas ele era o melhor amigo de Ryan. É justo da minha parte ir, quando sei o quanto ele não quer me ver?

Depois de alguns minutos de debate, digo a mim mesma que estou sendo ridícula. Ryan vai ter que superar. Chris era meu amigo. E Emma é uma das minhas melhores amigas. Eu tenho que estar lá para ela, se nada mais.

Eu enrolo meu cabelo com cuidado e coloco meu vestido preto mais bonito. Pequenos brincos de argola são a única joia que uso. Eu quero ficar bem, mas eu não quero parecer estar tentando chamar a atenção de Ryan. Este é o funeral do seu melhor amigo. Não importa o quanto eu sinta falta dele, eu nunca me rebaixaria a isso.

Eu vou com Amanda e Justin até a igreja onde o funeral está programado para acontecer. O quarteirão inteiro está cheio de carros. Nós acabamos tendo que estacionar muito longe. Emma está dentro, nas portas da frente com os pais de Chris, cumprimentando todo mundo. Ela tem uma expressão valente, mas eu sei que ela está desesperada para sair daqui.

Ela ilumina um pouco quando nos vê. — Ei. — ela diz, jogando os braços em volta de mim. — Estou tão feliz por você estar aqui.

Eu passo para o lado dela e fico lá para dar apoio, enquanto ela continua a cumprimentar as pessoas e aceitar suas condolências. Amanda e Justin vão encontrar um assento, me dizendo que vão guardar um para mim.

Estou espantada com a quantidade de pessoas aqui. Parece que toda a cidade veio. Mas, também, isso não deveria me surpreender. Chris tinha esse efeito nas pessoas. Você simplesmente não podia evitar amá-lo.

Eu me sinto um pouco estranha por estar aqui, mas eu posso dizer que Emma aprecia. Ela continua esgueirando pequenos olhares de gratidão para mim entre cumprimentar as pessoas. Apenas isso vale a pena quaisquer olhares estranhos que estou recebendo de estranhos.

Eu sorrio e aceno quando eu vejo Gordon e Earl entrar. Eu não estava esperando-os também. Earl menciona o quanto ele vai sentir falta das suas noites de karaokê e puxa Emma para um abraço. Gordon se apresenta para os pais de Chris. Eles não parecem nenhum pouco chocados que um par de velhos garçons esteja frequentando o funeral do seu filho. Como eu disse, todo mundo amava Chris. Eles devem estar habituados pela sua variedade de amigos.

A igreja está cheia de pessoas e está cheia até a parte de trás. Quando dá a hora para o funeral começar, nós caminhamos para os nossos próprios bancos. Rapidamente encontro Amanda e Justin, tomando o assento que tinham guardado para mim. Eu assisto Emma enquanto ela segue os pais de Chris para frente. Ryan se levanta do fim do banco e senta primeiro que todos nele. Ele coloca o braço em volta dos ombros de Emma e dá-lhe um aperto suave.

Eu sabia que ele estaria aqui, mas isso não faz vê-lo mais fácil. Eu só estou feliz que ele esteja lá para Emma. Ela precisa de todo o apoio que possa ter. Suponho que ele também. Fico feliz que eles estejam aqui um para o outro.

Um padre se levanta e oferece a oração de abertura. Alguns dos amigos do Exército de Chris seguem, fazendo algumas piadas e lembrando a todos o quão engraçado Chris era. Sua mãe fala depois deles, as lágrimas abafando partes do seu discurso, mas ela reflete sobre a alegria que seu filho trouxe para a sua vida. Ela se junta a seu marido e eles choram baixinho juntos.

O padre, em seguida, abre para qualquer um que queira fazer alguma observação. Vários minutos passam, os sons de fungar os únicos audíveis através do silêncio. Ninguém fala. Ninguém se mexe para se levantar. O padre olha em volta. Vendo ninguém se preparando para se mover, ele olha de novo e se aproxima do púlpito para oferecer a última oração. Assim que ele começa a falar, Ryan levanta.

Ele caminha lentamente até as escadas, inclinando-se para o padre e sussurrando-lhe. O padre acena e gesticula na direção do microfone. Ele se senta quando Ryan pigarreja.

— Eu, hum. Eu não ia dizer nada hoje. Como eu tenho certeza que todos vocês sabem, Chris era o meu melhor amigo. Mais do que isso. Meu irmão. Eu o amava. E eu sinceramente não sei o que eu vou fazer sem ele. Como passarei cada dia sem ele enchendo o saco.

Um suspiro alto ecoa pela igreja com suas palavras. Ryan percebe seu erro e olha para o padre. — Desculpe, padre. — ele diz baixinho no microfone.

O padre sorri e acena com a mão. Ryan continua.

— Quando Chris entrou na minha vida, meu mundo inteiro mudou. Eu era um garotinho perdido. E ele me encontrou. Ele me ajudou a descobrir aonde ir. E ele fez com que eu tivesse um empurrãozinho extra que eu precisava ao longo do caminho. Às vezes, não era tanto um empurrãozinho, mas um empurrão gigante, mas a intenção ainda era a mesma. — ele acrescenta com um sorriso.

Uma risada suave ondula no meio da multidão. Encontro-me sorrindo junto com ele. Por mais que doa vê-lo quando ele não me quer, eu estou tão feliz de vê-lo sorrir. Ajuda meu coração quebrado a se sentir mil vezes melhor, apenas saber que ele está bem.

O riso cessa quando ele começa a falar novamente. — E de alguma forma, mesmo depois de morto, ele ainda está me empurrando. O bastardo sabia exatamente o que eu precisava ouvir e quando eu precisaria ouvir. A mensagem era simples: *“Deixe de ser idiota.”* Em todas as letras, devo acrescentar. — a multidão suspira novamente. Ryan simplesmente dá de ombros. — Que diabos. Eu provavelmente já vou para o inferno de qualquer maneira, certo, padre?

Surpreendentemente, o padre ri. Eu tinha certeza de que ele estaria furioso com a linguagem de Ryan, mas ele não parece nenhum pouco incomodado com isso.

— Com essa breve, mas doce mensagem e um pequeno conselho de Emma... — ele diz com uma piscadela em sua direção. — ...eles me ajudaram a perceber o quão idiota eu estava sendo. E como estou cansado de deixar o medo dominar a minha vida. Então, de agora em diante, eu vou seguir os passos de Chris. Se há uma coisa que ele me ensinou, é viver a vida ao máximo. Consequências que se danem. E essa é uma lição que eu nunca vou me permitir esquecer de novo.

Com isso, ele desce do púlpito e toma seu lugar ao lado de Emma. O que foi tudo isso? Ele poderia estar falando de mim? Meu espírito se anima enquanto eu me sento em silêncio, ponderando suas palavras, quando o padre finalmente faz a oração de encerramento, jogando algo sobre perdoar os pagãos pela sua língua. Eu ouço Ryan bufar baixinho para aquilo.

Quando o funeral termina, a família vai para o cemitério, para o enterro. Eu assisto Ryan sair com eles, sem olhar para mim. Qualquer esperança que eu tinha, que suas palavras tivessem sido dirigidas para mim, desaparece. Eu sigo Amanda e Justin para seu carro, em silêncio todo o caminho de casa.

Mais tarde naquela noite eu estou deitada na cama, tentando me concentrar nas páginas na minha frente. É um manuscrito para a editora que estou. Pouco depois que Ryan me deixou pela segunda vez, eu descobri que eles estavam contratando um editor. Eu não tinha nenhuma experiência formal, mas eu levei um currículo e me candidatei de qualquer maneira. Eles ficaram tão impressionados com o meu trabalho na conta deles e com a minha formação em Inglês, que eles me contrataram em um emprego temporário. Após cerca de um mês, eles me ofereceram o emprego formal. Este é o meu primeiro trabalho oficial como editora, e eu deveria estar na lua, mas não posso evitar que os meus pensamentos se voltem para o discurso de Ryan.

Eu estava tão esperançosa de que ele estivesse se referindo a mim. Quando ele desceu do púlpito, eu estava pronta para saltar em seus braços quando ele viesse até mim. Mas em vez disso, ele se sentou novamente. Nenhuma olhada na minha direção. É como se ele nem soubesse que eu estava lá. E eu sei que não podia ser verdade.

Amanda e Justin saíram algumas horas atrás, dizendo que iriam jantar. Eles se ofereceram para me trazer algo na volta, mas eu não queria que eles se sentissem apressados, então eu neguei. Amanda disse que eles poderiam ver um filme em seguida. Ela disse que precisava de algo para animá-la depois do dia que tivemos. Tive vontade de rir. Se ela soubesse o dia que tive. Eu sinto como se tivesse corrido uma maratona em meu cérebro com o quanto meus pensamentos têm voado.

Eu ouço a maçaneta virando na sala de estar, surpresa, por eles estarem de volta tão cedo. Eu empurro o manuscrito do meu colo, deixando meu quarto para perguntar-lhes

como foi a noite. Quando eu entro na sala de estar, eu paro completamente no meu caminho.

Ryan está ali, de pé, com um grande buquê de lírios na mão. Não me lembro de alguma vez ter dito a ele que lírios são minhas flores favoritas. *Amanda*, penso. Tenho certeza que ela teve algo a ver com isso. Isso também explicaria como ele conseguiu passar pela minha porta trancada.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto timidamente, ecoando suas palavras, daquele dia em sua casa. Ele estremece, obviamente percebendo a minha implicação.

— Eu mereci isso. — ele diz suavemente, quase triste. Ele leva os olhos para os meus, sua expressão séria, implorando.

— Estraguei tudo? Eu vou entender se você disser que sim. Mas eu tinha que tentar.

Qualquer resquício de raiva que eu estava tentando segurar se desintegra. Corro para ele. Ele me esmaga contra o seu peito, as flores ficam ao lado do meu rosto quando ele coloca os braços em volta de mim.

— Eu sinto muito. Eu não deveria ter dito o que disse. Eu não quis dizer aquilo. — eu passo por cada pedido de desculpas possível que consigo pensar, mas ele só recusa.

— Está esquecido. Eu sei que você não quis dizer aquilo. Eu estava sendo um idiota. Eu merecia.

— Não. — eu balanço a minha cabeça com veemência. — Eu errei em dizer aquilo.

Ele me esmaga com mais força contra ele. — Bem. Você estava errada. Eu estava errado. Podemos estar errados juntos?

Eu me afasto dele, olhando em seu rosto. — O que mudou?

— Um homem sábio disse-me para parar de ser idiota.

Eu rio e nunca serei tão grata a alguém do que sou ao Chris neste momento.

— Eu não poderia viver sem você, Haylee. Fui um idiota por pensar que podia. Eu pertencço a você. Você pertence a mim. E como eu disse no funeral de Chris, eu estou farto de viver a minha vida com medo. Eu não vou destruir a nossa felicidade por medo do que poderia acontecer. E eu não vou mais tomar decisões por você. Se você quiser que eu vá embora, você vai ter que me dizer isso. E mesmo assim, eu posso não te deixar.

Lágrimas correm pelo meu rosto enquanto eu rio com as suas palavras. Ele acaricia os polegares em todo o meu rosto, limpando-as. Seus olhos encontram os meus, o amor tão óbvio que meu coração voa.

— Então, de agora em diante, você me terá quando estou feliz e quando estou triste. Quando eu estou com raiva, medo, ranzinza, pateta, sarcástico. Quando eu estou sendo um tremendo pé no saco e quando eu estou sendo minha versão romântica e charmosa. — ele pisca. — Eu estou oferecendo-lhe tudo de mim, Haylee Jordan. E eu quero tudo de volta. Se você quiser me ter.

Minha resposta é simples. Eu puxo seus lábios contra os meus e dou-lhe tudo.

